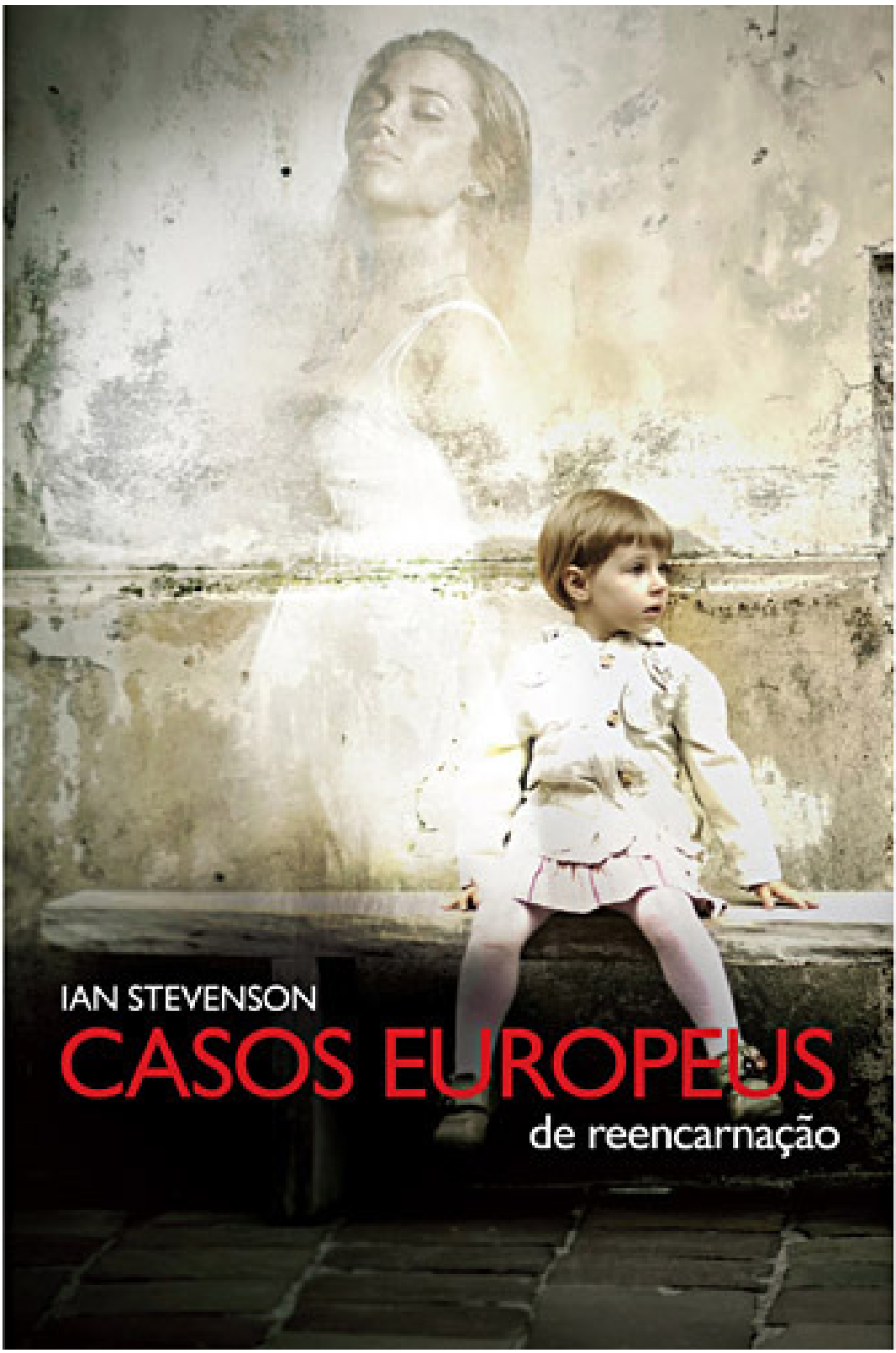
IAN STEVENSON
CASOS EUROPEUS
de reencarnação

***Nesta versão eletrônica, a numeração de algumas das páginas não segue rigorosamente a da versão impressa, pois as páginas em branco e as meramente ilustrativas foram removidas.***

Ian Stevenson

# Reencarnação

## Estudos científicos de casos reais na Europa

Primeira Edição

# Sobre o autor

Nascido na cidade de Montreal, no Canadá, em 31 de maio de 1918, o psiquiatra e diretor dos Departamentos de Parapsicologia e Psiquiatria Comportamental – além do curso de Medicina da Universidade da Virgínia – Ian Stevenson sempre incluiu em suas pesquisas temas importantes, dentre os quais um em especial: a reencarnação.

A experiência de quase-morte (EQM), as aparições ou visões no leito de morte, a problemática da relação entre mente e cérebro e a permanência da personalidade pós-morte são outros assuntos vinculados às pesquisas do autor.

O professor Stevenson dedicou, com afinco, meio século de estudos debruçados sobre lembranças que crianças tinham de vida passada (o que chamamos de hipótese de sobrevivência da consciência após a morte). Segundo o renomado cientista e astrônomo americano Carl Sagan (1934-1996), este é um dos poucos estudos sobre o fenômeno paranormal que merece, efetivamente, ser analisado.

Algumas linhas não são suficientes para o leitor entender a grande contribuição científica do professor Stevenson às investigações parapsicológicas e à compravação científica da reencarnação. Para se ter um conhecimento mais profundo sobre o renomado autor, nada melhor que a transcrição de seu artigo, escrito meses antes de sua morte, ocorrida em 8 de fevereiro de 2007. O ensaio encontra-se no livro **Reencarnação: Vinte Casos**, também publicado pela Editora Vida e Consciência.

# Créditos

Título da edição original: European Cases of Reincarnation Type
© 2003 by Ian Stevenson
Mc Farland & Company, Inc; Publishers Jefferson, Norh Carolina.
All rights reserved.

Direitos da edição em Português © 2010.
Editora Vida & Consciência Ltda.
Todos os direitos reservados.

Direção de Arte: Luiz Gasparetto
Projeto gráfico: Daniel Pecly
Diagramação: Andreza Bernardes
Tradução: Carolina Caires Coelho
Preparação e Revisão: Editorial Vida & Consciência

1ª edição novembro 2010
5.000 exemplares

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Stevenson, Ian
Reencarnação : estudos científicos de casos reais na Europa / Ian Stevenson ;
[traduzido por Carolina Caires Coelho]. — São Paulo:
Centro de Estudos Vida & Consciência Editora.

Título original: European cases of reincarnation type.

ISBN 978-85-7722-106-6

10-08733 CDD-133.90135094

Índice para catálogo sistemático:
1. Europa : Reencarnação : Estudos de casos 133.90135094

Publicação, distribuição, impressão e acabamento
Centro de Estudos Vida & Consciência Editora Ltda.
Rua Agostinho Gomes, 2312
Ipiranga — CEP 04206-001
São Paulo — SP — Brasil
Fone/Fax: (11) 3577-3200/3577-3201
E-mail: grafica@vidaeconsciencia.com.br
Site: www.vidaeconsciencia.com.br

Proibida a reprodução total ou parcial desta obra, de qualquer forma ou por qualquer meio eletrônico, mecânico, inclusive através de processos xerográficos, sem permissão expressa do editor (Lei nº 5.988, de 14/12/73).

**Agradecimentos 08**

**Orientação para o leitor 12**

**Apresentação 14**

**Prefácio à edição brasileira 16**

**Parte I**
Crença européia na reencarnação **21**

**Parte II**
Casos não investigados no início do século XX **31**

**Relatórios de casos: antigos**
Giuseppe Costa **33**
Bianca Battista **42**
Alessandrina Samonà **43**
Blanche Courtain **48**
Laure Raynaud **50**
Georg Neidhart **53**
Christophe Albret **65**
James Fraser **68**
Observações finais sobre os casos mais antigos **72**

**Parte III**
Casos investigados na segunda metade do século XX **75**

**Relatórios de casos: crianças**
Gladys Deacon **78**
Jenny McLeod **83**
Catherine Wallis **87**
Carl Edon **98**
Wilfred Robertson **105**
Gillian Cunningham **110**
David Llewelyn **113**
Graham Le-Gros **120**

Gillian e Jennifer Pollock **124**
Nadège Jegou **127**
Wolfgang Neurath **135**
Helmut Kraus **142**
Alfonso Lopes **145**
Gedeon Haich **152**
Einar Jonsson **163**
Ditta Larusdottir **172**
Marja-Liisa Kaartinen **177**
TaruJärvi **182**
Paavo Sorsa **189**
Samuel Helander **193**
Teuvo Koivisto **200**

**Relatórios de casos: sonhos repetidos ou reais**
Jenny McLeod **208**
Thomas Evans **212**
William Hens **217**
Winifred Wylie **222**
John East **233**
Traude von Hutten **247**
Luigi Gioberti **256**

**Relatórios de casos: diversos**
Ruprecht Schulz **262**
Edward Ryall **278**
Peter Avery **289**
Henriette Roos **294**
Dois casos mais antigos e semelhantes **308**

**Parte IV**
Discussão Geral **313**

**Apêndice 320**

**Bibliografia 324**

## Agradecimentos

Inicialmente, gostaria de expressar a minha gratidão às pessoas dos casos estudados e aos outros informantes por sua disposição em compartilhar as informações comigo e por permitirem a sua publicação.

Em seguida, quero mencionar outras pessoas que me ajudaram ao narrar alguns casos. Não posso deixar de citar Rita Castrén, Francisco Coelho, Dr. Erlendur Haraldsson, os falecidos Drs. Karl Müller, Winifred Rushforth e Zoe Alacevich.

O Dr. Nicholas McClean-Rice conduziu as primeiras entrevistas para três dos casos. O Dr. Erlendur Haraldsson na Islândia, Rita Cástren na Finlândia e Bernadete Martins em Portugal me auxiliaram como intérpretes.

Vários historiadores me aconselharam e opinaram sobre detalhes do caso de Edward Ryall. Por essa assistência especial, agradeço a Patrícia Croot, a Robert Dunning, a Peter Earle, a John Fowles, a Derek Shorrocks e a W.M. Wigfield.

Recebi a ajuda do Dr. Alan Gauld, do falecido Guy Lambert e do coronel W.L. Vale no caso de John East.

Por auxílio semelhante no meu estudo sobre o caso de Traude von Hutten, não poderia me esquecer dos Drs. Gunter Stein e Heinrich Wendt.

Edith Turner fez comentários úteis sobre o caso de Gedeon Haich. Também a respeito do mesmo caso, não posso deixar de mencionar a editora Eduard Fankhauser pela permissão para citar trechos de Einweihung, de Elisabeth Haich.

Angelika Neidhart permitiu a citação de trechos do livreto de seu pai, Georg Neidhart, no qual ele descreveu suas experiências.

O coronel I.C. Taylor me enviou detalhes sobre soldados dos dois fronts da batalha de Culloden, relevantes para o caso de Jenny McLeod.

Os funcionários da seção de Arquivos de Guerra do Departamento de Arquivos da Áustria, em Viena, foram extremamente gentis ao responderem às minhas indagações sobre o caso de Helmut Kraus.

Dawn Hunt demonstrou uma capacidade especial de localizar e, com freqüência, de tomar emprestado de bibliotecas várias fontes obscuras de informações. Ela também me auxiliou na análise de características dos casos europeus.

Os funcionários de inúmeras bibliotecas nos auxiliaram imensamente. Em especial, agradeço aos da British Library, da University Library de Cambridge, da Alderman Library na Universidade de Virgínia, da Staatsbibliotek de Munique, da Municipal Library de Hadleigh, Essex e da Biblioteca Bozzano-DeBoni de Bolonha. Não pude usar a última biblioteca mencionada pessoalmente, portanto, sou grato pela assistência de Silvio Ravaldini e Orfeo Fiocchi, por meio de correspondência.

O Dr. Mario Varvoglis, diretor do Institut Métapsychique International, permitiu a tradução do relatório de um caso inicialmente publicado em Revue Métapsychique.

Pela menção de fotografias tiradas por eles, ou pelas quais retêm direito, sou grato a Erlendur Haraldsson, a Daniela Meissner, ao Mirror Syndication International e ao National Museums of Scotland.

O Dr. Jean-Pierre Schnetzler e Madeleine Rous me indicaram fontes de informações sobre a crença na reencarnação entre os europeus na atualidade.

James Matlock e a Dra. Emily Williams Kelly leram todo o livro cuidadosamente e o melhoraram de várias formas. Do mesmo modo, Patrícia Estes habilmente passou-o por várias revisões.

## Orientação para o leitor

Os nomes usados neste livro são uma mescla de nomes verdadeiros e pseudônimos. Em alguns casos mudei os nomes de localidades com o objetivo de preservar a identidade do indivíduo.

Em muitos lugares, omiti palavras que denotam qualificação como alegou, aparente e parece que antes de substantivos como lembranças que descrevem as características dos casos. Isso foi feito para facilitar a leitura sem a intenção de evitar a questão principal dos casos, que é determinar se essas características incluem algum processo paranormal. Utilizo a expressão paranormal para denominar algo não explicável pelo conhecimento normalmente aceito de processos sensoriais.

Em um esforço mais amplo para auxiliar os leitores, em alguns casos me referi ao sujeito do estudo apenas usando o primeiro nome, que sugere o desenvolvimento de uma amizade entre mim e o indivíduo ou um membro de sua família. Tive esse prazer com algumas famílias, mas não em todos os casos em que adotei este estilo familiar.

Às vezes, menciono características paralelas em casos ocorridos fora da Europa por querer apontar semelhanças entre as características dos casos europeus e os de outras regiões do mundo.

Agora gostaria de explicar ou esclarecer diversas expressões que eu e meus colegas adotamos. Inicialmente, usamos o termo personalidade anterior para o falecido – real ou presumido – ao qual as declarações do indivíduo estudado se referem. Em alguns casos, os informantes identificam uma personalidade anterior na base de predições, sonhos, ou marcas de nascença antes de o indivíduo ter feito qualquer declaração relevante sobre a vida passada. Quando ficamos satisfeitos com as declarações da criança e talvez com as outras características do caso que correspondam corretamente à vida de uma pessoa em particular, descrevemos o caso como solucionado. Ao falharmos em identificar essa pessoa, denominamos o caso como não solucionado. Referimo-nos a casos nos quais o sujeito e a personalidade anterior pertencem à mesma família (às vezes parentes longínquos) como casos entre a família. Casos em que o indivíduo fala de uma vida passada como tendo sido um membro do sexo oposto são chamados de casos de mudança de sexo.

## Apresentação

Ao escrever este livro tive três objetivos. Primeiramente, queria mostrar de alguma forma que casos sugestivos de reencarnação também ocorriam na Europa. Ao apresentar os relatórios de alguns casos muito mais antigos – que não foram investigados por minha conta – posso mostrar que eles ocorreram na primeira metade do século XX. Quase todas as situações que estudei e relatei em publicações anteriores ocorreram na Ásia, no oeste da África e entre as tribos do noroeste da América do Norte; e quase todos os habitantes dessas regiões acreditavam em reencarnação. Apenas uma minoria de europeus acredita. Embora possa mostrar que esses casos ocorram na Europa, eles parecem ser proporcionalmente mais raros que os dessas outras áreas, onde encontro uma fartura deles desde que comecei a investigá-los. De fato, não sabemos se eles ocorrem com menos freqüência na Europa que na Ásia ou se apenas são menos relatados na Europa; as duas possibilidades podem ser verdadeiras.

Em segundo lugar, acredito que alguns casos registrados aqui mostram características semelhantes aos de episódios que investiguei anteriormente na Ásia, que são principalmente: a idade bem precoce da primeira fala da criança sobre uma vida passada; um esquecimento das lembranças alegadas no meio

da infância; uma alta incidência de morte violenta nas vidas lembradas e, com freqüência, uma referência ao tipo de morte nas declarações do sujeito em estudo. De forma semelhante, em geral, os indivíduos europeus demonstram comportamento que não é comum nas famílias, como as declarações dos indivíduos estudados sobre uma vida passada.

Em terceiro lugar, acredito que pelos menos alguns casos desta obra forneçam prova do processo paranormal. Com isso, quero dizer que não conseguimos explicar algumas das declarações dos indivíduos ou o comportamento diferenciado pelos meios de comunicação normais. Por isso, a reencarnação torna-se uma interpretação plausível, embora – nunca canso de afirmar – não seja a única.

As datas dos rascunhos de alguns relatórios mostram que escrevi este livro ininterruptamente por cerca de 30 anos. Durante muitos anos, deixei os casos europeus de lado, inclusive o esforço de conseguir mais casos, enquanto me concentrava em casos amplamente disponíveis na Ásia, cujos indivíduos tinham marcas ou deficiências de nascença relevantes. Agora, eu e meus colegas estamos novamente nos dedicando à busca de casos na Europa, e espero que a publicação deste livro facilite essa divulgação.

## Prefácio à edição brasileira

É uma honra poder escrever este prefácio. Considero Ian Stevenson um cientista da mais alta competência e heroísmo. Ele conseguiu trazer o tema Reencarnação para o terreno da ciência oficial. Um feito incrível, visto o rigor e a força da Ciência nos Estados Unidos.

Numa renomada Universidade, fundada por Thomas Jefferson com o lema de que "a universidade deve buscar a verdade onde ela estiver", Stevenson fundamenta pesquisas nas áreas da mediunidade, vida após a morte e reencarnação, no Departamento de Psiquiatria da Faculdade de Medicina da Universidade de Virgínia, dividindo seus esforços entre o atendimento médico e suas pesquisas pioneiras.

Patrocinado pelo proprietário da Xerox, viajou a diversos países do Oriente e da Europa, visitando famílias onde havia evidências de reencarnação. Sendo uma obra baseada em casos reais, verdadeiras anamneses clínicas do fenômeno da recordação de vidas passadas, as histórias aqui contidas são casos paradigmáticos, ou seja, são base ou parâmetro para a investigação de reencarnação, por grupos de pesquisadores de qualquer parte do mundo que queiram investigar esse assunto.

Por tratar-se de casos reais, estão fundamentados em fenômenos da natureza, que passam a ser compreendida a partir de sua dimensão holográfica – plano biológico e o plano espiritual – como representação factual. Casos que podem espelhar, ainda que com novos enredos, sua própria história, caro leitor e cara leitora, compreendendo-a no seu sentido, expandindo – vida biológica, vida após a morte e retorno ou reencarnação.

Parece que nosso cérebro impõe uma contenção da lembrança de outra vida, assim não é comum nos lembrarmos de nossas vidas anteriores ou do período que passamos no mundo espiritual. Essa filtragem da memória permite o recomeço das relações humanas.

O ódio, as mágoas e os traumas da existência passada ficam armazenados num inconsciente pouco acessível, permitindo a reconstrução de elos de amor entre pessoas que se odiavam. Um pai vai acalentar e amar seu filho bebê, reencarnação de um inimigo do passado. Já a recordação dos dramas desse passado impediria o florescimento de uma relação de amor. Lembranças subconscientes, não factuais, ou seja, manifestações de impressões ou sentimentos se traduzem pelas simpatias ou antipatias entre as pessoas, sem uma causa aparente.

No entanto, por alguma razão, sobretudo as crianças podem avançar além das barreiras do cérebro e recordar outras existências. Investigar a veracidade dessas lembranças descortina esse fabuloso campo de pesquisa científica que é a reencarnação.

Em países de aculturamento reencarnacionista, como na Índia ou China e demais culturas do Oriente, é provável que essas lembranças sejam mais expostas, valorizadas pelas sociedades de crenças reencarnacionistas — Reencarnação: 20 Casos, primeira obra de Stevenson, fala sobre a questão.

Já na Europa mapeada pela Inquisição imposta pelo Catolicismo da época, qualquer manifestação desse tipo era punida com a morte e a difamação pública, e a lei do silêncio imposta. Como seria a casuística de lembranças

reencarnatórias na Europa? Nesse caso, não teríamos a interferência da cultura reencarnacionista. Pelo contrário, uma sociedade que inibe essas manifestações daria mais força de impacto para a ocorrência das lembranças.

*Reencarnação: Estudos científicos de casos reais na Europa* é uma obra de extrema importância. Aqui também Stevenson fez uma pesquisa de campo, são casos verdadeiros e, portanto, vão refletir em seu mundo psíquico, meu caro leitor e cara leitora, pois somos dotados também da mesma estrutura fisiopsíquica das pessoas aqui estudadas.

O que vale para os personagens verdadeiros dessas histórias vale para você, contando com as particularidades do enredo de sua história própria e seu destino. Este é um livro para se estudar sempre, revendo os detalhes de seus métodos e o intrincado das vidas historiadas. Eu mesmo ainda não absorvi seu conteúdo e creio que estarei sempre reestudando uma história ou outra, seja para meu conhecimento pessoal e pesquisa de autoconhecimento, seja para minhas pesquisas em Medicina e Espiritualidade.

Creio que os estudos de Stevenson complementam importantes conceitos sobre o tema estudado por Carl Gustav Jung, fundamentado em pesquisas clínicas, e por Allan Kardec, alicerçado nas pesquisas do Sistema Espiritual. Se ele tivesse tido oportunidade de ter estudado estes autores com profundidade, certamente Stevenson teria trazido contribuições mais diretas para a Medicina.

Mas quem diz que Ian Stevenson parou de estudar e pesquisar? Quem diz que não está, neste momento, ajudando-nos a abrir nossas mentes para a luz da verdade? Boa leitura!

**Dr. Sérgio Felipe de Oliveira**

Médico, responsável pela *Disciplina optativa Medicina e Espiritualidade da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo*. Preceptor do *Ambulatório de Medicina e Espiritualidade do Departamento de Doenças Neuromusculares da Faculdade de Medicina da Universidade Federal de São Paulo*. Diretor Clínico do *Pineal Mind Instituto de Saúde — São Paulo*.

# Parte I

## Crença européia na reencarnação

Este livro relata casos sugestivos de reencarnação na Europa, que fornecem provas de forças variáveis. As crenças anteriores influenciam o julgamento sobre e influenciam ainda mais as observações primárias que fornecem essas provas. Por isso, o conhecimento da crença na reencarnação é importante para a apreciação dos casos. Assim, inicio este livro com uma breve revisão sobre a crença na reencarnação dentre os europeus.

Alguns filósofos da Grécia Antiga acreditavam na reencarnação e a passaram para seus discípulos. Dentre esses primeiros, está Pitágoras (c. 582-500 a.C.) (Diogenes Laertius, c. 250/1925; Dodds, 1951; Iamblichus, c. 310/1965). (Atribuem a Pitágoras a lembrança de vidas passadas [Burkert, 1972, Diogenes Laertius c. 250/1925], mas aqui não me preocupo com esta afirmação). O mais famoso defensor da reencarnação dentre os gregos antigos foi Platão, que expôs o conceito em inúmeras obras, como Fédon, Fedro, Ménon (Plato, 1936) e também na República (Plato, 1935). Apolônio, grego nascido em Tiana, sábio e filósofo do século I d.C, fez da reencarnação o dogma central de seus ensinamentos (Philostratus, 1912). Dois séculos mais tarde, Plotino (c. 205-270) e os sucessores neoplatônicos também ensinaram a reencarnação (Inge, 1941; Wallis, 1972). Plotino tinha um conceito ético da reencarnação, que não diferia muito do que se desenvolvia na Índia na mesma época, e possivelmente influenciado pelo pensamento hindu, Plotino escreveu: “Essas coisas... que acontecem com os bons injustamente, como a punição, a pobreza, ou a doença, pode-se dizer que elas ocorrem devido as ofensas cometidas em uma vida passada” (Plotinus, 1909, p. 229).

Poderíamos aumentar a lista de filósofos europeus que pregaram a reencarnação dentro dos domínios romanos antes do desenvolvimento do cristianismo formal, porém isso não diria muito sobre a sua influência em pessoas comuns. Creio que não tenha sido muita. Júlio César apontou esse fato quando

pensou que a crença na reencarnação, que ele conheceu com os druidas da Gália e da Britânia, valia a pena ser comentada em De Bello Gallico (Caesar, 1917).[1] Em outras partes do mundo, fora da influência romana, a crença teve alguma aceitação. Alguns escritos dos europeus do norte (nórdicos) antes da cristianização de suas terras sugerem que a crença na reencarnação ocorreu entre eles (Davidson, 1964; Ker, 1904), porém, não sabemos o quanto era generalizada naquela época.

O Novo Testamento registra passagens na vida de Jesus pelos quais podemos concluir não que Jesus pregasse a reencarnação,[2] porém que o conceito era conhecido das pessoas ao seu redor e considerado discutível. Entretanto, isso não quer dizer que todos os primeiros cristãos acreditassem na reencarnação; provavelmente a maioria não compartilhava dessa crença. Alguns desses cristãos que realmente acreditavam na reencarnação se autodenominavam ou eram chamados de gnósticos. Formavam mais uma corrente de pensamento espiritual que um grupo formal. Alguns de seus escritos endossam a idéia de reencarnação terrestre (Mead, 1921). Com certeza, os gnósticos cristãos absorveram idéias familiares aos filósofos gregos e talvez também aos hindus (Eliade, 1982).

Freqüentemente os teólogos cristãos dos primeiros séculos depois da vida de Jesus se envolveram com as doutrinas de Pitágoras e Platão que, conforme mencionei, os neoplatônicos ainda defendem (Scheffczyk, 1985). Um apologista cristão, Tertuliano (c. 160-c. 225), se opôs aos neoplatônicos com vigor especial (Tertuliano, 1950; Scheffczyk, 1985). Neste trecho a seguir, ele ridiculariza a idéia que um velho pudesse morrer e mais tarde renascer como um bebê.

> No nascimento, todos os homens são imbuídos das almas dos bebês; mas como pode ser que um homem que morre em idade avançada retorne à vida como um bebê? Pelo menos a alma deveria retornar na idade que tinha ao partir, para retomar a vida do momento onde ela foi deixada.

[1] A crença na reencarnação persistiu entre os celtas muito após eles terem se tornado cristãos formalmente. No início do século XX, Evans-Wentz (1911) registrou essa crença dentre os habitantes celtas da Escócia, País de Gales e Irlanda.

[2] A maioria dos tradutores, até meados do século XIX, usaram a palavra metempsicose, porém, alguns se referiram ao conceito como palingenesia, outros usaram transmigração. Inge (1941) rejeitou a metempsicose, preferindo o termo metenssomatose, porque os corpos e não as almas são trocados no renascimento. A palavra reencarnação é usada atualmente e vou utilizá-la em toda esta obra. Os budistas preferem o termo renascimento, que os ajuda a distinguir o seu conceito anatta (sem alma) do hinduismo e da maioria das outras crenças em reencarnação, inclusive a idéia de uma alma persistentemente ligada a sucessivos corpos físicos. Nos escritos modernos, a palavra metempsicose enfatiza a possibilidade de os homens renascerem em corpos de animais não humanos.

Se eles retornarem tão precisamente as mesmas almas, embora possam adquirir corpos diferentes e destinos totalmente diversos na vida, deveriam trazer de volta com eles as mesmas personalidades, desejos e emoções que tinham antes, pois dificilmente devemos ter o direito de anunciá-los como sendo os mesmos se a eles faltar as características que poderiam provar a sua identidade [Tertullian, 1950, p. 251].

Começando como uma minoria perseguida, os cristãos necessitavam codificar suas crenças. A codificação trouxe declarações formais tanto no que se acreditava quanto no que não deveria ser acreditado. Em relação à reencarnação, a ortodoxia cristã em desenvolvimento concentrava-se nos ensinamentos de Orígenes (c. 185-c. 254), um teólogo que levou a encargo a consolidação da doutrina cristã em De Princippis [Sobre os primeiros princípios]. Como o seu quase contemporâneo Plotino, Orígenes se preocupou com o sofrimento imerecido, o problema da teodiceia. Sugeriu que a conduta na vida ou em vidas antes do nascimento poderia explicar casos de injustiça no nascimento (Origenes, 1973).

No início considerado inofensivo, o conceito de Orígenes sobre a pré-existência, aos poucos, provocou uma oposição crescente. Alguns historiadores afirmam que o Segundo Concílio de Constantinopla em 553 condenou com veemência os ensinamentos de Orígenes; porém, isto parece duvidoso. O Concílio condenou outras heresias além das de Orígenes; seu nome mal figura nessas discussões (Murphy e Sherwood, 1973). Entretanto, alguns estudiosos chegaram a ponto de ver este Concílio como decisivo na rejeição da reencarnação pela Igreja. Assim, parece importante notar que o papa Virgílio se recusou a participar do Concílio que, incitado pelo imperador Justiniano, mansamente decretou o que ele lhes instruiu a fazer (Browning, 1971). Além disso, os decretos do Concílio de Constantinopla não extinguiram abruptamente a crença dos cristãos na reencarnação. A questão permaneceu sem decisão até a época de Gregório, o Grande (c. 540-604), meio século mais tarde (Bigg, 1913).

Acadêmicos renomados divergem sobre o fato de Orígenes ter acreditado e pregado a reencarnação (Butterworth, 1973; Daniélou, 1955; Kruger, 1996; MacGregor, 1978; Prat, 1907). A reencarnação pressupõe a pré-existência, mas a pré-existência não pressupõe a reencarnação. Entretanto, os teólogos preocupados com a ortodoxia confundiram as duas. Consideraram o ensinamento de quaisquer dessas idéias como um retorno perigoso às de Pitágoras e de Platão e, portanto, além dos limites de discordância tolerável. Séculos depois, pouco se pensou e menos ainda foi dito sobre a reencarnação na Europa. As exceções existiram e foram condenadas ou reprimidas.

Na época da renascença bizantina um discípulo de Michael Psellus foi excomungado em 1802 por ensinar doutrinas pagãs, inclusive, segundo alegaram, a transmigração (Wallis, 1972, p. 162).[3] São Tomás de Aquino (1225-1274) achava que as idéias platônicas eram incompatíveis com o cristianismo e se opôs expressamente à idéia de reencarnação (George, 1996; Tomás de Aquino, c. 1269-1984). No entanto, enquanto isso, as crenças heréticas, inclusive a da reencarnação, se espalharam pela Europa, especialmente na França e na Itália. No século XIII, os cátaros (albigenses) do sudoeste da França chegaram perto de uma completa dissociação da Igreja Católica. A Igreja apenas recuperou seu território quando o papa Inocente III autorizou os soldados do norte da França a conquistar e subjugar as regiões rebeldes do sudoeste. Os do norte, com crueldade extrema, baniram o catarismo e todos seus ensinamentos (Johnson, 1976; Le Roy Ladurie, 1975; Madaule, 1961; Runciman, 1969).

A exclusão do catarismo como uma religião praticada não pôde evitar ocasionais filósofos de endossar, de forma evidente, o conceito de reencarnação. No fim do século XV, a Igreja Católica condenou os ensinamentos do florentino Pico della Mirandola (1463-1494), adepto do platonismo, que incluía a reencarnação. Pouco mais de um século mais tarde, em 1600, a Inquisição condenou Giordano Bruno a ser queimado na fogueira por ensinar a reencarnação, dentre outras heresias (Singer, 1950).

Nos vários séculos seguintes à condenação de Bruno à morte, a idéia de reencarnação não provocou problemas para as igrejas cristãs, seja católica, ortodoxa ou protestante. Contudo, a idéia persistiu nas mentes de muitos europeus. Numerosos poetas, ensaístas e filósofos aludem a ela. Para mencionar apenas um exemplo, Shakespeare pôde assumir que os freqüentadores de teatro do fim do século XVI entenderiam as suas alusões a Pitágoras em Noite de reis, Como gostais e O mercador de Veneza.[4]

No fim do século XVIII, traduções de textos de religiões asiáticas começaram a chegar até os europeus, que acabaram por se tornar mais familiarizados com a Ásia e as suas religiões. No entanto, no século XIX, o filósofo alemão Schopenhauer notou o isolamento europeu, como de fato existia, em relação à crença na reencarnação que a maioria da população mundial mantinha. Em 1851, ele escreveu:

> Se um asiático me perguntasse a definição da Europa, eu seria forçado a

[3] Os ensinamentos de pessoas e comunidades acusadas de heresias, de Psellus a Giordano Bruno, incluíram outras idéias inaceitáveis além da reencarnação. Às vezes, ofereciam um amálgama de conceitos derivados não apenas de Platão, mas também, por exemplo, do maniqueísmo ou do pensamento independente.

[4] Head e Cranston (1977) e MacGregor (1978) citaram inúmeras referências à reencarnação ou endossos à crença por autores europeus.

lhe responder: é aquela parte do mundo completamente dominada pela ilusão chocante e inacreditável que o nascimento de um homem é o seu princípio e que ele é criado do nada [p. 395].

O imenso sucesso popular do poema de sir Edward Arnold, A luz da Ásia, inicialmente publicado em 1879, refletiu, além de provocar um interesse maior entre os europeus pelo budismo, que o poema expunha.[5] Podemos dizer a mesma coisa sobre a teosofia e a sua irmã adotiva, a antroposofia. As duas difundiram o conhecimento do hinduísmo e do budismo em uma linguagem popular, inclusive a idéia de reencarnação; e construíram e elaboraram, nem sempre de forma sábia, o trabalho de traduzir acadêmicos como T.W. Rhys Davids, que fundou a Pali Text Society em 1881 e Max Müller. Estes estudiosos já tinham possibilitado a Thomas Henry Huxley (um biólogo, não um estudioso do Oriente) apresentar um resumo acessível e favorável ao hinduísmo e budismo com alusões à reencarnação (Huxley, 1905) durante as conferências Romanes de 1893.

Bergunder (1994) em um estudo sobre a crença na reencarnação de ancestrais em todo o mundo, mencionou que, às vezes, os pais modernos europeus acreditam que uma criança falecida possa reencarnar em um bebê nascido mais tarde dentro da mesma família. Como exemplos, ele citou o caso de Bianca Battista, que incluí no relatório (de 1911) deste livro, e o de Salvador Dali, o pintor surrealista espanhol. O primeiro filho, nascido dos pais do pintor, chamado Salvador, morreu aos 21 meses de idade em 1º de agosto de 1903. O segundo filho, o pintor, nasceu apenas nove meses depois, em 11 de maio de 1904 e recebeu o nome do irmão morto (Secrest, 1986). Salvador Dali parece nunca ter aludido a lembranças da vida de seu irmão morto. Entretanto, os pais, especialmente o pai, acreditavam que o filho falecido tinha reencarnado.

Em meados do século XIX, a Igreja Católica recusou-se a reconhecer o recém-unificado estado italiano. Na França, o anticlericalismo que se desenvolveu mais tarde naquele século levou à separação do legislativo, ou seja, da Igreja Católica e do Estado, em 1905. Alguns deploraram essas conseqüências como uma abertura de caminho ao materialismo, mas a liberdade de pensamento pôde levar a outras crenças como a da reencarnação. De alguma forma, um século após a definição de Europa por Schopenhauer, suas palavras deixaram de ser verdadeiras. Assim chegamos às pesquisas sobre a crença entre os europeus modernos.

[5] No prefácio de seu poema, Arnold escreveu: "Uma geração atrás, pouco ou nada era conhecido na Europa sobre esta grande fé asiática que, no entanto, existiu durante 24 séculos, e hoje suplanta, em número de seguidores e na área de seu domínio, qualquer outra forma de credo" (Arnold, 1879/1911, p. vii).

A primeira pesquisa conhecida por mim ocorreu em 1947. Foram poucas as pessoas entrevistadas, apenas 500, que moravam em uma área limitada (um bairro de Londres, Inglaterra). Apenas 4% das pessoas entrevistadas expressaram espontaneamente a crença na reencarnação. No entanto, estas representavam 10% de todas as crenças professadas em algum tipo de sobrevivência após a morte (Mass-Observation, 1947).

Na década de 1960, pesquisas sobre crenças religiosas foram conduzidas em outros países europeus. Em 1968, uma delas envolveu oito países da Europa Ocidental. Naquela época, uma média de 18% dos entrevistados acreditavam em reencarnação. A proporção de respostas positivas variou entre 10% na Holanda e 25% na Alemanha (Ocidental). Na França, 23% dos entrevistados acreditavam em reencarnação e na Grã-Bretanha, 18% (Gallup Opinion Index, 1969).

Pesquisas posteriores mostraram um aumento ainda maior na proporção de europeus (do oeste) que acreditam em reencarnação. Em uma pesquisa em dez países europeus, registrada em 1986, a média de entrevistados que acredita em reencarnação aumentou em 21%, porém, esse aumento parece ter sido devido ao grande número de respostas positivas na Grã-Bretanha. A proporção da Alemanha (Ocidental) e da França permaneceu inalterada (Harding, Phillips e Fogarty, 1986). As pesquisas do início da década de 1990 mostraram maiores aumentos na crença da reencarnação. Nessa época, 26% dos entrevistados na Alemanha acreditavam em reencarnação, bem como 28% na França e 29% na Grã-Bretanha e na Áustria (Inglehart, Basanez e Moreno, 1998).[6]

Pesquisas na França mostraram um declínio acentuado na adesão à Igreja Católica. Em 1966, 80% dos entrevistados se declararam católicos romanos; em uma pesquisa de 1990, apenas 58% dos entrevistados o fizeram (Lambert, 1994). Na mesma pesquisa 38% dos entrevistados se declararam "sem nenhuma religião" e 39% deste grupo acreditavam em reencarnação. Nem todos os franceses que expressaram crença em reencarnação eram sem religião. Ao contrário, 34% dos entrevistados que se declararam católicos praticantes acreditavam em reencarnação. No entanto, parece que na França, pelo menos, há uma crença crescente na reencarnação acompanhada tanto de um declínio na afiliação com a religião dominante do país e com um aumento em desligamento de todas as religiões.

Uma evolução semelhante à da França parece ter ocorrido na Inglaterra, onde a religião do Estado é a Igreja Anglicana. Muitas pessoas continuam a pertencer a uma igreja cristã, seja anglicana ou outra, mas não acreditam em tudo que é ensinado (Davie, 1990). Destas, muitas começaram a acreditar na reencarnação, embora não necessariamente se ligando a qualquer grupo New

[6] Nem todos os números referentes à Europa Ocidental podem ser projetados a partir das informações do início da década de 1990.

Age (Waterhouse, 1999). Em suma, elas privatizaram a sua religião (Walter e Waterhouse, 1999).

Os europeus que acreditam em reencarnação raramente se agruparam em seitas organizadas (uma exceção ocorreu com os seguidores do espiritismo de Allan Kardec [1804-1869], que propagou a reencarnação na França). Freqüentemente, o vocabulário de escritos populares sobre a reencarnação na Europa demonstra empréstimos óbvios do hinduísmo e do budismo, presentes, por exemplo, no amplo uso de palavras como carma, corpo astral e registro akáshico. Não existe nenhum sistema estritamente europeu que incorpore a crença na reencarnação (Boshinger, 1996).

O aumento em número de europeus que acreditam na reencarnação não passou despercebido pelos encarregados de manter a ortodoxia cristã. Estes não aceitam nenhuma admissão sincrética da idéia de reencarnação dentro do cristianismo, que alguns devotos, no entanto, gostariam de ter (Stanley, 1989). Teólogos importantes da França criticaram severamente a crença na reencarnação (Stanley, 1998). O catequismo oficial da Igreja Católica na França declara categoricamente que "não existe reencarnação após a morte" (Catéchisme de l'église catholique, 1992, p. 217).[7]

Os líderes da Igreja Católica na Inglaterra devem ter achado desanima-dor que vários católicos romanos formais acreditassem em reencarnação. Uma pesquisa sobre católicos romanos na Inglaterra e no País de Gales, conduzida em 1978, descobriu que 27% dos entrevistados acreditavam em reencarnação (Hornsby-Smith e Lee, 1979). O rev. Joseph Crehan, S.J., se viu obrigado a publicar um livreto censurando fortemente a crença na reencarnação (Crehan, 1978).

Também na Alemanha os teólogos católicos romanos reagiram polemicamente ao aumento da crença na reencarnação entre os europeus (Kaspar, 1990; Schönborn, 1990).

Embora as pesquisas citadas demonstrem um aumento significativo nessa crença – mesmo várias décadas após a sua condução, elas não explicam por que tantas pessoas na Europa a adotaram. Creio que isso não aconteceu com base nas provas disponíveis sobre a reencarnação. Como indico na Parte II, poucos tipos de casos europeus de reencarnação foram divulgados durante a primeira metade do século XX, mas poucas pessoas sem um interesse especial no assunto teriam lido esses relatórios. Provas abundantes de vários casos apenas

[7] O catequismo é válido universalmente para os católicos romanos, seja onde estiverem. Comparei o texto francês sobre a assertiva negativa a respeito da reencarnação com o da edição no idioma inglês, Catechism of the Catholic Church, publicado em 1994. Os termos são exatamente os mesmos. A autoridade citada é a passagem na epístola de São Paulo aos hebreus: "E, como aos homens está ordenado morrer apenas uma vez, porém, depois disso o juízo" (Heb, 9:27 KJV).

se tornaram disponíveis no último terço do século e podem não ter estimulado o aumento anterior na credulidade que as pesquisas demonstraram.

Na ausência de outras respostas óbvias, eu me permito às seguintes hipóteses sobre por que a Igreja vem perdendo público, e a crença na reencarnação vem aumentando durante as últimas centenas de anos ou mais. As conquistas do método científico durante os últimos quatro séculos trouxeram duas importantes refutações da doutrina cristã formal: eu me refiro à cosmologia antes de Copérnico, Kepler e Galileu e à biologia antes de Lamarck e Darwin. O declínio do público de igrejas cristãs reflete a perda de confiança geral nas afirmações autoritárias dos representantes dessas igrejas.

"Cuidado com o homem de um livro só", diz um provérbio árabe. É um ditado estranho vindo de lá. No entanto, os árabes não são os únicos povos a repousar a sua fé em apenas um livro. Alguns cristãos também demonstram essa falha. Porém, hoje em dia, um número crescente de pessoas encara a Bíblia como contendo muitas verdades, mas não toda a verdade. No século XX, vários filósofos discutiram a idéia de reencarnação de forma solidária e até positivamente (Almeder, 1992, 1997; Broad, 1962; Ducasse, 1961; Lund, 1985; McTaggart, 1906; Paterson, 1995). Poucos cientistas o fizeram.

As obras da maior parte dos cientistas modernos não oferecem solução ao que parece ser a injustiça de defeitos de nascimento e de outras desigualdades no nascimento. Em vez disso, exibem exclusivamente uma existência material que termina com a extinção na morte. Insatisfeitos com isso, muitos homens – talvez especialmente na Europa moderna – continuam a buscar algum sentido da vida que transcenda sua própria existência. A reencarnação oferece a esperança de vida após a morte e, por fim, a possibilidade de compreensão sobre as causas de nosso sofrimento. Estas ofertas não a tornam verdadeira; apenas as provas podem mostrar se são ou não verdadeiras. Entretanto, podem responder pela atração crescente na reencarnação.

# Parte II

## Casos não investigados no início do século XX

Neste capítulo, descrevo oito casos bem antigos. Todos ocorreram no primeiro terço do século XX. Não temos datas precisas da ocorrência de alguns casos, mas eu os apresentei aqui no que acredito ser a sua ordem cronológica.

Nenhum caso deste capítulo recebeu uma investigação externa, ou seja, o exame de alguém não imediatamente interessado como o sujeito ou um informante do mesmo. Gostaríamos de saber em que um investigador contribui para o relatório de um caso. Inicialmente, ele ou ela deve fazer, ou fez, um registro exato dos detalhes do acontecimento. Ninguém pode fazê-lo sem a cooperação de testemunhas diretas. Temos essas testemunhas para os oito casos incluídos nesta parte do livro. Os primeiros destes relatórios foram escritos seja pelo próprio indivíduo ou pelo pai, outro parente, um empregador ou um conhecido do indivíduo, com apenas uma exceção. Nesse caso (ainda não publicado anteriormente) o sujeito narrou sua experiência para uma respeitada proprietária de terras daquela região.

Em segundo lugar, um investigador pede aos informantes detalhes omitidos das narrativas espontâneas. Dentre outras informações, as datas podem ser bem relevantes. Os casos deste capítulo mostram grande variação no fornecimento de detalhes. No caso de Alessandrina Samonà, o pai dela forneceu as datas precisas de alguns acontecimentos no desenrolar do caso e datas bem aproximadas de outros acontecimentos. Em contraste, Giuseppe Costa, que escreveu sobre suas experiências de forma autobiográfica, não forneceu nenhuma data que seja para suas várias fases.

Em terceiro lugar, esperamos que um investigador verifique a confiabilidade dos informantes do caso. Ao fazê-lo, ele deve, quando possível, entrevistar os informantes. Não pude fazê-lo nestes oito casos, com a exceção do de Georg Neidhart, que encontrei em duas ocasiões. Se um investigador não consegue entrevistar os informantes, outros meios de provar a sua confiabilidade podem

ajudar. Os relatórios que incluem erros de detalhes verificáveis devem provocar a diminuição da confiança em comparação com outros sem esses problemas. Da mesma forma, relatórios que mostram o narrador ansioso para convencer os leitores a concordar com as suas interpretações. Aqueles que contêm detalhes suficientes, como acredito que seja a maioria que consta neste capítulo, permitem que os leitores avaliem um caso, mesmo sem conseguir entrevistar os informantes.

Os poucos casos mais antigos aqui não permitem qualquer tipo de comparação quantitativa entre eles e os casos mais recentes. No entanto, podemos notar a ocorrência de uma característica em comum desses casos que não encontramos nos exemplos mais recentes. Por exemplo, as experiências com aparições ocorreram em três dos casos mais antigos, mas em nenhum dos mais recentes. Também, em três dos casos mais antigos, mas apenas em um dos mais recentes, os participantes reportaram comunicações mediúnicas com os falecidos. Quanto às outras características, os casos antigos se assemelham aos mais recentes.

Alguns escritores forneceram as iniciais e não os nomes completos do sujeito ou de outras pessoas ligadas ao caso. Para tornar a leitura dos relatórios mais fácil, coloquei nomes completos, que são pseudônimos. Os relatórios de três casos incluem referências a acontecimentos passados sobre os quais podemos consultar registros contemporâneos ou citações de historiadores. Inclui as referências a essas fontes.

Os leitores que acreditam que a força da prova evapora com a passagem do tempo[8] e os que pensam que os observadores precoces são menos cuidadosos que nós acharão esses casos antigos não convincentes. Não pertenço a esse grupo. Se um leitor perguntar por que devemos achar esses casos dignos de confiança, eu retruco: e por que não?

[8] Para os leitores que duvidam da exatidão de lembranças dessas experiências depois de um período de vários anos (antes da execução de um registro escrito), recomendo estudos e discussões sobre essa questão que eu e meus colegas publicamos (Cook, Greyson e Stevenson, 1998 e Keil, 2000).

## RELATÓRIOS DE CASOS: ANTIGOS

### GIUSEPPE COSTA

O próprio Giuseppe narrou este caso em um livro intitulado Di là dalla vita, que poderia ser traduzido como Do além para esta vida (Costa, 1923) – embora não exista um livro traduzido em português. O autor foi Giuseppe Costa, que devotou umas 50 páginas – cerca de um quarto – do livro a um relato de experiências pessoais que o convenceram ter tido uma vida passada. O resto do livro oferece um resumo popular de pesquisa sobre o sobrenatural.

Ao relatório faltam datas dos acontecimentos, o livro de Costa foi publicado em 1923. Vários anos depois, Ernesto Bozzano, que então era o investigador principal de fenômenos sobrenaturais na Itália, encontrou Costa e se interessou pelo seu caso. Em 1940, Bozzano publicou um capítulo em um livro que, em parte, era um relato desta entrevista com Costa e, em parte, um resumo da sessão no livro de Costa, no qual este descreveu suas pretensas lembranças de uma vida passada (Bozzano, 1940).

Mais tarde, o capítulo foi reimpresso em Luce e Ombra (Bozzano, 1994). Bozzano não fornece uma data deste encontro com Costa. Declarou que o livro de Costa fora publicado "uns bons anos atrás", portanto podemos supor que eles se encontraram por volta de 1935. Em seu livro, Costa não menciona onde ele nasceu. Bozzano avaliou que ele parecia ter uns 50 anos ao se encontrarem.

Se nos fiarmos nesse fraco indício, podemos supor que Costa nasceu por volta de 1880. Ele teria uns 40 anos ao publicar seu livro em 1923. Nele ele se refere aos eventos culminantes de suas experiências como tendo ocorridos "muitos anos antes" do tempo da narrativa. Um acontecimento importante de sua experiência (que vou descrever) ocorreu pouco antes dos exames finais na faculdade, que teria sido talvez por volta de 1904. Costa formou-se e trabalhou como engenheiro. Suas experiências mais recentes que levaram à sua verificação ocorreram, podemos crer, antes de ele ter 30 anos, vamos dizer por volta de 1910.

Baseio o meu relato do caso em Bozzano (1940/1994), mas também consultei o livro de Costa, texto que, às vezes, difere do de Bozzano em questões de menor importância. O Dr. Karl Müller, de quem eu soube do caso pela primeira vez, me passou uma breve sinopse dele em inglês, preparada a partir de Brazzini (1952) que, por sua vez, resumira o relatório de Bozzano.

Como calculei, as experiências de Bozzano se desenvolveram desde a

tenra infância até o início dos trinta anos. Podemos identificar várias fases distintas em suas ocorrências.

A primeira fase aconteceu no início da infância, mas Costa não menciona nenhuma idade em especial. Sua família tinha uma tela pendurada na parede da sala de estar, representando uma cena oriental: uma cidade com torres e domos dourados à margem de água (ele soube mais tarde que a pintura era de Constantinopla e do Bósforo). Essa pintura despertou nele uma série de imagens que se mesclavam em sua mente: cenas de um número enorme de homens armados, barcos partindo, bandeiras trêmulas, o ruído de batalhas, montanhas, o mar se estendendo até o horizonte, as colinas atapetadas de flores. Quando o jovem Costa tentou ordenar essas imagens em uma seqüência racional, não conseguiu. Mesmo assim, a aparente realidade o impressionou, e mesmo quando Costa era apenas uma criança, ele acreditava que, de alguma forma, vivenciara aquelas cenas que surgiam na sua mente.

Costa não diz onde nasceu, mas ele passou a primeira infância e a meninice em uma pequena cidade, Gonzaga, perto de Mântua. Lá ele freqüentou o liceu. Esses lugares ficam em um vale do rio Pó, onde a terra é plana e o mar está a cerca de cem quilômetros de distância. Costa garantiu que, seja qual for a origem dessas imagens da infância, não se baseiam em nada dos arredores daquela época de sua vida.

A próxima fase de suas experiências ocorreu quando, aos dez anos, o pai o levou pela primeira vez a Veneza. Assim que chegou, teve uma sensação de familiaridade com a cidade, como se tivesse estado lá muito tempo atrás. Nessa mesma noite, teve um sonho vivido. Nele toda aquela confusão, as imagens aparentemente desconectadas que ele tinha experimentado anteriormente se ordenaram em uma seqüência cronológica, como se segue:

Depois de uma longa viagem de barco, através de rios e canais, chegamos a Veneza. Viajamos em embarcações repletas de soldados armados vestidos com roupas da Idade Média. Eu aparentava ter 30 anos e tinha algum tipo de comando. Depois de uma estadia em Veneza, embarcamos em galeões nos quais ondulavam duas bandeiras: uma azul com a imagem da Virgem Maria entre estrelas douradas, e a dos Saboia, vermelha com uma cruz branca.[9] No galeão maior[10], que era mais colorido e mais decorado [que o outro], havia

[9] Pode-se questionar se um estudante da década de 1890, como suponho Costa tenha sido, reconheceria a bandeira medieval do Condado de Saboia. Isto parece ser menos implausível quando nos lembramos que a Itália só foi unificada na década de 1860 sob a casa de Saboia, que antes dessa época tinha tido governantes do Piemonte e da Sardenha. A bandeira azul mostrando a Virgem rodeada de estrelas douradas teria sido um detalhe menos acessível.

[10] Costa usou a palavra italiana maggiore (maior), que implica que havia apenas dois galeões.

alguém para o qual todos demonstravam grande respeito e que conversou comigo com grande cordialidade. Depois veio o mar, que parecia infinito, se estendendo além do horizonte. Então desembarcamos em uma terra ensolarada com um céu límpido da cor de cobalto. A seguir, a armada embarcou novamente e paramos em um lugar diferente. Lá os soldados foram reagrupados, havia barracas repletas de homens, sob uma cidade com velhas torres repletas de ameias. Em seguida veio o nosso ataque, uma batalha de tremenda violência que terminou ao invadirmos a cidade. Depois, finalmente, veio a marcha de nosso esplêndido exército na cidade com os domos de ouro sobre a baía maravilhosa. Era a majestosa cidade de Constantinopla, representada na pintura de [nossa casa em] Gonzaga, como soube mais tarde [Bozzano, 1940, pp. 317-18].

Costa enfatizou que as imagens de seu sonho reproduziram aquelas da primeira infância, mas o sonho os reuniu em uma ordem racional que fortaleceu a sua crença de ter vivenciado aquelas cenas dás imagens anteriores e do sonho.[11]

Desde o início da juventude, Costa se interessou por armas, esgrima, ginástica e hipismo. Ele se envolvia nessas atividades a ponto de negligenciar os estudos clássicos de latim e grego na escola. Entrou no exército voluntariamente e foi nomeado segundo tenente da Cavalaria Real de Piemonte. Depois ficou estacionado em Vercelli, que fica entre Milão e Turim. Lá a vida militar lhe foi prazerosa. Tudo lhe parecia tão natural, como se tivesse retomado uma ocupação anterior.

Em Vercelli, teve outra de suas experiências insólitas. Um dia, ele passava pela igreja de Santo André quando o som de uma música sagrada o impeliu para dentro da igreja. Entretanto, assim que entrou, teve sensações desagradáveis, um tipo de arrependimento que vinha do passado. Não soube como lidar com aquilo, mas concluiu que talvez tivesse participado de alguma cerimônia naquela igreja.

Depois desse episódio, Costa se envolveu em responsabilidades familiares. Suas lembranças aparentes de uma vida passada perderam a importância. Basicamente, ele era materialista e poderia ter se esquecido totalmente dessas experiências anteriores pouco comuns caso não passasse por uma outra tão completamente avessa às suas convicções.

Esta ocorreu quando ele se preparava para os exames finais de

[11] No caso de Georg Neidhart (incluído mais adiante nesta Parte) o sujeito em estudo também teve imagens desordenadas na infância que foram reunidas de forma coerente quando jovem adulto. Ruprecht Schulz, cujo caso descrevo na Parte III desta obra, teve na infância o que chamo de memória comportamental, mas ele não teve imagens de uma vida passada até a meia-idade.

graduação.[12] Estudou tanto tempo e tão intensamente que chegou a um estado de quase-exaustão, não conseguia mais ficar acordado e caiu prostrado na cama. Quando se virou durante o sono, bateu em uma lamparina de óleo, que ardia no quarto, e a derrubou. A lamparina começou a soltar fumaça tóxica que rapidamente tomou o quarto. Ele acordou, mas se viu acima de seu corpo físico olhando para si. Percebeu que sua vida corria risco, e em um ato extremo, de algum modo, conseguiu chamar a mãe pedindo socorro. Esta dormia no quarto ao lado. Ele a viu acordar assustada, ir até a janela do quarto, que ela abriu, e depois correr para o seu quarto, onde abriu as janelas para dispersar a fumaça.

Mais tarde, concluiu que esta ação salvou-lhe a vida. Costa ficou especialmente impressionado, quando, sabendo que fisicamente ele não poderia ter visto através da parede do quarto da mãe, ele perguntou-lhe se ela abrira a janela do quarto dela antes de ir socorrê-lo, e ela respondeu afirmativamente. Costa se sentiu liberado pela experiência e nunca mais duvidou, novamente, que o corpo e a mente são separáveis.[13]

A última de suas experiências incomuns, inclusive a mais impressionante, ocorreu quando ele e dois amigos fizeram um passeio pelo vale do Aosta[14] e visitaram vários de seus castelos. Costa se lembra das reações ao visitar três deles: Ussel, Fénis e Verrès. Em Ussel, ele teve uma sensação de tristeza e opressão. Como explicarei mais tarde, depois ele atribuiu esse mal-estar a acontecimentos da vida passada, que pôde verificar mais tarde. Em Fénis ele não passou por nenhuma experiência diferente.

Em contraste, em Verrès, ele ficou profundamente tocado. Descreveu que foi tomado de emoções profundas de tipos conflitantes: amor e arrependimento. (Não descreveu nenhuma nova ocorrência de imagens nesse estágio). Ele achou o castelo em ruínas tão emocionante que decidiu voltar para lá na hora do pôr do sol. Mais tarde, ao retornar, houve uma enorme tempestade, e ele se viu obrigado a passar a noite no castelo. Não parecia ser

[12] Deve ter sido para a sua qualificação como engenheiro. Costa não diz tão explicitamente, mas pode-se inferir que ele desistiu do exército e teve treinamento de engenheiro. Ou ele pode ter continuado ativo na cavalaria por meio período, sendo o serviço semelhante ao da Guarda Nacional dos Estados Unidos.

[13] O relatório de Costa inclui três características de experiências de quase-morte – que eu e os meus colegas propusemos – e que sugerem a sobrevivência da personalidade humana após a morte ao ocorrerem simultaneamente, que são: clareza extraordinária de consciência, ver o corpo físico de uma posição diferente no espaço e a percepção paranormal (Cook, Greyson e Stevenson, 1998).

[14] Aosta fica 80 km ao norte e ligeiramente a oeste de Turim. É a cidade principal de um vale extenso e importante estrategicamente (na Idade Média), perto da fronteira atual entre a Itália e a França.

habitado naquela época, mas Costa encontrou uma velha cama, onde pôde dormir. Apesar da violenta tempestade, ele se sentiu sereno e logo adormeceu. Depois de um tempo, acordou e percebeu uma luz que ele descreveu como fosforescente. A luz se expandiu até tomar a forma de um ser humano e depois, nitidamente, a forma de uma mulher. A figura sugeriu que Costa a seguisse, e foi o que aconteceu. No início, sentiu-se ligeiramente assustado com o fantasma, depois ele ficou fascinado, e ao se aproximar mais da figura, experimentou uma sensação de amor profundo. Depois ele ouviu a figura dizer: "Ibleto! Eu queria te ver mais uma vez, antes de a morte divina nos unir novamente... Leia perto da torre de Albenga o relato de uma de suas vidas passadas... Lembre-se de mim e de que estou esperando por ti até a hora chegar."

Costa soube na época em que visitou o castelo de Vèrres que um homem chamado Ibleto di Challant o construíra em 1380. Provavelmente também soube que ele fora um prestigiado conselheiro de Amadeus VI, conde de Saboia. No entanto, ele decidiu estudar qualquer coisa que pudesse encontrar "perto da torre de Albenga"[15]. Logo soube que há (ou houve, naquela época) várias torres em Albenga. Qual delas deveria procurar? Ao indagar no local, descobriu que o dono de uma delas era descendente da família di Challant. Então ele se apresentou ao proprietário, o marquês Del Carretto di Balestrina e, sob o pretexto de estudar história medieval, pediu permissão para examinar quaisquer registros referentes a Ibleto di Challant que estivessem disponíveis. O marquês, gentilmente, deixou disponíveis para Costa vários documentos, que ele herdara, sobre a família di Challant. Dentre eles, Costa encontrou uma biografia de Ibleto di Challant escrita por Boniface II, senhor de Fénis, que era um dos castelos visitados por Costa. Este trabalho era um manuscrito não publicado, escrito em francês.[16]

**O resumo de Costa, da biografia de Ibleto di Challant, por Boniface**

Ibleto di Challant nasceu em 1330, filho de Giovanni di Challant. Mais tarde, ele herdou meia dúzia de grandes propriedades inclusive Vèrres e Montjovet. Na sua juventude, fez parte da corte do conde de Saboia, Amadeus VI (1334-1383), conhecido como o "Conde Verde" devido à cor usada por

[15] Albenga fica na costa da Itália no mar da Ligúria. Fica cerca de 70 km a sudoeste de Gênova.

[16] Costa supôs que a biografia de Ibleto di Challant por Boniface fora escrita por volta de 1450. Foi no período francês da Idade Média. Costa descreveu o idioma como "tortuoso, complicado... e quase incompreensível". Fico surpreso que ele tenha conseguido ler e me questionei se a obra fora escrita em uma data posterior.

ele em torneios. Ibleto tornou-se conselheiro e companheiro de armas de Amadeus VI.

Na corte de Amadeus VI, Ibleto se apaixonou pela irmã do conde, Blanche de Saboia. Ele quis desposá-la, mas por razões de estado, Amadeus arranjou o casamento dela com Galeazzo Visconti, senhor de Milão. Com alguma relutância, Ibleto desposou Giacometta di Chatillon, indicada pelo seu pai.

Em 1366, Ibleto acompanhou Amadeus VI durante um tipo de cruzada tardia contra os turcos, perto de Constantinopla. A expedição embarcou de Veneza, parou em algum lugar em Morea (sul da Grécia) para reagrupa-mento, e foi até Gallipoli (que os turcos tinham tomado do decadente Império Bizantino em 1354). Depois de capturar Gallipoli, os italianos seguiram até Constantinopla. Então, Amadeus se encontrou com o imperador, ineficaz e sem vontade de colaborar na luta contra os turcos. Desencorajado pela pouca probabilidade de sucesso, Amadeus retornou à Itália e após essa data assumiu boa parte de seus negócios até a sua morte em 1383. Ibleto então se tornou conselheiro de seu filho Amadeus VII, conhecido como o "Conde Vermelho", assim designado por sua cor predileta.

Amadeus VII morreu aos 29 anos, sob circunstâncias um tanto misteriosas. Caiu do cavalo e depois teve um ferimento incurável na perna, pode ter morrido de tétano. Boniface declarou que ele morreu nos braços de Ibleto. Após a morte prematura de Amadeus VII em 1391, Ibleto continuou um tempo a serviço de Bona di Borbone, regente de seu filho, Amadeus VIII, na época com oito anos. Mais para o fim do século, cansado de intrigas e de guerras, ele se retirou para o castelo de Verrès, onde morreu em 1409.

Em 1377, Amadeus VI libertou a cidade de Biella (a nordeste de Turim) do controle do bispo de Vercelli. Ele capturou o bispo, que foi mantido prisioneiro por quase um ano no castelo de Montjovet de Ibleto di Challant. Por esta ofensa, o papa Gregório XI o excomungou. Em 1378, Gregório XI morreu e seu sucessor em Roma (foi a época do Grande Cisma no Papado), Urbano VI, liberou Ibleto da sentença de excomunhão sob a condição que ele expressasse seu arrependimento ao bispo de Vercelli na igreja de Sant'Andrea. Foi o que Ibleto fez. Costa acreditou que uma lembrança subliminar desta humilhação foi responsável pela sensação opressiva que teve ao visitar a igreja de Sant'Andrea em Vercelli quando jovem.

Costa também encontrou uma explicação para a sensação desagradável que experimentou em Ussel, quando soube (pelos documentos de Albenga) que dois membros da família di Challant, que mantinham o castelo de Ussel, tinham pilhado e saqueado as pessoas do vale. O conde de Saboia cobrou uma multa deles, mas isso não invalidou o dano que eles provocaram no nome da família.

**Outras informações sobre Ibleto di Challant**

Achei importante saber da vida de Ibleto por outras fontes além da biografia manuscrita de Boniface (presumivelmente não publicada).

O papel dos condes de Saboia no século XIV não motivou muito os historiadores anglo-saxões. Uma história razoavelmente detalhada de Veneza se refere em duas linhas à expedição do conde de Saboia contra os turcos em 1366 (Norwich, 1982). Esta obra menciona que Veneza contribuiu, a contragosto, com dois galeões para a expedição. Na história de Veneza do fim da Idade Média (Hodgson, 1910) encontrei o seguinte rodapé:

O conde de Saboia (Amadeus VI, apelidado "O Verde") partiu de Veneza a bordo de um navio em 1366, tomou Gallipoli e entrou em Constantinopla, onde descobriu que o imperador João V era prisioneiro do rei da Bulgária em Widdin. Ele pressionou, libertou o imperador e o trouxe de volta à sua capital... [p. 489].

O que para mim parecia ser um canto obscuro da história no início do século XXI pode não ter sido desconhecido de um estudante italiano do fim do século XIX. Descobri algumas informações sobre Ibleto di Challant em uma biografia do conde Amadeus VI de Saboia (Cognasso, 1926). Em várias páginas, esta obra se refere à cruzada de Amadeus contra os turcos em 1366. Descreve a partida de Veneza, o desembarque em Morea, depois a tomada de Gallipoli e a entrada em Constantinopla. A descrição da cruzada não contém referência à participação de Ibleto. Cognasso não o menciona até descrever os acontecimentos de 1374, quando Ibleto foi "capitão geral das forças piemontesas".

Em 1378, Cognasso escreveu que Ibleto di Challant suprimiu uma rebelião em Biella (a nordeste de Vercelli) e manteve o bispo como seu prisioneiro no castelo de Montjovet (de di Challant), mas Cognasso não menciona a excomunhão do papa por seu crime. O nome Ibleto é mencionado de tempos em tempos na narrativa de Cognasso sobre os últimos anos do reinado de Amadeus e do reinado muito mais curto de seu filho, Amadeus VII (Cognasso, 1926, 1931). Carbonelli (1912) menciona o serviço de Ibleto para a regente do menino Amadeus VIII, após a morte de Amadeus VII.

Duas biografias posteriores de Amadeus VI mencionam Ibleto mais algumas vezes (Cox, 1967; Savoia, 1956), porém, nenhuma se refere à participação de Ibleto na cruzada de Amadeus em 1366. Uma obra anterior, uma história detalhada da família di Challant, menciona a participação de Ibleto

nessa cruzada (Vaccarone, 1893). Esse livro também menciona a excomunhão de Ibleto por ter aprisionado o bispo de Vercelli em seu castelo de Montjovet, mas não cita um arrependimento formal posterior de Ibleto diante da igreja de Sant'Andrea em Vercelli.

Nenhuma fonte consultada confirmou que Amadeus VII morreu "nos braços" de Ibleto. Entretanto, ele pode ter estado presente quando de sua morte, e ele estava dentre os suspeitos, injustamente, de ter envenenado Amadeus.

Em três detalhes, o relato de Costa (baseado apenas na biografia de Boniface) diferiu de informações fornecidas por outras fontes. Ele escreveu que Amadeus levou dez mil soldados em sua expedição a Constantinopla em 1366, porém Cognasso estimou que ele não tivesse mais de dois mil homens, incluindo a cavalaria e a infantaria. Esta discrepância pode ter se originado de um erro por parte de Boniface. Uma segunda diferença ocorreu na descrição de Costa do combate na Turquia. Ele sugeriu que a batalha foi em Constantinopla.

O único combate na campanha foi, de fato, antes de Gallipoli. Depois os turcos renderam a cidade e de lá os partidários de Saboia marcharam facilmente até Constantinopla. A terceira discrepância parece ser a mais importante. Conforme mencionei, Costa soube por Boniface que Ibleto di Challant queria desposar Blanche, irmã de Amadeus VI.

Em vez disso, Amadeus arranjou um casamento com Galeazzo, vis-conde de Milão, que aconteceu em 28 de setembro de 1350 (Mesquita, 1941). Costa concluiu que a infelicidade de Ibleto devido ao seu amor desiludido por Blanche foi um fator para ele se juntar à cruzada. No entanto, a expedição para Constantinopla ocorreu apenas em 1366, e não parece plausível, embora não fosse impossível, que o amor frustrado de Ibleto por Blanche possa ter sido um fator para ele partir na cruzada, mais de 15 anos após o acontecimento.

**A identificação da figura que apareceu para Costa em Verrès**

Costa não identificou claramente a aparição que falou com ele durante a noite anterior no castelo de Verrès. Concluiu que ela poderia ter sido Blanche de Saboia, por quem Ibleto estava apaixonado. Também pensou que poderia ter sido Giacometta di Chatillon, com quem Ibleto foi casado.

Giacometta deve ter morrido antes de Ibleto, porque ele tomou como segunda esposa, Giovanna di Nus (Vaccarone, 1893). Costa não a menciona.

**Semelhanças físicas entre Costa e Ibleto di Challant**

Costa descobriu (provavelmente em Albenga) um retrato de Ibleto, que ele reproduziu em seu livro. Bozzano acredita que os rostos de Ibleto (conforme

está representado no retrato) e o de Costa eram tão parecidos que era possível tomar um pelo outro. Ibleto fora um homem grande, quase um gigante dentre os seus contemporâneos. Costa também era um homem grande, cujo tamanho e porte marcial impressionaram muito Bozzano.

**A convicção de Costa sobre as características paranormais de suas vivências**

Costa acreditava que os documentos (inclusive a biografia de Ibleto) encontrados em Albenga confirmavam os detalhes do sonho que teve quando era uma criança de dez anos ao ir para Veneza pela primeira vez. Ele achou especialmente impressionante a orientação que a figura da aparição lhe ofereceu para estudar documentos relevantes em Albenga. Esses documentos, ele soube, estavam com a família há séculos. No entanto, como uma bola caindo em uma máquina de fliperama, os documentos podem ter ido para outros descendentes. O nome di Challant não fazia parte do nome do marquês Del Carretto di Balestrina. Costa achou que poucas pessoas fora da família imediata do marquês teriam sabido que ele (o marquês) descendia de di Challant.

**Comentários**

Costa não mencionou nenhuma data da tela de Constantinopla pendurada na sala de estar de sua família e que estimulou as primeiras imagens de uma vida passada quando ele era criança. É provável que tenha retratado Constantinopla do século XIX, cuja aparência deveria ser bem diferente da cidade do século XIV. Ainda assim, talvez nem tudo tivesse mudado. O imperador Justiniano erigiu a atual construção de Haghia Sofia em 532 (os turcos a converteram em uma mesquita após terem conquistado Constantinopla em 1453; agora é um museu). A capa do relato de Runciman sobre o sítio de Constantinopla em 1453 retrata uma representação pintada em 1499 (Runciman, 1965); mostra os muros e várias torres, embora nenhum domo dourado. Devido a essas características e da localidade da cidade à margem de um grande corpo de água, o Bósforo, a pintura na parede da casa de Costa pode muito bem ter evocado lembranças de uma época anterior em Constantinopla.

Costa tinha dez anos quando foi para Veneza pela primeira vez com o pai. Um menino dessa idade, com certeza, teria aprendido alguma coisa sobre a história dos condes e duques de Saboia. O rei da Itália em 1890 era Umberto I, descendente de Amadeus VI. No entanto, podemos questionar se um menino

tão novo poderia ter aprendido sobre a cruzada que Amadeus empreendeu em 1366. Se for o caso, ele pode ter sabido que um homem chamado Ibleto di Challant teve um papel relevante naquela expedição.

As explicações normais, que nos levam tão longe, parecem não ter nenhuma força para explicar como Costa soube sobre os documentos a serem verificados que ele encontrou em Albenga. Bozzano obviamente ficou incomodado com o caso depois de ter ouvido Costa. Tentando acomodar outras explicações, ele veio a acreditar que Costa teve motivos para pensar que tinha se lembrado de uma vida anterior.

## BIANCA BATTISTA

Um relato deste caso apareceu inicialmente na revista italiana Ultra em 1911 (Battista, 1911), que consistia em uma carta escrita pelo pai de Florinda Battista, capitão do exército italiano. Delanne (1924) reimprimiu a carta em francês. A seguir, a tradução para o português.

### O relatório

Em agosto de 1905, minha esposa estava grávida de três meses quando, deitada na cama e totalmente acordada, teve uma experiência com uma aparição que a afetou profundamente. Nossa filhinha, que morrera três anos antes, apareceu de surpresa para ela, com alegria infantil, disse baixinho as seguintes palavras: “Mamãe, estou voltando.” Antes de minha esposa se recuperar da surpresa, a figura desapareceu.

Quando voltei para casa e minha esposa, ainda muito agitada pela experiência, me contou o fato, de início pensei que ela tivera uma alucinação. Ao mesmo tempo, não quis tirar dela a convicção de que estava recebendo um tipo de comunicação do céu; assim, concordei imediatamente com o pedido que ela fez de dar o nome da irmã mais velha falecida Bianca ao bebê que ia nascer. Naquela época, eu não tinha o conhecimento que obtive muito mais tarde de teosofia e poderia ter considerado insana qualquer pessoa que me falasse sobre reencarnação. Tinha bastante convicção de que a pessoa morre uma vez e não retorna ao mundo.

Seis meses mais tarde, em fevereiro de 1906, minha esposa deu à luz uma menininha que parecia sob todos os aspectos com a irmã mais velha. Tinha os mesmos olhos grandes escuros e cabelo crespo e grosso. Essas

características não afetaram a minha posição materialista; mas a minha esposa, encantada com o favor recebido, acreditava ter ocorrido um milagre e ter dado à luz a mesma criança duas vezes. Esta criança agora tem seis anos de idade e se desenvolveu precocemente como a irmã falecida, tanto emocional quanto intelectualmente. As duas garotas pronunciaram claramente a palavra "mamãe" aos sete meses de idade, enquanto nossas outras filhas, embora não fossem menos inteligentes, só conseguiram dizer a palavra aos doze meses.

Para melhor entendimento do que vou expor a seguir, devo mencionar que durante a vida da primeira Bianca tínhamos uma criada suíça chamada Mary, que falava apenas francês. Ela trouxe de suas montanhas nativas um tipo de cantilena, uma canção de ninar, que funcionava como se tivesse vindo diretamente da cabeça de Morfeu, pois tinha um efeito soporífero quando ela a entoava para a nossa garotinha.

Depois da morte de nossa filha, Mary voltou ao seu país, e encerramos todas as lembranças da canção de ninar, que tendia a nos fazer lembrar de nossa filha perdida. Nove anos se passaram e tínhamos nos esquecido completamente da canção de ninar; quando aconteceu um acontecimento extraordinário que reavivou a nossa memória. Uma semana atrás, eu estava com a minha esposa no escritório, ao lado do quarto, quando ambos ouvimos distintamente a canção, como um eco distante. O som vinha do quarto ao lado.

No início, nós dois nos mexemos perplexos e não reconhecemos a música como vinda de nossa filha. Ao entrarmos no quarto, vimos a nossa filha, a segunda Bianca, sentada na cama e cantando a canção com o mais perfeito sotaque francês. Era certo que nunca tínhamos lhe ensinado. Minha esposa, tentando não demonstrar nenhuma surpresa, perguntou-lhe o que estava cantando. Bianca respondeu que era uma música francesa. Ela não conhecia uma palavra em francês, além de algumas que as irmãs tinham ensinado. Depois eu perguntei: "Quem te ensinou essa música?" Bianca respondeu: "Ninguém. Aprendi sozinha." Depois, ela continuou a cantar como alguém que nunca tivesse cantado qualquer outra coisa na vida.

A partir dos fatos que narrei cuidadosamente, os leitores podem escolher interpretá-los como quiser. Quanto a mim, cheguei à seguinte conclusão: os mortos retornam.

## ALESSANDRINA SAMONÀ

O pai de Alessandrina publicou o primeiro relato a respeito (Samonà, 1911). Ele também era o pai de uma filha mais velha, que ele acreditava estar

reencarnada na filha mais nova. O relato gerou certa discussão entre os seus leitores por causa do pequeno intervalo – cerca de oito meses – entre a morte da filha mais velha e o nascimento de Alessandrina. Carmelo Samonà publicou mais informações sobre o caso quando ela tinha uns dois anos de idade (Samonà, 1913a). Ele também respondeu às críticas referentes ao curto intervalo entre a morte e o suposto renascimento (Samonà, 1913b, 1914). Em seguida, enviou um relatório sobre os desdobramentos posteriores sobre Alessandrina a Charles Lancelin, que mais tarde incluiu essas informações em um livro (Lancelin, 1922), que contém um relato da única lembrança com imagens que ela expressou em palavras.

## O relatório

As duas crianças relativas ao caso foram chamadas Alessandrina e para uma distinção mais clara entre elas, eu as denominarei Alessandrina I e Alessandrina II. Os pais eram Carmelo Samonà, médico de Palermo na Itália e a esposa, Adele. Eles tiveram três filhos.

Alessandrina I morreu de meningite com 5 anos de idade, em 15 de março de 1910. Três dias após a morte da criança, a mãe tomada pela dor sonhou com a filha falecida, que lhe disse: "Mãe, não chore. Eu não a deixei, só saí. Veja, eu vou ficar pequena assim." E ao dizer isso, ela fez um gesto para mostrar o tamanho pequeno de um bebê. Depois ela afirmou: "Vocês vão ter de sofrer novamente por mim." Três dias mais tarde, Adele Samonà teve o mesmo sonho.[17] Uma das amigas sugeriu que o sonho previa a reencarnação de Alessandrina I. Naquele ponto, Adele não sabia nada sobre reencarnação e, mesmo após ter lido um livro que a amiga lhe trouxera sobre o assunto, permaneceu cética sobre a possibilidade. Ela sofrerá um aborto espontâneo em 1909 e passara por uma cirurgia. Por isso, ainda tinha um pouco de sangramento uterino. Estas circunstâncias deixavam dúvidas se ela poderia engravidar novamente.

Alguns dias após os dois sonhos, quando Carmelo Samonà tentava confortar a inconsolável esposa, eles ouviram três batidas fortes, como se houvesse alguém na porta de entrada. Os três filhos, que estavam com eles, também ouviram as batidas. Pensaram que fosse a tia Caterina (irmã de Carmelo), que os visitava com freqüência àquela hora, e abriram a porta esperando encontrá-la. Mas não havia ninguém.

O episódio das batidas estimulou os Samonà a participar de sessões

[17] Chamei sonhos deste tipo de "sonhos premonitórios". Com freqüência, ocorrem em casos da Ásia, especialmente dentre as pessoas de Mianmar (Birmânia) e da Turquia. Também são freqüentes entre os casos dos tlinglits do sudeste do Alasca (Stevenson, 1987/2001).

mediúnicas[18] amadoras (o relatório de Samonà não relata como isso se passou, ou qual dos membros da família que participaram era visto como o médium responsável). Receberam comunicações que pareciam vir de Alessandina I e também de uma irmã falecida de Carmelo Samonà chamada Giannina, que morrera muitos anos antes, aos quinze anos. Nessas comunicações a suposta Alessandrina I disse que ela produzira as batidas que a família ouvira antes, a fim de chamar atenção para ela. Continuou a garantir à mãe que retornaria e disse que isso aconteceria antes do Natal. Ela queria que toda a família e os amigos soubessem de seu retorno. Repetiu isso com tanta freqüência que Carmelo começou a sentir tédio nas seções mediúnicas. Ele acreditava que o espírito comunicante de Alessandrina estava com a idéia fixa nessa preocupação que todos deveriam ser avisados de sua volta.

Em 10 de abril, Adele Samonà soube de sua gravidez (o relatório não diz como ela soube). Em uma sessão mediúnica em 4 de maio, o espírito comunicante de Alessandra I disse, de forma um tanto confusa, que havia alguém mais ao redor de sua mãe. Os Samonà não entenderam até que o outro espírito comunicante, Giannina, explicou que havia um segundo ser que desejava renascer como filho deles. Em sessões posteriores, o espírito comunicante de Alessandrina I falou que ela nasceria junto com uma irmã; e o espírito comunicante de Giannina disse aos Samonà que a Alessandrina II se parecia muito com a Alessandrina I.

Depois de um tempo, as comunicações mediúnicas cessaram. O espírito de Alessandrina I tinha explicado anteriormente que não haveria comunicações dela após o terceiro mês de gravidez, porque ele (o espírito comunicante de Alessandrina I) estaria "cada vez mais ligado à "matéria" e ao "sono" depois dessa época.

Em agosto, um obstetra examinou Adele e descobriu que ela estava grávida de gêmeos. O resto da gravidez não foi livre de sintomas problemáticos, que acabaram por cessar e, em 22 de novembro de 1910, ela deu à luz gêmeas. Imediatamente, notou-se que um dos bebês tinha uma semelhança física notável com Alessandrina I, e recebeu o mesmo nome, tornando-se, portanto, Alessandrina II. A irmã foi chamada de Maria Pace. Carmelo Samonà concluiu seu primeiro relatório do caso descrevendo três características físicas de Alessandrina II que lembravam Alessandrina I e eram diferentes de Maria Pace: hiperemia no olho esquerdo, seborreia na orelha direita e uma ligeira assimetria no rosto.

Apoiando suas declarações, Samonà publicou (como suplemento ao seu

[18] Carmelo Samonà, anteriormente, publicara um livro de pesquisas sobre o sobrenatural que, de acordo com Lancelin (1922), os investigadores competentes tinham elogiado muito. Eu mesmo não li esse livro.

relatório) várias cartas de membros da família e de amigos que testemunharam que tinham sabido dos sonhos de Adele antes do nascimento das gêmeas, das três batidas na porta e, em seguida, das sessões mediúnicas que incluíam a previsão do nascimento das gêmeas antes do Natal. De todas as confirmações, a da irmã de Samonà, Caterina, tem maior valor, porque ela visitava o irmão e a cunhada praticamente todos os dias e saberia rapidamente de cada desdobramento do caso.

No verão de 1913, quando Alessandrina II e Maria Pace estavam com dois anos e meio, Carmelo Samonà publicou um segundo relatório, no qual enfatizava as semelhanças de comportamento das duas Alessandrinas (Samonà, 1913a). Em geral, as duas Alessandrinas eram quietas e ficavam sentadas satisfeitas no colo da mãe; Maria Pace, embora não fosse menos afetiva em relação à mãe, era um pouco mais agitada, buscava a mãe e logo saía novamente para brincar. As duas Alessandrinas não ligavam muito para os brinquedos, porém, gostavam de brincar com outras crianças. Tinham fobia de barulhos altos e de barbeiros, e ambas odiavam todos os tipos de queijo. Maria Pace não apresentava essas características. As Alessandrinas apreciavam dobrar e alisar roupas e outros panos como lençóis e toalhas. Também gostavam de brincar com sapatos e, às vezes, brincavam de calçar sapatos que obviamente eram grandes demais para elas. Maria Pace não se envolvia nesses tipos de brincadeiras.

Às vezes, as duas Alessandrinas se referiam a si próprias na terceira pessoa. Diziam, por exemplo, "Alessadrina tem medo". Tinham o hábito de modificar os nomes das pessoas de brincadeira, por exemplo, chamavam a tia Caterina de "Caterana". Maria Pace não fazia esse tipo de jogos verbais.

Em 1913, as semelhanças físicas entre as duas Alessandrinas se tornaram mais evidentes do que quando as gêmeas nasceram. Em seu segundo relatório, Carmelo Samonà publicou fotografias de Alessandrina I aos três anos e oito meses e das gêmeas aos 2 anos de idade (Samonà, 1913a). As fotografias mostram a assimetria no rosto das Alessandrinas. Nas duas, o olho esquerdo está claramente mais próximo à linha central que o olho direito e a junção labial esquerda é mais curta que a direita. Maria Pace não apresentava essa assimetria facial.[19] Carmelo Samonà considerava que a Alessandrina II lembrava a Alessandrina I "perfeitamente", exceto que ela era ligeiramente mais loira que a irmã mais velha falecida. As duas Alessandrinas eram canhotas, mas Maria Pace e todos os outros membros da família eram destros.

Os relatórios deste caso receberam alguma atenção na Europa, pelo

[19] A assimetria facial das duas Alessandrinas também me impressionou e publiquei as fotografias de Samonà das duas Alessandrinas em um breve relatório sobre o caso (Stevenson, 1997).

menos dentre os aficionados de leitura espiritualista. Dentre estes estava Charles Lancelin, que se correspondeu com Carmelo Samonà sobre o caso das gêmeas. Lancelin reproduziu em um livro uma carta que recebeu de Carmelo Samonà datada de 20 de março de 1921 (Lancelin, 1922). Esta carta se refere às contínuas diferenças entre as gêmeas e a persistente semelhança entre Alessandrina II e Alessandrina I. Enquanto isso, Alessandrina II desenvolveu interesse em "questões espirituais" e às vezes, meditava, tendo pouco interesse por prendas domésticas. Por outro lado, Maria Pace gostava de brincar com bonecas e se interessava por assuntos domésticos.

Carmelo Samonà incluiu em sua carta um relatório da única ocasião em que Alessandrina II mencionou qualquer acontecimento da vida passada. Cito os parágrafos relevantes da carta:

Dois anos atrás [quando as gêmeas teriam 8-9 anos de idade] discutíamos com as gêmeas de irmos a uma excursão até Monreale [uma cidade 10 km a sudoeste de Palermo]. Como sabem, Monreale tem a mais deslumbrante igreja normanda do mundo. Minha esposa disse às nossas garotas: "quando forem a Monreale, verão coisas que nunca viram antes". Alessandrina [II] respondeu: "Mas, mamãe, eu conheço Monreale, já estive lá antes." Então, a minha esposa disse que ela nunca tinha estado lá. Alessandrina [II] respondeu: "Fui sim. Eu fui lá. Você não lembra que tem uma igreja linda com um homem enorme no teto com os braços abertos?" (Neste ponto, ela reproduziu o gesto, abrindo os braços). "E você não se lembra que estivemos lá com uma senhora que tinha chifres e que conhecemos alguns padres pequenos que usavam roupas vermelhas?"

Não tínhamos a mínima lembrança de ter conversado com as gêmeas sobre Monreale; Maria Pace não sabia de nada a respeito do lugar. Pensamos que algum outro familiar tivesse conversado sobre aquela igreja magnífica com a estátua de Jesus no pórtico. Porém, no início, não conseguimos atinar o que seria a "senhora de chifres" e os padres com roupas vermelhas. Então, de repente, minha esposa se lembrou que tínhamos ido a Monreale e levado Alessandrina [I] conosco. Fora alguns meses antes da morte de nossa filha. Também levamos uma amiga nossa que morava em outra cidade e que também tinha ido a Palermo para consultar médicos sobre umas excrescências na testa. Ainda mais, assim que entramos na igreja, encontramos alguns padres ortodoxos que usavam batinas azuis com enfeites vermelhos. Depois nos lembramos que esses detalhes tinham impressionado Alessandrina [I] muito.

Mesmo que supormos que um de nós tivesse falado com a Alessandrina [II] sobre a igreja em Monreale, não é possível que essa pessoa tenha mencionado a "senhora com chifres" ou os "padres com roupa vermelha" porque estas são características de nenhum interesse para nós.

**Comentários**

Como mencionei, os estudiosos contemporâneos sobre este caso questionaram o curto intervalo – oito meses – entre a morte de Alessandrina I e o nascimento de Alessandrina II.

Os críticos notaram que Adele Samonà apenas teve consciência de estar grávida em 10 de abril de 1910 que, presumindo que ela engravidou uma semana ou algo assim antes, levaria a duração da gravidez talvez não muito além dos sete meses. Porém, uma gestação desse tempo não é incompatível com a sobrevivência de bebês gêmeos. Em uma das respostas aos críticos que afirmaram que a alegada gestação fora curta demais, Samonà citou vários textos de obstetrícia que mencionam a ocorrência comum de

prematuridade em gravidez gemelar (Samonà, 1914). Uma monografia publicada recentemente sobre gêmeos afirma o fato (Segai, 1999).

Os estudiosos do caso também sugeriram que o fato pode ter se desenrolado de uma impressão maternal[20] por parte de Adele Samonà agindo sobre a filha em gestação que, para satisfazer sua dor intensa, ela identificou como a reencarnação de Alessandrina I.[21] Esta explicação nos leva a um distanciamento do fato, mas parece insuficiente para explicar o conhecimento detalhado que Alessandrina [II] tinha da visita de Alessandrina [I] a Monreale.[22]

## BLANCHE COURTAIN

Este caso foi inicialmente publicado em 1911 no Le Messager de Liège, uma publicação espiritualista. O autor do artigo obteve as informações do pai dela, P. Courtain, que na época era mecânico aposentado e que antes trabalhara no sistema ferroviário da Bélgica. A família morava em Pont-à-Celles, um vilarejo na área de Charlerai, uns 40 km ao sul de Bruxelas.

### O relatório

A família referente a este caso não sabia absolutamente nada sobre

[20] Publiquei relatórios detalhados com casos ilustrativos e referências extensas a outras publicações sobre impressões maternais (Stevenson, 1992,1997).

[21] Na Parte II, eu me referi a uma crença dentre os europeus de que uma criança nascida posteriormente possa ser a reencarnação de um irmão morto.

[22] Em outro tipo de casos mais recentes de reencarnação, o intervalo entre a morte da personalidade anterior e o nascimento do indivíduo foi menor que nove meses. Exemplos ocorreram nos casos de Ravi Shankar Gupta, Sujith Lakmal Jayaratne e Cemil Fahrici.

espiritualidade quando o caso que eu narro aconteceu. Eles se convenceram da sua veracidade devido aos acontecimentos que descreverei. Esta família é formada inteiramente de pessoas de confiança. Dentre os filhos, tiveram duas filhas que tinham na época sete e cinco anos. A filha mais nova chamava-se Blanche e tinha saúde delicada. De tempos em tempos, ela dizia aos pais que via "espíritos". Ela descreveu os avôs maternos e paternos que já tinham morrido uns 15 anos antes de Blanche nascer. Os pais dela pensaram que suas visões fossem talvez sintoma de alguma doença e a levaram para ver um médico em Gouy-lez-Piétons. O médico interrogou Blanche, examinou-a, e depois deu aos pais remédios para ela. A visita e os remédios custaram sete francos e meio.

No dia seguinte, Blanche disse aos pais de forma determinada: "Não vou tomar o remédio que o médico me receitou." "Por que isso?" o pai questionou. "Você quer jogar fora sete francos e meio. Você deve tomar o remédio." "Não" Blanche respondeu: "Não vou tomar. Alguém perto de mim me disse que vou ficar bem, mesmo sem esse remédio. Além disso, eu mesma sei o que devo fazer. Fui farmacêutica." "Você foi farmacêutica?", os pais questionaram surpresos e se perguntaram se Blanche estaria ficando louca. "Sim," Blanche afirmou. "Fui farmacêutica em Bruxelas." Então ela deu o nome da rua e o número da farmácia. "Se não acreditam em mim, vão lá ver. Ainda há uma farmácia lá e a porta do local é totalmente branca."

Os pais de Blanche não sabiam o que dizer ou fazer sobre as afirmações e não tocaram no assunto por algum tempo. Certo dia, uns dois anos mais tarde, a irmã mais velha de Blanche deveria ir a Bruxelas, e os pais sugeriram que Blanche também fosse. "Sim," Blanche respondeu, "Eu vou e vou levar a minha irmã até o lugar que eu falei". "Mas você não conhece Bruxelas", os pais insistiram. Ao que Blanche respondeu: "Não tem importância. Assim que chegar lá, vou mostrar o caminho à minha irmã."

A viagem ocorreu conforme o esperado. Quando as duas irmãs chegaram à estação ferroviária em Bruxelas, a irmã mais velha disse a Blanche: "Agora, mostre o caminho." "Tudo bem", Blanche respondeu. "Venha, é por aqui." Caminharam por um tempo e então Blanche disse: "E nesta rua. Veja! Há uma casa e dá para ver que é uma farmácia." A irmã, surpresa, encontrou o que a Blanche dissera: a rua, o número da casa e a cor da porta eram exatamente como Blanche descrevera. Nenhum detalhe estava errado.

**Comentários**

Nos séculos XIX e XX, os espiritualistas do continente europeu, geralmente, acreditavam na reencarnação (exceto os da Grã-Bretanha). O relator

deste caso não viu necessidade de incluir detalhes adicionais neste relato e provavelmente nunca exigiu mais nada.

Um leitor deste relatório achou improvável que crianças de apenas nove e sete anos tivessem permissão de viajar de trem para Bruxelas. O relator do caso não menciona nada a respeito. A viagem teria durado uma hora ou menos, e posso supor que o pai da criança teria pedido ao bilheteiro para ajudar as crianças, caso precisassem. Pelo visto, isto não foi necessário.

## LAURE RAYNAUD

Um relatório do caso foi inicialmente publicado na Psychic Magazine na edição de janeiro de 1914. O autor foi o Dr. Gaston Durville, médico de Paris (não vi este primeiro relatório). Em seguida, Lancelin (1922) e Delanne (1924) publicaram trechos do relatório de Durville. Ao comparar os dois últimos relatórios que citam longos trechos do primeiro relatório de Durville, descobri que, embora eles concordem com o básico, cada um contém detalhes omitidos pelo outro.

### O relatório

Laure Raynaud nasceu no vilarejo de Aumont, perto de Amiens, França, em 1868. Mais tarde, sua mãe disse a Durville que Laure, ainda criança, se rebelava contra os ensinamentos da Igreja Católica. Rejeitava as noções de céu, Inferno e purgatório, dizendo que após a morte retorna-se para a Terra em outro corpo. Os pais tiveram de forçá-la a assistir às missas. O padre da paróquia costumava visitá-la e ouvi-la fascinado, mas saía confuso e zangado. Por seu lado, Laure Raynaud achou prudente parar de desafiar as crenças convencionais.

Aos 17 anos, formou-se terapeuta e foi trabalhar em Amiens. Mais tarde, ela se mudou para Paris, onde inicialmente aprendeu "magnetismo" (um precursor da hipnose) na escola de Hector Durville (creio que Hector fosse parente, talvez irmão de Gaston Durville). Depois, ela continuou a trabalhar como terapeuta. Nos últimos dois anos de vida (1911-13) Gaston a empregou na sua clínica em Paris. Ela se casou em 1904. O relatório de Durville não sugere que Laure tenha falado sobre lembranças específicas de uma vida passada quando era criança. Seu marido disse a Durville que Laure tinha conversado com ele sobre essas memórias desde o tempo em que se viram

pela primeira vez. Na época em que trabalhou para Durville, ela falava abertamente sobre essas lembranças a qualquer pessoa disposta a ouvir. Embora cético, Durville ouvia.

Laure Raynaud afirmou os seguintes pontos a respeito do que ela afirmava serem lembranças de uma vida passada:

Ela tinha morado em uma região de clima ensolarado, em algum lugar do sul, talvez no Egito ou na Itália (ela achava que o país era mais provavelmente a Itália).

- Ela morava em uma casa grande, muito maior que as casas comuns.
- A casa tinha várias janelas bem grandes.
- As janelas tinham a forma de arco em cima.
- Havia um enorme terraço na casa.
- A casa tinha dois andares.
- Em cima da casa havia um outro terraço.
- A casa ficava em um parque grande com árvores antigas.
- O terreno descia adiante da casa e subia atrás ela.
- Ela teve alguma doença séria "no peito" e tossia muito.
- Perto da casa grande, havia casas pequenas, onde moravam os trabalhadores.
- Ela tinha por volta de 25 anos.
- Esta vida ocorreu cerca de um século antes.

As imagens desta vida parecem totalmente claras para Laure. Ela se estende especialmente nas cenas de caminhada pelo amplo terraço e de passeios pelo parque, todo o tempo não se sentindo muito bem. Ela se via depressiva e irritada, talvez amargurada pela doença e temerosa da morte iminente.

Laure não se lembrava de nenhum nome da vida passada — nem de pessoas ou de lugares específicos. Contudo, ela tinha certeza de que reconheceria a casa onde morava se a visse novamente.

Em março de 1913, uma das pacientes ricas de Durville, que morava em Gênova, Itália, pediu que ele fosse até lá para examiná-la e tratá-la. O médico estava ocupado demais para deixar Paris na época e pediu que Laure fosse a Gênova e fizesse o que fosse possível pela paciente. Laure concordou e partiu para a Itália de trem. Ao chegar a Turim, ela começou a sentir uma familiaridade com a paisagem do campo pela qual o trem passava, e este sentimento começou a ficar mais forte ao chegar a Gênova. Lá ela mencionou a sua crença em ter tido uma vida passada naquela região às pessoas com as quais se hospedava. Falou do desejo de encontrar a casa que descrevera.

Um de seus hospedeiros, Piero Carlotti disse que conhecia uma casa nos arredores de Gênova que parecia corresponder à descrição e se ofereceu para levá-la até o lugar. Ela aceitou e eles foram para lá de automóvel. Laure disse que aquela casa, em particular, não era a que ela se lembrava, mas pensou que a outra estaria por perto. Então começaram a andar de carro e chegaram até uma mansão grande que Laure reconheceu como sendo "a dela". Pertencia a uma família famosa genovesa, os Spontini. A casa correspondia à descrição de Laure. Sua característica dominante era o grande número de janelas excepcionalmente altas, encimadas por arcos. Havia um terraço enorme ao redor do piso inferior da casa e um terraço menor em cima.

A fotografia da casa mostra que ela tem três pisos, embora seja possível, dado ao terreno acidentado, que um andar possa ter sido um tipo de porão. A fotografia analisada não ilustra o parque e as árvores nem mostra o desnível diante da casa e o aclive atrás dela. Lancelin descreveu esse terreno de acordo com as palavras de Laure.[23]

Satisfeita por ter localizado a casa da vida passada de Laure, ela e Piero Carlotti retornaram para Gênova. Lá Laure aparentemente recuperou uma outra lembrança que não tinha tido antes. Disse ter certeza de que, na vida anterior, seu corpo não fora enterrado em um cemitério, mas dentro de uma igreja. Piero Carlotti narrou este detalhe para Gaston Durville, que iniciou uma busca nos registros da paróquia onde vivia a família Spontini.

Um correspondente de Gênova encontrou o seguinte registro e o enviou para Durville:

23 de outubro, 1809. Giovanna Spontini, viúva de Benjamino Spontini, que morou por vários anos em sua casa, era doente crônica e seu estado de saúde deu origem a muita preocupação após ela ter pego um grave resfriado. Ela faleceu no dia 21 daquele mês. Foi recomendada por todos os ofícios da Igreja e hoje, com a nossa permissão e a do prefeito, por escrito, seu corpo foi trazido para dentro da igreja de Notre-Dame-du-Mont com uma cerimônia privada. Laure morreu alguns meses após ter retornado de Gênova a Paris, no fim de 1913.

Gaston Duville concluiu seu relatório sobre as alegadas lembranças de Laure Raynaud com a seguinte afirmação: "Portanto, será que este é um caso de reencarnação? Devo dizer que não sei nada sobre o assunto, mas acredito que a hipótese de reencarnação não é mais absurda que qualquer outra" (Lancelin, 1922, p. 373; Delanne, 1924, p. 297).

[23] O texto de Delanne difere do de Lancelin neste detalhe. Delanne menciona apenas um desnível, na parte de trás da casa que, segundo ele, ao contrário da declaração de Laure Raynaud, era um declive.

**Comentários**

A falha de Laure Raynaud em mencionar nomes específicos nos força a considerar a probabilidade de acaso na correspondência entre suas declarações e os detalhes obtidos sobre a vida de Giovanna Spontini e da casa onde ela morou perto de Gênova. Os detalhes da descrição da casa de Laure estão todos, exceto um, corretos em relação à casa identificada por ela. No entanto, eles não são independentes um do outro e os detalhes provavelmente poderiam ser encontrados em outras mansões italianas de estilo renascentista. Se adicionarmos a essas informações as referentes à proprietária com doença crônica, cujo corpo foi colocado dentro de uma igreja em vez de um cemitério, a probabilidade de coincidência diminui significativamente.

## GEORG NEIDHART

Em 1924, Georg, então com 26 anos, ficou deprimido e, durante essa fase, vivenciou uma série de imagens que ele credita terem origem de uma vida passada na floresta da Baviera durante o século XII. Ele passou vários anos, inicialmente tentando encontrar o local dessa vida, e depois se esforçando para confirmar alguns detalhes de suas imagens. Acreditou ter sido bem-sucedido. Chegou à conclusão que viveu no castelo de Weissenstein, perto de Regen, na Baviera. Por algum tempo, ele não contou a ninguém sobre sua experiência e suas conclusões a respeito; mas por fim, começou a divulgá-la para outras pessoas. Mais tarde, publicou um livreto sobre reencarnação no qual incluiu um relato detalhado de sua experiência e de seus esforços em comprová-la (Neidhart, 1957). Enquanto isso, ele leu extensivamente literatura sobre pesquisas a respeito do sobrenatural ou espiritualidade em geral. Fundou uma pequena sociedade para discutir experiências paranormais e espirituais. Em 1927, ele se casou com a segunda esposa, Anneliese, e em 1936, nasceu Angelika, sua única filha.

Soube deste caso no início da década de 1960 e me encontrei com Georg Neidhart, a esposa (Anneliese) e a filha (Angelika) na casa deles em Munique, inicialmente em maio de 1964 e depois em outubro de 1965. Georg Neidhart morreu em 1966.

Em seguida, visitei Anneliese e Angelika de tempos em tempos quando eu estava em Munique, onde, dentre outras pesquisas, usei a Staatsbibliotek para estudar fontes relevantes de informação para este caso.

Em abril de 1971, fui até Regen, acompanhado de Anneliese Neidhart.

O escritório do prefeito gentilmente fez arranjos para que Alfons Schubert, conhecedor de Regen, do castelo de Weissenstein e dos arredores, nos propiciasse um passeio guiado completo. Como explicarei mais tarde, o castelo, exceto a torre, era apenas uma ruína e não posso assegurar ter aprendido nada de novo durante essa visita.

**O relatório**

Apresento aqui a minha tradução do relato de Georg Neidhart sobre sua experiência de ter tido lembranças de uma vida passada.

Minha vida começou em maio de 1898. Não diferia em questões essenciais da de milhões de outras pessoas. Foi definida pelas circunstâncias em que nasci, principalmente pela situação econômica de meus pais e pela situação política geral da época. Como meus pais eram católicos, cresci dentro dessa fé. Durante meu tempo de escola secundária, meu treinamento religioso foi se tornando cada vez mais profundo e foi fortalecido por um instrutor de religião extraordinariamente bom e inesquecível. Enquanto minha excelente mãe carinhosamente assistia ao bem-estar de minha alma, meu pai, bastante severo, me levou à pontualidade consciente e a um senso de responsabilidade. Ao todo, durante a infância, tive poucas necessidades não atendidas.

Depois de freqüentar a escola secundária, comecei a aprender o ofício de meu pai [manufatura de cobre]. Com o início da 2ª Guerra Mundial, tive de desistir do meu aprendizado. Ainda tinha menos de 19 anos quando fui convocado para servir na Marinha Imperial [alemã]. Com esta mudança de circunstâncias externas, minha vida espiritual também deu uma guinada de importância fundamental.

Na Marinha, passei por treinamento para ser operador de rádio e depois fui convocado para trabalhar em navios a vapor de pesca e em várias "patrulhas suicidas" no mar Báltico. Depois de quase dois anos de serviço na guerra, repleto de muitas mudanças e perigos, fui dispensado em le de janeiro de 1919.

Ao retornar para a minha cidade natal, Munique, eu me deparei com uma situação totalmente mudada. O barômetro político apontava para tempestades. Havia uma revolução em progresso, e as balas cortavam o ar. Cadáveres, inclusive alguns de crianças, na maioria de vítimas inocentes, eram largados nas ruas, oferecendo um espetáculo grotesco. Depois, a inflação que logo se instalou arruinou todos os planos. Em conseqüência, tive de abandonar a idéia de me tornar engenheiro. Depois veio o meu exame de qualificação para a profissão, o meu [primeiro] casamento, o nascimento de uma filha e a morte

de minha esposa – tudo aconteceu em menos de dois anos. Quando tudo terminou, eu ainda tinha menos de 25 anos.[24]

Foram golpes terríveis do destino que me abateram em tão pouco tempo. A alegria e o sofrimento — os eternos e mutáveis antônimos da existência humana – pareciam estar associados naqueles dias. Naturalmente, aqueles anos fatídicos não deixaram de ter conseqüências. A crença em um Criador impessoal, incompreensível, porém justo, rompeu na base. As dúvidas surgiram e se tornaram mais fortes que a crença anterior. Não conseguia ver nenhuma forma de alcançar o amor perfeito e misericordioso de Deus. A minha oposição a Deus cresceu tanto que as minhas orações eram mais uma batalha contra a questão da justiça básica de Deus que um pedido solicitado humildemente.

Naquele estado de conflito espiritual, tentei cada vez mais esquecer os próprios golpes do destino contra mim que, no entanto, eu ainda encarava como injustos. Porém, e apesar de meus esforços, toda essa questão sobre a justiça e o amor divinos continuava a me afetar, não fora suprimida e me consumia completamente. Meu confessor daqueles dias pensava entender os meus problemas, e seus conselhos bem-intencionados e seus incentivos me levavam a virar as costas para uma solicitação séria e mesmo para implorar pelo Deus todo-poderoso.

Enquanto essa luta se passava dentro de mim, mudei completamente as condições externas da minha vida. Não tinha lugar próprio para morar, e um amigo me deixou morar com ele. Minha vida começou a ficar mais parecida com a de um ermitão que com a de um homem de negócios ou um artesão. Em um círculo de amigos ao qual me reuni, conversamos sobre o misticismo cristão e outros problemas religiosos. Entoávamos canções religiosas com vigor. Raramente nos encontrávamos sem cantar pelo menos uma ou mais músicas religiosas. Também começamos a organizar uma biblioteca.

Porém, ela consistia principalmente na Bíblia, em livros sobre o misticismo cristão e em outros escritos religiosos, além de livros sobre música.

Durante esse período passei por uma experiência que me afetou profundamente e me transformou completamente. Eu me esqueci totalmente de todo o meu sofrimento e abandonei a luta contra o destino. Virei outra pessoa, completamente diferente, um homem que agora entendia por que o destino o tinha fustigado com tanta violência.

A experiência começou em uma manhã de primavera, um dia límpido e sereno que permanecerá na minha memória para sempre. Nesse dia tive uma experiência interior que foi totalmente nova para mim. De uma forma

[24] A cronologia de Georg Neidhart parece um pouco desconexa aqui. Ele fez 25 anos em 1923. A horrorosa inflação na Alemanha, à qual ele se referiu, durou dos últimos meses de 1922 até dezembro de 1923.

incomum, tive experiências semelhantes em épocas especiais nos anos que se seguiram e até por décadas.

Agora tenho uma excelente capacidade para recuperar lembranças. Apenas os nomes me criam um pouco de dificuldade. Desde aquela manhã de primavera, soube que é possível lembrar – que se pode cruzar o limiar do nascimento – e vivenciar imagens visuais e até auditivas de acontecimentos de outro período de tempo, séculos atrás. Com certeza eu não sonhava. Eu aprecio o sono calmo, profundo e sempre sem sonhos. Na noite anterior a esta primeira experiência em especial, também não tive nenhum sonho. O dia começou como qualquer outro. Tomei o desjejum, e de forma alguma estava perturbado pelos meus pensamentos; meus sentidos e pensamentos estavam claros. Nada indicava qualquer coisa incomum como o que ocorreu durante as horas seguintes.

Nesse estado completamente despreparado, apareceu na minha mente uma mistura totalmente surpreendente de imagens de uma época séculos antes. Toda a experiência foi tão peculiar e tão surpreendente que tive a determinação de fazer um registro por escrito. Não esperava, entretanto, que esta decisão [de fazer um registro escrito] tivesse qualquer conseqüência em particular. Dez dias, inclusive alguns períodos de falta de sono à noite, se sucederam antes de eu terminar a seqüência e chegar ao fim [das imagens].

O que eu tinha escrito naquela época me forneceu os principais acontecimentos de uma vida passada – em várias cenas e imagens – com alguns protagonistas e personagens secundários envolvidos. Os detalhes de datas, nomes e lugares propiciaram toda uma gama de graus de plausibilidade. Eu me senti completamente identificado com as cenas vivenciadas. Eu estava vivendo, chorando, rindo e lutando como a figura principal de um quadro inteiro. Não era um acontecimento externo que me afetava ou influenciava de alguma forma. Ao contrário, era algo que se erguia das camadas mais profundas dentro de mim. Quando reflito sobre toda essa experiência agora, não consigo entendê-la de outra maneira.

Mais tarde, li e estudei bem tudo o que pude encontrar escrito em livros ou artigos sobre a parapsicologia, o misticismo, os estudos científicos da religião e problemas filosóficos semelhantes. E ainda hoje leio tudo o que encontro impresso sobre esses assuntos.

O estudo intensivo desses livros e artigos me deu a idéia não apenas da possibilidade de verificar a minha experiência de forma definitiva, como também de avançar no conhecimento desse campo, além do que eu já possuía. A idéia também me ajudou, porque foi apenas dessa forma [por meio de meus esforços para verificar a experiência] que cheguei à firme conclusão de que não tinha caído em um estado ilusório nos dias em que passei por essas experiências incomuns.

Meus infortúnios me ensinaram que sempre se deve terminar as coisas sozinho. Isso me levou a tomar a decisão de descobrir a verdade da minha experiência, sozinho.

Como já indiquei, tinha o sentimento definitivo de que essas visões interiores se referiam a uma existência passada. Em relação a essa vida, a questão de justiça divina parecia ter sido respondida, e decidi que as existências terrenas têm um tipo de curso de penitência pela culpa que se estende por várias existências terrenas. Na verdade, acredito que é possível ir mais longe ainda. Parece-me que tive ligações no presente com pessoas que viveram então [nos dias das visões interiores] e estão vivendo novamente agora e de alguma forma estão ligadas pelo destino com a minha vida presente. No entanto, essa crença não leva em si a um entendimento detalhado e preciso. Em nome do espírito científico, devo entrar em mais detalhes. A partir das notas que escrevi na época da experiência, apresentarei agora um relato das, partes [da experiência] que me parecem ser válidas e suscetíveis de confirmação.

Temos de começar pelo ano 1150 d.C. porque isto realmente aparece em minhas notas e creio que esse ano fornece o ponto de partida para as minhas investigações. Com certeza, não é questão de menor importância o fato de estarmos considerando um intervalo de 775 anos.[25] Temos de levar em consideração que quase nenhuma – ou muito poucas – pessoa de importância histórica é personagem nos eventos relatados [da visão interior]. De modo semelhante, toda a região [onde houve os acontecimentos] era muito pouco conhecida [dos outros lugares] na época, fato que tornou a investigação especialmente difícil.

Minhas lembranças se iniciam com a descrição do castelo por volta do ano 1150 conforme está no meu esboço.[26] Fica no cimo de uma montanha sobre rochas escarpadas e tem uma forma trapezoide, necessária devido à formação dos rochedos. O acesso ao castelo é feito por uma ponte levadiça de madeira, que cruza um fosso extremamente fundo, que serpenteia ao redor da montanha. Chega-se ao pátio do castelo por meio de um portão levadiço. Dentro, à direita e ao lado da área pequena do castelo, eleva-se uma torre robusta de quatro faces sobre penhascos rochosos e íngremes. Sua superfície achatada no nível superior, cercada de ameias, oferece uma ampla vista do território circundante. Dos dois lados mais compridos dos penhascos íngremes e acidentados, quase verticais, ergue-se a área de moradias [do castelo]. São

[25] Georg Neidhart quis dizer aqui o intervalo entre 1150 d.C. e 1924, quando ele teve esta experiência e fez as anotações e não 1957, quando o relato foi escrito e publicado pela primeira vez na sua totalidade.

[26] No seu livreto, Georg Neidhart reproduz o esboço do castelo que ele parece ter visto durante sua experiência. O esboço tem as iniciais GBN e a data 1924 escritas nele.

edificações amplas, de vários pisos, construídas de forma robusta e assentadas nas profundezas [dos penhascos] e também acima delas. Uma escadaria de duas passagens conduz às áreas superiores de uma delas [dessas edificações]. Diante da escadaria externa está um poço de madeira com uma manivela cercada por um muro de pedra. A planta e a edificação do castelo revelam uma ousadia definitiva que inquestionavelmente cria a impressão de algo bastante extraordinário, se não único.

Minhas "visões interiores" me levam de Munique, onde eu morava, para uma direção mais ao nordeste, cruzando o rio Danúbio até uma área que era solitária, subdesenvolvida, montanhosa e coberta de floresta virgem. As montanhas parecem todas de mata fechada. Não muito distante do castelo, um riozinho serpenteia pelo campo e no fim, depois de um curso cheio de meandros, finalmente chega até o Danúbio. Na parte norte do Danúbio, uma cadeia de montanhas altas domina o castelo. Se alguém se aproximar dele pelo oeste é difícil avistá-lo.

Não consegui o nome do castelo em minhas "visões interiores". Apenas tive a impressão de estar próximo a uma estrada importante, muito usada em 1150. Também havia duas outras estradas que se entrecruzavam perto do castelo. Mas não eram relevantes e poderiam ser consideradas meras passagens.

Em minha "visão interior" estou em pé sobre a alta torre de quatro faces e olho para a área de campo ao redor. Podem-se avistar apenas montanhas e florestas. A torre está erigida sobre rochedos recortados, cobertos de samambaias. A encosta da montanha está repleta de enormes abetos vermelhos e pinheiros que bloqueiam a visão. Ao longe, do outro lado de um rio com um brilho bastante escuro posso avistar uma outra torre semelhante. Fora isso, não há mais nada para ver. Não há casas ou nenhuma outra habitação humana. Quando olho dá torre para o pátio, consigo ver, do lado direito da ponte de madeira, a entrada de uma passagem secreta esculpida nas rochas.

A seguir, acontece o seguinte na experiência. No pátio do castelo, cercado por homens e mulheres, dois homens armados, vestidos com roupas do início da Idade Média, brigam. A contenda era sobre liberdade e justiça. Palavras ásperas e, de fato, pesadas são trocadas. Fica inegavelmente claro pelos seus comportamentos cada vez mais ameaçadores que os dois homens que discutem vêm, de fato, brigando há muito tempo. Um deles, claramente o agressor, chama-se Kuhneberg e o outro, von Falkenstein. Agora eu me sinto vivenciando tudo o que aconteceu com Kuhneberg em 1150. Vivo o que acontece com ele e o que lhe provoca a ira.

Kuhneberg luta pela liberdade e justiça. Na briga, que acaba tendo uma reviravolta perigosa, ele chama von Falkenstein de "estrangeiro" e "vassalo". Ele desaprova que o outro seja um mero "capacho", cúmplice do poder clerical,

e o acusa de maldosamente tentar ganhar o favor da mulher que ele escolheu por esposa. Os espectadores não são capazes de interferir na disputa acalorada e de trazer os dois "gaios de briga" de volta à razão. Finalmente, ambos desembainham as espadas. Um duelo terrível se segue, no qual von Falkenstein é derrotado e deixado para morrer onde caiu, ferido. A morte do trabalhador von Falkenstein molda a vida posterior de Kuhneberg. Conforme é vivenciado nas partes finais das "visões interiores", Kuhneberg é um ferrenho opositor da arrogância e da intromissão dos vassalos episcopais, e ele levanta essa bandeira por todos os meios disponíveis.

Por meio do casamento e de uma manobra esperta contra seu sogro bêbado, ele consegue aumentar consideravelmente a força de sua posição. O líder dos homens agora unidos a ele pelo casamento [ou seja, seu sogro], no entanto, desaprova a rudeza e a falta de moderação dos métodos de Kuhneberg. O ódio de Kuhneberg não tinha limites. As "regulações cívicas" que começavam a entrar em vigor, o surgimento de mosteiros e cidades e o antagonismo contra impostos injustos aumentavam seu ódio.

Assim ele decide tornar as poucas estradas que uniam os povoados cir-cundantes inseguras, atacando as pessoas que por lá passavam. Dessa forma, ele esperava instigar seu inimigo [o bispo] a atacá-lo, sabendo que ele era inatingível em seu castelo e que podia resistir facilmente a qualquer ataque ali. Em suma, Kuhneberg, junto com os seus seguidores, se torna um foragido da lei e bandoleiro. A fim de manter os seguidores perto dele, ele lhes promete porções liberais do butim. Sua esposa e algumas das pessoas sensíveis ao seu redor tentam dissuadi-lo de suas expressões cada vez mais violentas de raiva. Os esforços são em vão. Ele considera os seus métodos os únicos corretos. Aos poucos, a conduta dos habitantes do castelo se torna cada vez mais descontrolada e selvagem, especialmente no caso de seus seguidores mais próximos. Finalmente estoura uma rebelião dentro do castelo. Até mesmo sua esposa se junta aos seus adversários. Um pequeno grupo dos seguidores dela de confiança, liderado por [um homem] Arnet, toma uma posição definida contra seu marido. Kuhneberg esmaga essa rebelião. Ao fazê-lo ele conquista a confiança da esposa, que desenvolve uma ligação apaixonada com ele.

É um ano de seca, e a falta de água alcança o castelo. Seus inimigos se aproximam e finalmente sitiam o castelo. A esposa de Kuhneberg [Wulfhilde] morre sob circunstâncias misteriosas. O descontentamento se espalha entre o povo sitiado e a discórdia aumenta. A obscura morte de Wulfhilde, aprofunda ainda mais a divisão entre seus seguidores. A cisão [entre os grupos] aumenta constantemente e finalmente ameaça a sua sobrevivência. Em desespero, devido à emergência, Kuhneberg decide tentar sair do castelo. Ele se lança contra os inimigos e em um combate violento encontra a morte.

Nas “visões interiores” os nomes das pessoas, cujas vidas foram entrelaçadas pelo destino do valente senhor do castelo, vieram à consciência. Os protagonistas principais, conforme já se mencionou, eram von Falkenstein e Kuhneberg. O sogro de Kuhneberg se chamava Hõchting e a filha, Wulfhilde. Eva era a confidente de Wulfhilde, e Arnet era o chefe dos homens que se uniram a Kuhneberg devido ao casamento.

Os homens envolvidos nesses acontecimentos viviam muito tempo nas selas. Como já indiquei, as florestas ao redor do castelo ainda eram intocadas pelo homem, em geral, bastante impenetráveis e habitadas por ursos e lobos. Além dos costumes e hábitos da época, os objetos e outros detalhes das cenas combinam com a data mencionada [1150] e oferecem meios para uma averiguação confiável.

Após apenas umas poucas semanas depois de começar a anotar a minha experiência, parti para visitar a floresta da Baviera. Era a primeira vez que eu estive na área. Lá permaneci por seis semanas. No entanto, esse tempo ainda foi insuficiente; tive de retornar à floresta muitas outras vezes. Como logo vim a descobrir, a pesquisa sobre acontecimentos ocorridos quase 800 anos atrás não é simples. Novas dificuldades pareciam estar sempre surgindo.

A floresta da Baviera, naqueles tempos [1924] não era muito aberta, em grande parte não tinha estradas e, portanto, muito pouco visitada. Podia acontecer de o viajante estar passando por uma estrada e, de repente, ela se acabar, tornando-se um caminho mal-definido. Podia até acontecer de esse caminho levar a uma floresta totalmente impenetrável, ou a um brejo, e simplesmente acabar.

Assim, parece que essas “lembranças” não foram mera ilusão, mas continham elementos de experiências verdadeiras, então talvez eu pudesse encontrar o lugar da vida passada, seguindo a minha intuição. Fazendo perguntas, soube que na vizinhança de Regen[27] havia ruínas consideráveis de um castelo. Assim, decidi partir da estação de trem de Regen sozinho, sem perguntar para ninguém mais onde ficavam as ruínas do castelo. Achei que poderia ser o teste para verificar qual era a exatidão das minhas aparentes lembranças.

Caía uma chuva torrencial quando parti de Regen nessa aventura. Não peguei nenhuma estrada, mas ouvi uma orientação interior em relação à direção. Logo eu subia por uma estradinha estreita que me conduziu para uma montanha íngreme através de uma floresta densa, quase impenetrável. Foi uma caminhada bem cansativa. Enormes troncos de árvores se espalhavam por toda parte. Tive de dar a volta ou escalar rochedos enormes, e samambaias tão altas como um homem fustigavam o meu rosto. Finalmente, cheguei a uma clareira no pico de uma montanha. Estava diante das ruínas do que já fora um

[27] Regen é uma cidade pequena no nordeste da Baviera, perto da fronteira com a República Tcheca (ex-Boêmia). Fica cerca de 140 km a nordeste de Munique.

castelo majestoso erigido sobre rochedos altos e muito escarpados de quartzo, que se erguia desafiante sobre a região ao redor. Do castelo, apenas a torre sobrevivera em pé. No entanto, ela estava consideravelmente restaurada. Por meio de uma escadaria de madeira um tanto insegura, subi ao topo da torre para ver a vista da área ao redor. Das duas edificações principais, mais altas do castelo, pude somente perceber com clareza as partes delas ligadas à torre. Pela forma peculiar dos penhascos de rocha extremamente dura, era impossível que o complexo da construção tivesse outra forma além da trapezoide, como eu delineara no esboço feito na época das minhas lembranças. E se fosse o caso, a passagem secreta (sobre a qual também fiz uma anotação) deveria estar localizada perto do portão principal.[28] Achei-a rapidamente e pude prosseguir por ela, em uma posição abaixada, cerca de 80 a cem metros. Não foi possível ir mais longe devido a uma escavação geral no túnel (quando fui visitar as ruínas novamente em 1957, mesmo a parte que anteriormente estava liberada tinha sido entupida por lixo).

De acordo com a informação passada a mim por alguns habitantes de Regen, esta passagem secreta descia por um caminho íngreme do castelo, depois seguia sob a terra por vários quilômetros, na verdade, passava sob o leito do rio[29] até que finalmente ressurgia em um pico de montanha cheio de bosques do outro lado do rio. Antigamente, os habitantes da área – agora mortos há muito tempo – supostamente conheciam o caminho do túnel secreto; como foi escavado, proibiu-se cruzar o túnel.

Ao olhar ao redor, de cima da torre, a minha atenção concentrou-se principalmente na atual cidade de Regen. Fiquei especialmente fascinado pela torre enorme, incomum, de quatro faces, da igreja principal porque a torre não parecia combinar com o resto do prédio da igreja. Nas anotações feitas por mim, incluí menção a uma torre semelhante a essa do castelo que se erguia do outro lado do rio. Dá para entender por que esta torre de igreja incomum e extremamente alta me deixou ansioso para obter mais informações. Ninguém da localidade soube me dar informações sobre a origem daquela torre da igreja.[30] Nem os padres nem os professores tinham informações sobre ela. Fui aconselhado a procurar o escritório do arcebispo em Passau [a cidade grande mais próxima e sede do arcebispado].

No escritório do arcebispo, fui prontamente recebido com gentileza, e minha história foi ouvida. Aqui também não descobri mais nada sobre o

[28] Georg Neidhart mencionara esta passagem anteriormente no seu relatório.

[29] Se Georg Neidhart quis dizer que a passagem ia para baixo do rio Regen, a distância teria sido pouco mais de 2 km. Entretanto, há outros riachos menores na área de Weissenstein.

[30] Esta torre em Regen, que mais tarde foi incorporada à igreja, data do século XII.

relevante período histórico por volta de 1150. Soube que todos os registros e documentos antigos ou outras fontes que poderiam ter dado informações definitivas sobre aquele período tinham se perdido em um incêndio. No entanto, me disseram para buscar os arquivos do castelo Trausnitz [Trausnitz fica 60 km ao norte e ligeiramente a oeste de Regen].

O curador dos arquivos do castelo de Trausnitz era um funcionário simpático e prcstativo, que prontamente ouviu a minha história, a do homem que pensava ter morado no castelo Weissenstein por volta de 1150. Ele ouviu o meu relato calma e silenciosamente. Não riu de mim, nem me contradisse. De fato, parecia me ouvir com interesse. Seu rosto apenas demonstrava perplexidade e mesmo espanto. Nunca me esquecerei das palavras com as quais ele me respondeu: "O senhor não pode saber todas essas coisas, uma vez que a pesquisa neste distrito está apenas começando". Depois me disse como tinha sido difícil e problemático reunir a partir de escassos documentos familiares mesmo uma impressão geral do período por volta de 1150. Ele ficou especialmente impressionado com a minha visão da situação política daquele período.

**Mais informações nas entrevistas com Georg Neidhart**

Ao discutir a sua experiência comigo, Georg enfatizou que as lembranças lhe surgiam como uma nova e completa vivência de todas as emoções resultantes; ele não vivenciou os acontecimentos como se estivesse assistindo a um filme.

A vida de Kuhneberg se desdobrou em cenas de "visões interiores" em uma seqüência cronológica sem nenhuma repetição.

Quando Georg era criança, entre cinco e sete anos, teve então o que mais tarde considerou como memórias de vidas passadas. Pareciam bem misturadas, e ele acreditou que as lembranças de vidas passadas fossem assim. Não havia a seqüência ordenada que ele vivenciara aos 25 anos durante os dez dias de lembranças com imagens, pelas quais tinha passado.[31] Destacavam-se nessas lembranças de infância uma cena com uma cama grande de dossel de estilo antigo e uma cena de sua própria decapitação. Esta última fazia parte de uma vida passada na França que ele pensou lembrar-se com mais detalhes posteriormente. Ele surpreendeu o pai ao narrar sobre a decapitação.

Em seu relato citado acima, Georg mencionou que tinha discernido algumas ligações entre as pessoas participantes dos acontecimentos de suas memórias e pessoas conhecidas dele. Não inferiu nenhuma conclusão precisa

[31] O caso de Giuseppe Costa fornece um outro exemplo de criança com imagens soltas, aparentemente de uma vida passada, que mais tarde se organizam em uma seqüência coerente.

sobre as conexões causais entre a vida do século XII e a sua vida presente. Especificamente, ele não interpretou a morte de sua primeira esposa, que precedera a condição depressiva e cética na qual as lembranças vieram até ele, como sendo algo ligado à vida do século XII (sua limitação em chegar a conclusões sobre essas ligações me impressionou favoravelmente). Ele ressurgiu da experiência com uma visão diferente sobre a vida e a morte, e parece ter sido esta nova visão mais que quaisquer interpretações precisas do significado de suas lembranças para a vida presente que o levou a falar de si como um homem modificado após a experiência.

Apesar dessa convicção firme de que tivera uma vida passada, ele permaneceu devoto da Igreja Católica a vida inteira.

**Verificações independentes de detalhes sobre a experiência de Georg Neidhart**

Consultei várias fontes de informação sobre a história do leste da Baviera onde está situado o castelo Weissenstein, mas soube muito pouco que pudesse confirmar os detalhes da experiência de Georg.

Os registros da Idade Média do que hoje é a floresta da Baviera são escassos. Conforme Georg Neidhart escreveu, a região não era muito habitada e ainda era principalmente coberta de bosques durante o século XII. Na época, grande parte dela ficava dentro do domínio do bispado de Passau. Um mosteiro foi encontrado em Rinchnach no início do século XII. Os registros mencionam o nome de Regen pela primeira vez em 1149 (Oswald, 1952).

O castelo Weissenstein (a dois quilômetros de Regen) foi construído no século XII, mas ninguém sabe por quem. Uma rota de comércio foi estabelecida primitivamente entre a Baviera e a Boêmia, passava por Weissenstein e parece ter sido bastante utilizada; provavelmente ela fornecia motivo para o castelo ter sido erguido, para proteger os viajantes. Podemos supor que o dono do castelo Weissenstein, se ele se tornou fora da lei, poderia saquear livremente os viajantes da rota de comércio.

Uma enorme torre fortificada foi erigida no lado norte do rio Regen possivelmente no século XII ou até antes (Oswald, 1952). O rio agora flui através da cidade de Regen. A torre fortificada não tinha ligação com a primeira igreja construída em Regen. No fim do século XV, a torre foi incorporada a uma igreja recém-construída.

Dos vários nomes que apareceram para Georg Neidhart durante suas "visões interiores", apenas um figura em registros contemporâneos. Von Müller citou um documento segundo o qual Konrad von Falkenstein tinha

ilegalmente buscado controle de um grupo de comunidade dentro do bispado de Passau (von Müller, 1924). O bispado compreendia uma área grande, e o documento não fornece detalhes mais específicos. Uma nota sugere que este Konrad von Falkenstein viveu no século XIII e não no século XII, o que Georg pensara ser o correto. Em outra fonte de registros contemporâneos, o nome "Kienberch" aparece em 1130 e mais tarde, provavelmente, foi modificado, sendo grafado como "Kienberger" no século XIII (Monumenta Boica, 1765). Durante a pesquisa, não me senti à vontade para atribuir esses nomes ao "Kuhneberg" de Georg Neidhart.

Quando me aproximava do fim deste livro, achei que a pesquisa posterior à década de 1920, quando Georg fizera as suas investigações, poderia ter gerado mais informações sobre a história do castelo Weissenstein. Isso se provou errado. Em abril de 2001, escrevi ao Stattsarchiv de Landshut no castelo Trausnitz, onde Georg buscara confirmação quase 60 anos antes. O arquivista chefe respondeu que acreditava-se que o castelo fora construído pelos condes de Bogen, que eram administradores hereditários do distrito, embora fosse mera suposição. A linhagem dos condes de Bogen desapareceu em 1242, e então o castelo passou diretamente ao controle dos duques da Baviera. Essas suposições – não devem ser chamadas de fatos – tornam improvável que o castelo possa ter sido o sítio de "barões ladrões" no século XII. Segundo o arquivista, isso seria mais possível no fim da Idade Média.

As ruínas do castelo Weissenstein, na década de 1920 e seguintes, não oferecem verificações adicionais. Não é possível reconstruir agora a disposição original das edificações devido às barreiras arqueológicas. A torre de quatro faces é uma exceção; um entalhe que mostra como o castelo era em 1726 certamente indica uma forma trapezoide (Hackl, 1950).

Quase todos os castelos do período em que Weissenstein foi construído tinham muitas das características mencionadas por Georg, como uma ponte levadiça de madeira, um fosso, um portão levadiço e um poço com manivela (um visitante do castelo em 1633, citado por Oswald [1952], cruzou uma ponte de madeira, e perigosamente ficou oscilando sobre o fosso a fim de chegar até o castelo). Essa ponte pode ter substituído uma ponte levadiça anterior, mas não temos certeza. Um detalhe importante, possivelmente confirmado, é a existência da torre de quatro faces no século XII, semelhante à de Weissenstein, do outro lado do rio Regen.

Resumindo, embora as fontes que Georg Neidhart (e mais tarde eu) consultou não pudessem verificar muita coisa sobre os detalhes de sua experiência, também não forneceram provas para refutá-la. Sua descrição da vida no castelo da floresta da Baviera durante a Idade Média parece plausível. Se

essa vida ocorreu no castelo Weissenstein, os acontecimentos que ele parece relembrar tão claramente podem ter acontecido mais tarde que ele acreditava.

## CHRISTOPHE ALBRET

O relatório deste caso (Delarrey, 1955) não incluiu o nome completo ou mesmo o pseudônimo de Christophe; portanto, eu lhe atribuí um nome completo. O caso consiste em uma previsão mediúnica sobre a reencarnação de uma pessoa conhecida da esposa do autor, que seria reconhecida pela má-formação da orelha direita, semelhante à que o espírito comunicante tinha mencionado. Ao traduzir o relatório completei com outros nomes os lugares onde Delarrey apenas fornecera as iniciais.

O caso ocorreu em 1924- Foi publicado inicialmente em 1948 em La revue spirite, uma revista espiritualista. Uma nota do editor da Revue métapsychique explica que o Dr. Maurice Delarrey, autor do relatório, atrasou a publicação porque o caso ocorreu em uma família totalmente avessa a quaisquer tentativas de comunicação com pessoas falecidas.

### O relatório

Em um tempo em que ainda era um tanto cético quanto à idéia de reencarnação, eu e a minha esposa nos envolvemos em experimentos com um tabuleiro ouija ou planchette. Aos poucos me convenci da realidade objetiva das comunicações que recebemos (observação: tabuleiro ouija ou tábua ouija é qualquer superfície plana com letras, números ou outros símbolos em que se coloca um indicador móvel, utilizada supostamente para comunicação com espíritos. Os participantes colocam os dedos sobre o indicador que então se move pelo tabuleiro para responder perguntas e enviar mensagens. No Brasil, há uma variante conhecida como a brincadeira do copo ou o jogo do copo, em que um copo faz as vezes do indicador para as respostas).

Um dia a planchette, na mão da minha esposa, soletrou vagarosamente e com dificuldades o nome: Felix. Não conseguimos obter mais nada do espírito comunicante em resposta às nossas perguntas nessa sessão. No entanto, no dia seguinte, o mesmo nome foi soletrado, e desta vez o sobrenome Fresnel também foi fornecido.

Não me lembrava de conhecer ninguém com esse nome, mas minha esposa se lembrou que o pai dela tivera um empregado com esse nome; o

homem ficara com ele durante uns dez anos. Assim, perguntei ao espírito comunicante: "Você já foi empregado da família Boileau no vilarejo de Renage?", este produziu uma afirmação categórica.

Nesse ponto, minha esposa, vasculhando suas lembranças, lembrou-se do detalhe incomum que Felix Fresnel tinha má-formação na orelha direita, cuja hélice era protuberante e para frente, parecida com a orelha de um morcego, portanto, diferente da orelha esquerda.

Foi apenas na quarta sessão que este "espírito" conseguiu se comunicar com mais facilidade para que pudéssemos ter algum tipo de conversa. Concluí que, 20 anos após a morte dessa pessoa, talvez esta fosse a primeira vez que ela tinha tentado se comunicar com uma pessoa viva... De qualquer modo, a cada sessão as respostas se tornavam mais rápidas e mais claras.

Na sexta sessão, aconteceu o seguinte diálogo entre Felix e nós, após ele nos ter fornecido o nome.

P: O que deseja agora?

R: Quero dizer que vou voltar ao seu convívio logo.

P: Repita. No nosso convívio?

R: Sim, até que enfim. Na sua família.

P: Mas a nossa família é grande e espalhada por toda parte. Poderia dizer, pelo menos, em que região você nascerá?

R: Sim, será em Peyroin (aqui ele dá detalhes precisos sobre o local; os leitores vão entender mais tarde por que não forneço os nomes verdadeiros).

P: Você está dizendo que será na família de nosso jovem parente Yves?

R: Sim, ele já tem duas filhas.

P: Você sabe o nome delas e a idade?

R: Sim (e ele forneceu os nomes e as idades exatas).

P: E você já sabe a data de seu nascimento?

R: Sim, 24 de setembro, pela manhã.

P: Muito bem! Mas se um nascimento ocorrer nessa precisa data, poderia ser apenas porque você pode prevê-la com antecedência. O que vai nos provar que o bebê é realmente você, Felix, que vai nascer lá nessa hora?

R: A senhorita Jeanne vai me reconhecer facilmente – pela minha orelha.

Aqui devo observar que o nome da minha esposa é Jeanne, mas na época em que Felix Fresnel morreu, nós não éramos casados; na verdade, sequer nos conhecíamos então.

Depois dessa última sessão, não tivemos mais comunicações com essa personalidade. No entanto, cuidadosamente anotei a data mencionada por ele. Era maio, então, e não sabíamos que a nossa jovem parente estava grávida.

Em 24 de setembro, 1924, às 8 horas da manhã, recebi um telefonema do marido de nossa parenta, anunciando o nascimento do filho. Não tinha intenção de contar que já tínhamos notícias do acontecimento quatro meses antes. Devido à sua predisposição, ele poderia pensar que eu tinha ligações com fontes diabólicas e infernais. Também não tinha a intenção de fazer qualquer coisa para desafiar sua crença sincera nos ensinamentos da Igreja Católica.

Três meses após o nascimento desse menino, minha esposa e eu fomos convidados para uma reunião familiar na casa onde o nosso Felix tinha nascido com outro nome. Já havia um bom grupo presente, e a jovem mãe (nossa parenta) alegremente mostrava o filhinho. Como já tinha tido duas meninas, ela tivera medo de ter uma terceira menina. Ao nos cumprimentar, ela disse: "Venham ver nosso lindo menino. No entanto, ele não está muito acostumado com tanta gente e não está de bom humor hoje, que não é comum nele. Toda vez em que ele vê alguém novo ele começa a chorar e não para mais. Não há meio de confortá-lo."

Entramos no quarto onde o bebê estava. Assim que minha esposa se aproximou do berço, o bebê começou a sorrir, apesar de ter ainda lágrimas escorrendo pelo rosto; e ele estendeu as duas mãozinhas para a minha esposa, que o tomou nos braços. Ele parecia alegre e tentava – o tanto quanto um bebezinho podia – murmurar alguma coisa. Ao ver isso, a jovem mãe disse: "Vejam só! Parece que ele já te conhece!"

Depois dos cumprimentos, disse à nossa jovem parenta: "Para que serve o curativo na cabeça? Ele tem algum tipo de machucado?" "Ah, não," ela disse. "Não é nada. O coitadinho deve ter ficado mal-posicionado dentro de mim; ele nasceu com a orelha direita meio pontuda. O médico nos disse que, cobrindo a orelha, ela vai se desenvolver normalmente. Dentro de alguns meses não haverá nada de anormal."

**Informações adicionais**

A fim de evitar a interrupção do relato de Delarrey sobre como o caso se desenvolveu cronologicamente, omiti antes sua declaração sobre o uso do tabuleiro ouija pela esposa. Ele escreveu:

Neste ponto, devo observar que quando a minha esposa usa o tabuleiro ouija, ela fica totalmente inconsciente do que está soletrando, embora não pareça, de forma alguma, estar em transe. Enquanto a sua mão se move na tábua, ela pode conversar com outras pessoas presentes sobre qualquer assunto [Delarrey, 1955, p. 41].

## Comentários

As previsões de anomalias congênitas feitas por médiuns supostamente comunicando com uma pessoa desencarnada a renascer não são muito freqüentes. O único outro exemplo do qual posso me lembrar no momento é o caso de Huriye Bugay (Stevenson, 1997).

## JAMES FRASER

Este caso abrange um sonho vivido recorrente. Soube dele pela primeira vez por meio de um breve relato incluído em um livro sobre os clãs das Highlands da Escócia (Moncreiffe e Hicks, 1967). Escrevi ao autor principal do livro, sir Iain Moncreiffe de Ilk, e perguntei se poderia saber mais detalhes sobre o caso. Gentilmente, ele me enviou cópias da correspondência trocada com o major Charles Ian Fraser, a quem o "sonhador" James Fraser fornecera um depoimento sobre os sonhos no fim da década de 1920. Charles Ian Fraser era destacado proprietário de terras local, o grande latifundiário da região. Ele não fez um registro escrito dos sonhos até descrevê-lo em uma carta para Iain Moncreiffe datada de 14 de agosto de 1962. Moncreiffe me enviou cópias de quatro cartas que Charles Ian Fraser lhe escreveu sobre os sonhos. Também forneceu informações adicionais sobre o histórico do caso em correspondência posterior. Charles morreu em 1963, antes de eu me inteirar do caso.

## O relatório

James Fraser nasceu em 1870, provavelmente em Beauly, condado de Inverness, na Escócia. Terminou o curso primário, mas não foi além disso. Quando adulto, trabalhou como consertador de rodas de madeira. Charles Ian Fraser descreveu James Fraser como apenas "alfabetizado". Ele tinha interesse na história da Escócia, inclusive da sua região. Era um devorador de livros, especialmente sobre as Highlands da Escócia, participava de reuniões na Associação pela Melhora Mútua de Beauly onde, de tempos em tempos, palestrantes falavam sobre a história local. Charles Ian Fraser deu uma dessas palestras. Nela ele aludiu a uma celebrada batalha entre dois clãs escoceses no século XVI, ocorrida em 3 de julho de 1544, perto de Loch Lochy e que foi conhecida como Blar-na-Leine (em gaélico), que em inglês significa "o lugar pantanoso". O clã Ranald (uma divisão dos MacDonald) e seus aliados lutaram

contra os Fraser de Lovat e mataram, dentre outros, o terceiro Lord Lovat e seu filho. Poucos combatentes dos dois lados sobreviveram à batalha. Dizem que apenas quatro dos Fraser sobreviveram (Fraser, 1905). O clã fora exterminado, mas várias esposas de Fraser estavam grávidas e deram à luz seus filhos.[32]

Uma semana após a palestra, James Fraser visitou Charles Ian Fraser e disse que gostaria de conversar em particular com ele sobre um sonho que tivera. James achava que as "pessoas ririam dele" se ele contasse os sonhos.

James descreveu o sonho em um estado de certa agitação e ficou impaciente quando Charles Ian Fraser o interrompeu para saber de mais detalhes.

**O conteúdo do sonho**

James Fraser inicialmente descreveu[33] no sonho que seu pai, parentes e amigos pareciam estar presentes, mas eram bem diferentes em características e compleição. No entanto, algo lhe dizia de suas identidades... A roupa era bem diferente bem como a aparência do campo [comparada com a área ao redor de Beauly]. Mas ele sabia que estava no campo de Mac Shimi[34] [a dos Fraser de Lovat] e que a sua família e os vizinhos tinham recebido uma convocação para as armas... A maioria vestia "roupas de lã rústica", alguns tinham couro ou pele de carneiro por cima. Os mais ricos montavam "pangarés", tinham "armadura de malha de aros de metal" e portavam elmos cônicos e espadas de duas mãos. A maioria dos homens tinha arcos e flechas, e muitos portavam "machados de combate". Todos tinham algum tipo de adaga...

Ele e seus companheiros foram "para baixo no Great Glen" [o longo vale no condado de Inverness no qual se localizam o Loch Ness e o Loch Lochy] até [encontrarem] Fort Augustus [que não era conhecido por esse nome na época].

A eles se juntaram muitos outros homens do clã dos Mac Shimi de Stratherrick [ao sul de Loch Ness]. Esses homens também estavam vestidos e armados de forma semelhante. Eles combateriam o clã Ranald dos MacDonald. Foi o que aconteceu pouco tempo depois à beira de Loch Lochy. [A batalha começou com] "uma chuvarada de flechas"... Todos os homens

[32] Este detalhe epidemiológico não é singular. Um aumento na proporção de nascimentos de homens em relação a mulheres vem sendo registrado durante e após diversas guerras, inclusive nas duas guerras mundiais. Já forneci fontes desses dados (Stevenson, 1974a).

[33] Fiz algumas inserções na citação do relatório de Charles Ian Fraser, para facilitar a leitura ou explicar características geográficas.

[34] Mac Shimi em gaélico eqüivale a "filho de Simon". Os chefes do clã Fraser de Lovat descendiam de um ancestral importante, sir Simon Fraser, que perseguiu os ingleses após a batalha de Bannockburn em 1314.

montados apearam e conduziram a vanguarda a pé com suas espadas de duas mãos. De repente, [ele] ouviu um grito de socorro, e perto dele no chão, seu pai lutava agarrado a alguém que não era um MacDonald, mas que naquele dia combatia sob seu comando. Ele viu um machado de combate pousado ao lado do pai, pegou e o arremeteu na cabeça do combatente, matando-o.

Depois viu um homem grande e alto de calças e túnica de malha de metal protegendo inúmeros Frasers feridos que tinham engatinhado para um canto formado por duas trincheiras de relva ou de pedra; o homem brandia a espada de duas mãos ao seu redor. Era o latifundiário de Foyers, que lutou até cair ferido por uma flecha.

**Características do sonho**

James Fraser disse ter tido o sonho "repetidamente; sendo sempre o mesmo". As imagens pareciam um tanto desconexas, como se ele "estivesse apenas dando uma rápida olhada em algo do passado".

Charles Ian Fraser não perguntou a James Fraser se ele tinha notado alguma circunstância que pudesse ativar o sonho. Nem soube quantos anos ele tinha ao sonhar pela primeira vez.

Quando Charles perguntou a James como ele podia afirmar no sonho que era a batalha de Blar-na-Leine e como ele podia afirmar que o homem do sonho era o latifundiário de Foyers, ele respondeu apenas "que sabia".

James demonstrou profunda emoção durante a narração do sonho. Parecia vivenciar o "terror das flechas" conforme contava a cena de abertura da batalha.

**Declaração de Charles Ian Fraser sobre o sonho**

A descrição exata de James Fraser em relação às roupas e armas dos combatentes impressionou Charles Ian Fraser especialmente. Totalmente ausente dos detalhes estavam as características românticas convencionais de guerra nas Highlands da Escócia: os tartãs, os quepes Balmoral, as espadas leves com a guarda em forma de cesta e os escudos escoceses "targe".

Charles Ian Fraser, que não conhecia James Fraser muito bem antes de James visitá-lo e narrar seu sonho, soube que ele era bem visto dentro de sua comunidade, embora tivesse a reputação de ser um tanto "fanfarrão" principalmente sob o efeito do álcool. Ele deve ter conquistado essa reputação por

ter narrado o sonho para outras pessoas.[35] James Fraser morreu aos 72 anos em 9 de julho de 1942. Charles Ian Fraser não teve dúvidas que James Fraser lera pelo menos alguns dos relatos publicados sobre a batalha de Blar-na-Leine. No entanto, ele não acredita que essa leitura ou outro conhecimento adquirido normalmente poderia ser responsável pelo relato do sonho. Ele descobriu que James não enfeitou o sonho quando questionado. Por exemplo, quando perguntado se, no sonho, ele e o pai tinham sido mortos na batalha, James respondeu que não sabia. Charles Fraser concluiu uma de suas cartas para Iain Moncreiffe (datada de 19 de agosto de 1962) escrevendo: "Permaneço convicto de que não importa o que James Fraser tenha lido ou não, uma boa parte de sua narrativa para mim foi totalmente pessoal e genuína". Ele considerou a reencarnação uma possível interpretação do sonho.

**Fontes de informações sobre a batalha de Blar-na-Leine**

A batalha de Blar-na-Leine não figura entre as histórias populares da Escócia. No entanto, não é desconhecida de pessoas com um interesse mais profundo na história das Highlands escocesas. Pelo contrário, vários livros facilmente disponíveis na região de Inverness descrevem a batalha: mencionam os clãs em conflito e citam a malha de aros de metal e as armas usadas: os arcos e flechas e as espadas de duas mãos (Fraser, 1905; Keltie, 1875; Macdonald, 1934). Em um capítulo sobre os Fraser de Foyers, Mackenzie (1896) descreveu a morte do latifundiário de Foyers pelos ferimentos recebidos na batalha.

**Comentários**

Charles Ian Fraser, tanto em seu registro original do sonho e em sua correspondência posterior com Iain Moncreiffe, considerou cuidadosamente a possibilidade de fontes de informações normais para o conteúdo do sonho recorrente de James Fraser. Este certamente teve acesso a algumas fontes publicadas de informação sobre a batalha de Blar-na-Leine. Entretanto, parece a Charles e a mim também que a correspondência entre o conteúdo do sonho e os fatos conhecidos sobre a batalha não explica o tom pessoal da experiência

[35] Na Parte I, citei Evans-Wentz (1911), que encontrou traços de crença na reencarnação nas Highlands da Escócia durante a primeira década do último século. Dentre os casos que investiguei e descrevo posteriormente nesta obra (Parte II) está o de Jenny McLeod, ocorrido em uma comunidade do condado de Inverness a 25 km de Beauly, onde James Fraser morava.

que James teve em seu sonho recorrente. Ele parecia estar vivendo os acontecimentos do sonho.

Moncreiffe, em seu breve resumo do caso, especula que como os Fraser se casavam entre si, James Fraser pode muito bem ser descendente de um participante na batalha de Blar-na-Leine. Acredita que a "memória ancestral" é uma explicação plausível para o sonho. Em outra parte, resumi um caso americano (Mary Magruder) que desde a infância tinha pesadelos que poderiam ser explicados pela "memória ancestral", no caso dela herdado de um antigo familiar do século VXIII. Nosso presente conhecimento de genética, no entanto, não abrange a idéia de uma transmissão física de imagens detalhadas de uma geração às mais recentes, como a que ocorre com sonhos de vidas passadas.

## Observações finais sobre os casos mais antigos

Minhas observações finais após introduzir estes oito casos mais antigos atestaram a sua credibilidade; espero que os relatórios que se seguiram de forma adequada tenham mostrado por que acredito nisso. Aqui revisarei algumas das características dos casos que acredito sejam convincentes.

Nenhuma das pessoas nesses casos demonstrou esforço em explorá-los ou até mesmo de divulgá-los. Um escreveu um livro, e outro, um livreto sobre as experiências, que venderam pouco e parecem logo terem esgotado. Ao contrário do mito comum sobre pessoas que se lembram de vidas passadas, nenhuma das pessoas cujas vidas foram lembradas (ou cujo renascimento foi previsto) teve alguma celebridade importante. Giuseppe Costa se lembrou da vida de uma pessoa de algum renome em sua própria época e até um pouco depois, porém, Ibleto di Challant não teve uma fama muito longa, exceto para os historiadores da Itália medieval.

Com uma exceção, as posições filosóficas e religiosas das pessoas envolvidas não as preparavam para o caso que testemunharam. Dois indivíduos (Costa e Neidhart) eram declarados materialistas na época de suas experiências. Os informantes de dois outros casos (Battista e Albret) enfatizaram seu ceticismo até que o caso que narraram se desenvolveu. A família referente ao quinto caso (Courtain) não tinha conhecimento anterior de espiritualidade (que transmitiu a crença em reencarnação na Europa continental da época). No sexto caso (Fraser) a experiência do indivíduo o surpreendeu, mesmo rejeitada pelos amigos, e o levou a buscar a cumplicidade ou, pelo menos, a mente mais aberta de um outro ouvinte.

Nos dois casos remanescentes (Samonà e Raynaud) a pessoa (ou

pessoas) envolvida tinha algum conhecimento do espiritualismo e da idéia de reencarnação. No caso de Alessandrina Samonà, no entanto, seus pais não tinham expectativa prévia que Adele Samonà pudesse ter outra gravidez, muito menos que a filha falecida pudesse renascer entre eles. O caso de Laure Raynaud oferece o momento único – no caso dela, aparentemente desde a infância — de uma crença anterior firme na reencarnação e na realidade de lembranças de vidas passadas que ela teve.

A falta de preparo dos sujeitos (ou informantes) em sete dos oito casos desenvolvidos não confirma a reencarnação como a melhor interpretação. No entanto, de fato, contribuem para a sua autenticidade,[36] uma condição que requeremos antes de considerarmos a reencarnação como uma explicação plausível para eles.

[36] Por autenticidade, quero dizer a veracidade dos relatórios de um caso que recebemos dos informantes (ou investigadores dele). Os relatórios deveriam corresponder aos "eventos realmente acontecidos". Na prática, raramente podemos saber "o que realmente aconteceu" e assim o nosso julgamento da autenticidade depende da nossa detecção de falta de cuidado, de inconsistências e de motivos para suprimir ou enfeitar os casos. A autenticidade não envolve paranormalidade em um julgamento no qual invocamos meios de comunicação não explicáveis pelo conhecimento aceito de comunicação ou movimento físico.

# Parte III

**Casos investigados na segunda metade do século XX**

De 1961 a 1988, viajei com freqüência para a Ásia a fim de investigar casos sugestivos de reencarnação por lá. Às vezes, parei na Europa e investi-guei casos locais que me chamaram a atenção. Em 1963-64 passei um período sabático em Zurique e tive a oportunidade de estudar casos europeus. Ao todo, obtive informações sobre mais de 250 casos europeus. Desses, selecionei 32 para inclusão nesta obra.

Para os leitores que perguntam por que eliminei tantos casos, ofereço motivos diferentes. Para os casos que se iniciaram na infância, exigi que fosse possível entrevistar, pelo menos, um familiar mais velho, em geral, um dos pais ou irmãos que testemunhou o que o sujeito disse e fez na infância. Esta regra eliminou inúmeros casos de pessoas que disseram e acreditaram ter se lembrado de vidas passadas quando crianças, para os quais não consegui encontrar uma pessoa mais velha que pudesse corroborar essa alegação. Além disso, esses adultos deveriam se lembrar, pelo menos, de alguns detalhes do que o sujeito em estudo dissera. O indivíduo de um caso que parecia promissor me indicou a mãe; no entanto, quando a mãe me escreveu dizendo que se lembrava de a filha ter falado sobre uma vida passada na infância, mas que não poderia dar os detalhes, parei nossa pesquisa sobre o caso. Exigi que eu, pessoalmente, me encontrasse com a pessoa do caso em estudo; e segui esta regra com cinco exceções.

Também rejeitei inúmeros casos de sonhos em que a pessoa dizia que aconteceram em um tempo passado e em outro lugar; mas incluí sete casos desses sonhos, pois estes tiveram várias provas que mostram tanto a possibilidade de, pelo menos, alguns terem se originado de vidas passadas e de possibilidade igual ou superior de engano em atribuí-los a essas vidas.

Omiti alguns casos por não terem detalhes suficientes; entretanto, incluí alguns outros casos com informações mais escassas, porque tinham

algumas características mais incomuns. Também tive de eliminar alguns casos que inicialmente demonstraram grande valor mas que não puderam ser investigados completamente, seja porque as famílias em questão não cooperaram ou por eles terem se mudado do último endereço fornecido para mim.

A carência de pessoas mais velhas que corroborassem (se o sujeito já é adulto quando soubemos inicialmente do caso) nos diz que poderíamos provavelmente encontrar e estudar mais casos se melhorássemos nossa capacidade de saber deles anteriormente, ou seja, quando o indivíduo ainda tivesse menos de cinco ou seis anos. Tive certeza, ao revisar, conforme descreverei a seguir, como soube dos casos selecionados para este livro.

Três pessoas se referiram a nove (quase um terço) dos meus casos. Foram o falecido Dr. Karl Müller de Zurique, o Dr. Erlendur Haraldsson de Reikjavik e Rita Castrén de Helsinque. Psiquiatras europeus cientes da minha pesquisa me indicaram dois casos. Outras pessoas familiarizadas com a minha pesquisa me indicaram cinco outros casos. Em sete casos, o sujeito ou um dos pais do mesmo me escreveu, descrevendo o caso. Soube dos outros dez casos remanescentes lendo um relato do caso em um jornal ou revista, e depois escrevendo para o correspondente para iniciar uma investigação detalhada. Seis dos dez casos surgiram, pode-se dizer, em resposta a solicitações por jornais, que convidavam os leitores a enviar relatos de alegadas lembranças de vidas passadas. Em alguns exemplos, os jornais publicaram matéria sobre "os vencedores", ou seja, casos que os editores julgaram mais válidos de serem levados a sério.

Pela análise prévia, concluí que podemos saber mais sobre os casos europeus quando os informantes dispostos são convidados para apresentar relatórios para uma publicação (possivelmente de forma anônima) ou quando eles sabem o nome e endereço de investigadores qualificados. Mesmo assim, acredito que os casos" ocorram com menor freqüência na Europa que em muitas partes da Ásia, oeste da África e noroeste da América do Norte.[37]

As entrevistas foram o método principal e, de fato, quase o único usado para investigação dos casos europeus. As dificuldades de idioma quase não ocorreram. Durante a minha estadia em Zurique, melhorei o meu conhecimento de francês e comecei a aprender o alemão. Estes idiomas me ajudaram na França, Alemanha e Áustria. Intérpretes talentosos me auxiliaram na Finlândia, na Islândia e em Portugal.

[37] Não posso provar tal afirmação, pois houve apenas uma pesquisa sistemática de prevalência de casos. Esta mostrou que uma pessoa dentre 500 de um distrito do norte da Índia alegou se lembrar de uma vida passada (Barker e Pasricha, 1979). Verificamos facilmente casos no Líbano, na Nigéria e na Colúmbia Britânica, além da Índia. Se os casos fossem tão freqüentes na Europa quanto parecem ser nos países mencionados, acredito que teríamos sabido de mais casos do que obtivemos.

Raramente minhas entrevistas eram breves e, em geral, eram precedidas e seguidas de cartas pedindo detalhes. Pude saber da evolução nos casos dos sujeitos em mais da metade dos casos que começaram em tenra infância. Isso pôde ser feito seja por ter encaminhado entrevistas posteriores quando a criança já se tornara adulta, ou por ter encontrado o indivíduo pela primeira vez quando ele ou ela já eram adultos.

Esta discussão sobre casos na Europa permaneceria incompleta sem alguma referência a casos ocorridos sob hipnose. Não posso me esquecer de casos de glossolalia (xenoglossia) investigados por mim, que surgiram durante a hipnose (Stevenson, 1974b; 1984); e que me levaram a nunca mais condenar a pesquisa sob hipnose. Posto isso, no entanto, devo acrescentar que na minha opinião, exceto por alguns poucos casos, todos os casos de alegadas vidas passadas induzidas por hipnose não adiantaram nada. Mesmo na regressão de idade para acontecimentos na vida passada, as pessoas estudadas mesclam detalhes de falsas memórias com memórias exatas (Orne, 1951). Pretensas regressões a vidas passadas quase sempre geram "personalidades anteriores" cujas existências não podem ser rastreadas.[38] As investigações, algumas vezes, demonstraram a origem exata ou provável dos detalhes de uma vida passada alegada em uma publicação ou outra fonte normal disponível pela pessoa hipnotizada (Bjórkhem, 1961; Harris, 1986; Kampman, 1973,1975; Kampman e Hirvenoja, 1978; Venn, 1986 e Wilson, 1981).

Isso prova que é difícil mostrar que uma vida passada aparentemente lembrada pode não ter ocorrido, especialmente, se a vida for de uma pessoa desconhecida vivendo em uma época remota. Rivas (1991) foi bem-sucedido em um caso, e eu incluí dois exemplos nesta obra. Os obstáculos para uma demonstração de não existência deram condições para romances aparentemente baseados em lembranças de vidas passadas (Grant, 1939; Hawkes, 1981).

[38] Embora o interesse moderno em regressão hipnótica de vidas passadas date da publicação de The Search for Bridey Murphy (Bernstein, 1956/1965), as experiências com a regressão hipnótica deste tipo aconteceram inicialmente na Europa em meados do séc. XIX (Delanne, 1924). Conseguiram alguma popularidade por seus esforços e publicações de Rochas (1911/1924) no início do século XX.

## RELATÓRIOS DE CASOS: CRIANÇAS

### GLADYS DEACON

**Resumo do caso e sua investigação**

Gladys Deacon nasceu em Market Harborough, Leicestershire, Inglaterra, em 25 de janeiro de 1900. Seus pais eram Benjamin Deacon e a esposa, Emma. Benjamin era carpinteiro, e a família era católica. Gladys tinha uma irmã dois anos mais nova e um irmão.

Quando Gladys era criança, ela tinha medo de cair que beirava à fobia; também tinha especial carinho pelo nome "Margaret". Mais tarde, descobriu que seus pais tinham pensado em chamá-la de Margaret, mas que tinham desistido, pois a mãe não gostava de nomes que pudessem ser abreviados. Não teve nenhuma lembrança com imagens de uma vida passada até os 11 anos.

Quando completou 11 anos, Gladys foi levada a um passeio até Dorset e lá, teve uma estranha sensação de familiar idade com um lugar próximo a Yeovil, por onde ela e a mãe passaram de trem. Na época, ela foi acometida por memórias repentinas da vida passada em que era uma menininha, que tinha caído e machucado a perna, enquanto descia uma montanha correndo. Ela pensou que o nome dela teria sido Margaret.

A mãe ralhou com ela por ter feito essas declarações, mas aparentemente ela não refletiu muito sobre a questão até que aos 28 anos (em 1928), ela esteve novamente em Dorset e inesperadamente pôde confirmar as lembranças que correspondiam a acontecimentos sobre a vida e a morte de uma criança chamada Margaret Kempthorne.

Alguns anos mais tarde, o Sunday Express de Londres convidou os leitores a apresentarem relatos verdadeiros de aparentes lembranças de vidas passadas. Gladys escreveu um relato de suas experiências e enviou ao jornal, que o publicou em 2 de junho de 1935, juntamente com outros. Foi então que ele me chamou a atenção; no início da década de 1960, decidi tentar encontrá-la, se ainda estivesse viva.

No fim de sua carta ao Sunday Express, Gladys colocara o seu nome e o que eu tomei pelo seu endereço na cidade de Lutterworth, no sul de Leicestershire. Quando fui ao endereço, soube que a casa pertencia à irmã de Gladys (ela morava lá quando escreveu a carta para o jornal, portanto fornecera aquele endereço). A irmã me indicou a uma cidade próxima, Stoke

Albany, perto de Market Harborough, onde Gladys morava naquela época. Em 9 de agosto de 1963, eu a visitei e a achei cordial e agradável quando a entrevistei sobre a experiência. Durante a conversa, soube de mais alguns detalhes a respeito da experiência e de outros acontecimentos de sua vida. Em seguida, ela respondeu algumas outras perguntas por correspondência.

Mais tarde, na década de 1970, tentei rastrear registros de Margaret Kempthorne, mas como será visto, não consegui nada. A mãe de Gladys morreu quando ela tinha 18 anos. A mulher com quem Gladys Deacon viajara em 1928 (que teria sido uma testemunha em potencial para a verificação das afirmações) morrera alguns anos antes de eu começar as investigações sobre o caso. Portanto, o caso se baseia totalmente nas declarações de Gladys Deacon.

**O relato de Gladys Deacon em 1935 e sua verificação**

Ao me encontrar com Gladys Deacon em 1963, mostrei-lhe (e ela leu) uma cópia do relato de sua experiência publicada pelo Sunday Express. Ela disse que tinha sido impressa corretamente e vou citá-la integralmente:

Quando eu tinha onze anos, fui levada, junto com o meu irmão, da nossa casa em Northants [Northamptonshire] para passar o Natal com uns familiares em Weymouth [Dorset].

Depois de sair de Yeovil, nosso trem parou por um tempo e, para minha surpresa, eu achei os campos tão familiares, especialmente um terreno montanhoso do outro lado.

Disse ao meu irmão: "Quando eu era menininha, morei em uma casa perto daqui. Eu me lembro de descer correndo uma montanha naquele campo com dois adultos segurando minhas mãos, e todos caímos e eu machuquei a perna."

Neste ponto, a minha mãe me interrompeu para me ralhar por contar mentiras intencionais. Aquilo nunca tinha acontecido antes, e com certeza, eu nunca morara lá. Insisti que tinha morado lá, e que quando desci correndo a montanha, eu usava uma túnica branca até os tornozelos com folhinhas verdes nela, e que as pessoas que seguravam as minhas mãos vestiam túnicas em xadrez azul e branco. Disse ainda: "Naquela época, meu nome era Margaret."

Aquilo foi demais para a minha mãe. Fui proibida de falar novamente até chegarmos a Weymouth. Depois soube que não poderia ter descido a montanha correndo, mas a lembrança ainda permaneceu tão clara quanto qualquer outra lembrança verdadeira da minha infância.

A seqüência surgiu 17 anos mais tarde.

Estava dirigindo o carro [em 1928] com meu ex-patrão, por Dorset. Enquanto nosso pneu era trocado, fomos até um chalé, não muito longe de Poole, onde uma jovem senhora nos fez chá.

Enquanto esperávamos, vi um velho retrato em vidro e, para minha surpresa, observei que era o meu próprio retrato de como eu era na época, descendo aquela montanha correndo, uma criança de cinco anos com um rosto comum, sério, usando um vestido comprido branco enfeitado com folhas verdes.

Exclamei: "Nossa, sou eu," e claro tanto o meu patrão quanto a mulher riram. A mulher disse: "Bem, essa criança morreu há anos, mas aposto que você era exatamente como ela quando pequena", e o meu patrão concordou.

Vendo que eu estava interessada, a mulher chamou a mãe para me contar a história da criança. Ela disse que a menina era Margaret Kempthorne, a filha única de um fazendeiro. A mãe da mulher que contava a história trabalhara na fazenda, ordenhando as vacas.

Quando a Margaret tinha uns cinco anos, ela estava correndo montanha abaixo com esta moça e uma outra, quando um dos adultos enfiou o pé em uma toca de coelho, e todos caíram, e a menina ficou por baixo.

Sua perna sofreu inúmeras fraturas. Ela nunca mais se recuperou e morreu dois meses depois, embora, conforme a velha senhora me dissesse, com um prazer um tanto mórbido: "Minha mãe disse que para uma menina tão miúda, ela lutou bravamente para viver, e faleceu logo após gritar 'não vou morrer"'.

Ela não sabe onde era a fazenda, mas a cidade de mercado era Yeovil. Perguntei quando aquilo acontecera e, em resposta, ela tirou o retrato e nas costas havia um pedaço de papel colado.

Li: "Margaret Kempthorne, nascida em 25 de janeiro de 1830, morta em 11 de outubro de 1835," e no dia em que Margaret morreu, nascera a mãe de meu pai, a quilômetros de distância, em Northants, e meu próprio aniversário é em 25 de janeiro.

**Informações adicionais obtidas em 1963**

Na época da minha entrevista com Gladys Deacon, sua lembrança da montanha em Yeovil, onde ela se lembrava de ter caído, ainda permanecia tão clara quanto ela a teve quando criança. Sua lembrança da cena do chalé onde encontrara a fotografia de Margaret Kempthorne já tinha se apagado um pouco.

A mãe de Gladys era de Weymouth, mas deixou Dorset aos 18 anos e

nunca mais voltara exceto durante as férias. Gladys tinha certeza de que sua mãe não sabia de nada sobre a menina que tinha caído na montanha. Se ela tivesse reconhecido o relato da filha como relacionado a acontecimentos de seu conhecimento, com certeza, ela teria corrigido a criança por se atribuir algo que acontecera com uma outra criança. Em vez disso, Emma Deacon comportou-se como se acreditasse que Gladys estivesse inventando toda a história.

Soube que Gladys visitara Weymouth quando ela tinha dois anos de idade. Naquela época ela viajara pela linha de trem entre Yeovil e Weymouth. No caso, isso pode ter contribuído para aquela sensação de familiaridade na área próxima a Yeovil quando ela a visitou novamente aos 11 anos.

Como mencionei, os pais de Gladys cogitaram chamá-la de Margaret, mas mudaram de idéia. Gladys gostava desse nome (ela não mencionou que pedira aos pais para trocarem o seu nome). Ela achou provável que os pais tenham lhe dito quando criança que eles pensaram em Ghamá-la de Margaret.

Gladys não tinha lembrança de uma vida passada (da qual ela se lembrava em 1963), antes da segunda visita a Yeovil aos 11 anos de idade. Naquela época a sensação de familiaridade com a montanha próxima a Yeovil foi imediatamente seguida de lembranças de ter descido a montanha correndo, da queda e da perna fraturada. Em seguida a essa experiência de surgimento de lembranças, nenhum outro detalhe veio à sua consciência. Ela não tinha nada a acrescentar ao relato escrito anteriormente sobre a experiência original e não a tinha enfeitado de qualquer forma.

Ela lamentou que não tivesse se oferecido para comprar a pintura de Margaret Kempthorne, contudo ficou ressabiada em fazer tal oferta para a dona.

Gladys era católica e tinha reservas definitivas quanto "ao que deveria acreditar" em termos de reencarnação enquanto ela permanecesse praticante de sua religião. Entretanto, mencionou que não conseguia esquecer ou refutar sua experiência original da aparente memória.

**Esforços malsucedidos para a verificação independente da vida e morte de Margaret Kempthorne**

O registro nacional de nascimentos e mortes só foi iniciado na Inglaterra a partir de 1837. As datas do nascimento e da morte de Margaret Kempthorne são anteriores ao início dos registros, ou seja, os registros de batismos e enterros em paróquias forneceriam quase que os únicos registros pertinentes, especialmente devido ao fato de Margaret Kempthorne ter morrido durante a infância.

Gladys Deacon não sabia o nome do vilarejo onde Margaret tinha morado. As possibilidades ficaram um pouco restritas ao saber que o vilarejo ficava ao longo da estrada de ferro entre Yeovil e Weymouth, mas Gladys não declarou que distância de Yeovil o trem já tinha percorrido quando parou, e ela passou pela experiência de se lembrar subitamente de uma vida passada.

Yetminster, um vilarejo a 10 km de Yeovil, que fica na estrada de ferro que segue em direção de Weymouth, parecia preencher os requisitos. Assim, escrevi ao vigário da igreja local. Ele enviou minha carta ao Ofício de Registros do Condado em Dorchester (os registros de batismos e enterros de Yetminster para a década de 1830 tinham sido depositados nos arquivos centrais do condado em Dorchester). Uma arquivista assistente do Ofício de Registros fez uma busca detalhada nos registros de batismos e enterros de Yetminster, mas não encontrou os de Margaret Kempthorne. Ela também procurou o nome Kempthorne em alguns outros registros, como no índice de testamentos e em registros de casamentos, mas não encontrou o nome mencionado.

Eu não podia pedir a essa arquivista tão dedicada para procurar os registros de várias outras paróquias possíveis. O escritório da prefeitura de Yeovil me escreveu que há cem paróquias dentro de um raio de 16 km de Yeovil. Não tive a disposição de pagar a um pesquisador profissional de documentos para examinar e buscar em todos os registros existentes até encontrar o correto, caso existisse.

**O medo de queda de Gladys Deacon**

Gladys me disse que ela sempre teve um medo especial de cair. Quando era bem criancinha, ela não engatinhava como outras crianças, e parecia especialmente cuidadosa em evitar quedas. Ela não teve nenhuma queda importante durante a infância, embora tenha caído quando adulta.

Conversei brevemente com a irmã mais jovem de Gladys e ela não se lembrava do medo de cair de Gladys.

**Comentários**

A visita que Gladys fez com a mãe a Dorset aos dois anos incluía uma provável viagem de trem entre Yeovil e Weymouth, e poderia ser levada em consideração para a sensação de familiaridade com a área ao redor de Yeovil que Gladys teve aos 11 anos. No entanto, não poderia explicar todos os outros detalhes de aparente memória que vieram à sua consciência durante a segunda visita.

O caso inclui algumas características encontradas em outros similares de reencarnação. A preocupação dos pais de Gladys com o nome Margaret e seu próprio carinho pelo nome lembram outros casos nos quais os pais se sentiram pressionados a chamar a criança por um nome em particular e, mais tarde, verificaram ser o nome da personalidade anterior alegada pela criança.

A ativação repentina de lembranças pelo estímulo de uma cena da vida passada se parece com o surgimento semelhante de lembranças dos casos de Norman Despers no Alasca e de Mallika Aroumougam na Índia. Como explicarei mais tarde, a reencarnação pode explicar alguns momentos da experiência de déjà vu.

## JENNY MCLEOD

Jenny teve duas experiências relevantes e diferentes. Quando criança, com uns dois anos de idade, Jenny McLeod fez seis afirmações exatas em relação à vida da bisavó, que morrera em 1948. Alguns anos mais tarde, quando Jenny tinha entre sete e oito anos, ela começou a ter uma série de sonhos freqüentes e recorrentes que ela relacionou à batalha de Culloden em 1746. Relatarei a experiência do início da infância aqui e a dos sonhos recorrentes em uma parte posterior com outros exemplos desse tipo de sonhos.

### Resumo do caso e sua investigação

Jenny McLeod nasceu em Aberdeen, Escócia, em 7 de novembro de 1949. Seus pais eram Hamish McLeod e a esposa, Margaret. Jenny foi a terceira das quatro filhas. Quando Jenny nasceu, a família morava em Kingussie, mas quando ela tinha quase cinco anos, mudaram-se para a pequena cidade de Tore, 25 km a noroeste de Inverness (em 1954). Eles ainda moravam lá em 1967 quando investiguei o caso pela primeira vez.

Jenny começou a falar quando tinha por volta de um ano de idade. Aos dois anos, ela fez umas seis afirmações sobre sua vida passada, cujos detalhes correspondiam à vida de sua bisavó, Bessie Gordon, falecida em fevereiro de 1948.

O caso chamou a atenção do pastor da família McLeod, o reverendo H.W.S. Muir. Em maio de 1967, ele escreveu um breve resumo do caso e o

enviou para uma amiga minha, uma psiquiatra de Edimburgo, que me repassou este resumo. Eu me correspondi com o pastor Muir e mais tarde, no mesmo ano, viajei a Tore, onde entrevistei Margaret, a mãe de Jenny, em 11 de outubro. No dia seguinte, encontrei e entrevistei a própria Jenny na Universidade de St. Andrews. Na época de minha visita a Tore, o pai de Jenny não se encontrava na cidade, e eu nunca o conheci. A avó, à qual Jenny fizera suas afirmações aos dois anos de idade, falecera em 1961. Entretanto, Margaret McLeod testemunhou o relato de Jenny à avó.

Nos anos seguintes ao nosso encontro de 1967, Jenny e eu trocamos correspondência ocasionalmente, e eu esperava poder reencontrá-la em alguma oportunidade quando visitasse o Reino Unido. Infelizmente, essa visita só foi possível em setembro em 1992. Naquele mês, eu tornei a encontrá-la e tivemos uma longa conversa sobre a sua vida passada. Na época, ela estava com quase 43 anos de idade.

Em 1992, fui a Portree e visitei a região conhecida como The Lump e Bayfield Road, onde a avó de Jenny vivera. Fui aconselhado a consultar Roger Miket, o responsável pelo Museu de Portree e historiador local. Ele estava ausente na época em que estive em Portree, mas respondeu algumas de minhas perguntas por carta.

**Declarações de Jenny sobre uma vida passada, feitas na infância**

Jenny tinha uns dois anos de idade ao tecer seus primeiros comentários sobre a vida passada. Certo dia, no início da tarde, Jenny estava sentada no colo da avó, que, a alimentava. A mãe se encontrava no mesmo aposento, inesperadamente, Jenny perguntou: "Vovó, você se lembra quando eu costumava te dar comida?" Aparentemente levada por alguma associação, Jenny mencionou uma colina chamada The Lump, em Portree. Ela falou sobre a casa de lá, que tinha o seu próprio embarcadouro. Referiu-se a um lance de escadas que cortava caminho até a casa, em vez de rodear a estrada de The Lump. Mencionou os "lindos cachorrinhos" que tivera (os McLeods não possuíam cachorro algum, nem grande nem pequeno).

Em seu breve resumo do caso, o pastor H.W.S. Muir relatou que Jenny fizera outras afirmações, citando nomes de outros lugares e de ruas em Portree. Cinco meses mais tarde, em uma conversa comigo, Margaret disse que Jenny "não acrescentara muito mais" além daquilo que registrei acima. Contou ainda que, após o almoço, Jenny ficou sonolenta e encerrou essa conversa sobre Portree e nunca mais falou nada a respeito.

## A precisão e os detalhes das afirmações de Jenny sobre a vida passada

A mãe de Jenny explicou que as afirmações da filha estavam corretas quanto aos aspectos da vida da bisavó materna de Jenny, Bessie Gordon. Ela nascera em 1865 em Portree, na ilha de Skye, e lá morou a vida inteira. Sua casa se localizava perto do mar e também perto da colina denominada The Lump. Era a única casa da região a possuir seu próprio embarcadouro. O conhecimento de Jenny sobre os degraus que levavam à casa também estava correto.

Quando visitei Portree, estive em The Lump e também caminhei pela estrada perto dela, cujo nome, assim como o nome da casa em questão, foram fornecidos por Margaret. A estrada serpenteava ao longo da baía. Não havia mais nenhum outro embarcadouro diante das casas. Em 28 de outubro de 1992, porém, Roger Miket me escreveu, confirmando alguns detalhes. A casa identificada por Margaret realmente pertencera a Bessie Gordon e era a única ao longo daquela estrada a contar com um embarcadouro ou trapiche bem em frente (na verdade, o embarcadouro não pertencia à casa, mas sim a um pesqueiro de salmão ao lado). Perto da casa e do embarcadouro também existiram "degraus ou, melhor dizendo, pedras de apoio, que levavam a Seafield, do outro lado da baía".

Bessie Gordon se casara e tivera nove filhos, sendo três meninos e seis meninas, das quais uma era Mary Gordon, a avó de Jenny, a quem Jenny teceu alguns comentários sobre Portree. Ela criava cães Highland Terriers. Conservou-se ágil e alerta até os 80 anos, vindo a falecer em Portree, em 1948, aos 83 anos de idade. Sua morte foi atribuída à "idade avançada"; ela ficou de cama apenas dois dias antes de seu falecimento. Margaret lembrava bem de sua avó e a considerava especial por sua alegria, pela voz excelente e pelo grande apreço aos livros e à leitura.

Bessie Gordon parecia ter certa predileção por Margaret. Certa vez, deu a um filho um anel que lhe era muito especial. Porém, mais tarde, tomou-o de volta e o deu a Margaret.

## Falta de oportunidades para Jenny saber de Portree espontaneamente

Até completar dois anos, quando falou sobre sua vida passada, a mãe de Jenny esteve constantemente a seu lado. À noite, Jenny dormia com ela. A própria Margaret conhecia Portree, mas tinha certeza de que ninguém mencionara a cidade na presença de Jenny até o momento em que ela comentou a respeito.

**Semelhança física entre Jenny e Bessie Gordon**

Margaret contou que a "compleição física" de Jenny era semelhante à de sua bisavó e, na opinião dela, era diferente da do resto da família. Esta caracte-rística deve ter impressionado muito Margaret, pois ela já chegara a mencionar o fato ao pastor H.W.S. Muir, que o incluíra em seu breve resumo do caso.

**Comentário.** Em 1967, eu ainda estava aprendendo a observar com atenção as marcas e deficiências de nascença nestes casos e ainda não me havia ocorrido que o indivíduo de um caso possa se assemelhar fisicamente com a pessoa cuja vida parece recordar. Assim, perdi muitas oportunidades, como neste caso, de obter mais informações de potencial importância; o capítulo que trata de traços físicos é um dos mais curtos em meu trabalho sobre os casos cujos indivíduos estudados tinham marcas ou defeitos de nascença (Stevenson, 1997).

**Semelhanças de comportamento entre Jenny e Bessie Gordon**

Em seu resumo do caso, o pastor Muir anotou que Margaret acreditava que Jenny se parecia com a bisavó não apenas em compleição, mas também "em sua maneira de falar, e no modo de fazer as coisas".

Margaret me falou sobre vários traços em comum entre Jenny e sua bisavó, como a predileção que tinha por sopas caseiras e pela dança típica das Highlands. Observou, porém, que as outras filhas partilhavam destes gostos. Ainda assim, havia duas características nas quais Jenny diferia das irmãs e se assemelhava à bisavó: as duas eram extremamente interessadas em leitura e possuíam boa voz para cantar.

**Outras informações**

Margaret McLeod acreditava em reencarnação. Além disso, acreditava em transmigração (metempsicose), ou seja, que animais não pertencentes ao gênero humano pudessem reencarnar como seres humanos e vice-versa. Contou-me que acreditava que seu enorme gato amarelo, que dormiu sobre sua almofada durante toda minha visita à residência dos McLeod, era a reencarnação de algum ser humano, mas não sabia bem quem ele fora. O gato tinha uma afinidade especial com Margaret.

Não consegui descobrir a origem da crença em reencarnação de Margaret. Sua língua materna era o gaélico, seu primeiro idioma. Na Parte I, mencionei que Evans-Wentz (1911) encontrou provas de que a crença na reencarnação persistiu entre os highlanders (nativos das Terras Altas) da Escócia até a segunda década do século XX, podendo ter se estendido ainda mais em certos bolsões. Margaret nasceu em 1922, uma década após a publicação do livro de Evans-Wentz.

**Desdobramentos posteriores no caso de Jenny**

Quando me encontrei com Jenny em setembro de 1992, ela tinha um bom emprego em uma empresa. A mãe morrera em 1991 e o pai, alguns anos antes da esposa. Margaret não discutiu com Jenny as experiências infantis que esta tivera, provavelmente devido à atitude do marido, desinteressado no assunto.

Jenny acreditava que ainda conseguia relembrar a ocasião em que, sentada no colo da avó, perguntou-lhe se ela (a avó) se lembrava ter sido alimentada por Jenny.

Jenny demonstrou-se extremamente interessada em reencarnação e me questionou bastante sobre outros casos de crianças que afirmavam lembrar de vidas passadas. Ela expressou interesse em ler as cartas originais do pastor Muir a respeito de seu caso e eu as mostrei.

## CATHERINE WALLIS

Hesitei um pouco antes de incluir este caso. Não por causa de falha na verificação das afirmações de Catherine Wallis, pois já publiquei outros casos não solucionados e este livro inclui outros semelhantes. Tampouco se deve ao fato de, infelizmente, não ter me encontrado com ela, já que há outros quatro casos nesta obra cujos indivíduos estudados não conheci. Minhas dúvidas surgiram parcialmente pelo fato do indivíduo ser mais velho (uns cinco anos de idade) que a maioria das crianças que fala a esse respeito, ao se referir pela primeira vez a uma vida passada. Entretanto, o motivo principal de minhas dúvidas foi a conhecida habilidade do sujeito em criar "histórias", que ele sabia tratar de fantasias, e em contá-las, algo que o pai a incentivava a fazer. Fui levado a deixar minha objeção de lado, pela firme insistência da menina em questão, em dizer que sabia diferenciar as "histórias inventadas" das lembranças que dizia possuir de uma vida passada verdadeira. Além disso, embora

seu relato sobre a vida anterior tenha sofrido alguns acréscimos (estimulados, acredito eu, pelo questionamento por parte de adultos), a essência de suas afirmações permaneceu incrivelmente estável no decorrer dos diversos anos entre o momento em que ela aparentemente teve as primeiras lembranças e o momento em que não conseguia mais lembrá-las.

**Resumo do caso e sua investigação**

Catherine Wallis nasceu em Portsmouth, Inglaterra, em 27 de março de 1975. Seus pais eram Christopher Wallis e a esposa, Crystal. Acredito que Catherine tenha sido filha única do casal, que se separou quando ela tinha três anos. A partir daí, Catherine viveu com o pai, que era escultor e professor.

Catherine começou a falar bem mais ou menos aos dois anos de idade. Não descobri nada fora do comum em seus primeiros anos – além do divórcio dos pais. Naquela época, ela se mudou com o pai para Edimburgo. Mais tarde, voltaram para o sul da Inglaterra e moraram na fazenda da avó paterna, em Wiltshire, quando Catherine começou a falar sobre a vida passada.

Catherine e o pai – que viviam sozinhos – desenvolveram uma relação muito estreita. Tinham o hábito de inventar e contar histórias um ao outro, por mera diversão. Certa noite, ocupavam-se em contar histórias – enquanto tomavam banho, antes de Catherine ir para a cama – quando, de repente, ocorreu a Christopher perguntar-lhe: "Quem você acha que era antes de ser você mesma?" Isto provocou o relato de Catherine do que naquela oportunidade, e mais tarde, ela acreditava ser a verdadeira vida passada. Na época, Catherine tinha cinco anos, portanto falou pela primeira vez sobre a vida anterior aproximadamente em 1980.

Seu pai tinha o hábito de anotar as histórias de Catherine, assim registrou também sua história da alegada vida passada. Ele guardou os relatos e, como veremos mais adiante, usou-os para escrever sua primeira carta para mim.

No início de 1982, fui entrevistado sobre casos que sugeriam reencarnação em um programa que seria transmitido de Londres pela BBC; a emissora reencaminhou as cartas recebidas para mim. Christopher decidiu me escrever um relato daquilo que a filha lhe contara sobre uma vida passada e as circunstâncias em que ela as contou. Sua carta veio com carimbo de 21 de julho de 1982 e eu cito alguns trechos abaixo.

A seguir, escrevi a Christopher para esclarecer algumas questões que me ocorreram em relação às afirmações de Catherine. No decorrer dos próximos 10 anos, desejei e aguardei um encontro com o pai e a filha, mas não foi possível. O que fiz foi passar essa referência à BBC, que desejava entrevistar crianças

como Catherine. Assim, em 21 de fevereiro de 1983, ela foi entrevistada por June Knox-Mawer em um programa da BBC. Dois meses depois, um colega que trabalhava comigo, o Dr. Nicolas McClean-Rice, esteve na Inglaterra e visitou os Wallis em sua residência em Wiltshire. Tanto a entrevista da BBC quanto a conduzida pelo Dr. McClean-Rice foram gravadas e transcritas. Usei-as neste relatório. Por ocasião da entrevista a June Knox-Mawer, Catherine tinha quase 8 anos de idade e, na entrevista ao Dr. McClean-Rice, pouco mais de 8 anos. O pai esteve presente nas duas entrevistas, e eu vou me referir às duas durante o relato a seguir.

Depois de ter-me correspondido por mais de 10 anos, consegui me encontrar com Christopher Wallis. Nosso encontro se deu na National Gallery, em Londres, em 11 de junho de 1993. Embora conversássemos por mais de duas horas, não consegui descobrir nada de novo que ajudasse no entendimento da fonte das afirmações de Catherine sobre uma vida anterior. Não consegui me encontrar com a Catherine, pois na época morava com a mãe na Irlanda.

No ano seguinte, escrevi a Christopher para saber se Catherine concordaria em se submeter à hipnose. Ele respondeu que a filha estava de acordo, mas o psicólogo em Londres que expressara interesse neste projeto jamais entrou em contato com Catherine ou com seu pai.

**Declarações feitas por Catherine**

**As declarações de Catherine feitas aos cinco anos de idade.** O relato das afirmações feitas por Catherine, a seguir, foi extraído da carta escrita por Christopher Wallis, enviada em 21 de julho de 1982.

Sou pai de Catherine e na época em que ela tinha uns cinco anos já morávamos juntos, só nós dois, há uns dois anos. Tínhamos construído uma relação bastante estreita. Assim como muitos pais, eu inventava histórias para minha filha e ela para mim. Com freqüência, nos exercitávamos com jogos de imaginação, vendo que tipo de coisas poderíamos encontrar em nossas mentes e seguir as linhas de pensamento de retorno, usando diversos meios. Certo dia, estávamos juntos "de molho" na banheira já fazia um bom tempo, bastante entretidos tentando imaginar que estávamos em um quarto – e o que seria possível ver neste cômodo? Do outro lado havia sempre uma porta e o que haveria além da porta? Meus cômodos eram sempre muito simples e repletos de coisas como mesas, cadeiras, facas e garfos etc, enquanto os dela

eram extremamente lindos, cheios de jóias, ouro, tapetes e janelas iluminadas. O jogo podia ser infinito, enveredando por passagens, descendo escadas.

Finalmente, saímos da banheira e enquanto nos enxugávamos, perguntei: "Quem você acha que era antes de ser você mesma?"

Ela começou a responder imediatamente, de maneira confiante, sem hesitar. Devem ter transcorrido uns quinze minutos, meia hora no máximo, até ela terminar e, em seguida, anotei tudo da maneira mais precisa possível. Receio ter deixado de fora muitos detalhes, já que o relato veio em um fluxo tão rápido, mas acho que consegui registrar as partes mais relevantes.

Aqui está, direto de meu caderno.

Enquanto nos enxugávamos, perguntei: "Quem você era antes de ser você mesma"?

"Rosy", ela respondeu, como se eu já soubesse, de certo modo, como se estivesse me relembrando de algo que já havia me contado. "Que Rose?" – quis saber. "Rosy Abelisk. (Abelisque?)" "Qual era o nome de sua mãe?"

"Mary Ann Abelisk" e prosseguiu, "morávamos em uma casinha branca de madeira bem ao lado de uma faixa de pedestres – era uma casa de fazenda e de um lado da estrada havia galinhas e, de manhã, ela costumava me levar no carrinho de bebê para alimentar as galinhas, e as aves faziam um barulho terrível. Quando eu tinha dois anos, ficava aborrecida porque não conseguia sair do carrinho, mas quando tinha três anos costumava ajudar a mamãe a recolher os ovos e, certa vez, deixei cair um, mas tudo bem, pois ele caiu bem em cima da palha".

"Como era,o carrinho de bebê?" perguntei, pensando que poderia ter uma idéia da data ou da época do acontecimento.

"Era como uma cesta", respondeu – "com ganchos na beirada em volta dela."

"Como era a sua mãe?"

"O cabelo dela era loiro e comprido, mas ela sempre prendia em um coque."

"O seu papai estava lá?"

"Não. Acho que ele estava bem longe, na Inglaterra, me lembro que quando eu tinha seis anos ia para a Inglaterra em visita, mas eu não falava inglês." "Que língua você falava?"

"Acho que francês, estávamos na América, mas falávamos francês. Foi a melhor época para mim, pois tudo era muito interessante. Tivemos de viajar muito e quando nós chegamos lá, eu pulei do trem para os seus braços. Então, regressamos e depois disso, tudo voltou a ser o que era.

Éramos bem pobres, um lenhador morava na nossa casa e ele costumava ganhar dinheiro vendendo madeira".

"Consegue lembrar o nome da escola?" Era algo do tipo: "eco missi", contou, tentando pronunciar "eccoo missri". Repeti uma ou duas vezes. École missive, finalmente me convenci. Escola de uma missão? Se encaixaria bem na história. Seria *école missive* o nome em francês para uma escola missionária? Ela conseguiu lembrar o nome, mas não conseguiu lembrar de mais nada dela.

Aí, surgiu uma discussão a respeito de morte ou de morrer – eu anotei. "Como você morreu?"

"Certo dia, quando eu estava atravessando a estrada para pegar os ovos, por ser uma faixa de pedestres, eu não olhei e quando comecei a atravessar, um caminhão de coca-cola me pegou e eu rolei e rolei. Aí fui parar no hospital e estava com as duas pernas fraturadas e o meu pescoço estava todo ferido."

"Você consegue se lembrar se tinha muita dor?'1

"Não, dor nenhuma. Só lembro dos ferimentos."

"Quanto tempo você ficou lá?"

"Cinco semanas e então eu simplesmente morri."

"Obrigado, Rosy, por ter me contado a história," agradeci, cobrindo-a já na cama.

"Não é uma história," ela protestou. "É verdade."

**Declarações feitas por Catherine com sete anos e meio.** Após receber a carta de Christopher Wallis de 21 de julho de 1982, ela foi respondida em setembro do mesmo ano com alguns comentários e pedindo para ele me escrever novamente caso Catherine acrescentasse algo relativo à presumida vida passada. Após algum tempo, ele respondeu com uma carta datada de 8 de fevereiro de 1983, mencionando que tentara "com o maior cuidado" obter mais detalhes de Catherine logo após ter recebido a minha carta em setembro do ano anterior. Segue abaixo parte de sua resposta naquela data.

Quando a sua última carta chegou, tentei com o maior cuidado levá-la a falar da vida de Rosy, para ver se ela conseguia lembrar o nome da cidade.

Catherine descreveu prédios, pessoas e até o painel fora da escola, mas não as palavras escritas nele e falou ainda sobre a cidade próxima, com "lojas de departamentos", que não é uma expressão britânica. Até as lojas grandes nós chamamos de "lojas"!

Um fato curioso (que ela vem mencionando desde então) é que a mãe dela sempre recolhia retalhos e costurou muitas roupas de patchwork – quando ela foi à escola, todos riram dela por causa de suas roupas de retalhos.

Ela descreveu os professores da escola, como muito severos, na maioria homens que vestiam ternos pretos com coletes e camisas azuis; e o prédio era branco, ou de pedra, com um campanário.

Não forcei mais e conversamos de maneira descontraída a respeito, pois tenho medo de que ela fique preocupada ou comece a inventar coisas. Agora, porém, ela parece ser capaz de explorar as memórias e ver as coisas com clareza.

Perguntei se ela sentia a mesma coisa quando inventava uma história, e ela respondeu que era diferente e que ela conseguia se ver fazendo coisas.

**Declarações feitas por Catherine com 8 anos de idade.** Durante as entrevistas de Catherine com June Knox-Mawer e o Dr. McClean-Rice (no início de 1983), os entrevistadores fizeram muitas perguntas, na esperança de poder elucidar mais detalhes sobre a presumida vida passada.

Em alguns momentos, Catherine parece ter conseguido fornecer alguns detalhes a mais do que os mencionados havia três anos, na época de sua primeira manifestação a respeito para o pai. Por exemplo, ao ser questionada como Rosy trouxera a madeira que cortara de volta à casa, Catherine respondeu a June Knox-Mawer: "Havia um cesto, com uma espécie de rodas, que eu usava sempre para trazer a madeira; era como um carrinho de pedreiro, mas com um cesto."

Catherine completou ainda algumas lacunas, contando à June como ela foi apanhada e ferida pelo caminhão de coca-cola. Explicou que geralmente havia muito pouco movimento na estrada que atravessava para ir à escola e para recolher os ovos. Estava aproximadamente no meio da estrada quando o caminhão apareceu, de repente, e ela não conseguiu fugir. Disse ter dez anos na época do atropelamento e morte.

Em outros momentos, Catherine forneceu elementos totalmente novos, que não haviam sido citados nos primeiros relatos. Conversou, por exemplo, durante muito tempo com o Dr. McClean-Rice sobre o vizinho fazendeiro, de nome Nox. Não havia falado dele anteriormente. Primeiro, ela o mencionou ao pai, um dia antes da visita do Dr. McClean-Rice, quando conversavam sobre a vida de Rosy. Falou ainda de outras pessoas que não foram mencionadas antes, como a Sra. Nox (esposa do Sr. Nox) e a melhor amiga de Rosy na escola. Além de incluir pessoas novas e objetos, Catherine mudou um detalhe que se referia ao cabelo da sua mãe. Em seu primeiro relato ao pai, Catherine descreveu o cabelo da mãe como sendo loiro; na conversa com o Dr. McClean-Rice, ela disse que era "escuro".

Tanto para June Knox-Mawer, quanto para o Dr. McClean-Rice, Catherine declarou com evidente firmeza que sabia diferenciar as histórias

que inventava de detalhes de sua vida como Rosy. Por exemplo, o seguinte diálogo ocorreu entre a Catherine e June:

June:... Quando você conta ao seu pai essas coisas, Catherine, é como se você ainda estivesse lá ou é como se estivesse contando...

Catherine: É como ... é... como se eu estivesse lá e estivesse contando sobre a minha vida para alguém.

June: Se esforça em tentar explicar... Deve ser muito difícil... explicar.

Catherine: Eu conseguia ouvir tudo dentro da minha cabeça, e era como se eu estivesse contando a alguém sobre a minha vida.

Durante a entrevista com o Dr. McClean-Rice, Christopher e Catherine falaram sobre a realidade representada para Catherine por suas aparentes lembranças da vida passada, e o seguinte diálogo foi extraído da transcrição desta entrevista: .

Christopher: Qual é a diferença entre quando você está inventando uma história sobre a Sra. Churchville ou algo...

Catherine: É muito diferente.

Christopher: Parece diferente, é isso? Descreva qual é a diferença entre inventar uma história e... você lembrar?

Catherine: É, é uma coisa totalmente diferente.

June Knox-Mawer perguntou a Catherine se ela já tinha lembranças da vida passada antes de ter falado com o pai, aos cinco anos. Catherine respondeu que, na noite anterior à conversa com o pai, sonhara com uma cena em que se encontrava com o pai de Rosy e pulava em seus braços. Mais tarde, ela descreveu este sonho ao Dr. McClean-Rice como "verdadeiro demais". Disse: "Não era só um sonho. Era verdade." Disse ainda que as outras partes das lembranças surgiram no dia seguinte, quando estava na banheira com o pai.

Catherine sabia ao falar com June que tinha sete anos (ainda não completara oito) que afirmava lembrar da vida de uma menina que morrera com dez anos de idade. Quanto a esta experiência, ocorreu o diálogo abaixo:

Catherine: ...às vezes eu sinto que... de vez em quando, quando estou na cama, sinto como se estivesse andando para trás, para a época em que tinha dez anos e então vou para frente, quando estou com sete anos.

Jude: Sim, pois você tem sete anos agora.

Catherine: Vidas diferentes...

Jude: Repita o que disse. Diferentes o quê?

Catherine: Quando... às vezes, quando estou na cama, parece que eu estou... eu estou... sinto como se estivesse indo... continuo voltando para trás, na época da minha outra vida e ela continua a voltar para esta vida.

Jude: Isto é confuso para você?

Catherine: Muito confuso.

Jude Knox-Mawer entrevistou ainda a mãe de Catherine, Crystal, para o programa da BBC, e eu li a transcrição desta entrevista. Crystal não estava presente na ocasião em que Catherine falou ao pai pela primeira vez sobre a vida passada, não podendo acrescentar nada ao que ele escrevera e dissera sobre os detalhes das lembranças de Catherine. Ela descreveu a filha como uma criança incrivelmente sensível e que amadureceu antes da idade.

**A consistência das afirmações feitas por Catherine.** Embora eu tenha chamado a atenção para os detalhes adicionais fornecidos por Catherine quando questionada pelo seu pai e pelos outros entrevistadores aos sete e oito anos, estes não eram inconsistentes com o que contara anteriormente. Nenhuma informação pôde ser confirmada e podem ser ficção. Ou o primeiro relato, feito aos cinco anos, pode ser de uma vida passada real e as adições feitas mais tarde podem ser obra de ficção. Podemos dizer, no entanto, que Catherine jamais modificou a essência de suas informações (exceto pelo detalhe da cor dos cabelos da mãe de Rosy).

Comparando as gravações das entrevistas posteriores com o primeiro relato de Christopher Wallis sobre as afirmações de Catherine, concordo com o que ele disse a June Knox-Mawer. Referindo-se à sua própria relutância em pressionar Catherine com perguntas, ele comentou:

Não gostava de trazer isto [as lembranças da vida passada] à tona, pois as crianças que inventam histórias o tempo todo podem facilmente elaborá-las um pouco mais, então eu deixei aquilo como uma mera anotação, que não foi discutida. Mas quando aquilo tudo surgiu, as coisas que ela me contou eram bastante consistentes com o original... a história original.

**Hipóteses sobre o possível local da vida passada**

As afirmações de Catherine não fornecem quase elemento algum para hipóteses sobre onde a vida passada que ela acreditava ter vivido poderia ter transcorrido. Os detalhes sobre o idioma francês na América sugerem Quebec ou uma região de língua francesa na Nova Inglaterra. Uma construção de pedras com um campanário sugere uma igreja católica típica em um vilarejo do Canadá francês. Outra possibilidade é um local nas regiões de idioma francês da Luisiana, especialmente na província Acádia (Cajun), ao redor de Lafaiete.

A coca-cola foi produzida pela primeira vez em 1885 e vendida em

garrafas logo após (Watters, 1978); passou a ser distribuída em caminhões motorizados a partir da década de 1910 e só passou a ter distribuição em massa após 1920 (Stevens, 1986). Essa distribuição teve que aguardar o desenvolvimento tanto de caminhões quanto de estradas adequadas.

Além destas pistas fragmentadas, não temos nada que nos pudesse levar adiante: Catherine jamais mencionou o nome de alguma cidadezinha ou vilarejo.

A sugestão de Christopher de que "école missive" pudesse ser o termo em francês para "escola missionária" não está estritamente correta. A palavra francesa missive significa mensagem ou comunicação. Uma escola missionária seria chamada de "école missionnaire" em francês. Na verdade, Catherine chegou perto disso com a frase "eccoo missre".

**Outras informações relevantes**

Os Wallis não tinham ligação alguma com a França ou com o Canadá francês. Christopher pôde pensar apenas em uma fonte para um item das declarações de Catherine. Sua esposa tivera uma saia de retalhos que Catherine teria visto quando era mais nova.

Um elemento nas afirmações de Catherine tinha um paralelo com a suscetibilidade que ela demonstrou quando criança; ela não gostava de ser ridicularizada. Essa situação ocorreu, em suas declarações, quando crianças mais ricas da escola, que tinham roupas melhores, riram das roupas de retalhos de Rosy. Catherine não tinha fobia de veículos.

**A maturidade de Catherine comparada com outras crianças da sua idade**

Embora eu nunca tenha me encontrado com Catherine, as cartas de seu pai me deram a impressão de que ela era mais inteligente que de costume e também muito mais madura que os de sua idade. A primeira carta de seu pai endereçada a mim mostrou acreditar que a filha tivesse imaginação mais criativa que a dele. Além disso, ela discorreu seriamente sobre assuntos que normalmente não preocupam uma criança. Ela falou com facilidade sobre aquilo que poderíamos chamar de mitos criativos e, com desenvoltura, falou sobre a alma, ela mesma usando esta palavra. June Knox-Mawer evidentemente também acreditava que Catherine era madura demais para sua idade. A esse respeito, cito uma conversa entre ela e Christopher, durante a entrevista

da BBC, em 21 de fevereiro de 1983 (Catherine não estava presente durante esta parte da gravação).

June: Você não tem uma impressão um pouco estranha de que, às vezes, a Catherine está contando, na verdade, o tipo de coisa que a maioria das crianças não parece ter acesso, algo esquisito...

Christopher: Sim, é por este tipo de impressão que eu realmente não conseguia acreditar no que ela me dizia. Pensava: será que é verdade que eu estava ouvindo aquilo dela... ou seja, saindo dela. E, com certeza, não parecia conversa de criança. Era estranho... muito estranho. Algumas histórias míticas que ela criava, que eram muito... muito... e a sua maneira de contar parecia... de um modo muito mais adulto do que ela realmente é... acho que ela sempre teve noção de... dos sentimentos das pessoas e seu enfoque sempre foi mais maduro... e isto... bom, é um pouco desconcertante.[39]

**A marca de nascença**

Catherine nasceu com uma marca de nascença, descrita por seu pai como uma "marca de um vermelho vivo, na nuca, do lado esquerdo – que clareou completamente com o passar dos anos –, mas ainda há leves vestígios visíveis embaixo dos cabelos – não vejo há muito tempo".

Pelo fato da Catherine ter descrito que "tinha uma sensação dolorida ao redor do pescoço" após o caminhão ter acertado Rosy, Christopher pensou que a marca poderia ser conseqüência do ferimento infligido a Rosy e ao qual a filha se referira.

Entretanto, pelo menos 3% das crianças nascem com marcas de nascença no mesmoTocal que o de Catherine (Corson, 1934). Estas são áreas de eritema, um tipo de nevo flâmeo, chamado ainda de hemangioma e, popu-larmente, de verruga. Em algumas famílias, foi encontrada uma incidência muito maior que 3% de tais marcas de nascença na nuca. A maioria acaba desaparecendo conforme a criança cresce, mas em 5% dos casos persiste até mais tarde na infância ou além dela (Hodgman, Freeman e Levan, 1971). A marca de nascença de Catherine permaneceu até 1983, quando era visível o suficiente para o Dr. McClean-Rice fotografá-la.

Em alguns casos solucionados que investiguei, havia fundamentos que levaram a acreditar que as marcas de nascença nesse local poderiam ser

[39] Já cheguei a discutir esta característica, de "atitude adulta" em outro trabalho (Stevenson 1987/2001). Os que demonstraram tal atitude incluem Suleyman Andary, Kumkum Verma, Bongkuch Promsin, Thiang San Kla, Maung Htay Win, Chanai Choomalaiwong e o venerável Chaokhun Rajsuthajarn.

resultantes de uma vida passada (Stevenson, 1977). Porém, dada a freqüência de incidência dessas marcas em crianças que não se lembram da vida passada, creio que não possamos atribuir a de Catherine a uma vida anterior que ela acreditava relembrar.

**Desdobramentos posteriores no caso de Catherine**

Durante o final da década de 1980, não me correspondi com Christopher. Então, em 1990, escrevi sobre uma possível participação de Catherine em um filme-documentário que a BBC produziria. Ele respondeu cordialmente e ainda mandou algumas informações sobre o desenvolvimento de Catherine.

Por volta de 1985, certa noite, ela lhe contou que se sentia como se balançando para frente e para trás, entre as duas identidades. Durante algum tempo, sentiu-se bastante desconfortável, mas logo em seguida começou a sair mais, a brincar muito mais que costumava antes (por volta dos dez anos). Recentemente (1990) ela me contou que até aquela idade, tivera muito medo de morrer (até completar os dez anos) [Catherine dissera que Rosy tinha dez anos ao morrer].

Pelo exposto acima, parece que Catherine continuou a ter algumas lembranças da vida anterior até chegar perto de completar os dez anos. A partir de 1990, seu pai escreveu (na carta de 6 de agosto de 1990): "Ela diz que agora só tem lembranças de suas memórias anteriores. Ela se lembra que lembrava."

**Comentários**

Não consegui chegar a uma conclusão firme – se Catherine tivera lembranças de uma vida passada que ela realmente vivenciara (temos que dizer o mesmo sobre todos os casos não solucionados).

A idade relativamente tardia com que Catherine começou a se lembrar da vida passada aponta em direção contrária a uma interpretação paranormal; ela não é a única, pois alguns sujeitos de alguns casos verificados, como Suleyman Andary, só começaram a falar sobre a vida passada após os cinco anos de idade.

Catherine tampouco expressou as memórias espontaneamente, mas apenas em resposta à indagação do pai (e isto, após os dois terem contado histórias fictícias um ao outro). Ainda assim, há casos paralelos com a mesma característica, sendo o mais notável o de Dolon Champa Mitra.

A estabilidade da essência original das lembranças de Catherine aponta ligeiramente para uma interpretação paranormal. Porém, as fantasias mais absurdas, às vezes, demonstram notável estabilidade no decorrer de muitos anos. O caso de Hélène Smith (Flournoy, 1899) oferece um excelente exemplo.

Na introdução deste relatório, mencionei que foi a confiança de Catherine na sua capacidade de distinguir as memórias das fantasias que me levou a incluir o caso nesta obra. Entretanto, devo dizer agora que considero esta a característica menos importante quando tentamos encontrar a interpretação correta para o caso. Desejaria poder compartilhar da confiança de Catherine (que eu certamente respeito, por sua honesta convicção), mas um fato amplamente reconhecido sobre a lembrança é que a confiança na sua precisão não está correlacionada com a precisão em si. Pelo menos, isto está bem demonstrado no que diz respeito às observações de testemunhas oculares (Wells e Murray, 1984) e parece provável que se aplique também a outros tipos de memórias.

## CARL EDON

Este caso não foi solucionado. Sua importância decorre do fato de Carl afirmar que se recorda de uma vida anterior em outro país e do comportamento incomum, de acordo com suas declarações, demonstrado por ele quando era bem criança.

### Resumo do caso e sua investigação

Carl Edon nasceu em Middlesbrough, Inglaterra, em 29 de dezembro de 1972 e seus pais eram James Edon e a esposa, Valerie. Carl era o mais novo dos três filhos do casal. Tinha uma irmã, cinco anos mais velha, e um irmão, onze anos mais velho. Seu pai era motorista de ônibus.

Carl começou a falar bem com dois anos. Logo depois começou a dizer: “Bati o avião contra uma janela”. Ele repetia isto com freqüência e, aos poucos, foi acrescentando mais detalhes a respeito de uma vida passada, da qual parecia recordar. Disse que participava de uma missão de bombardeio sobre a Inglaterra quando o avião caiu. Pelos detalhes adicionais dados por Carl, os pais concluíram que ele falava da vida de um piloto da Força Aérea Alemã, morto durante a 2ª Guerra Mundial.

Carl deu mais provas quando, ao começar a desenhar, fez esboços com suásticas e águias e, um pouco mais tarde, desenhou o painel de controle de

uma cabine de piloto. Ele demonstrava ainda grande interesse pela Alemanha e tinha certo comportamento que poderia ser considerado "alemão".

Um breve relatório deste caso foi publicado em um artigo na revista Woman's Own em 7 de agosto de 1982. Por meio do editor da revista, descobri o endereço dos Edon. Em janeiro de 1984, o Dr. McClean-Rice viajou a Middlesbrough, onde entrevistou os pais de Carl e também conversou com o menino, na época, com 11 anos de idade. Enquanto isso, o caso ganhou maior repercussão, inclusive recebendo grande atenção por parte dos jornais locais. Um jornalista alemão foi à cidade e entrevistou Carl e seus pais; seu relatório apareceu no Morgenpost (um jornal de Berlim), em 17 de julho de 1983.

Após o encontro dos Edon com o Dr. McClean-Rice, deixei o caso de lado por dez anos, antes de decidir que poderia e deveria descobrir mais a seu respeito. Retomei, então, a correspondência com os Edon e, em 13 de junho de 1993, fui até Middlesbrough e tive um longo encontro com Carl e os pais. Nos anos seguintes, de tempos em tempos recebi notícias deles. Em 15 de outubro de 1998, retornei à cidade e tive outro longo encontro com James e Valerie Edon (na época, como virei a explicar mais tarde, Carl estava morto). Pedi o encontro para revisar alguns detalhes do caso. As outras duas crianças do casal chegaram à casa ao final de minhas entrevistas, mas descobri que não podiam acrescentar nenhuma informação.

**Declarações feitas por Carl**

A primeira afirmação de Carl sobre a vida passada e repetida com freqüência foi: "bati o avião contra uma janela". Mais tarde, ele acrescentou que o avião do acidente era um bombardeiro e um Messerschmitt (Valerie Edon relembrou que Carl dera um número, 101 ou 104, para o tipo de Messerschmitt, mas ela não se lembrava mais [em 1983] qual era o número informado.[40] Ele dizia estar em uma missão de bombardeiro quando seu avião caiu). Acrescentou ainda o detalhe que, durante a queda, perdera a perna direita.

Carl contou que seu nome era Robert e que o nome de seu pai era Fritz; tinha um irmão chamado Peter. Não se lembrava do nome da mãe anterior, mas a descreveu com cabelos escuros e usando óculos. Disse que ela

[40] As pessoas que não tinham muitas informações sobre aviões militares alemães utilizados na 2ª Guerra Mundial (dentre os quais eu me incluo) acreditavam que os aviões Messerschmitt eram exclusivamente de caça. De modo geral isto é verdade, mas o Messerschmitt 262, um avião a jato, foi "empregado como caça para ataque em terra ou bombardeiro de baixa altitude e tarefas de reconhecimento" (United States Government Printing Office, 1945).

era mandona. Afirmou ainda que morrera aos 23 anos e que tinha uma noiva loira e esbelta de 19 anos.

**Comentário.** Em 1993, soube de várias declarações adicionais que Carl fizera, mas já se haviam passado 18, 19 anos desde a primeira vez em que ele falara sobre a vida passada e eu acredito que é apropriado se ater apenas à sua lista de afirmações que à de seus pais, fornecida em 1983. Tenho certeza de que isso leva à perda de outros detalhes, mas evita uma lista errada de itens que Carl pode ter adicionado seja para agradar os que o questionavam ou por conhecimento adquirido de forma normal.

**Os esboços de Carl**

Carl começou a fazer esboços e desenhos quando era muito novo, entre dois e três anos de idade. Fazia aviões, divisas e insígnias. Seus pais se recordam que ele desenhou um avião e colocou uma suástica nele (notaram que a suástica estava espelhada). Desenhou ainda uma águia, que seus pais identificaram mais tarde como a "águia alemã". Aos seis anos, ele desenhou o painel da cabine de piloto de uma aeronave e descreveu as funções dos indicadores. Na época, mencionou que o bombardeiro que pilotava tinha um pedal vermelho que era apertado para soltar as bombas. Um desses desenhos era, aparentemente, de uma insígnia que continha asas nas laterais e uma águia no centro.

Os primeiros desenhos de Carl eram pouco elaborados, embora parecesse bastante óbvio para seus pais o que ele estava tentando desenhar. Conforme cresceu, continuou a desenhar divisas e insígnias, mas cada vez com maior habilidade.

**O comportamento de Carl em relação à vida passada**

**Circunstâncias e maneiras de Carl falar sobre a vida passada**. As primeiras afirmações de Carl foram espontâneas sem qualquer estímulo identificável. Quando ele já tinha idade para assistir a programas de televisão sobre a Alemanha, às vezes, comentava algum detalhe das vestimentas de um ator. Dizia, por exemplo, que o ator não estava com a divisa no lugar certo do uniforme. Em outra ocasião, Carl via um documentário sobre o Holocausto, que

mostrava uma cena em um campo de concentração (mais tarde, seus pais acreditavam lembrar que se tratava de Auschwitz, mas não tinham certeza; poderia ter sido outro campo). A cena estimulou Carl a dizer que seu campo, ou seja, a base de aeronaves da qual seu bombardeiro decolou, era perto daquele campo de concentração.

Algumas vezes, amigos da família pediam detalhes a Carl como, por exemplo, o que ele vestia na vida passada e ele lhes contava. Pediam ainda que fizesse um esboço de algum objeto da vida passada e ele fazia (seus pais deixavam os amigos levarem esses esboços para casa para guardarem. Eles próprios não mantiveram nenhum que Carl tenha feito espontaneamente).

**As preferências alimentares de Carl.** Carl era diferente do resto da família, preferia café a chá e gostava de comer sopas espessas e salsichas.

**A postura, o modo de andar e os gestos de Carl.** Ao falar, pela primeira vez, sobre a vida passada, Carl espontaneamente demonstrou a saudação nazista característica, com o braço direito erguido e estendido. Ele também demonstrou a marcha em passo de ganso dos soldados alemães. Quando se erguia, sempre ficava em pé ereto, com as mãos nas laterais.

**A predileção de Carl pela Alemanha.** Carl exprimiu desejo de ir para a Alemanha e morar lá. Certa vez, uma peça encenada em sua escola havia o papel de um alemão e Carl insistiu em desempenhá-lo na peça.

**Outro comportamento relevante de Carl**

Comparado às outras crianças da família, Carl era extraordinariamente limpo e quase compulsivamente organizado. Gostava de se vestir bem. Parece ter sido um pouco mais rebelde e mais malcriado que uma criança nova normal.

**Aparência física de Carl**

Carl era bem loiro, o cabelo era da cor do feno e as sobrancelhas e cílios também eram loiros. Os olhos eram azuis. Ele se distinguia dos outros membros mais próximos da família, que tinham cabelos castanhos, por sua comparativa falta de pigmentação no cabelo. Sua mãe tinha olhos azuis.

**As atitudes dos pais de Carl e de seus colegas de escola em relação às suas lembranças**

Os pais de Carl eram membros da Igreja Anglicana. Pouco sabiam sobre a reencarnação e, de início, ficaram confusos com as afirmações, esboços e comportamento de Carl. Em um primeiro momento, o pai de Carl acreditou que o filho estivesse descrevendo uma fantasia infantil. Eles nunca reprimiram seus relatos sobre a vida passada. Seu pai, indiretamente, o encorajava. Perguntava a Carl algum detalhe e verificava suas respostas em um livro. Os pais de Carl também incentivavam os visitantes a lhe pedir os esboços de algum objeto da vida passada, como insígnias. Depois de escutar Carl durante alguns anos, eles ficaram mais ou menos convencidos de que ele se referia a uma vida real que ele certamente acreditava ter vivido. Não foram dogmáticos e continuaram a acreditar que o caso era um mistério.

Por outro lado, os colegas de escola de Carl zombavam dele sem piedade. Imitavam suas passadas de ganso, riam e o chamavam de alemão e de nazista. Isto contribuiu para que Carl parasse de falar sobre a vida anterior a partir dos 11 anos de idade. Durante certo tempo, Carl tentou evitar ir à escola, pois achava a zombaria de lá extremamente desagradável.

**Possibilidades de Carl ter adquirido as informações sobre a vida anterior de modo natural**

James Edon nasceu em 1947 e Valerie, em 1946. O pai de Valerie lutou pelo Exército Britânico na 2ª Guerra Mundial. Em combates no norte da África, ele testemunhou a morte de alguns de seus companheiros. Ele odiava os alemães e, muitas vezes, repetiu isso após a guerra. Ele faleceu em 1968, quatro anos antes do nascimento de Carl. Entre 1974-76, Carl falava muito sobre a sua vida passada. Naquela época, trinta anos já se tinham passado do final da 2ª Guerra, e o tema era pouco discutido. James Edon acreditava que naquele período Carl já estava na cama, antes da hora à noite em que quaisquer dos poucos filmes sobre a guerra passavam na televisão. Tinha certeza de que esses filmes não poderiam ter sido a fonte do interesse de Carl pela Força Aérea Alemã e de seu conhecimento sobre aviões, insígnias e distintivos alemães.

Carl continuou a se referir à vida passada até atingir entre dez e 11 anos de idade. No final de sua infância, ele teria tido oportunidades de ver filmes ocasionais sobre a 2ã Guerra na televisão (mencionei acima o fato de ele ter reconhecido um campo de concentração).

A família tinha poucos livros, e nenhum era sobre a guerra. James contou que quando perguntou a Carl sobre um detalhe da vida passada ao qual Carl se referia, ele teve de emprestar um livro da biblioteca local para descobrir que Carl estava correto.

**A marca de nascença de Carl**

Carl nasceu com uma verruga proeminente hiperpigmentada na virilha direita, que foi aumentando de tamanho à medida que crescia, chegando a enroscar na roupa. Quando se tornou adulto, tinha uns 2,5 cm de diâmetro. Um médico retirou a pinta, com anestesia local, no início de 1993. No mesmo ano, quando examinei a área em que se localizava, ainda dava para ver a marca dos pontos, e a cicatriz estava rosada.

Carl nunca reclamou de dor na área do nevo e nunca mancou ao andar. Seus pais lançaram a hipótese de uma conexão entre o nevo e a afirmação de Carl de ter perdido a perna direita na queda do avião na vida passada; o próprio Carl jamais fez a conexão.

**Hipóteses sobre a pessoa falecida de cuja vida Carl parecia se lembrar**

O irmão de James Edon casou-se com uma alemã, cujo pai fora piloto da Força Aérea Alemã e falecera durante a 2ª Guerra Mundial. Este conhecimento estimulou a especulação de que Carl pudesse estar se lembrando da vida deste piloto. Infelizmente, a esposa (alemã) do piloto tornou a se casar e, embora o segundo marido fosse inglês, e tivessem se mudado para Inglaterra, ela se mostrava inacessível em relação aos detalhes de seu passado. Os Edon não conseguiram tirar dela qualquer informação sobre seu primeiro marido (alemão). Ela sabia o que Carl afirmara sobre sua vida anterior, e os Edon souberam que ela "não acreditava naquilo". Sua filha (também alemã), cunhada de James Edon, tivera dificuldades em levar gestações a termo. Teve um filho natimorto e um aborto antes do nascimento de Carl. Mais tarde, ela deu à luz dois bebês vivos, dos quais o primeiro filho era oito meses mais velho que Carl.

Uma segunda linha de hipóteses sobre a identidade da pessoa a cuja vida Carl se referia vem da queda de um bombardeiro alemão, ocorrida perto de Middlesbrough.

Em 15 de janeiro de 1942, um Dornier 217E alemão atacou as

defesas costeiras perto da foz do Rio Tees, chocou-se contra um cabo do balão da barragem e caiu em South Bank, uma comunidade quase ao lado de Middlesbrough, onde Carl nasceria trinta anos depois. Os corpos de três dos tripulantes foram recuperados rapidamente e devidamente enterrados. Os destroços do bombardeiro foram cobertos e esquecidos aos poucos até que, em novembro de 1997, as escavações para colocação de tubulação o descobriram, levando ao aparecimento dos restos de um quarto tripulante. A insígnia associada a este corpo mostrou que se tratava de Hans Maneke, o operador de rádio do bombardeiro. Os corpos dos três outros tripulantes, Joachim Lehnis (piloto), Heinrich Richter (artilheiro) e Rudolph Matem (navegador) já tinham sido identificados e enterrados em 1942. Soube da descoberta dos destroços do Dornier e do corpo de Hans Maneke durante minha visita a Middlesbrough em outubro de 1998. James e Valerie Edon me passaram vários recortes de jornais sobre esses acontecimentos.

**Comentário.** A primeira destas reflexões sugere que o falecido piloto da Força Aérea Alemã tentava renascer como o filho de sua filha e, por engano, acabou na família dos Edon, próxima a ela. Diversos casos que publiquei tornam esta sugestão ao menos plausível. Exemplos ocorreram nos casos de B.B. Saxena, Bir Sahai e Lalitha Abeyawardena.

A segunda hipótese sugere que Carl se lembrava da vida do piloto do Dornier, Joachim Lehnis. Isto faria com que este caso fosse semelhante ao das diversas crianças loiras de Mianmar, que diziam se lembrar de vidas passadas de aviadores norte-americanos e britânicos mortos em Mianmar durante a 2ª Guerra Mundial. Maung Zaw Win Aung e Ma Par são os sujeitos estudados destes casos. O detalhe de Carl do choque do avião contra um prédio não é compatível com a história do Dornier, que se chocou após ter sido cortado pelo cabo de um balão de barragem; tampouco Robert era o nome do piloto do Dornier, conforme o relato de Carl.

**Desdobramentos posteriores no caso de Carl**

Como já mencionei, Carl parou de falar sobre a vida passada por volta dos dez ou 11 anos, principalmente devido à implacável zombaria da qual foi vítima após o seu caso ter recebido publicidade nos jornais locais. Depois disto, ele pareceu perder o interesse naquilo que dissera anteriormente.

Em 1983, ele disse ao Dr. McClean-Rice que não lembrava “muito bem” dos detalhes; tinha pouco mais de 11 anos.

Aos 16 anos, Carl deixou a escola e se empregou como acoplador na empresa ferroviária British Rail. Ele se tornou muito próximo de uma garota da qual era como que noivo, e os dois tiveram uma criança.

Quando o encontrei em junho de 1993, Carl parecia ter esquecido todas as lembranças de sua vida anterior, mas não disse isso explicitamente.

Em agosto de 1995, James e Valerie Edon me escreveram, dando a triste notícia que Carl havia sido assassinado alguns dias antes. Seu assassino foi identificado, preso, julgado e condenado à prisão perpétua. A namorada de Carl daria à luz uma segunda criança mais tarde no mesmo ano.

**Comentários**

Este caso, talvez mais que qualquer outro que eu tenha estudado, demonstra a grande importância de se conseguir ter contato com o caso enquanto o indivíduo é jovem e ainda fala sobre a vida anterior. Mostra que também é importante completar a investigação o mais breve possível, mesmo quando o investigador chega à cena após a idade costumeira quando as crianças mais falam sobre uma vida passada. As duas demoras, primeiro na descoberta do caso e segundo na realização da investigação, podem ter provocado a perda de muitos detalhes valiosos. Eu lamento especialmente a perda dos esboços que Carl Edon fizera quando tinha entre dois e quatro anos de idade.

Apesar da perda de alguns – talvez muitos – detalhes, ainda restou o suficiente para a nossa investigação garantir que eu possa dizer que não podemos explicar o caso pelo conhecimento presente de genética ou de influências ambientais. Portanto, acredito que a reencarnação possa ser uma explicação ao menos plausível para o caso.

## WILFRED ROBERTSON

Nenhum caso nesta obra tem menor quantidade de detalhes do que este. Entretanto, esta é uma razão importante para relatá-lo; trata-se de um acréscimo à prova de que casos deste tipo exibem uma ampla gama de detalhes aparentemente relembrados pelos sujeitos. Os casos de Swarnlata Mishra, Marta Lorenz e Suzanne Ghanem estão, talvez, no extremo oposto, em termos de riqueza de detalhes, enquanto este caso, o seguinte e o de Graham Le-Gross estão mais próximos ao outro lado.

## Resumo do caso e sua investigação

Wilfred Robertson nasceu em Londres, Inglaterra, em 3 de novembro de 1955, sendo o terceiro filho de Herbert Robertson e sua esposa, Audrey. O filho mais velho, Thomas, morrera quando estava com uns dois anos e meio, antes do nascimento de Wilfred. Um terceiro irmão, Geoffrey, nasceu em outubro de 1948. A família era cristã, acredito que eram membros da Igreja Anglicana.

Quando Wilfred ainda era pequeno, fez quatro afirmações sobre a vida do irmão mais velho falecido, Thomas. Estas sugeriram aos pais que Wilfred fosse a reencarnação de Thomas.

Este caso me foi apresentado em 1968 por Margaret Thayer, membro de um grupo antroposófico[41] em Londres. Ela conheceu Audrey Robertson após a morte de Thomas, quando esta passava por uma fase de extremo pesar combinado com um sentimento de culpa em relação aos cuidados de Thomas antes de ele morrer. Margaret Thayer estimulou Audrey a acreditar que Thomas poderia renascer dela, Audrey, como outro filho.

Margaret escreveu-me sobre as poucas afirmações feitas por Wilfred, que sugeriam as lembranças da vida de Thomas.

Em 1º de março de 1970, eu me encontrei com Herbert e Audrey em Londres. Wilfred tinha uns 14 anos e eu não o conheci. Eles puderam confirmar o que Margaret já me comunicara sobre o caso, mas não lembraram de nenhuma declaração adicional de Wilfred que fizesse alusões à vida de Thomas.

Em 1980, escrevi novamente a Audrey, quando esta me informou da morte de Margaret Thayer. Eu estava em Londres em agosto de 1980 e conversei com a Audrey por telefone, mas não a encontrei. Não houve novidade alguma no caso desde 1970.

Deduzi alguns detalhes dos acontecimentos durante a última enfermidade de Thomas Robertson de acordo com o que foi relatado por Margaret, que era uma informante indireta dos fatos. Ela só se encontrara com os Robertson após o falecimento de Thomas.

## A vida e a morte de Thomas Robertson

Thomas Robertson era o filho mais velho de Herbert e Audrey nascido em Londres em 2 de julho de 1946. Foi uma criança pouco saudável, muito

[41] Rudolf Steiner (1861-1925) nasceu católico na então Croácia austríaca e desenvolveu uma filosofia que visa a combinar a ciência, o cristianismo e elementos de teosofia (grupo ao qual Steiner pertenceu durante certo período). Ele denominou seus ensinamentos de antroposofia, sendo que a reencarnação era um conceito importante desta filosofia.

afetuosa e que esperava ainda que outras pessoas lhe demonstrassem afeição. Audrey conta que ele era chorão e que ela "perdia a paciência com isso". Ela não se sentia segura como mãe (de seu primeiro filho). Relatou: "Quando algo não dava certo, eu ficava mal". Ela acreditava que Thomas precisava de uma mãe tranqüila, algo que ela não era.

Durante a noite de 3 de abril de 1953, Audrey sonhou que estava ao lado de uma figura que vestia um manto escuro. No sonho, ela soube que Thomas estava morto. No dia seguinte, Thomas adoeceu com dor de garganta, mas ela não deu muita importância ao fato, pois ele tinha tendência a ter sempre esta dor. Na mesma época, o segundo filho, Geoffrey também ficou doente e parecia precisar de mais atenção que Thomas. Audrey achou que Thomas estava com ciúmes da atenção que dispensava a Geoffrey e perdeu a paciência com ele. Mas percebeu tarde demais que a doença de Thomas era muito mais séria que a de Geoffrey. Após ficar doente por apenas uma semana, Thomas faleceu em 11 de abril de 1953. Ele não havia nem completado sete anos e sua morte foi atribuída à polioencefalite.

A dor de Audrey pela morte de Thomas misturou-se com um grande sentimento de culpa devido à sua atitude com ele durante sua curta enfermidade terminal. Ela não o havia negligenciado, porém, ainda assim, se reprovava por sua atitude para com ele e chegou a acreditar ser a responsável por sua morte. Margaret Thayer, que a conheceu logo após o ocorrido, disse que, na época, Audrey se encontrava em um estado de "desespero quase suicida".

Uma amiga comum apresentou Audrey a Margaret que, por sua vez, contou-lhe sobre a idéia de reencarnação, conforme os ensinamentos da antroposofia. Os Robertson, na época, já estavam "inclinados a acreditar em reencarnação, mas não deram muita atenção." Margaret estimulou Audrey a considerar a possibilidade de Thomas poder renascer em sua família. Audrey achou a idéia reconfortante e mais tarde, ao ficar grávida de Wilfred, ela talvez tivesse mais esperança que expectativa verdadeira de que o bebê pudesse ser Thomas renascido.

**Afirmações feitas por Wilfred**

Wilfred fez quatro afirmações, que sugeriam que ele tinha lembranças da vida de Thomas. Ele viu um livro que estava "jogado por ali" e disse que era seu. O livro pertencera a Thomas e tinha o nome dele escrito no interior da capa. Audrey disse que Wilfred era "muito pequenino" ao fazer esta afirmação. Ele nem conseguia ler ainda.

Certa noite, quando Wilfred tinha entre cinco e sete anos de idade, sua mãe o estava colocando na cama, quando ele disse que se lembrava quando ia à

"escolinha". Na época, Wilfred freqüentava uma escola grande, que tinha 20 a 30 professores. Ele jamais freqüentou uma escola pequena, ou vira a escola que Thomas freqüentava. Quando a família vivia em outra comunidade, Thomas freqüentou uma "escolinha", que contava com apenas dois professores.

Certa vez, Audrey ouviu Wilfred dizendo ao outro irmão, Geoffrey, que o vira no carrinho de bebê. Isto estaria correto para Thomas, dois anos mais velho que Geoffrey. Não sei quantos anos Wilfred tinha ao fazer essa declaração.

Margaret me escreveu que Audrey lhe contara que Wilfred lhe dissera que uma fotografia de Thomas era dele mesmo. Audrey não lembrava desta afirmação em 1970, mas em 1980 ela disse que "se lembrava vagamente de Wilfred comentar sobre uma fotografia de Thomas". Ela tinha certeza de que Margaret não teria mencionado esse fato para mim, caso ela (Audrey) não lhe tivesse contado.

**O comportamento de Wilfred em relação à vida passada**

**As circunstâncias e maneira de Wilfred falar sobre a vida passada.** As quatro alusões de Wilfred sobre a vida de Thomas não ocorreram em nenhuma circunstância digna de nota. Audrey percebeu que ela não conseguia dar prosseguimento ao tópico mencionado por ele. Quando Wilfred se referiu à "escolinha", Audrey perguntou quem era o professor. Ele não respondeu e mudou de assunto.

**A atitude de Wilfred como sendo uma pessoa mais velha**

Wilfred se relacionava com o irmão Geoffrey como se ele (Wilfred) fosse mais velho (o que seria verdade caso ele fosse Thomas). Audrey contou que Wilfred costumava "mandar em Geoffrey". Geoffrey achava a atitude superior de Wilfred muito irritante.

Uma das professoras de Wilfred notou que ele era um pouco reservado e mencionou o fato aos Robertson. Quando eles conversaram com Wilfred sobre isso, ele respondeu: "O problema é que ela não percebe o quanto eu sei".

**Outro comportamento de Wilfred**

Herbert e Audrey, os pais de Wilfred, disseram que o relacionamento do filho era diferente do que tinham com Thomas. Embora Thomas fosse

afetivo e procurasse receber afeição, Wilfred era inclinado a ser mais distante e reservado, não apenas com eles, mas também com outras pessoas. A mãe acreditava que Wilfred chegasse a ter uma atitude de oposição em relação a ela e acreditava que tal atitude resultasse do fato de ela não ter sabido lidar com os choramingos de Thomas e devido à sua impaciência quando este estava muito doente. Herbert acreditava que Audrey estivesse exagerando o "antagonismo" de Wilfred como se especificamente focado nela; em sua opinião, o filho demonstrava reserva em relação a todas as outras pessoas, não apenas à mãe.

**A atitude de Audrey quanto à possibilidade do renascimento de Thomas**

Em 1970, Audrey disse que não sabia ao certo se Wilfred era ou não Thomas renascido. Ela ainda pensava em Thomas como uma pessoa diferente de todos os três filhos.

Conforme mencionei, ela se culpava pela morte de Thomas quase como se ela o tivesse assassinado. Queria reparar o fato de algum modo. Queria o seu perdão; o que a Igreja pensava não lhe importava. Nesta situação, a incapacidade de Wilfred retribuir sua afeição, teve o efeito de prolongar seu sentimento de culpa em relação a Thomas.

Em uma carta escrita em agosto de 1980, Audrey parecia ter percebido que a reencarnação era a melhor explicação para as afirmações e o comportamento de Wilfred. Escreveu:

Era a Margaret Thayer quem sempre pensou que havia uma grande possibilidade de Thomas ter voltado como Wilfred e, estava claro, era um desejo meu, naquela época.

**Desdobramentos posteriores no caso de Wilfred**

Minha última informação sobre o Wilfred chegou por meio da carta mencionada, enviada por Audrey em agosto de 1980. Na época, ele tinha 25 anos. Ele jamais fizera qualquer outro comentário que sugerisse as lembranças da vida de Thomas. Após completar o ensino médio, ele se formou em engenharia química em uma universidade britânica e conseguiu um emprego como consultor.

Audrey continuou impressionada pelas diferenças entre as personalidades de Thomas e de Wilfred. Ela se lembrava que Thomas era carinhoso e um pouco dependente. Ela escreveu que Wilfred era gentil, porém, independente e distante.

**Comentários**

Como em todos os outros casos nos quais as duas pessoas implicadas pertencem à mesma família, este tem um ponto fraco importante, que é a esperança de ter um membro da família amado, já falecido, de volta. Isto pode levá-los a atribuir significados incertos para afirmações feitas ao acaso ou para semelhanças de comportamento ocorridas entre as duas pessoas envolvidas. Embora essa interpretação errônea possa ter ocorrido neste caso, não encontrei provas. Minhas observações de 1970 afirmam que Audrey "parecia ansiosa em não exagerar qualquer característica do caso".

## GILLIAN CUNNINGHAM

Este é outro caso no qual Gillian Cunningham fez apenas algumas afirmações sobre uma vida passada. Este caso não foi solucionado.

**Resumo do caso e sua investigação**

Gillian Cunningham nasceu em Ilford, Essex, Inglaterra, em 19 de outubro de 1958, filha de Leonard Cunningham e da esposa Lillian. Gillian era a caçula dentre os três filhos.

Quando Gillian tinha dois anos, ela fez várias afirmações que sugeriam lembranças de uma vida anterior. Ela jamais voltou a falar sobre a possível vida passada e o que disse na época não foi tão específico para permitir qualquer verificação.

Este caso chamou minha atenção quando a própria Gillian respondeu a um pedido do Sun de Londres aos leitores para enviarem relatos de lembranças que sugeriam a reencarnação. Gillian escreveu um resumo curtíssimo sobre a sua experiência e este foi publicado no jornal em 10 de março de 1972. Eu lhe escrevi, aos cuidados do jornal, que lhe encaminhou a minha carta. Sua mãe, Lillian, respondeu com informações sobre o que Gillian dissera aos dois anos de idade, em relação a uma vida passada.

Em outubro de 1972, eu estive em Londres e telefonei para a casa de Lillian em Essex. Tivemos uma conversa sobre a experiência de Gillian, mas não nos encontramos na ocasião. Durante a nossa conversa, toquei no assunto da possibilidade de hipnotizar Gillian para descobrir se, sob hipnose, ela poderia trazer à consciência mais detalhes sobre a possível vida passada – detalhes

que pudessem permitir a verificação do que ela dissera aos dois anos de idade. Lillian pareceu ter dúvidas quanto a pedir a Gillian para se submeter à hipnose e eu não a pressionei.

Alguns anos mais tarde, Gillian, na época com 16 anos, me escreveu dizendo que gostaria de ser hipnotizada. Para ter certeza da aprovação da mãe, algo essencial neste caso, decidi que deveria me encontrar com a Gillian e a sua mãe. Assim sendo, encontrei-me com as duas em Londres, em 2 de março de 1976. Em nosso encontro, esclareci alguns detalhes sobre o que Gillian dissera aos dois anos e ainda discuti o planejamento para a tentativa de hipnose.

Em seguida, escrevi sobre a Gillian ao Dr. Leonard Wilder, um dentista especializado em hipnose e interessado em regressão hipnótica a possíveis vidas passadas. Ele concordou em hipnotizá-la e o fez em três ocasiões durante 1976, enviando-me um relatório dos resultados em uma carta de 6 de dezembro de 1976. Gillian era excelente objeto de estudo para hipnose. Entretanto, embora, sob hipnose, ela tivesse adicionado alguns detalhes àquilo que dissera aos 2 anos, nenhum deles forneceu qualquer informação verificável, mesmo adicionado ao que ela dissera espontaneamente 18 anos atrás. Em vez disso, Gillian evocou duas outras "vidas passadas". Uma, de uma mulher chamada Lydia Johnson, que supostamente viveu em Suffolk durante o século XVII. A outra era a de uma mulher chamada Sarah 0'Shea, que teria vivido em Dublin durante o final do século XIX e a primeira parte do século XX. Ela não forneceu informações suficientes sobre nenhuma destas personalidades que garantissem qualquer tentativa de averiguação.

**Afirmações feitas por Gillian**

Em seguida, vou citar a carta que Lillian Cunningham me escreveu, de le de agosto de 1972, na qual descreveu as afirmações de Gilllian (fiz pequenos ajustes de edição do texto, sem mudar seu sentido, como fiz com citações similares).

Era noitinha, umas 18h30, quando eu dava banho [na Gillian], antes de colocá-la na cama. Como as mães costumam falar com os seus filhos, eu lhe dizia que, quando ela crescesse, poderia ser qualquer coisa que quisesse e foi então que ela começou a falar como adulta.

Ela insistiu que, quando ela era uma senhora, era a esposa de um fazendeiro.

Eu disse que não, quando você crescer você poderá ser a esposa de um fazendeiro, mas não, ela repetiu novamente – quando eu era a esposa de um fazendeiro, eu tinha quatro filhos homens – e começou a dizer os nomes deles. Um deles se chamava Nicholas, eu me lembro apenas deste, pois era o nome

de meu avô (do qual soubemos apenas quando ele estava com uns setenta e tantos anos).

Então tentei enganá-la e disse: "Que tipo de fazenda?" E ela respondeu: "De produção de leite". Tentei novamente: "O que as pessoas têm em uma fazenda de leite?" Ela respondeu: "Vacas, é claro!" E então, voltou a conversar como criança de novo.

Desde então, tentei fazê-la recordar da vida passada muitas vezes, mas nunca consegui.

**Uma pista falsa para verificação das afirmações de Gillian**

A carta de Lillian referiu-se ao seu avô (paterno), cujo nome era Nicholas. Quando eu a encontrei em março de 1976, obtive informações dela para reconstruir a árvore genealógica da família até a mãe de Nicholas. Lillian acreditara, durante algum tempo, que Gillian se lembrara da vida de sua bisavó, e Gillian dissera isto na sua carta escrita ao jornal Sun. A primeira dificuldade com esta tarefa surgiu em relação ao nome do avô de Lillian, que durante a maior parte de sua vida fora conhecido pela família com um outro nome, George. O fato de ele ter um segundo nome, Nicholas, só se tornou conhecido em sua velhice, talvez na época em que ele pediu aposentadoria e teve de fornecer ao governo o seu nome completo. Além disso, Lillian fizera por si só algumas averiguações desde que passamos a trocar correspondência e descobrira que a mãe de seu avô paterno (cujo nome ela não descobriu), e que teria sido a mãe de Nicholas, crescera em uma fazenda, mas não morara em uma fazenda após seu casamento. Seu marido, na realidade, era um pescador e não um fazendeiro.

Assim a hipótese de que Gillian estivesse se referindo à vida da sua bisavó paterna provou ser infundada, e as suas afirmações permanecem sem confirmação.

**Desdobramentos posteriores no caso de Gillian**

Permaneci em contato intermitente com Gillian e a mãe nos anos seguintes ao nosso primeiro encontro. As últimas notícias que recebi de Gillian foram em uma carta de 30 de outubro de 1992, quando ela tinha 34 anos. Ela se formara enfermeira e se especializara em enfermagem pediátrica. Não tivera mais lembranças que pudessem ser de uma vida anterior, mas permanecia extremamente interessada no assunto.

## Comentários

A repentina e breve pretensa atitude adulta de Gillian aos dois anos de idade, quando ela contou sobre uma vida anterior, ocorreu em outros casos. Informantes observaram por vezes alterações transitórias no comportamento de outras crianças que falaram sobre vidas passadas; em um momento, pareciam sérias e maduras e, no próximo, saíam correndo e brincavam como outras crianças de sua idade. Outros demonstraram uma "atitude adulta" durante um período muito mais longo que o de Gillian. Exemplos deste comportamento adulto ocorreram nos casos de Mounzer Haídar, Erkan Kiliç, Nasir Toksõz, Suleyman Andary e Semih Tutusmus. A nota de rodapé nº 39 lista outros exemplos.

## DAVID LLEWELYN

David Llewelyn nunca fez qualquer afirmação explícita na qual alegasse lembrar uma vida passada. Em vez disso, demonstrou um comportamento incomum, não atribuível a qualquer influência do ambiente e conhecimento sobre os costumes judeus que ele parece não ter adquirido por vias normais. Além disso, ele sofria muito com pesadelos e fobias que corroboram este comportamento invulgar.

## Resumo do caso e sua investigação

David Llewelyn nasceu em ls de setembro de 1970 em Chester, Inglaterra. Seus pais, na certidão de nascimento, eram Jeffrey Llewelyn e sua esposa, Susan. Na verdade, o pai biológico de David era outro homem, Solomon Rosenberg, com quem Susan tivera um caso que durara dois anos. Ela conseguiu esconder do marido a paternidade real de David, embora às vezes tivesse a impressão de que ele suspeitava da ilegitimidade de David. Susan e Jeffrey Llewelyn se divorciaram posteriormente.

Solomon Rosenberg era judeu e, segundo Susan, "muito fiel à sua fé." Ele freqüentava a sinagoga e costumava ir sempre a uma loja especializada em artigos judaicos em Chester. Susan era galesa. Solomon Rosenberg viu David algumas vezes e comentou que ele se parecia com membros de sua família.

Quando David estava com poucos anos de vida, começou a acordar à noite em um estado de medo intenso, ele tremia. Depois, começou a demonstrar um comportamento incomum, como ler e escrever da direita

para a esquerda. Ele demonstrou conhecimento de costumes judaicos que a mãe tinha certeza de que não poderiam ter sido aprendidos normalmente. Descreveu lugares e eventos que pareciam ser lembranças de campos de concentração e da matança de judeus durante o Holocausto da década de 1940.

Durante sua infância, David parecia querer conversar sobre as cenas que o atormentavam; ainda assim, falar a respeito parecia não lhe trazer alívio do medo que as memórias – aparentemente – lhe provocavam.

Conforme mencionei no relatório do caso de Catherine Wallis, fui entrevistado durante o verão de 1982 em um programa sobre a reencarnação, que foi ao ar pela BBC. Susan ouviu este programa e pediu o meu endereço à emissora. Depois (em 14 de setembro de 1982), ela me escreveu uma longa carta descrevendo o comportamento incomum de David e seu conhecimento extraordinário dos costumes judaicos. Eu respondi pedindo mais alguns detalhes, que foram fornecidos por Susan em uma carta de 20 de novembro de 1982. Susan concordou em ser entrevistada para um programa da BBC, e ela e David foram entrevistados por June Knox-Mawer em 8 de fevereiro de 1983.

Naquele ponto, parecia apropriado que eu ou outro colega se encontrasse com Susan e David. Entretanto, Susan não concordou com nosso encontro com David. Disse que a entrevista para o programa da BBC o perturbara muito e ela não o queria inquieto por discutir sobre suas aparentes lembranças de uma vida passada. Antes de irem ao programa da BBC, Susan não contara a David que seus pesadelos e medos seriam objeto de discussão; esta falta de preparo para os tópicos que June levantou e até mesmo a sua pressão, provavelmente, aumentaram o desconforto com a entrevista.

Dez anos mais tarde, decidi escrever uma carta a Susan, pensando que David teria esquecido as aparentes lembranças da vida passada e estaria disposto a me encontrar. Ele e Susan estavam dispostos a me encontrar, embora ele não tivesse esquecido as aparentes memórias; na verdade, ele continuara a falar sobre elas durante aquele longo período em que não estivemos em contato.

Finalmente, em 16 de outubro de 1998, pude me encontrar com Susan e David em Chester. Embora eu tivesse feito uma longa entrevista com ela e uma curta com David, descobri apenas um detalhe importante sobre o caso que Susan e David não tinham se falado antes, seja em correspondência comigo, ou durante a entrevista para o programa da BBC.

Susan teve duas filhas. Eu tinha esperança de que uma delas, ou ambas, estivessem dispostas a me encontrar e discutir quaisquer observações que tivessem sobre o comportamento incomum de David. Susan, porém, disse que uma das filhas não concordaria em dizer nada e que o marido da segunda teria se oposto ao nosso encontro, embora ela mesma estivesse disposta a se encontrar comigo.

Eu também tinha esperanças de me encontrar e conversar com

Solomon Rosenberg. Eu desejava saber especificamente se algum membro de sua família falecera no Holocausto. Ele ainda morava em Chester e Susan sabia disto, mas ele não tinha interesse em David e também nunca aceitara qualquer responsabilidade financeira em relação ao menino. Quando eu perguntei a Susan como ela sabia que ele era "fiel à sua fé", ela mencionou seu hábito de vestir quipá e ter a Torá em seu automóvel.

**Os pesadelos de David**

David descreveu seus pesadelos como cenas de grandes buracos escuros e fundos, nos quais ele tinha medo de cair. Ele podia ver cadáveres no buraco. Não tinha certeza se ele era um menino (criança) olhando para os corpos dentro do buraco. Havia pessoas armadas, e ele podia sentir o fedor de cadáveres.

Às vezes, corria para a mãe, chorando, e descrevia acampamentos, armas de fogo e pessoas morrendo.

David também reclamava de um odor incomum em seu quarto. Certa vez, ele e Susan visitaram uma de suas tias, que cozinhava usando gás (Susan tinha um fogão elétrico e sua casa não tinha ligações a gás para aquecimento nem para cozinhar). David tomou conhecimento do cheiro do gás de cozinha e disse que era "parecido com o cheiro em meu quarto, à noite, que vai me asfixiar".

**As imagens que David via acordado**

Embora os pesadelos parecessem ser a forma dominante do imaginário de David, mesmo acordado, ele via algumas que o atormentavam. Mencionou algumas a June Knox-Mawer, durante a entrevista para a BBC. As imagens incluíam pessoas "caminhando em círculos. Coisas de prisioneiros de guerra". Disse que as pessoas viviam em cabanas de madeira. Em resposta às perguntas principais feitas por June, David disse ainda que as pessoas em suas imagens tinham consciência de que eram prisioneiras e que ele acreditava serem judeus.

Menciono abaixo algumas outras imagens descritas por David, relativas ao seu medo geral de acampamentos.

**O comportamento incomum de David**

Em sua tenra infância, David não gostava de dormir em quartos pequenos. Ele mantinha compulsivamente a porta do seu quarto aberta e, com igual

regularidade, fechava a janela do quarto e cerrava bem as cortinas. Colocava um pequeno baú em frente à janela.

Ao começar a ler e escrever, David lia e escrevia da direita para a esquerda. Após algum tempo, aprendeu a ler e escrever da esquerda para a direita, insistia na leitura e escrita da direita para a esquerda até a idade de 11 anos.

Quando desenhava, ele sempre incluía uma estrela. Ao mesmo tempo, parecia ter uma fobia de estrelas. Certa vez, quando ele e a mãe estavam em uma loja, começou a chorar repentinamente e saiu correndo da loja. Susan correu atrás dele e perguntou qual era o problema. David respondeu: "É aquela corrente que eu vi. Tenho medo dela." Susan perguntou a que corrente ele se referia e ele disse: "A com o sinal de estrela. Ela estava acenando para mim." Era uma corrente que tinha uma estrela de Davi. Susan tentou lhe dizer que a corrente era bonita e até falou em comprar para ele, mas David pediu que ela não o fizesse. Decorrido algum tempo, ele ainda continuava a falar da corrente e da estrela. David tinha 12 anos na época deste episódio.

Além de sua preocupação com a estrela judaica, David tinha ainda uma forte aversão à cor amarela. Susan disse que ele sentia "ódio" da cor amarela.

David também tinha um medo marcante de acampamentos. Certa vez, aos seis anos, Susan propôs que passassem as férias em um acampamento de férias. David resistiu veementemente. A mãe explicou que as pessoas poderiam passar férias agradáveis nesses acampamentos. David respondeu: "Não. Não há felicidade lá. As pessoas ficam aprisionadas, com frio, com fome, apavoradas. Elas jamais sairão de lá."

David nunca descreveu a Susan o que as pessoas nos acampamentos vestiam; disse que eles pareciam esqueletos. Eram carecas e não tinham comida. Ficavam sentados por lá, sem fazer nada. Na entrevista para a BBC, entretanto, David disse que as pessoas nos acampamentos vestiam "umas coisas listradas". Em relação aos acampamentos, David dizia com freqüência: "Estou preocupado com as outras pessoas. Por que isto teve que acontecer? Por quê?"

**David e seu inesperado conhecimento dos costumes judaicos**

Quando ainda era um menininho, David surpreendeu a mãe ao perguntar se alguma comida que ela servia continha sangue.

Quando David tinha uns nove anos, ele e seus pais visitaram outra cidade, onde o garoto notou um edifício que parecia um pouco com uma igreja. David observou: "As pessoas usam chapéus lá." Para surpresa de sua mãe, seu marido disse que o prédio era uma sinagoga. David disse que gostaria de entrar. No momento em que fez esta observação, não havia ninguém entrando ou saindo da sinagoga.

**A ausência de afirmações explícitas de David sobre uma vida passada**

Apesar da vivacidade das cenas descritas e da intensa emoção que acompanhava essa narração, David nunca declarou que ele mesmo vivenciou as cenas descritas. Ele sequer respondeu positivamente à pergunta feita diretamente por June Knox-Mawer (para o programa da BBC), se ele parecia estar presente nas cenas descritas.

**As atitudes de outras pessoas quanto ao comportamento incomum de David**

Susan não fez tentativa alguma para reprimir as afirmações e o comportamento incomum de David. Ao contrário, ela tentava confortá-lo e assegurar que agora ele estava em uma boa família e seguro entre pessoas carinhosas. Ao mesmo tempo, ela lhe dizia para esquecer as cenas que ele parecia relembrar, o que não surtiu efeito algum em David, que continuou perturbado. Sua irmã mais velha lhe dava o mesmo conselho, igualmente em vão. Quando perguntado se contou a alguém mais sobre suas lembranças, além da mãe e da irmã, David respondeu negativamente, pois também tinha medo. Ele nem mesmo confiou em Jeffrey Llewelyn. Quando questionado da razão de ele não conversar sobre essas imagens com pessoas fora da família, David respondeu que tinha medo de fazê-lo. Disse que, quando tentava descrever as imagens, os familiares gritavam com ele (a gritaria parecia fazer parte do esforço de evitar que ele falasse e pensasse nas imagens). Susan acreditava que David tinha medo de que as outras pessoas rissem dele.

**A precisão da descrição de David dos campos de concentração alemães durante a 1ª Guerra Mundial**

A descrição feita por David dos acampamentos é bastante aproximada das características dos campos de concentração, dos quais os mais conhecidos são o de Treblinka (Donat, 1979) e o Auschwitz (Freeman, 1996; Frankl, 1947; Kraus e Kulka, 1966; Lengyel, 1947; Nyiszli, 1993) (ambos na Polônia). Havia inúmeros outros campos de concentração, tão horrorosos quanto os de Treblinka e Auschwitz (Donat, 1963; Smith, 1995). As vítimas principais de tais acampamentos de morte eram os judeus.

Os prisioneiros não podiam escapar destes campos; muitas vezes, ficavam sem ocupação e conversavam entre si; vários tinham seus cabelos cortados ou mesmo totalmente raspados; muitos usavam uniformes listados; eram mal alimentados a ponto de sério definhamento. Às vezes, valas eram cavadas e os prisioneiros eram alvejados e empurrados para dentro, ou seus corpos eram queimados dentro deles; um odor penetrante e desagradável de carne humana queimada ou em putrefação estava quase sempre presente (em campos de concentração onde os prisioneiros eram mortos com gás [seja cianeto de hidrogênio ou monóxido de carbono, de escapamento de motores], os prisioneiros sentiam o odor destes gases). O gás de cozinha da tia de David pode ter evocado lembranças do cheiro de um desses gases.

Nos campos de morte do Holocausto as crianças, caso fossem incapacitadas para o trabalho, eram rapidamente "selecionadas" para a morte, ou seja, as que tinham menos de 14 anos. Em Treblinka, por exemplo, as crianças eram atiradas em uma vala, às vezes, ainda vivas, onde eram consumidas pelo fogo. Ou poderiam ser atiradas em um "túmulo comum coletivo" (Donar, 1979, pp. 37-38).

**Os meios de David ter adquirido naturalmente as informações referentes aos costumes judaicos e aos campos de concentração**

Susan demonstrou confiança em afirmar que David demonstrava seu comportamento incomum referente aos costumes judaicos e ao seu conhecimento dos campos de concentração antes que pudesse ter tido qualquer exposição a informações relevantes pela televisão. Ela tinha certeza de que nada que fora discutido na família poderia ter estimulado seu comportamento ou ter-lhe fornecido essa informação.

Mais tarde, quando David assistia à TV, não gostava de programas sobre guerras e pedia que mudassem o canal.

**Desdobramentos posteriores do caso de David**

Diferentemente de outros casos que começam na tenra infância, as lembranças de David, especialmente as fortes emoções que as acompanhavam, persistiram até a idade adulta. Em 1998, quando conheci David, ele tinha 28 anos. Na época, cursava enfermagem.

Susan me contou que ele demonstrava medo e raiva quando via alemães

pela televisão. Ele tinha essas emoções quando se encontrava pessoalmente com alemães como, por exemplo, quando os viu em Corfu durante uma excursão que ele e Susan fizeram à ilha.

David me disse que lembrava pouco da vida anterior (nesta época, ele veio a acreditar que suas imagens resultavam de uma vida passada). O que ele disse se lembrar – e eu cito aqui suas palavras, a partir das minhas anotações – de ter sido posto em um poço quando menino e de olhar para cima, para fora do poço, onde ele viu outro menino olhando para ele. Ele pensou que o outro menino era um companheiro que poderia salvá-lo. Havia outros corpos no poço". David disse que a cena voltava a ele, de vez em quando, especialmente se via alemães em filmes ou na realidade. Ele lembrava ainda o terrível cheiro do campo e do medo de ir dormir.

David também me contou que ele se lembrava de ocasiões – que devem ter acontecido quando era criança – em que sua mãe se encontrou com Solomon Rosenberg. Na época, ele sentiu uma forte ligação com Solomon e, de alguma forma, se sentia próximo a ele, de um modo que ele jamais sentiu com Jeffrey, seu pai de fato.

Em 1998, David me pareceu sério, mas não perturbado. Entretanto, durante correspondência trocada com Susan durante 2000, soube que os pesadelos da vida em um campo de concentração ainda perturbavam David. Ele concebeu a idéia de que poderia "tirar aquilo de seu sistema" se fosse a Auschwitz (na infância ele não mencionara o nome Auschwitz, mas descobriu mais tarde e de maneira normal o nome do mais notório campo de extermínio nazista).

**Comentários**

Mesmo supondo que, em uma idade muito tenra, David tivesse aprendido naturalmente sobre os campos de concentração nos quais milhões de judeus e de outras pessoas foram mortos no início da década de 1940, nós ainda teríamos de explicar o intenso e prolongado efeito que esse conhecimento provocou nele. Acredito que este caso não seja explicável por influência do ambiente ou por herança. Até mesmo o mais ardente geneticista não sugeriria que os genes pudessem transmitir o hábito de ler e escrever da direita para a esquerda, a preocupação de saber se o alimento continha sangue e as imagens do campo de concentração.

Teuvo Koivisto, um estudo de caso na Finlândia, também tinha lembranças da vida e morte em um campo de concentração. O relatório de seu caso foi incluído nesta parte, mais à frente.

## GRAHAM LE-GROS

Este caso é um dos mais curtos incluídos nesta obra. Ele consiste em algumas afirmações e um reconhecimento.

### Resumo do caso e sua investigação

Graham Le-Gros nasceu em Londres, Inglaterra, em 31 de outubro de 1984. Seus pais eram Alan Le-Gros e a esposa Denise. Graham era o quinto filho do casal. A família Le-Gros pertencia à classe média. Seu irmão mais próximo era quatro anos mais velho que ele. Denise Le-Gros era católica, enquanto o pai, Alan, fora batizado na Igreja Anglicana.

Quando Graham ainda estava aprendendo a andar e mal conseguia falar, estava dentro do carro com a mãe quando, de repente, disse que tinha vivido antes e que morrera em um incêndio dentro de uma aeronave. Ele repetiu essas afirmações várias vezes nos 8-9 anos seguintes. Aos nove anos de idade, viu na televisão um filme sobre o incêndio devastador do dirigível Hindenburg e disse espontaneamente que aquela cena era seu "sonho".

Após o episódio, quando Graham pareceu reconhecer o Hindenburg, Denise, que soubera de minhas investigações, me escreveu e pediu a opinião sobre as declarações de Graham, que ela descreveu em uma carta de 17 de fevereiro de 1994- Eu pedi informações adicionais e ela então me enviou uma fita cassete, gravada por ela em março de 1994, de uma conversa que ela teve com Graham sobre a sua experiência e que trouxe outros detalhes. Em 28 de agosto de 1994, estive em Londres e entrevistei Graham e sua mãe em um hotel. Obtive mais algumas informações de Denise em correspondência posterior.

Este caso me parecia ideal para o uso de hipnose. Apesar de desapontamentos anteriores, inclusive no caso de Gillian Cunningham (Stevenson, 1987/2001), pensei que seria possível Graham fornecer detalhes verificáveis durante a hipnose. Ele se mostrou interessado e a mãe dele aprovou. Infelizmente, não consegui encontrar na área de Londres um hipnotizador que tivesse interesse suficiente e formação em hipnose.

### Afirmações e reconhecimento feitos por Graham

Denise Le-Gros contou que as primeiras declarações de Graham sobre a vida passada foram: ele era adulto e estivera em um dirigível; houve um

incêndio na aeronave, e as pessoas gritavam; as chamas vinham delas; ele caiu no chão junto com outras pessoas e, de repente, foi atirado para cima.

Certo dia, quando Graham tinha nove anos, Denise assistia a TV e viu um filme sobre o incêndio que destruiu o dirigível alemão Hindenburg. Ela chamou Graham à sala onde a televisão estava ligada sem dizer o motivo pelo qual o queria lá. Ela me escreveu (em sua carta de 17 de fevereiro de 1994) que Graham "entrou correndo, deu uma olhada na tela e disse: 'Este é o meu sonho, é o que eu vejo; é o meu sonho.'" Denise então, ficou surpresa ao saber que Graham ainda preservava a lembrança da vida passada com a idade de nove anos.

Durante a conversa gravada com a sua mãe em março de 1994, Graham parecia se lembrar e contou à sua mãe mais detalhes. Disse que o dirigível tinha grandes letras vermelhas. (Era o nome da aeronave, mas ele não conseguia se lembrar dele.) Graham disse que conseguia se lembrar de papel queimando e da queda do dirigível e pessoas saltando por um buraco. Alguns falavam um idioma diferente, mas outros eram ingleses. Ele acreditava que estivesse com 16 anos na vida anterior.

Mais tarde em 1994, durante meu encontro com Graham e a mãe, o menino mencionou dois outros detalhes. Disse que se lembrava de "estar caminhando do lado de fora do dirigível" antes de ver o incêndio. Acrescentou: "Então (a aeronave) começou a tremer e caiu. E isso é tudo."

Quando eu lhe perguntei qual era seu nome na vida passada, respondeu: "Provavelmente Graham." Quando Graham (o indivíduo estudado deste caso) me contou que seu nome era "provavelmente Graham", perguntei à mãe como ela e o marido escolheram este nome para o filho. Ela respondeu: "Eu queria que seu nome fosse Kieran e meu marido queria um nome masculino mais inglês. Entramos em acordo com Graham." Perguntei se este nome era de alguém da família, e ela respondeu que não.

As lembranças de Graham da vida passada estavam se tornando mais apagadas na época em que me encontrei com a mãe dele em 1994. Ele ia fazer 10 anos.

**Circunstâncias e maneira de Graham se referir à vida passada**

Quando Graham fez suas primeiras afirmações sobre a vida anterior, aos 14 meses de idade, seu vocabulário era pequeno. Em sua declaração, entretanto, ele usou palavras que não usara antes. O vocabulário desta declaração surpreendeu sua mãe tanto quanto seu conteúdo. Ela contou que até aquela idade ele falara apenas palavras esparsas ou frases breves e não conseguia juntar sentenças inteiras, como fez na ocasião.

Denise contou a outras pessoas o que Graham dissera e elas, de tempos em tempos, pediam que ele repetisse a mesma narrativa. Ele lhes repetia o que contara para a mãe, sem adicionar ou omitir nada (vimos, entretanto, que em 1994 apareceram alguns dados a mais). A firmeza de sua narrativa convenceu Denise que ele "obviamente não estava inventando nada".

Quando Graham falou sobre a vida passada, ele não demonstrou forte emoção, mas a mãe disse que ele estava "animado".

Após Graham ter dito que a cena de incêndio do Hindenburg era como a de seu "sonho", Denise perguntou-lhe se ele experimentara suas aparentes lembranças durante o sono, como um sonho. Ele respondeu que isto acontecera uma vez em sonho.

Entre suas afirmações aos 14 meses e sua reação ao filme sobre o Hindenburg, ele nunca falou espontaneamente das memórias, apenas quando um membro da família ou vizinhos lhe perguntassem a respeito.

**Comportamento relevante por parte de Graham**

Graham não tinha fobias: nem de fogo, nem de aeroplanos ou aeronaves. Ele tampouco tinha qualquer gosto ou aversão quanto à dieta que pudesse sugerir uma vida anterior como alemão.

**A correspondência das afirmações de Graham com os desastres conhecidos com dirigíveis**

No decorrer dé várias décadas (1910-1940) durante as quais os dirigíveis usando hidrogênio ou hélio pareciam ser superiores a aviões em capacidade de carga, se não em velocidade, vários caíram. Em dois casos, um imenso incêndio consumiu o dirigível e, junto com ele, a vida de muitos tripulantes e passageiros.

O R.101 foi o primeiro destes dirigíveis a cair durante a viagem de estreia de Cardington, Inglaterra, para a Índia, em 4 de outubro de 1930. Aparentemente, não houve quantidade suficiente de vôos experimentais antes de empreender o voo para a Índia. A nave jamais fora testada à toda velocidade e foi incapaz de superar a força de uma tempestade após ter cruzado o Canal da Mancha, perdeu altitude e caiu perto de Beauvais, na França. Um incêndio teve início imediatamente e logo nada restou do dirigível, a não ser a armação metálica. Havia 54 pessoas (oficiais, tripulação e passageiros) a bordo dó R.101 quando este caiu; apenas seis se salvaram (Toland, 1972).

Um dos tripulantes do R.101 era Eric A. Graham (Leasor, 1957),

cozinheiro do dirigível. Ele estava tão feliz de poder fazer a viagem a bordo do R.101 que descartou uma oferta de 50 libras de um conhecido para trocar de lugar com ele durante a viagem. Como era cozinheiro da nave, ele já deveria ser adulto, o que está de acordo com a declaração de Graham aos quatorze meses de que ele era "crescido" e não com sua declaração feita posteriormente, de ter "16 anos de idade". Não pude descobrir mais nada sobre Eric Graham, do R.101.

O segundo dirigível a ser consumido pelo fogo foi o Hindenburg alemão. Em 6 de maio de 1937, ele explodiu em chamas exatamente quando ia "aterrissar", isto é, atar as amarras no atracadouro em Lakehurst, Nova Jersey. Em seu voo de Frankfurt, Alemanha, para os Estados Unidos, o dirigível tinha 36 passageiros, dos quais 13 morreram no local ou logo após, em hospitais. Dos 61 membros da tripulação, 22 morreram. A tripulação e a maior parte dos passageiros eram alemãs, mas havia alguns norte-americanos entre eles (Mooney, 1972). A palavra Hindenburg estava impressa em letras grandes na lateral da aeronave, em vermelho (Archbold, 1994).

**Comentários**

Quando Denise Le-Gros assistiu ao filme sobre o incêndio do dirigível e chamou Graham para a sala, ela não sabia que o filme mostrava o incêndio do Hindenburg. Ela só soube mais tarde, ao consultar a programação impressa dos programas de televisão. E concebível que Graham tenha visto o nome Hindenburg em letras grandes perto da proa do dirigível. O incêndio teve início na parte de trás do dirigível, e fotografias de uma nave em chamas sendo puxada para baixo, em direção ao solo, poderiam ter mostrado o nome. Entretanto, as fotos de 1937 não teriam mostrado que as letras eram vermelhas. Portanto, este detalhe corrobora a correspondência entre as afirmações de Graham e o Hindenburg. O mesmo ocorre quanto às pessoas falando uma língua estrangeira, além do inglês.

No caso do R.101, acredito que podemos ter certeza de que todos a bordo falavam inglês. Quase imediatamente após a sua queda, porém, camponeses franceses e os trabalhadores do resgate chegaram ao local da queda, e suas vozes poderiam ter sido ouvidas pelos passageiros e tripulação da nave, enquanto eles se queimavam ou caíam fora do dirigível.

O detalhe específico mais importante relacionado ao R.101 é o nome do cozinheiro, Eric Graham. Por causa dele e como os outros detalhes são consistentes com o desastre do R.101, eu acredito que Eric Graham, o cozinheiro daquele dirigível, é um candidato plausível para ser a pessoa cuja vida Graham relembrava.

A ocorrência de diferentes detalhes apontando para diferentes dirigíveis fez com que o meu imenso desejo de saber se a hipnose poderia ajudar a resolver o caso fosse proporcional ao meu desapontamento por não conseguirmos experimentá-la no caso.

## GILLIAN E JENNIFER POLLOCK[42]

Gillian e Jennifer Pollock nasceram em Hexham, Northumberland, Inglaterra, em 4 de outubro de 1958. Seus pais eram John Pollock e a esposa, Florence. Gillian era dez minutos mais velha que Jennifer. Análises de grupos e subgrupos sangüíneos demonstraram que eram univitelinas (idênticas).

John e Florence tiveram outras filhas e duas delas, Joanna e Jacqueline, foram mortas quando um motorista enlouquecido subiu com o carro na calçada onde as meninas andavam com uma amiga. Elas morreram instantaneamente. Esta tragédia ocorreu em 5 de maio de 1957. Na época da morte, Joanna tinha 11 anos e Jacqueline, 6. John e Florence eram cristãos. Em 1957, Florence não demonstrava interesse por reencarnação e não acreditava que ela pudesse acontecer. Por outro lado, John tivera uma forte crença na reencarnação durante muitos anos. Após a morte das meninas, ele se convenceu de que elas renasceriam na família, como gêmeas. Quando as gêmeas Gillian e Jennifer nasceram, outras pessoas ficaram surpresas, não ele.

### Afirmação e reconhecimentos feitos por Gillian e Jennifer

Quando as gêmeas começaram a falar, elas fizeram – entre os três e sete anos de idade – algumas afirmações sobre as vidas de Joanna e de Jacqueline. Gillian relembrava a vida de Joanna, e Jennifer, a de Jacqueline. Seus pais também garantiram que elas reconheceram diversos locais e objetos conhecidos das meninas mortas, mas não familiares às gêmeas. Em meu relatório detalhado, listei seis afirmações e cinco reconhecimentos que seus pais lhes atribuíram. John e Florence também ouviram as gêmeas conversando sobre o acidente no qual Joanna e Jacqueline morreram, mas elas não mencionaram quaisquer detalhes incomuns ocorridos durante esta conversa.

[42] Este livro estaria incompleto sem a menção ao caso de Gillian e de Jennifer Pollock. Entretanto, eu já publiquei um relato detalhado do caso (Stevenson, 1997) e também um relato mais breve (Stevenson,1987/2000). Assim, descreverei aqui apenas as características mais importantes.

Alguns leitores podem pensar que a fervorosa crença de John em reencarnação o desqualificaria como um observador objetivo daquilo que as gêmeas disseram e fizeram referente às vidas de Joanna e Jacqueline. Em uma ocasião, um jornalista cético reclamou a John Pollock. Em resposta, ele replicou corretamente que, caso ele não acreditasse em reencarnação, não teria prestado atenção nas memórias que as gêmeas pareciam ter das vidas das falecidas irmãs.

**Diferenças físicas entre Gillian e Jennifer**

Gillian e Jennifer tinham os rostos muito parecidos. Acredito que alguém, apenas olhando para elas, concluiria que elas eram gêmeas idênticas. Seus corpos, porém, até certo ponto correspondiam aos de Joanna e Jacqueline. Joanna fora um pouco mais magra, como Gillian; Jacqueline fora mais encorpada, como Jennifer.

Jennifer tinha duas marcas de nascença, enquanto Gillian não tinha nenhuma. Uma marca de nascença na testa de Jennifer, perto da base do nariz, correspondia à cicatriz de um corte (que precisou de três pontos) sofrido por Jacqueline quando caiu sobre um balde, aos três anos. Jennifer também tinha um nevo (pinta) hiperpigmentado do lado esquerdo da cintura. Ele correspondia ao nevo que Jacqueline tinha no mesmo local. Nenhum outro membro da família tinha nevos nesse local.

Joanna caminhava com as pernas abertas, como Gillian. Jacqueline e Jennifer caminhavam normalmente.

Conforme mencionei, Joanna tinha onze anos por ocasião de sua morte, quando já sabia escrever bem. Já Jacqueline tinha apenas seis anos e não aprendera a segurar qualquer instrumento de escrita corretamente. Em vez disso, ela o agarrava com a mão, entre o polegar e o médio e apesar dos esforços de sua professora para lhe mostrar como segurar um lápis corretamente, ela continuou com essa postura até morrer. Quando as gêmeas começaram a escrever, com quatro anos e meio, Gillian imediatamente segurou o lápis corretamente, enquanto Jennifer o empunhava da maneira que Jacqueline fizera. Ela persistiu em escrever desta maneira, pelo menos, às vezes, até seus 23 anos (quando tive informações sobre o hábito pela última vez).

**Comportamento demonstrado tanto por Gillian quanto por Jennifer**

As gêmeas tinham fobia de veículos e uma tendência a procurar a avó materna (em vez da própria mãe) quando precisavam de ajuda materna

ou orientação, que parecia ser um reflexo da situação pela qual Joanna e Jacqueline passaram; durante suas vidas, Florence Pollock trabalhava e não pudera passar muito tempo com as filhas, que eram cuidadas pela avó. Entretanto, na época da infância de Gillian e Jennifer, as circunstâncias domésticas haviam mudado. Florence não mais trabalhava fora e tinha bastante tempo para ficar com as gêmeas.

Tanto Joanna quanto Jacqueline gostavam de pentear o cabelo de outras pessoas, da mesma forma que Gillian e Jennifer.

**Comportamento divergente entre Gillian e Jennifer**

Pelo fato de Joanna ser cinco anos mais velha que Jacqueline, a irmã mais nova tendia a seguir a liderança da mais velha. Por seu lado, Joanna tinha certa tendência de "fazer o papel de mãe" de Jacqueline. Gillian e Jennifer tinham um relacionamento hierárquico semelhante; Jennifer procurava Gillian para orientação e conselhos, que demonstrava certa solicitude maternal por Jennifer.

Gillian era mais madura e mais independente que Jennifer, o que estava de acordo com a idade maior de Joanna e maior maturidade que a de sua irmã.

Joanna gostara de outras crianças, não apenas de Jacqueline. Gillian demonstrou mais interesse em outras crianças que Jennifer.

Joanna era notadamente uma jovem generosa, que compartilhava com facilidade suas coisas com os outros. Jacqueline era, talvez, jovem demais para ter desenvolvido esse traço. Qualquer que seja o caso, Gillian era mais generosa do que Jennifer.

Joanna gostava de usar fantasias e de desempenhar papéis em pequenas peças que ela mesma escrevia. Gillian também demonstrou interesse em representar e em usar esses trajes. Jennifer, inicialmente, não mostrou interesse nessa brincadeira, embora participasse delas com Gillian.

**Comentários**

Eu estaria disposto, com o jornalista crítico, a descontar a maior parte ou até mesmo tudo o que John e Florence Pollock relataram das afirmações e do reconhecimento das gêmeas. Embora eu acredite que Florence não tenha se deixado levar, John pode ter deixado suas expectativas influenciarem em suas observações e no relatório das mesmas.

As diferenças entre as gêmeas tanto nos aspectos físicos quanto no

comportamento, entretanto, me parecem realmente importantes. O fato de as gêmeas serem monozigóticas exclui o fator genético para explicar essas diferenças. Nenhum fator pós-natal pode explicar suas diferenças físicas, especialmente as duas marcas de nascença apenas em Jennifer, ainda mais que correspondiam com a cicatriz e o nevo de Jacqueline. Eu também considero inconcebível que John e Florence, não importa o quanto quisessem as filhas falecidas de volta, possam ter moldado o comportamento das gêmeas de modo a imitar, em diversos aspectos, os das irmãs mais velhas. Este caso, junto com o paralelo de Indika e Kakshappa Ishwara, outra dupla de gêmeos monozigotos com diferenças marcantes, tanto físicas quanto comportamentais, fornecem algumas das mais fortes provas conhecidas a favor da reencarnação.

## NADÈGE JEGOU

Nadège Jegou fez algumas declarações sobre uma vida passada. A maioria ocorreu espaçada, em momentos isolados, durante o período em que ela tinha entre dois e quatro anos; duas ocorreram em idade mais avançada. Além disso, Nadège também fez alguns reconhecimentos pertinentes e demonstrou algum comportamento correspondente à vida da pessoa a quem as suas afirmações se referiam: seu tio, o irmão mais novo da mãe.

### Resumo do caso e sua investigação

Na verdade, este caso se inicia com a morte do jovem Lionel Ennuyer, a quem as afirmações do sujeito em estudo se referiram mais tarde. Sua morte acidental deixou a sua mãe Yvonne Ennuyer em um estado de luto incon-solável. Ela acreditava em reencarnação e obteve certo alívio da sua dor aguardando e, até certo ponto, ansiando que o filho renascesse como filho de sua filha, Viviane Jegou.

Nadège Jegou nasceu em Neuilly-sur-Marne, França, em 30 de dezembro de 1974. Seus pais eram Patrick Jegou e a esposa Viviane, nascida Ennuyer, que já estavam casados havia cinco anos sem ter filhos. Após a morte de Lionel, Viviane desejou ter um bebê mais seriamente que antes, e seu obstetra atribuiu o nascimento de Nadège à forte determinação de Viviane ter um bebê. Mais tarde, ela deu à luz um menino, Joris, nascido em 1979. Patrick Jegou era argelino. Não foi informante do caso, e soube pouco dele; ele e Viviane se divorciaram em 1989.

Nadège começou a falar bem aos dois anos de idade. Logo depois ela começou a fazer uma série de afirmações que mostravam conhecimento da vida de seu tio materno Lionel Ennuyer. Quando Nadège tinha três anos, Viviane voltou a trabalhar e, durante certo tempo após isso, Nadège ficava mais com a avó Yvonne que com a mãe.

Yvonne percebeu e se recorda de referências de Nadège a acontecimentos da vida de Lionel. Em outubro de 1978, ela escreveu a um amigo meu francês, Isola Pisani, e descreveu o que ela observara até aquele momento que a fazia crer que Nadège era a reencarnação de Lionel. Isola Pisani me enviou a carta dela, e eu me encontrei com Yvonne em Paris logo após, em 22 de novembro de 1979. Tivemos uma longa entrevista em meu hotel. Depois Yvonne Ennuyer e eu nos correspondemos enquanto ela me enviava relatórios de observações posteriores feitas por ela ou de lembranças do que Nadège dissera e fizera. Em 12 de março de 1981, eu me encontrei com ela novamente e também com o marido, Francis e a mãe de Nadège, Viviane. Nadège estava presente, mas pouco falou. Francis também não contribuiu muito para as informações disponíveis. De fato, as únicas informantes para este caso foram Yvonne Ennuyer e a filha Viviane.

Em outubro de 1998, estive novamente em Paris e esperava me encontrar com Yvonne mais uma vez. Infelizmente ela não estava bem e não pôde me ver. Assim, mais tarde, enviei-lhe algumas perguntas sobre alguns detalhes, que foram respondidas por correio.

**A vida e a morte de Lionel Ennuyer**

Lionel Ennuyer nasceu em Chelles, França, em 22 de agosto de 1953. Seus pais eram Francis Ennuyer e a esposa Yvonne. Lionel tinha duas irmãs mais velhas, Viviane e Lydia.

A infância dele foi normal. Ele tinha muita vitalidade que beirava à inquietude. Seu senso de aventura e amor pelo risco faziam os pais pensarem – durante os anos do meio da infância – que ele necessitava da disciplina de um internato. Assim aconteceu, mas após dois anos, eles sentiam tanta falta do garoto que o trouxeram para casa para freqüentar uma escola durante o dia. Mais sociável que estudioso, Lionel não passou no exame de baccalauréat, popularmente conhecido como "bac", que é necessário na França para qualificá-lo para a educação superior após a escola secundária. Assim, em vez de entrar em uma faculdade, ele iniciou o treinamento para se tornar eletricista. Aos 20 anos, ele foi convocado para um ano de serviço militar obrigatório. Como era bem típico, ele escolheu servir dentre os Alpes Chasseurs para poder ficar um tempo nas montanhas.

Lionel tinha muitos amigos e, às vezes, preferia ficar com eles em detrimento da família. Por exemplo, os pais ofereceram levá-lo a uma viagem aos Estados Unidos, mas ele preferiu ir a um acampamento de verão onde pudesse ficar com os amigos.

Como quase todos os adolescentes, ele se encantava com a mobilidade dos veículos. Começou com a bicicleta, passou para a bicicleta motorizada e, por fim, adquiriu uma motocicleta.

Em dezembro de 1973, ele voltou para casa do posto militar para o Natal. Certa noite, por volta das 9 horas da noite, ele saiu para andar de motocicleta com um amigo na garupa. Alguns amigos o seguiam de carro. Ele bateu, chocou a cabeça em um banco na lateral da rua e morreu quase instantaneamente. O companheiro da garupa escapou com um braço quebrado. As únicas testemunhas do acidente foram os amigos de Lionel, que estavam no automóvel logo atrás, e que forneceram relatos variados sobre o que acontecera. Yvonne Ennuyer acredita que o jovem que dirigia o carro, de brincadeira, chegou perto da motocicleta de Lionel e o forçou para a calçada, onde ele perdeu o controle e provavelmente foi arremessado para a frente e caiu batendo a cabeça. Ele morreu em 23 de dezembro de 1973.

Além da sociabilidade já mencionada, Lionel tinha dois outros traços que se destacavam: a generosidade e o amor aos esportes. Ele tinha poucas posses, porque emprestava ou dava o que tinha, inclusive freqüentemente dava dinheiro aos amigos. Quanto aos esportes, parecia gostar de tudo: skate, esqui, tênis, natação, tiro e ciclismo.

Quase toda a biografia anterior de Lionel Ennuyer está registrada em um folheto que Yvonne escreveu e mandou imprimir após a sua morte. Portanto, os fatos não foram "enfeitados" pela sua convicção posterior de que Nadège era o Lionel renascido.

**Declarações feitas por Nadège e suas circunstâncias**

Em vários dos meus relatórios detalhados de casos ouvi as declarações do sujeito em estudo e depois, em uma parte separada, descrevi as circunstâncias e a forma de seu depoimento. No presente caso, Nadège não me deu um relato interconectado de sua vida passada, mas fez várias declarações isoladas a respeito. Assim, descreverei as declarações e as circunstâncias juntas. Yvonne nunca mencionou uma data precisa das declarações de Nadège. No entanto, nos correspondíamos com freqüência, e ela narrou as declarações em cartas para mim. Pelas datas das cartas, pude determinar a idade de Nadège na época das declarações com a aproximação de até alguns meses.

1. Nadège falou espontaneamente sobre o acidente de Lionel como se tivesse acontecido com ela. Disse que o amigo a tinha empurrado, e a motocicleta tinha caído sobre o banco. Ela não disse onde ela (Lionel) tinha se ferido. Não soube com que idade Nadège se referiu ao acidente pela primeira vez. Ela retomou o assunto de tempos em tempos e sempre parecia estar revivendo o acontecimento.

2. Yvonne mostrou uma fotografia de Lionel a Nadège, dizendo que era de Yoyo (apelido de Lionel). Ao que Nadège respondeu: "Não. E de Nana." (Nana era como ela se autodenominava naquela época). Nadège tinha cerca de três anos e meio ao fazer esta declaração. Ela repetiu a mesma coisa em outra ocasião quando lhe mostraram uma foto de Lionel.

3. Certo dia, Nadège assistia a um programa na televisão com a avó. Uma rua, em particular, de Paris, Passage Jouffroy, apareceu na tela (trata-se de uma área coberta, com pequenas boutiques dos dois lados). Então Nadège afirmou: "Fica perto de onde mamãe [ou seja, Viviane] trabalha." Yvonne discutiu esta afirmação mais tarde com a filha e disse que ela (Viviane) deve ter dito a Nadège onde ela trabalhava; porém Viviane garantiu não ter feito isso. Lembrou à mãe que ela e Lionel, com freqüência, se encontravam na Passage Jouffroy, que ele adorava e que também ficava perto do banco onde Viviane trabalhava. Nadège tinha uns quatro anos na época da afirmação.

4. Lionel tinha um tipo de cama que podia ser dobrada dentro de um armário. Depois de sua morte, ela nunca mais fora aberta até que um dia Yvonne pensou que ela deveria ser arejada e a abriu. Nadège estava em pé ao lado e disse: "Eu dormi aqui quando era pequena." Yvonne lhe disse que ela nunca tinha dormido naquela cama. A isso Nadège respondeu: "Antes de eu ficar pequena." Nadège tinha quatro anos ao fazer essa observação.

5. Em outra ocasião, Nadège disse à avó: "Quando eu era Lionel, eu costumava comprar carembars". Depois, surpresa ao se ouvir dizendo a palavra carembars, perguntou à avó:

"O que são carembars?" E um doce, uma barrinha de caramelo que Lionel adorava. Yvonne nunca o comprara para Nadège. Ela tinha quatro anos e meio ao fazer esta afirmação.

6. Depois da última observação, Nadège continuou a dizer: "Eu também costumava comprar algumas coisas pretas com um doce branco dentro para minha mamãe." Yvonne gostava muito de alcaçuz e com freqüência Lionel comprava barrinhas de alcaçuz – que eram pretas e tinham um doce branco no meio. Nadège não gostava de alcaçuz.

7. Em outra ocasião, Nadège brincava na casa da avó com dois primos jovens. Um deles, um menino de seis anos, abriu um armário onde descobriu macaquinhos feitos de plush. Eram de Lionel. O menino perguntou a Ivonne de

onde vinham os macacos, e quando a mãe disse que eram de Lionel, ele perguntou como o Lionel os ganhara. Viviane explicou que ele ganhara os brinquedos em uma competição de tiros em uma feira. Nadège ouviu a conversa e disse, um pouco zangada: "Não. Fui eu que ganhei os macacos na feira." Yvonne, que estava presente na conversa, tem certeza que Nadège nunca tinha visto os macacos antes. Nadège tinha uns quatro anos e meio ao fazer esta afirmação.

8. Certa vez, Nadège disse à mãe: "Antes de eu estar no seu coração, eu tinha morrido." Ela tinha apenas pouco menos de cinco anos ao fazer esta declaração. Yvonne foi a informante indireta dela.

9. Em outra ocasião, Nadège viu uma fotografia em preto e branco de Lionel, tirada quando ele era bebê. Olhando a foto, Nadège disse à avó: "Sabe, quando eu era Yoyo, eu usava esta blusa branca com bordado azul." A blusa já tinha desaparecido há muito tempo, e Yvonne tem certeza de nunca tê-la mencionado a Nadège. Ela tinha cinco anos ao fazer esta afirmação.

10. Por ocasião de uma de minhas reuniões em Paris (em 1981) com Nadège e a avó, eu estava no hotel de Seine no 6º Distrito. Yvonne me disse mais tarde que Nadège lhe contara que ela conhecia um restaurante naquele quarteirão. Nadège nunca estivera naquele quarteirão de Paris antes, mas Lionel tinha ido a um restaurante chinês lá e tinha voltado com um prato que agora estava com a irmã Viviane. Nadège tinha cinco anos e meio.

11. Em uma ocasião quando Francis Ennuyer exibia slides de cenas de viagem para os familiares, ele mostrou um de uma pontezinha em uma gruta perto de Annecy (em Saboia). Nadège gritou: "Eu estive lá. Eu me lembro muito bem." Na verdade, Nadège nunca estivera na gruta, mas Francis tinha levado os filhos para lá. Lionel tinha seis anos de idade na época. Nadège nem tinha completado nove anos quando fez essa declaração.

12. Quando Nadège tinha nove anos e meio, durante as férias de verão, foi para um acampamento em Saboia onde Lionel também estivera (onde nunca estivera antes), ela mencionou à avó que no acampamento havia um pequeno caminho por onde ela já tinha passado antes.

**A atitude de Nadège diante da vida após a morte.** Apenas três das afirmações de Nadège se referiam à vida pós-morte e antes do nascimento. Uma foi sobre ter morrido antes de vir dentro de sua mãe. Patrick Jegou disse à sua sogra (Yvonne) que Nadège lhe dissera uma vez quando estavam juntos na praia durante as férias: "Sabe, papai, está quente aqui na areia; mas quando nós dois estávamos mortos, era muito frio na terra."

Em 1981, quando tinha sete anos de idade, Nadège e a avó assistiam a um programa de televisão que mostrava uma pessoa ferida sendo levada às pressas

para o hospital em uma ambulância. Ouvindo o som da ambulância Nadège comentou: "Não é essa a música que se ouve quando você morre."

Quando Nadège tinha cerca de cinco anos e meio, ela passou as férias com os avós paternos, e mais tarde Yvonne me disse que Nadège voltara "muito mudada". Ela disse de forma assertiva a Yvonne: "Quando a gente morre, a gente não volta." Yvonne concluiu que Nadège fizera alguma afirmação referente à vida de Lionel diante dos outros avós, que teriam rido dela.

Se Nadège teve um período de ceticismo durante a infância, certamente não teve objeção quanto ao meu estudo sobre suas experiências. Muitas vezes, ela me escreveu cartas ou postais e prontamente me deu permissão para o uso de seu nome verdadeiro neste relatório.

**O comportamento de Nadège em relação à vida passada**

**Circunstâncias e a maneira de Nadège falar sobre a vida passada.** Das 12 declarações que eu listei, oito ocorreram quando Nadège viu algum objeto como uma fotografia ou lugar familiar a Lionel, que estimulou suas aparentes lembranças e a levaram ao súbito reconhecimento delas. Ela raramente fez qualquer declaração sobre a vida passada sem um estímulo externo. Nesse ponto, o caso se parece com outros, como o de Mallika Aroumougam (citado depois no livro) e o de Wolfgang Neurath.

**Maneirismos e outros comportamentos compartilhados por Lionel e Nadège.** O Lionel gostava de fazer uma careta em que o lábio inferior se projetava. Ele a chamava de "cara de tartaruga". Yvonne Ennuyer mostrou e me deu uma fotografia de Lionel fazendo uma dessas caretas. Quando Nadège tinha cerca de dois anos, ela fez exatamente a mesma careta que Lionel fazia. Yvonne tinha certeza que Nadège nunca vira a fotografia de Lionel fazendo a careta.

Lionel tinha o hábito de acrescentar um cachimbo com uma espiral de fumaça saindo da boca no fim de suas cartas pessoais; o cachimbo, de fato, fazia parte de sua assinatura pessoal na carta ou postal. Yvonne mostrou e me deu duas amostras da "assinatura de cachimbo". Nadège já tinha visto essas cartas assinadas dessa forma, mas ninguém sugeriu que ela devesse imitá-las. No entanto, ela começou a finalizar as cartas com uma "assinatura de cachimbo". Yvonne me enviou um exemplo disso.

Lionel ficou tão zangado quando a sua irmã mais velha Viviane se casou que ele se recusou a reconhecê-la como "senhora". Assim, quando escrevia para ela e o marido, ele endereçava o envelope ao "Sr. e Srta. Jegou". Quando

Nadège estava longe de casa e escrevia para os pais, ela também endereçava o envelope ao "Sr. e Srta. Jegou". Yvonne me deu cópias de dois envelopes endereçados por Lionel e Nadège dessa forma. Ela (Yvonne) obviamente via a forma de Nadège endereçar os envelopes como espontâneos, mas como ela tinha mantido pelo menos um envelope endereçado por Lionel, não posso afirmar que Nadège nunca o tenha visto ou a um outro qualquer.

Yvonne me disse que Lionel e Nadège não eram bons em ortografia. Eles cometiam, segundo o que ela observara, os mesmos erros de grafia. Ela não me forneceu exemplos verdadeiros de seus erros.

Na família, Lionel se destacava por duas características dos outros membros da família. Primeiramente, ele se interessava muito por todos os esportes. No começo deste relatório, mencionei a gama de atividades esportivas que ele apreciava. Nadège também se entusiasmava por esportes, especialmente natação, mergulho e patinação. Aos dois anos e meio, ela cotneçou a mergulhar e aos três e meio mergulhava de uma altura de três metros.

Mencionei antes a generosidade de Lionel com outras pessoas, um desapego que às vezes o deixava sem fundos para si. Nadège era igualmente generosa com as outras pessoas.

**Outros comportamentos relevantes de Nadège**

Nadège não manifestava inclinação para usar roupas masculinas nem preferência por jogos de meninos ou outras atividades em comparação com as de meninas. Certa vez expressou a preferência de ter sido menino em vez de menina, mas esse não é um desejo incomum dentre as garotas e mulheres, mesmo no Ocidente. Nadège não tinha fobias.

**A atitude da família de Nadège em relação às suas afirmações**

Como mencionei antes, a principal informante do caso foi a avó materna de Nadège. A mãe de Nadège, que entrevistei em 1981, parecia um pouco tímida e inibida comigo, e não pude estimar a sua atitude em relação às afirmações de Nadège e aos maneirismos sugestivos de Lionel. Ela não era negativa a esse respeito, mas não pude registrá-la como sendo fortemente positiva. Ela reconheceu que várias declarações de Nadège a tinham impressionado.

Yvonne Ennuyer, em contraste com a filha, estava a par das afirmações e dos maneirismos de Nadège. Ela me relatou sobre eles pessoalmente ou

em cartas com entusiasmo óbvio. Quando houve ocasião, ela interferiu em programas de rádio defendendo o conceito de reencarnação e apresentando os méritos do caso de Nadège. Sem dúvida, ela encontrou consolo pela perda de Lionel, acreditando que ele renascera como Nadège. Ela gostava de ouvir Nadège fazendo declarações sobre a vida passada e até mesmo pedia para ela repetir o que tinha dito antes, por exemplo, sobre o acidente que matou Lionel. Certa vez, quando Nadège tinha cinco anos e meio, Yvonne disse a Nadège, quase que demonstrando reprovação: "Você não me fala mais de Lionel". Nadège respondeu: "Já te disse tudo".

Em abril de 1979, Yvonne me escreveu que tinha perguntado a Nadège: "O que você fazia quando era Yoyo?" Nadège respondeu: "Eu era Lionel e fazia coisas estúpidas".

Em abril de 1980, Yvonne me escreveu que estava pedindo a Nadège para falar de Lionel. Embora insista que o que Nadège falou quando tinha menos que cinco anos e meio tenha sido totalmente espontâneo, naquela época Yvonne já a incentivava a falar havia pelo menos um ano.

Houve tempos em que o entusiasmo de Yvonne pelo caso de Nadège levou-a a ver semelhanças entre ela e Lionel que outros ignorariam ou descartariam. Por exemplo, ela achou significativo que tanto Lionel quanto Nadège tivessem hemangiomas, embora não fossem no mesmo local. Ela acreditava que os olhos de Nadège também eram assimétricos. Yvonne disse que os olhos de Lionel eram assimétricos. Concordo que em uma das fotografias de Lionel sua dobra da pálpebra esquerda era distintamente mais estreita que a da direita, mas não observei tal assimetria em Nadège, nem em fotografias nem ao me encontrar com ela. Ela também achava que as fortes dores de cabeça que Nadège sofria quando criança e um cisto no pescoço, de alguma forma, vinham do ferimento fatal na cabeça de Lionel.

**Desdobramentos posteriores do caso de Nadège**

Nadège sofria muito de dor de cabeça quando criança. Em 1981 ela foi internada em uma enfermaria pediátrica neurológica, onde passou por inúmeros testes, inclusive um eletroencefalograma, que não mostrou irregularidade. Quando ela tinha 15 anos, os pais se divorciaram, e isto a perturbou, mas acredito que não mais que o costumeiro em comparação com outras crianças passando por questão semelhante.

Aos 18 anos, ela teve um cisto na glândula tireoide, retirado cirurgicamente.

Sua carreira acadêmica se desenvolveu normalmente. Ela passou o "bac" no verão de 1993 aos 18 anos e meio. Depois ingressou na faculdade, onde estudou inglês.

**Comentários**

Como Yvonne Ennuyer é quase que a única testemunha deste caso e certamente a mais importantes de todas, os leitores terão de julgar o efeito que o seu interesse profundo na reencarnação e a sua vontade de ter o filho de volta têm em suas observações sobre o que a neta disse e fazia. Não seria difícil argumentar que ela falou de Lionel diante de Nadège, que involuntariamente passou informações sobre ele para ela, e que, aos poucos, induziu-a a certo grau de identificação com Lionel. No entanto, há pouco indício de que tenha feito isso, e suas cartas para mim contêm inúmeras negações de que Nadège tenha recebido quaisquer sugestões que a guiassem para o conteúdo das declarações sobre acontecimentos da vida de Leonel. Que Yvonne Ennuyer queria ouvir Nadège falar sobre essa vida é óbvio; que ela tenha fornecido o material para as declarações de Nadège parece menos provável. Creio que um leitor imparcial lhe dará o crédito de ter prestado atenção e registrado declarações que uma criança fez sobre uma vida passada que a maioria dos pais e avós no Ocidente teria ignorado ou ridicularizado.

## WOLFGANG NEURATH

Este é um caso do tipo em que há mudança de sexo, no qual a personalidade anterior expressou desejo de mudança de sexo antes de morrer. Wolfgang Neurath fez algumas afirmações relacionadas à vida passada, quase todas relativas a reconhecimentos de pessoas e lugares. Além disso, demonstrou gostos e outros comportamentos semelhantes aos da personalidade anterior.

**Resumo do caso e sua investigação**

Wolfgang Neurath nasceu em Feldkirch na Áustria, em 3 de março de 1934. Seus pais eram Dieter Neurath e a esposa, Marlene. Entre três e três anos e meio de idade, Wolfgang fez várias declarações que demonstraram uma familiaridade surpreendente com os familiares e a residência de uma

jovem, Poldi Holzmüller, que morrera dois meses antes do nascimento de Wolfgang. Os Neurath e os Holzmüller eram vizinhos próximos. Wolfgang também demonstrou comportamentos incomuns que as pessoas acreditaram serem típicos de Poldi.

Este caso despertou a atenção de pessoas fora das famílias envolvidas, pela primeira vez, quando o jovem irmão de Poldi, Ernst, enviou um relato para o Dr. Karl Müller no início de 1963 (o Dr. Müller era um espiritualista que tinha grande interesse na reencarnação. Ele solicitara informações sobre casos com um anúncio na edição de agosto de 1962 da revista alemã Die Andere Welt). O Dr. Müller respondeu e pediu a Holzmüller mais detalhes sobre as informações; foi o que aconteceu na segunda carta de Ernst Holzmüller. O Dr. Müller, com quem eu me encontrei em Zurique em 1961, me enviou cópias dessa correspondência.

Dois anos mais tarde, em 20 de outubro de 1965, fui até Feldkirch e fiz uma longa entrevista com Ernst Holzmüller e sua mãe Elisabeth (fiquei meio dia com eles). A seguir, em julho de 1968, Ernst Holzmüller me passou mais informações por correspondência. Enquanto isso, ele tinha publicado seu próprio relato do caso na edição de fevereiro de 1968 do Die Andere Welt.

Ernst Holzmüller nasceu em 1921 e, portanto, era oito anos mais novo que Poldi. Ele também era adolescente enquanto o caso se desenrolava e, portanto, foi informante indireto das declarações de Wolfgang e (até certo ponto) do comportamento dele quando jovem. Elisabeth Holzmüller nasceu em 1880, portanto tinha mais de 80 anos na época da correspondência com Karl Müller em 1963 e das minhas entrevistas em 1965. No entanto, parecia ter boa memória. Ernst disse que ela ditara seu primeiro relatório a Karl Müller, e que ela de fato assinara a sua segunda carta ao Dr. Müller, que respondia algumas de suas questões e acrescentava mais informações. Mais tarde, ela teve papel destacado nas minhas entrevistas em Feldkirch, e a contribuição de Ernst consistiu, em grande parte, em esclarecer ou repetir para mim o que a mãe dissera (eu ainda estava aprendendo alemão naquela época, e Elisabeth Holzmüller falava com sotaque tirolês). Acho que é correto dizer que tivemos um relato de primeira mão de Elisabeth de quase todos os acontecimentos do caso. De fato, há três versões de seu relato: a primeira e a segunda carta de Ernst para o Dr. Müller, e a publicação do caso, por Ernst, no Die Andere Welt. As narrativas diferem apenas em alguns pequenos detalhes. O relatório publicado por Ernst descreve um sonho de sua mãe que os outros dois relatos não incluem.

Na época da minha visita a Feldkirch em 1965, Wolfgang tinha 31 anos, era casado e tinha dois filhos. Já tinha se esquecido da vida passada

havia muito tempo e não fez esforço para relembrá-la. No entanto, lamento não ter pedido para me encontrar com Marie Neurath, a mãe de Wolfgang, que testemunhara o reconhecimento mais impressionante de Wolfgang. A tia de Poldi, Anna, reconhecida neste episódio, morrera em 1941.

**A vida, a morte e a personalidade de Poldi Holzmüller**

Poldi Holzmüller nasceu em Feldkirch em 1913. Era a única menina de seus pais, que tinham já um filho, Ernst, nascido em 1921.

Quando criança, Poldi não parecia ter sido especial, exceto pelo fato de não brincar com bonecas ou com outros brinquedos. Seu passatempo predileto era recortar figuras de jornais e guardá-las. Suas comidas prediletas eram sopa de macarrão e bolinho de arroz. Era evidente que ela era educada e quieta.

Quando Poldi ficou mais velha, tornou-se mais sociável, mas não demonstrou interesse por homens e, de fato, não tinha "nada a ver com os homens"; era infeliz consigo mesma. Embora não estivesse diretamente descontente com a família, às vezes, ela dizia que tinha vindo para o lar errado e que deveria ter nascido filha de um rico fabricante em vez de pertencer a uma família de classe média.

Poldi gostava especialmente de sua tia Anna, que morava no Tirol do Sul, mas que vinha de tempos em tempos visitar os Holzmüller em Feldkirch. Poldi e tia Anna eram muito carinhosas entre si com efusivas trocas de abraços e beijos. Elas se chamavam por nomes carinhosos. Para a tia Anna, Poldi era "Poldile" e, para a Poldi, a tia Anna era "Tantele" (a palavra alemã para tia é Tante, e Tantele eqüivalia a algo como "minha tiazinha" em português).

Ao completar 19 anos, Poldi teve tuberculose e morreu após 16 meses de doença, passando o último ano de sua vida acamada. Embora os Holzmüller fossem católicos, Elisabeth Holzmüller e Poldi (mas não o pai dela) acreditavam na possibilidade de sobrevivência após a morte e na reencarnação. Poldi disse que, se tivesse de reencarnar, ela renasceria como menino. Também falou que, se renascesse na vizinhança dos Holzmüller, ela daria indicações tão claras de sua identidade que a sua família, com certeza, a reconheceria. Elisabeth parece ter incentivado essas afirmações, mas pediu insistentemente para Poldi não tentar se comunicar por médium, após a morte.

No verão de 1933, Marie Neurath ficou grávida. Ela era vizinha dos Holzmüller e freqüentemente visitava Poldi durante a doença. Quando Marie lhe contou sobre o carrinho que tinha comprado para o bebê que iria nascer, Poldi perguntou se ela poderia ir junto quando o bebê estivesse passeando no

carrinho. Depois acrescentou: “Mas você sabe que o que eu realmente gostaria era de eu mesma estar dentro no carrinho.”

Poldi morreu em Feldkirch em 13 de janeiro de 1934.

## Os sonhos de Elisabeth Holzmüller entre a morte de Poldi e o nascimento de Wolfgang

Após a morte de Poldi, sua mãe chorava inconsolavelmente; literalmente se esvaía em lágrimas. Certa noite, sonhou que Poldi estava sentada na cama com olhos tristonhos e uma camisola totalmente molhada. No sonho, Elisabeth perguntou-lhe por que ela estava tão molhada. Poldi respondeu que a umidade vinha dela (Elisabeth). Isso ensinou a Elisabeth que o choro após a morte é prejudicial tanto para quem fica, quanto para quem morre.

Elisabeth teve um outro sonho pouco antes do nascimento de Wolfgang. Nele, ela parecia estar no jardim da família observando algumas andorinhas pousadas no fio do poste. Uma delas disse: “Mamãe, você não me vê?” Elisabeth respondeu: “Sim, mas qual andorinha é você?” Então ela ouviu Poli dizer: “Estou aqui”. Nisso, ela viu uma das andorinhas voar para dentro de um aposento da casa de Marie Neurath.

## Declarações e reconhecimentos feitos por Wolfgang

Quando Wolfgang tinha oito dias, Elisabeth Holzmüller foi visitar Marie Neurath. Wolfgang dormia no carrinho já mencionado. Quando Elizabeth foi olhar o bebê, Wolgang acordou, sorriu e estendeu as mãos em direção a Elisabeth como se fosse cumprimentá-la.[43]

Quando Wolfgang tinha três anos de idade, Anna, a tia de Poldi, foi visitar os Holzmüller. Ela não visitara a família desde a morte de Poldi. Um dia, quando a família estava se aprontando para sair e todos estavam fora no jardim, Maria Neurath os viu e cumprimentou a tia Anna. Enquanto conversavam, Wolfgang saiu da casa. Ele viu Anna e correu alegre pela cerca, que ele tentou pular, enquanto gritava: “Tantele, Tantele”. Tentou abraçá-la,

[43] Acredito que Elisabeth Holzmüller fez uma visita de cortesia a Marie Neurath após o nascimento de seu bebê. Ela não chamou o pequeno Wolfgang deitado no carrinho pelo nome de Poldi. No entanto, o incidente me faz lembrar do costume entre as mulheres tlingites de visitar um bebê recém-nascido que elas acham ser uma pessoa em particular renascida, com base em sonhos de premonição. Elas o chamam por esse nome, tlingit, e esperam que o bebê responda com um sorriso ou outros sinais de alegria.

mas não conseguiu alcançá-la por causa da cerca. A tia Anna lhe perguntou: “Menino, você me conhece?” Foi a própria Marie Neurath que respondeu, dizendo ser impossível, pois Wolfgang não era nem nascido quando Anna tinha vindo pela última vez a Feldkirch. Anna disse então que Wolfgang devia tê-la confundido com uma outra tia. Marie Neurath contou que não era possível, pois ele sempre chamava as duas tias pelos nomes próprios, por exemplo, “tia Angelika”.

Wolfgang olhou para a tia Anna por um tempo, depois começou a chorar e voltou para casa.

Dois episódios posteriores ocorreram quando Wolfgang tinha por volta de quatro anos. O primeiro aconteceu quando Elisabeth Holzmüller fazia compras na mercearia local. Ela estava quase saindo da loja quando Wolfgang a viu e falou: “Me espere até eu terminar as compras. Depois eu volto com você. Nós nos pertencemos, você sabe”. Wolfgang terminou as compras, saiu da loja, e ele e Elisabeth caminharam na direção de suas casaS. Passaram pela casa dos Neurath, mas Wolfgang não entrou. Porém, foi até o portão da casa de Elisabeth, e então lhe disse: “Agora vou voltar para lá. Você sabe que agora eu moro lá.”

Na segunda ocasião, Elisabeth Holzmüller estava na mesma loja, e lá estavam Wolfgang e a mãe. Quando Wolfgang viu Elisabeth, ele largou a mãe, correu para Elisabeth e disse: “Mamãe, por favor, compre bolinho de arroz para mim. Aquela minha mãe nunca me compra esse bolinho.” Elisabeth lhe comprou o bolinho de arroz. Havia outros clientes na loja, e alguns deles questionaram como Elisabeth, com quase 60 anos, poderia ter um filho tão pequeno. Elisabeth explicou que Wolfgang era filho de uma vizinha e que talvez a tivesse confundido com ela.

Quando Wolfgang tinha uns oito anos, Elisabeth mostrou-lhe um retrato grande de Poldi, perguntando se ele a conhecia. Wolfgang olhou para o retrato e depois de pensar um pouco falou: “Acho que já vi em algum lugar antes, mas não consigo dizer de onde.”

Por volta de 13 anos de idade – um relato diz que ele tinha 12, outro, 14 – Wolfgang ajudava Ernst Holzmüller, que agora tinha um negócio próprio, fazendo alguns serviços. Certo dia, Ernst pediu-lhe para ir até a casa dele (dos Holzmüller) buscar algo que ele precisava do sótão. Quando Wolfgang chegou à casa, Elisabeth estava lá e se ofereceu para buscar o que ele necessitava do sótão. Wolfgang respondeu: “Já sei onde é que está. Conheço esta casa muito bem.” Na verdade, ele nunca tinha estado no segundo piso da casa, do qual uma porta conduzia ao sótão. Ele achou a porta correta para o sótão, subiu e trouxe o que Ernst precisava. Quando estive em Feldkirch, me mostraram o segundo andar da casa que tinha seis portas partindo do corredor central.

As portas eram quase todas iguais. A que levava ao sótão era ligeiramente diferente das outras, mas não tinha nenhuma indicação de que conduzisse ao sotão, ou se abria para um aposento no mesmo andar, como faziam as outras.

**O comportamento de Wolfgang em relação à vida passada**

**A identificação sexual de Wolfgang.** Quando era criança, Wolfgang era um pouco efeminado. Em referências posteriores sobre a identificação do sexo, Ernst Holzmüller disse que ele "não era muito másculo. Não corria e se atirava da forma que a maioria dos meninos faz, mas era mais quieto e mais parecido com as meninas nesse aspecto".

No entanto, Wolfgang cresceu naturalmente como um homem, casou-se e em 1965 teve dois filhos.

**Outros comportamentos de Wolfgang relativos à vida passada.** Quando criança, Wolfgang gostava de recortar jornais assim como Poldi. Suas comidas prediletas eram também as dela: bolinho de arroz e sopa de macarrão. Ele era notadamente quieto e gentil.

**A saúde física de Wolfgang**

Em geral, Wolfgang gozava de boa saúde. Até 1965, ele não sofreu de doenças pulmonares ou de brônquios, embora fosse mais suscetível que a média a infecções pulmonares.

**A atitude dos Holzmüller em relação ao caso**

Tanto Elisabeth quanto Ernst Holzmüller acreditavam que Wolfgang fosse a reencarnação de Poldi. Consideravam que Poldi tinha dado indicações claras de seu retorno, especialmente no reconhecimento totalmente espontâneo de "Tantele" (tia Anna).

Poldi tinha tido contato de amizade com Marie Neurath, porém as duas famílias não tinham tanta ligação. Os Holzmüller pensaram que Poldi tinha retornado para os Neurath a fim de ficar próxima dos Holzmüller. Eles ainda sugerem que o desejo de Poldi de se deitar no carrinho do bebê a nascer pode ter agido, de alguma forma, como uma sugestão pós-hipnótica, atraindo-a para aquele carrinho específico, como o bebê de Marie Neurath.

**Comentários**

Wolfgang nasceu menos de dois meses após o falecimento de Poldi. Presumindo-se um tempo de gravidez normal de Marie Neurath com Wolfgang, ela deveria estar no sétimo mês de gravidez quando Poldi morreu.

Este caso tem o ponto fraco de todos os casos em que a partir de premonições, sonhos e (às vezes) marcas de nascença, os adultos esperam que uma criança faça afirmações e demonstre comportamentos que sugiram a lembrança de um membro amado e pranteado de sua família. O Dr. Müller, em resposta à primeira carta de Ernst Holzmüller, sugeriu que talvez Elisabeth Holzmüller tenha guiado Wolfgang fazendo-lhe perguntas sobre a vida passada. Em resposta, Ernst negou com veemência (como mencionei, a mãe dele coassinou a segunda carta). Não vou argumentar que essa negação deva satisfazer todos os críticos. No entanto, talvez possa ser verdade que, se os Holzmüller não tivessem uma crença anterior na possibilidade de reencarnação, nunca teriam prestado atenção no que Wolfgang fazia e dizia; e então não haveria caso a discutir (mencionei a mesma defesa no relatório de Gillian e Jennifer Pollock).

O caso de Wolfgang tem algumas semelhanças com os outros casos investigados por mim. A escassez de suas declarações e a tendência de elas serem precedidas por estímulos especiais me faz lembrar os casos de Mallika Aroumougam e Nadège Jegou. A previsão feita pela personalidade anterior, de que ela – ao renascer – daria sinais do acontecimento para que fosse reconhecida, tem paralelo com o caso de Marta Lorenz.

O caso de Wolfgang também me faz lembrar o de Gnanatilleka Baddewithana. Nos dois, as personalidades anteriores mostraram pouca identificação com o próprio sexo; Tillekeratne (a personalidade anterior do caso de Gananatilleka) era um pouco efeminado, e Poldi não demonstrava interesse por homens e poderia, portanto, ser considerada um tanto masculinizada para uma mulher. Nos dois casos, a personalidade anterior expressou um desejo — não muito explícito, mas positivo no caso de Tillekeratne — de mudar de sexo na outra encarnação. Nos dois casos, durante a infância, os indivíduos demonstraram pouca identificação com o que, para este propósito, podemos chamar de novo sexo: Gnanatilleka era um pouco masculinizada quando criança e Wolfgang, um pouco efeminado. Considerados como momentos de reencarnação, parece que há lembranças comportamentais. Podemos chamados de resquícios do sexo da vida anterior, que o desejo da personalidade anterior de mudar de sexo não apaga.

## HELMUT KRAUS

Este é outro caso de estudo que nunca pude conhecer; além disso, consegui entrevistar apenas um informante do caso. Pude comprovar alguns detalhes de forma independente e tenho confiança na autenticidade do caso. O comportamento incomum do sujeito correspondeu à vocação profissional da personalidade anterior.

### Resumo do caso e sua investigação

Helmut Kraus nasceu em Linz, na Áustria, em le de junho de 1931. Seu pai era Wilhelm Kraus, professor de biologia na escola secundária de Linz. Não soube de mais detalhes sobre a sua família.

A partir dos quatro anos de idade, com freqüência, Helmut falou sobre uma vida passada. Costumava iniciar suas observações com uma frase como: "Quando eu era grande..." Helga Ullrich, amiga da família que regularmente levava Helmut ao jardim de infância, o ouvia atentamente. Ela o descreveu como "muito falante". Um dia, Helmut lhe disse: "Quando eu era grande, eu morava na rua Manfred, 9. Acontece que Helga tinha uma amiga, Anna Seehofer, que morava nesse endereço. Ela perguntou a Anna sobre os homens que tinham morado naquele endereço e que tinham falecido. Anna sugeriu que Helmut se referia a seu primo, o general Werner Seehofer, que tinha morado naquela casa por um tempo após a morte da primeira esposa. Outras afirmações de Helmut se ajustavam à vida e à morte do general Seehofer.

O Dr. Karl Müller soube deste caso por Helga Ullrich em 1958. Em março de 1959, ela lhe enviou um relato do caso em uma carta e, mais tarde, escreveu uma segunda carta em resposta à solicitação dele por mais informações. O Dr. Müller me enviou um longo trecho da primeira carta e uma fotocópia da segunda.

Em 14 de outubro de 1965, entrevistei Helga Ullrich em Viena. Ela me confirmou o que escrevera antes ao Dr. Müller, mas pôde me detalhar mais algumas coisas.

Em uma outra troca de correspondência comigo, ela me passou informações sobre os últimos desdobramentos do caso de Helmut. Anna Seehofer, a prima do general Seehofer, que poderia ter sido uma informante muito valiosa, falecera em 1957.

Em 1967, localizei informações relevantes sobre a vida e morte do general Seehofer e seus detalhes na Biblioteca Nacional e nos Arquivos de Guerra de Viena.

Os leitores podem entender a minha ansiedade em me encontrar com Helmut Kraus e os pais dele, mas as cartas que encaminhei para ele e seu pai permaneceram sem resposta.

**A vida e a morte do general Werner Seehofer**

Werner Seehofer nasceu em Bratislava, Eslováquia (na época no Império Austro-húngaro) em 14 de agosto de 1868. Tornou-se oficial comissionado no Exército Imperial Austríaco. Durante certo período de sua vida, ele morou em, Viena, mas não soube das datas de sua permanência por lá. Ele foi promovido de forma contínua e, em 1902, se tornou coronel e foi indicado como membro do Comando Geral em Linz. Lá permaneceu até 1907. Presume-se que ele tenha fixado residência por lá, porque soube que a sua viúva (a segunda esposa) ainda morava em Linz em 1919.

Em janeiro de 1918, Werner foi promovido a general e foi comandante de divisão no front italiano. Permaneceu nesse posto até a morte, seis meses depois.

Em 17 de junho de 1918, quando se iniciou uma nova ofensiva, o general Seehofer deixou o quartel-general e caminhou em direção à linha de frente. Apesar de avisos de soldados próximos à linha de frente sobre o perigo de prosseguir, ele seguiu adiante. O que aconteceu depois nunca foi esclarecido, mas os jornais narraram mais tarde que ele fora ferido e se tornara prisioneiro do Exército Italiano. No entanto, logo depois, ele acabou morrendo devido aos ferimentos, provavelmente em um hospital militar italiano. O motivo para o que parecia uma caminhada suicida na linha de fogo do inimigo permanece desconhecido; há a hipótese de que o general Seehofer teve um tipo de distúrbio mental que confundiu o seu juízo. Uma última tentativa do Arquivo Militar Austríaco de obter informações sobre a morte do general Seehofer dos funcionários italianos não esclareceram mais nada além das obtidas na Áustria. Os austríacos ainda tentaram descobrir o que aconteceu com o general Seehofer até 1934-

Eu soube pouco sobre o general Seehofer à parte de sua vida profissional como militar. Ele adorava cavalgar e apreciava os esportes em geral.

Nem tinha completado 50 anos quando foi morto.

**Declarações feitas por Helmut**

Embora Helga Ullrich tenha descrito Helmut como “muito falante”, na época, ela não fez anotações do que ele dissera e, mais tarde, ela só se lembrava de poucas afirmações.

Helmut disse ter sido um "oficial de alta patente na Grande Guerra (2ª Guerra Mundial)". Nunca mencionou ter sido general, sequer forneceu o nome Seehofer. Aparentemente, ninguém parece ter-lhe perguntado como ele morrera na vida passada.

Sua afirmação mais fácil de ser comprovada ocorreu quando ele mencionou os endereços de lugares onde ele tinha morado na vida passada. Por exemplo, ele afirmou: "Quando eu era grande, morei na rua Manfred, 9," o que Anna Seehofer confirmou para Helga como sendo o endereço do general Seehofer.

Em outra ocasião, Helmut declarou: "Quando eu era grande, morei em Viena por muitos anos". Mencionou o nome da rua e o número de uma casa. Anna Seehofer também confirmou a correção dessa afirmação sobre o general. Helmut também forneceu corretamente o endereço em Linz onde os sogros da vida passada tinham morado. Helga Ullrich não disse – talvez não se lembrasse em 1959 – quais eram estes dois últimos endereços.

**O comportamento de Helmut em relação à vida passada**

Certa vez, quando Helmut tinha uns quatro anos de idade, estava quente em Linz, e Helga Ullrich deixou o casaco dele aberto ao começarem a caminhar para a casa. Helmut insistiu em fechar o casaco, porque segundo ele: "um oficial não deve sair com o casaco desabotoado". Enquanto Helga e Helmut estavam na rua, se eles cruzavam com soldados, Helmut "se postava diante deles" e os saudava.

Certa vez, Helmut foi levado para conhecer a viúva de Seehofer. Ele se comportou timidamente diante dela; isso foi interpretado como um tipo de reconhecimento, talvez por ele ser, em geral, desinibido.

Ele tinha medo de sons muito altos, como tiros. Era visto como mais sério, mais orgulhoso e mais independente que as outras crianças de sua idade.

Com mais idade, demonstrou grande interesse em equitação e em esportes.

**A marca de nascença de Helmut**

Helga Ullrich disse que Helmut tinha uma marca de nascença na têmpora direita. Descreveu-a como uma área de pigmentação acentuada do tamanho do diâmetro de um lápis. Ele não tinha dores de cabeça na primeira infância, mas no fim da infância sofria com elas.

Helga disse: "Era fato conhecido que o general Seehofer tinha morrido por um ferimento na cabeça". Não pude confirmá-lo com o Arquivo Militar

de Viena. Como mencionei, os registros oficiais não eram claros nem sobre em que condições o general tinha falecido. A melhor hipótese foi a de que ele fora ferido e capturado pelos italianos e morrera no hospital militar italiano. Ao escrever para o Arquivo Militar de Viena, perguntei se eles tinham informação sobre o local do ferimento ou ferimentos do general, e não sabiam de nada (não devo excluir que as fontes particulares da família do general Seehofer soubessem mais detalhes sobre sua morte, inclusive o ferimento que os registros oficiais mostravam).

**Os desdobramentos posteriores do caso de Helmut**

Helmut continuou a mencionar a vida passada até os sete anos de idade.

Seu pai era biólogo, e não havia militares na família. Em vez da vida militar, Helmut optou por entrar na indústria hoteleira, onde teve esse treinamento. Ele se mudou de Linz para Viena na década de 1980.

## ALFONSO LOPES

Este caso me chamou a atenção em janeiro de 1977, quando eu estava em Lisboa para uma apresentação na Fundação Gulbenkian. Alfonso e sua mãe apareceram na palestra, e meu anfitrião, Francisco Coelho, me apresentou a eles. Não tive tempo para uma conversa muito longa, mas retornei para entrevistá-los em novembro de 1997.

Alfonso Lopes tinha 34 anos quando o conheci. Ou seja, o caso já tinha mais de 30 anos. No entanto, sua mãe parecia ter uma boa memória em relação às suas características principais, e ele próprio ainda tinha algumas lembranças da vida passada.

O caso teve a característica adicional de diferença de sexo entre o sujeito estudado e a personalidade anterior.

**Resumo do caso e sua investigação**

Alfonso Lopes nasceu em Lisboa, Portugal, em 23 de agosto de 1962. Seus pais eram Fernando Lopes e sua esposa Irma. Eles já tinham três filhas, Marta, Angelina e Augusta. Fernando era empresário e chegou a possuir e gerenciar três lojas. A família era católica. A filha do meio, Angelina, morreu atropelada em 1960.

Alfonso começou a falar bem com um ano de idade. Quando estava com um ano e meio, disse à mãe: "Querida mamãe". Isso teve um impacto especial para Irma Lopes, porque a filha falecida, Angelina, costumava se dirigir a ela daquela forma, e as outras filhas não.

A partir daí, entre dois e sete anos, Alfonso fez nove referências à vida de Angelina, nas quais ele mencionava objetos ou acontecimentos dos quais ele aparentemente não poderia ter conhecimento. Também demonstrou comportamento incomum que parecia ir de acordo com suas afirmações.

Quando Alfonso tinha 17 anos, Irma Lopes escreveu um relato dos principais acontecimentos do caso, que parece ter se perdido ou, pelo menos, não estava disponível em 1997. No início da década de 1990, Irma escreveu um novo relato do caso e Francisco Coelho me enviou uma cópia em 1997.

Em 6 de novembro de 1997, eu me encontrei com Irma e Alfonso Lopes em Lisboa e os entrevistei separadamente durante umas três horas. Bernardete Martins foi a minha intérprete. Como já tinha lido o relato escrito de Irma sobre o caso, durante a minha entrevista, perguntei mais detalhes sobre os acontecimentos incluídos no relato. Ao conversar com Alfonso, quis saber principalmente das suas lembranças e como elas se desenvolveram desde a infância.

Gostaria de ter me encontrado com Fernando Lopes para que ele pudesse talvez corroborar, pelo menos, com alguma parte do relato sobre o caso que a esposa me fornecera. Infelizmente, uma das netas dos Lopes tinha acabado de morrer também em um acidente de carro pouco antes de minha visita a Lisboa em 1997. Em conseqüência, Alfonso me avisou que o pai não teria condições de me encontrar.

**A vida e a morte de Angelina Lopes**

Angelina Lopes era a segunda filha de Fernando e Irma Lopes. Ela nasceu em Loures, Portugal, onde a família morava na época, em 20 de julho de 1953. Em 1963, a família se mudou de Loures para Lisboa.

Não soube de nenhum acontecimento incomum na sua breve vida que tenha ocorrido antes de sua morte repentina. Ela começou a freqüentar à escola aos seis anos e tinha completado a primeira série no verão de 1960, quando nem contava com sete anos. Naquela época, sua irmã mais velha, Marta, de 10 anos, foi solicitada a fazer o exame final para encerrar o seu trabalho na escola primária. Irma a acompanhou até a escola e decidiu levar as duas filhas mais novas com ela. Passaram o resto do dia em uma praia de rio perto dali. No caminho de volta, ao atravessarem a rua, um carro atropelou Angelina e a matou. Ela provavelmente morreu no local do acidente, embora

de qualquer forma tenha sido levada ao hospital. Ela faleceu em 9 de julho de 1960. Nem tinha completado sete anos.

Angelina era uma criança especialmente carinhosa. Irma disse que ela era mais afetuosa que as outras filhas. Já mencionei o seu hábito especial de se dirigir a Irma com um "querida mamãe". Ela também era extraordinariamente generosa. Certa ocasião, Angelina expressou o desejo de ser menino.

**Acontecimentos entre a morte de Angelina e o nascimento de Alfonso**

A morte de Angelina afetou Irma Lopes profundamente. Ela chorava de forma inconsolável. Antes tinha sido uma católica praticante, mas depois começou a questionar a existência de Deus. Ás vezes, ela se culpava por ter levado as crianças à praia. Em seu desespero, ela pedia a Deus para ajudá-la a entender como uma coisa tão horrível – perder a sua filha – pôde acontecer.

Uns seis meses após a morte de Angelina, um amigo a apresentou a Francisco Marques Rodrigues. Ele era rosacruz e um sábio ao qual creditavam conhecimentos extraordinários e alguns poderes paranormais. As pessoas que sabiam dele o consultavam sobre dificuldades pessoais e sempre encontravam consolo no que ele dizia. Nunca cobrava nada de ninguém pelas consultas. Ele aconselhou Irma Lopes a ter um outro filho, disse que a filha retornaria em mais dois anos. A idéia de uma criança falecida renascer não fazia parte da orientação religiosa de Irma, e ela ficou confusa. Entretanto, continuou a visitar Francisco, e ele continuou aconselhando-a para se preparar para o retorno da filha, talvez um menino desta vez.

Ao fim de 1961, Irma engravidou novamente. Ao encontrar Francisco novamente, ele abriu a porta e sorrindo disse: "Eu estava a te esperar. Eu aguardava as boas notícias." Irma Lopes expressou o seu medo do futuro, mas ele restaurou a sua confiança, e ela o deixou com esperança renovada e com grande alegria pela perspectiva de ter um outro bebê.

No sétimo mês da gravidez, Irma sonhou com Angelina, que de alguma forma se comunicou com ela, dizendo que o bebê seria um menino. Ao acordar, ela disse ao marido que teriam um menino. A gravidez de Angelina seguiu tranqüila.

**Declarações feitas por Alfonso**

Nesta parte vou mesclar o meu relato sobre as declarações de Alfonso com a descrição de seu comportamento. Irma Lopes disse que ela (e outras

pessoas, principalmente seu marido Fernando), às vezes, falavam sobre a Angelina na presença de Alfonso. Ela tinha certeza que nunca tinham mencionado nenhum dos acontecimentos ou outros detalhes inclusos nas seguintes declarações, na presença dele:

1. Com um ano e meio, Alfonso estava sentado no colo da mãe, assistindo a televisão. Mostraram um caminhão na tela e depois um menino correndo pela rua. Alfonso fechou os olhos para não ver mais nada e começou a gritar: "Não, não, não". Alfonso estava começando a falar na época, ele não chorou, apenas gritou. A mãe interpretou essa reação inesperada por parte de Alfonso como tendo origem no acidente que matou Angelina.
2. Quando Alfonso tinha dois anos, ele abraçou a mãe, bem apertado, e embora ainda não conseguisse falar muito bem, disse-lhe: "Querida mamãe, você chorou tanto, você chorou tanto." Mencionei antes o significado especial de Alfonso dizer "Querida mamãe" – em relação à Angelina.
3. Quando Alfonso tinha dois anos e meio, Irma Lopes, da cozinha, ouviu alguém trabalhando na máquina de costura no outro aposento. Ela sabia que Alfonso estivera perto da máquina e teve medo que ele estivesse mexendo nela e se machucasse. Correu até lá e lhe disse para não brincar com a máquina. Ele perguntou: "Por que não?" Ela respondeu: "Porque você pode espetar o dedo." Alfonso então disse: "Não, mamãe, não. vou, eu tirei a agulha." Irma examinou a máquina e viu que Alfonso, de fato, tinha retirado a agulha e o parafuso que a prendia. Ela interpretou o fato como uma lembrança da vida de Angelina. As três filhas já tinham se machucado brincando com a máquina, e ela pensou que tal lembrança da vida de Angelina teria feito Alfonso retirar a agulha da máquina.
4. Aos três anos, Alfonso acompanhou a mãe até a escola que uma das irmãs freqüentava. Ela levava o almoço para a filha. Irma e Alfonso estavam na rua perto da escola quando soou a buzina de um carro. De alguma forma, Alfonso se desvencilhou da mãe e correu para o outro lado da rua até a irmã, que esperava lá. Irma ficou tão assustada que fechou os olhos, com medo de ver. O carro parou perto deles, sem tocar Alfonso. Irma ficou agitada, mas Alfonso lhe disse: "Não chore, mamãe. Foi o carro de novo, você sabe." No caminho de casa, ele repetia a mesma afirmação usando variações: "Foi o carro, querida mamãe, você chorou tanto e você ia chorar muito, de novo."
5. Quando Alfonso tinha quatro anos, um casal que fora vizinho da família quando eles moravam em Loures veio visitar a família Lopes e levou o filho Hernani com eles. Enquanto os adultos conversavam, Alfonso perguntou a Hernani: "Você ainda tem o cavalo de pau?" Hernani perguntou à mãe se ela ainda guardava o cavalo de pau. Ela respondeu: "Não, eu dei para a Ana."

Alfonso, então, disse: "Ah, sim. Para a Aninha e o filhinho dela." Angelina tinha brincado com o Hernani e com o cavalo de pau. Aninha (Ana) era uma empregada que trabalhara tanto para família Lopes quanto para os vizinhos. Angelina gostava muito dela.

6. Aos seis anos e ainda sem freqüentar a escola, Alfonso veio à cozinha onde a mãe preparava o café da manhã. Ele olhou para um guardanapo xadrez vermelho sobre a mesa e disse: "Olhe, mamãe, o guardanapo que eu costumava levar para a escola com o meu lanche. Vou levar de novo na escola, não é?" Quando Angelina ia à escola, às vezes, Irma preparava o lanche para ela comer à tarde. Irma embrulhava o lanche no guardanapo xadrez vermelho.

7. Poucos dias depois, Alfonso começou a ir à escola. Depois de alguns meses, ele disse à mãe que a professora queria ter uma conversa com ela. Com certo temor, Irma foi até a escola, onde a professora explicou que Alfonso dizia ser menina; ela aconselhou-a a levá-lo ao médico. A professora contou a Irma que Alfonso se referia a ele próprio usando as formas femininas das palavras (o português, assim como o francês, o hindi, o birmanês e outros idiomas, flexiona algumas palavras como os adjetivos e particípios concordando com o sexo do narrador). A professora corrigia em Alfonso esse uso equivocado das formas dizendo: "Você é menino, não uma menina." Alfonso insistia dizendo: "Não, eu sou menina."[44] Irma Lopes consultou Francisco Marques Rodrigues, e ele a aconselhou dizendo que, com o tempo, Alfonso perderia esse hábito de dizer que era menina, o que de fato veio a acontecer. Depois de a professora ter reclamado das formas femininas usadas pelo garoto, Irma percebeu esse jeito de falar do garoto. Parou com sete anos.

8. Algum tempo depois, Alfonso retornou da escola e pediu à mãe um copo. Pensando que ele queria beber água, ela lhe disse que se quisesse beber água ele deveria buscá-la sozinho. Alfonso disse: "Não, não é para isso." Então ele pegou um copo, colocou-o dentro de uma meia, pegou uma agulha como se fosse remendar um fio corrido na meia. Enquanto fazia isso, ele falou: "Não faço isso há tanto tempo." Quando a família morava em Loures, uma das cunhadas de Irma tinha trabalhado em uma loja de cerzir onde arrumava fios corridos em meias. Angelina visitava a tia com freqüência e fingia estar trabalhando como ela.

9. Quando Alfonso tinha sete anos, insistentemente pedia à mãe para levá-lo ao rio das ciganas, mas Irma não sabia do que ele estava falando. Mais ou menos nessa época, ela levou Alfonso e a irmã mais velha, Augusta, para visitar uma das cunhadas e os filhos, que moravam em Loures (mencionei

[44] Outros indivíduos de casos com mudança de sexo que usaram as formas verbais do sexo da personalidade anterior são: Rani Saxena, Ma Htwe Win, Sanjeev Sharma, Ma Myint Myint Zaw, Ma Myint Thein, Ma Htwe Yin e Ma Tin Yee.

antes que a família Lopes tinha se mudado de Loures para Lisboa em 1963, quando Alfonso tinha um ano). Alfonso, Augusta e os primos saíram de casa para brincar. Quando voltaram, Augusta contou que Alfonso a tinha assustado atravessando a rua e dizendo que ele ia ver a ponte. Irma não se lembrava de nenhuma ponte por perto. Alfonso retrucou: "Sim, fui ver a ponte, mas está muito diferente e não há ciganas por lá." Então, Irma se lembrou do rio a que ele se referia. Ela lhe perguntou: "E esse o rio que você queria ver?" Alfonso respondeu: "Sim, mamãe. Você se lembra das ciganas que ficavam por lá? Eu queria ajudar a lavar as roupas." Para testá-lo mais um pouco, Irma perguntou: "Você se lembra onde nós costumávamos ir para cruzar o rio?" Alfonso respondeu: "Não, mas eu me lembro do rio, das ciganas e da ponte. Agora tem uma ponte grande lá, muito diferente da antiga." Irma explicou em seu relato que, na época da morte de Angelina, não havia igrejas perto da casa onde moravam. Assim, para ir à missa, ela costumava caminhar até a igreja de outra comunidade junto com as crianças. Para chegar até a igreja, eles tinham de cruzar um riozinho usando uma ponte simples de rochas. A ponte nova fora construída na época do nascimento de Alfonso.

Depois do incidente recém-descrito, Irma Lopes perguntou várias vezes a Alfonso sobre quaisquer outras lembranças que ainda pudesse ter da vida de Angelina, mas ele disse não ter nenhuma. Disse que, quando se deitava na cama antes de dormir, parecia ter imagens vagas de um passado distante, mas nada claro que ele pudesse expressar.

10. Em 1995, quando Alfonso tinha 33 anos, Irma Lopes perguntou-lhe novamente das lembranças da vida passada. Então ele disse que se lembrava da morte de um cachorro que eles tinham. Descreveu o cachorro corretamente como sendo pequeno, branco e com manchas pretas, mas não se lembrava do nome dele. Este morrera dois meses antes do falecimento de Angelina. Alfonso o descreveu corretamente.

A declaração de Alfonso sobre o renascimento. Quando Alfonso tinha três anos e meio, o seguinte diálogo passou-se entre ele e a mãe:

ALFONSO: Mamãe, por que moramos na Terra?
IRMA: Na Terra, neste lugar?
ALFONSO: Não, mamãe, por que nascemos na Terra?
IRMA (gaguejando): Bem... filho, nós...
ALFONSO: Você não sabe, mamãe? Eu sei.
IRMA: Tudo bem, então. Me diga por quê?
ALFONSO: E uma vez aqui e outra vez lá.
Este diálogo assustou tanto Irma que ela não tocou mais no assunto

e, mais tarde, lamentou não ter perguntado a Alfonso o que ele queria dizer com “lá”.

**Outros comportamentos de Alfonso em relação à vida passada**

**O medo que Alfonso tinha de veículos.** Já mencionei antes a reação assustada de Alfonso ao ver na televisão uma cena na qual um caminhão poderia ter atropelado uma criança. No entanto, além do incidente, Alfonso não demonstrava medo de carros quando era criança. Porém, aos 16 anos ele começou a ter medo de veículos. Aos poucos, esse comportamento diminuiu até que em 1997 ele só sentia medo ao ouvir um carro brecando repentinamente. Ele aprendeu a dirigir sozinho.

**A aversão de Alfonso a lugares conhecidos de Angelina.** Para observar a sua reação, Irma levou Alfonso, aos cinco anos, até a praia perto da escola onde Angelina tinha morrido e ao cemitério onde estava enterrada. Alfonso não demonstrou sinais de ter reconhecido nenhum dos lugares. Ele expressou surpresa pela mãe tê-lo levado a aqueles lugares, ficou zangado e logo quis ir embora. Na praia ele até começou a chorar e gritou que queria ir embora. Sua reação quanto ao cemitério foi mais branda.

**Outros comportamentos relevantes de Alfonso**

Além do uso de palavras na forma feminina e de seu interesse por costura (mostrado nas declarações 3 e 8 acima), Alfonso não demonstrou comportamentos que pudessem ser descritos como femininos. Nunca quis usar roupas femininas. Quando cresceu, casou-se e em 1997 tinha dois filhos.

Como Angelina, Alfonso parecia ser mais carinhoso, pelo menos em relação à mãe, que as outras irmãs. Os dois, Angelina e Alfonso demonstravam uma preocupação especial com a mãe.

**As lembranças persistentes em Alfonso em 1997**

Durante a minha entrevista com Alfonso, perguntei-lhe se ainda relembrava da vida passada. Ele respondeu que ainda conseguia se lembrar do seguinte:

1. Do cavalo de pau. Ele se lembrava de ele ser de madeira, ter arreios,

e um rabo feito com cabelo de verdade. Era um cavalo de balanço mas que tinha rodas.

2. Do cachorro.
3. De estar com a mãe e olhar para um rio onde mulheres lavavam roupa. Ele se lembra da encosta que levava ao rio.

Alfonso contou que tais imagens foram tão vividas que ele acreditava serem acontecimentos de sua infância. Ele chegou a pensar que a sua mãe o tinha confundido ao insistir que elas se originavam da vida de Angelina. Ele ficou tão incomodado com esse conflito que decidiu consultar Francisco Marques Rodrigues por conta própria. Este tentou explicar a Alfonso que ele estava realmente tendo lembranças da vida de Angelina.

**Comentários**

Este caso apresenta várias características muito semelhantes às do caso de Nadège Jegou. Nos dois, a família perdeu uma criança pequena, a mãe da criança ficou tomada pela dor, ansiando por ter a criança de volta e, mais tarde, observaram uma criança cuidadosamente, buscando provas de que isto teria acontecido. Os dois casos também mostram uma diferença de sexo entre o sujeito em estudo e a personalidade falecida em questão. Em ambos também, as declarações da criança brotaram esporadicamente e, geralmente, em resposta a algum objeto, acontecimento ou encontro, que estimulou as lembranças. Os casos diferem nas crenças anteriores das mães sobre o renascimento das crianças falecidas. Enquanto Yvonne Ennuyer já tinha um longo histórico de crença em renascimento antes de o filho morrer, Irma Lopes aceitou essa possibilidade aos poucos.

## GEDEON HAICH

Este caso tem a característica incomum de uma criança européia se lembrar da vida de um membro de uma tribo tropical, de pele escura.

**Resumo do caso e sua investigação**

Gedeon Haich nasceu em Budapeste, Hungria, em 7 de março de 1921. Seus pais eram Subo Haich e a esposa Elisabeth. Ele era filho único. Os pais

pertenciam à classe média alta e se divorciaram quando o menino tinha três anos e meio. Por três ou quatro anos, ele morou com a mãe, que dividia a casa com a irmã. A irmã tinha uma filha de idade próxima à de Gedeon, portanto eles foram companheiros de infância. Porém, aos sete anos, o pai obteve custódia formal dele; apesar disso, embora Gedeon completasse o resto da infância na casa do pai, ele passava os verões com a mãe e tinha contato freqüente com ela durante o resto do ano. Depois Elisabeth Haich se casou novamente; isso foi depois de Gedeon ter falado sobre uma vida passada.

Diferentemente de todas as crianças que se lembram de vidas anteriores, Gedeon não começou a falar sobre o assunto quando tinha entre dois e quatro anos; teve uma súbita lembrança entre quatro e cinco anos de idade. Sua mãe reparou que quando Gedeon e a prima desenhavam juntos, a prima sempre dava às suas figuras humanas a pele rosada, enquanto Gedeon sempre pintava suas figuras de marrom escuro. Quando, certa vez, Elisabeth Haich sugeriu que ele não deveria pintar a pele dos homens com uma cor tão escura, ele não respondeu nada, mas continuou a usar a mesma cor.

Um pouco mais tarde, Elisabeth notou que o filho resistia, lutando e gritando, quando era convidado a se reunir com os outros da família para nadar em um lago no local onde a família tinha uma casa de veraneio.

Certo dia, quando Gedeon tinha entre seis e sete anos, ele surpreendeu a mãe perguntando-lhe se ele poderia talvez ter vivido antes de ter se tornado o seu filho. Ela quis saber o que o levava a pensar aquilo. Então, ele contou que se lembrava de estar em um país diferente com pessoas diferentes. Disse que tinha esposa e filhos. Quando a mãe perguntou onde tivera essa vida, ele pegou um lápis e papel e fez o desenho. Gedeon explicou os detalhes do desenho para a mãe e concluiu dizendo que ele tinha saído para caçar um dia, tinha arremessado uma lança em um tigre que o feriu, mas não o matou. O tigre saltou sobre ele, e depois ele não se lembrava de mais nada.

Após a 2ã Guerra Mundial, Elisabeth se mudou para Zurique, na Suíça, onde fundou e dirigiu uma escola de ioga. Ela devotou várias páginas de seu livro autobiográfico Einweihung (Iniciação) na descrição das lembranças de Gedeon e dos desenhos correspondentes (ela não reproduziu os desenhos no livro, que foi publicado pela primeira vez em 1960). Passei a minha primeira licença sabática em Zurique em 1963-4 e comprei uma cópia de Einweihung em 1963. Após ler o relato das lembranças de Gedeon, escrevi a Elisabeth expressando interesse em saber mais detalhes sobre as memórias de Gedeon. Ela prontamente concordou em nos encontrarmos. Fizemos duas longas entrevistas em 13 de fevereiro e 7 de maio de 1964, ambas em Zurique.

Na nossa reunião de 7 de maio de 1964, Elisabeth me mostrou um “diário” que ela manteve durante toda a infância de Gedeon até a época em que

ele foi morar com o pai. Então, ele tinha uns sete a oito anos. O diário estava escrito em húngaro, que eu não conseguia ler. No entanto, pude ver pelas datas que Elisabeth tinha feito várias inserções, mas não uma a cada dia (por isso, coloquei diário entre aspas). Elisabeth também me mostrou os desenhos que Gedeon fizera, além de um boneco de recorte que fizera na mesma época dos desenhos.

Nestas primeiras entrevistas e na correspondência a seguir, Elisabeth Haich respondeu inúmeras — ela deve ter pensado incontáveis – perguntas que fiz a ela. Mais perguntas foram respondidas na correspondência que se seguiu após o meu retorno aos Estados Unidos. Compreendendo a seriedade de meu plano em escrever um livro sobre as crianças européias que se lembravam de vidas passadas, ela me deu permissão para reproduzir cinco desenhos de Gedeon no meu livro e de citar Einweihung o quanto eu quisesse.

Em 22 de março de 1972, eu voltei para Zurique e me encontrei com Elisabeth pela última vez. Em 26 de novembro de 1972, fiz uma longa entrevista com Gedeon Haich em Genebra, onde ele morava na época.

**As declarações de Gedeon sobre a vida passada**

Nesta parte, cito bastante a edição alemã de Enweihung, na minha própria tradução. Elisabeth Haich me contou sobre mais uma outra declaração, por correspondência. Quando Gedeon falou pela primeira vez sobre as suas lembranças, ele disse:

Minha esposa e meus filhos e as outras pessoas lá [onde ele tinha morado] não eram como as pessoas daqui; eram todas negras e estavam completamente nuas [p. 130].

Então, Elisabeth Haich perguntou a Gedeon onde ele tinha morado. Seu relato prossegue:

O menino então pegou papel e um lápis e com decisão desenhou uma cabana com um telhado cônico e uma saída estranha para a fumaça, de um tipo que ele nunca poderia ter visto em nosso país [Hungria]. Diante da cabana ele mostrou uma mulher nua com mamas longas e pendentes. Perto da cabana havia água com ondas e palmeiras[45] logo atrás.

Ele me mostrou o desenho e explicou: “Morávamos em cabanas como

[45] Não há palmeiras na ilustração à qual o texto se refere. Árvores semelhantes a palmeiras foram desenhadas posteriormente.

esta, que nós mesmos construímos. Também cada um fazia o seu barco esca-vando e esculpindo o tronco de uma árvore. Havia um rio grande, mas não podíamos entrar tão fundo nele quanto podemos no lago daqui. Um tipo de monstro vivia na água. Não me lembro de que tipo era, mas arrancava as pernas das pessoas e por isso não entrávamos na água. Agora dá para você saber por que no ano passado gritei tanto quando você quis que eu entrasse na água [do lago]. Fiquei com medo de que houvesse algo dentro da água que pudesse me morder as pernas; e ainda agora, fico com essa sensação quando entro na água, mesmo sabendo que não há nenhum ser perigoso vivendo na água daqui.

E você se lembra, mamãe, como, quando compramos um barco para a família, eu quis remar. Você me disse que primeiro eu tinha de aprender a remar. Mas eu sabia que conseguiria remar, porque eu consegui fazer minha canoa se movimentar na água como se ela fizesse parte de mim. Eu até pude me sentar no barco e fazê-lo pender para um lado, mergulhar e surgir do outro lado, ainda dentro do barco. E você disse: "Tudo bem.1 Tente remar. Vai descobrir que não vai dar". Então todos ficaram surpresos quando eu, pegando um remo – meus braços eram curtos demais para manejar os dois – mostrei que conseguia remar e até manobrar o barco entre outros barcos e entre as pessoas. Com a minha canoa, onde eu morava, eu podia fazer de tudo. Você deveria ter me visto! As árvores não eram como estas daqui, mas diferentes. Neste ponto, ele me apontou as árvores do desenho. "E também havia outras plantas, completamente diferentes. Veja! Estou em pé aqui, caçando um pássaro grande, e aquele é meu chapéu, perto de mim".

Tudo o que ele desenhou mostra uma cena tropical com palmeiras e outras plantas típicas. A figura que aparentemente o representava era o de um negro típico. Apenas o chapéu me pareceu duvidoso. Parecia com um chapéu de homem moderno, feito de feltro [europeu]. No entanto, eu não queria perturbá-lo ou estimular fantasias, assim, fiz perguntas cuidadosamente. Porque, apesar de tudo, ele nunca poderia ter visto mulheres nuas na sua vida, exceto talvez em obras de arte, nas quais as mulheres nunca teriam os peitos caídos, eu lhe perguntei: "Por que você desenhou a sua mulher com peitos feios, compridos e caídos?" O menino me olhou assustado por eu ter perguntado aquilo. Ele me respondeu imediatamente como se fosse óbvio: "Porque é assim que eles eram. E não são feios. Ela era linda".

Depois uma pergunta final. "Qual é a última coisa que você se lembra?" [Ele disse:]

"Eu estava fora caçando e apareceu um tigre. Arremessei a minha lança nele, mas não o matei. O tigre saltou em cima de mim com a lança ainda espetada nele. Depois não me lembro o que aconteceu".

Nesse ponto, ou talvez mais tarde, Elisabeth Haich pediu para Gedeon

explicar o objeto curvo no ar. Ele disse que era uma arma que é arremessada e que retorna sozinha. Disse que ele mesmo a fizera. Não usou a palavra bumerangue, e Elisabeth não lhe sugeriu a palavra.[46]

Os desenhos foram feitos com lápis de cor marrom; não mostram a pele escura das pessoas às quais Gedeon se refere. As ilustrações desenhadas em outra época, talvez anterior, foram feitos com lápis coloridos e mostram a pele escura das pessoas retratadas. A maioria dos desenhos não está datada, mas um tem a data novembro de 1927. Gedeon teria então seis anos e meio.

Depois dessas afirmações, Gedeon falou pouco da vida passada. Elisabeth registrou algumas outras declarações feitas durante a adolescência.

Aos treze anos, um vizinho veio correndo até Elisabeth e disse que Gedeon tinha escalado o topo de um álamo. Ela estimou que a árvore tinha entre 20 e 25 metros de altura, e Gedeon podia ser ouvido, mas não visto, dentre a folhagem. Ela o mandou descer imediatamente, ele obedeceu contra a vontade. Ela observou que ele descia cuidadosamente, mas com destreza, "como um macaquinho". Ela quis saber por que ele tinha feito algo tão perigoso. Ele respondeu que tinha feito um ninho no alto da árvore e podia comer milho cozido lá em cima, onde era muito mais saboroso. Acrescentou: "Posso ver toda a área de forma incrível. Posso olhar tudo lá de cima." Ao que Elisabeth respondeu que era perigoso subir tão alto e pediu para ele fazer um ninho no chão. Gedeon olhou para ela zangado, concordou, mas acrescentou: "Gostaria de saber quem tomava conta de mim quando eu estava na selva e escalava árvores maiores que esta para observar os animais. Onde é que você estava então?" Elisabeth não conseguiu responder a pergunta, mas ainda assim insistiu que Gedeon não subisse mais em árvores.

Pouco tempo depois, Gedeon chegou em casa da escola e disse zangado: "E um absurdo. Um padre nos disse que vivemos apenas uma vez. Mas eu sei que vivemos muitas vezes. Eu sei. Mas é melhor não dizer isso no meio dos adultos e ficar calado."

A próxima declaração de Gedeon ocorreu aos 15 anos de idade. Ele pediu à mãe para comprar um tambor de jazz. Ela concordou e eles foram para a maior loja de música, onde Gedeon escolheu o maior tambor. Ao retornar à casa, Gedeon demonstrou uma habilidade incrível, tocando os ritmos mais complicados no tambor. Às vezes, ele parecia estar em um tipo de transe, com lágrimas nos olhos. Ele nunca disse onde tinha aprendido a tocar o tambor, mas certa vez, depois de tocar um ritmo especialmente incomum no tambor, ele afirmou: "Olha, mamãe, é assim que conseguíamos enviar sinais e recados aos outros em locais distantes".

[46] Elisabeth Haich não incluiu este detalhe em Enweihung, mas me escreveu a respeito em uma carta de 22 de agosto de 1972.

**As palavras usadas ou não por Gedeon.** Gedeon nunca utilizou as palavras negro ou África. Nunca especificou o "monstro" que habitava a água e que podia arrancar as pernas de uma pessoa (Elisabeth concluiu que ele se referia a um crocodilo). Ele usou uma palavra húngara para denominar a região onde morava; Elisabeth traduziu pela palavra alemã uruiald, que pode significar floresta virgem, ou selva, nos trópicos.

Gedeon usou a palavra tigre, mas se ele queria ser específico nesse uso, permanece duvidoso. Na minha entrevista com Elisabeth em 13 de fevereiro de 1964, ela me afirmou que Gedeon usava a palavra genericamente para indicar qualquer animal grande e feroz. Poderia ter sido um tigre, um leão ou leopardo, ou ainda um outro felino. Em nossa reunião de 7 de maio de 1964, no entanto, ela se lembrou que, certa vez, Gedeon chamara a atenção dela para a gravura de um tigre em um livro. Ele também dissera, apontando para um tigre no zoológico, que aquele era o animal que ele tinha tentado matar com a lança e que pulara em cima dele.

## O comportamento de Gedeon em relação à vida passada

**As circunstâncias e a maneira de Gedeon falar sobre a vida passada.** No resumo do caso fornecido antes, não descrevi um acontecimento que parece ter estimulado Gedeon a perguntar para a mãe se ele talvez tivesse vivido antes, depois do qual ele contou algumas lembranças. Não vou retornar a este início e citarei Enweihung novamente. Quando Elisabeth perguntou a Gedeon o que o fazia pensar que ele poderia ter vivido antes, ele respondeu:

Eu estava no jardim e vi um besouro preto enorme. Eu o cutuquei um pouco com um graveto. O besouro virou de costas e ficou lá, totalmente parado, como se estivesse morto. Fiquei curioso para ver o que aconteceria. Não tirei os olhos dele e esperei. Passou-se um longo tempo, talvez meia hora. Então o besouro se mexeu, desvirou e fugiu. Isso me fez pensar que eu já vivi no passado. Parece apenas que morri, e que as pessoas pensaram que eu estava morto; mas então comecei tudo de novo, como o besouro. E aqui estou eu, vivo novamente. Quer dizer que eu não morri mesmo de verdade. E olhe, mamãe, eu também me pergunto como é que, todas as manhãs, quando acordo e meus olhos ainda não estão abertos, logo tenho a sensação de que devo saltar da cama e ir caçar para encontrar comida para a minha mulher e meus filhos. Só quando abro os olhos e olho ao redor do meu quarto que eu me lembro que ainda sou um menino pequeno, seu filho.

As últimas declarações de Gedeon ocorreram, como já mencionei, depois de ele ter subido no alto da árvore e quando tocava seu tambor de jazz.

**Comentário:** Seria um tanto incomum para um menino de sete anos permanecer com os olhos fixos em uma coisa como um besouro por meia hora. Elisabeth concluiu que, quando Gedeon fez isso, ele entrou em uma condição semelhante a um transe, que facilitou o surgimento de lembranças mais precisas de uma vida passada que ele até então descrevia para ela.

**A fobia de Gedeon por água.** Elisabeth Haich acreditava que Gedeon, aos poucos, parou de ter medo de água e demonstrou quando ela tentou ensiná-lo a nadar no lago perto da casa de veraneio na Hungria. Ela descreveu que finalmente ele foi capaz de nadar "como um patinho". No entanto, Gedeon me disse [em 1972] que ainda tinha certo medo de água. Ele sabia nadar e nadava. Porém, percebeu que todas as primaveras, ele sentia um pouco de medo antes de dar o primeiro mergulho. Não sentia o mesmo em uma piscina, apenas quando mergulhava em rios ou lagos desconhecidos. Esse medo persistente o fez pensar que a morte na vida anterior tinha vindo de afogamento, um fim diferente do que ele tinha contado à mãe quando criança.

**O outro comportamento de Gedeon referente à vida passada.** Gedeon não tinha interesse em ler sobre a vida entre os negros africanos. "Para quê?", ele dizia. "Sei muito melhor como as coisas eram por lá e não preciso saber o que os homens brancos pensam a respeito. E quando leio descrições corretas, eu choro, por mais que tente evitar." Ele era adulto ao fazer esta observação. Certa vez, Elisabeth foi com Gedeon ver um filme sobre a vida dos negros, provavelmente na África. Na época, Gedeon era piloto da Força Aérea. No entanto, ela pôde perceber no escuro que ele chorava, até soluçou de modo incontrolável durante o filme.

**As aptidões de Gedeon.** Já descrevi as habilidades incomuns de Gedeon, que não lhe tinham sido ensinadas, como manejar um barco com apenas um remo, subir no alto de uma árvore e tocar o tambor. A capacidade de Gedeon controlar o barco impressionou Elisabeth.

**Outros comportamentos relevantes de Gedeon**

Gedeon não tinha medo de tigres, leopardos, gatos ou outros felinos.

**A possível exposição de Gedeon a informações sobre a vida nos trópicos**

Elisabeth Haich escreveu em Einweihung: "Eu sabia que ele [Gedeon] nunca tivera a oportunidade de ver um livro sobre a África. Sabia de cada passo que ele dava e de como ele se ocupava". Em outra parte do livro ela menciona: "Ele nunca tinha estado no cinema antes e não leu nenhum livro sobre a África". A família não tinha ligações sociais ou comerciais com a África ou a Índia. Gedeon nunca conheceu um negro. Na minha entrevista com ela de 7 de maio de 1964, e novamente em correspondência posterior, ela enfatizou a impossibilidade de Gedeon ter adquirido esse conhecimento sobre a vida tropical pelos meios naturais. No entanto, ela mesma deve ter tido alguma dúvida, pois escreveu em Einweihung que os elogios de Gedeon aos seios longos e pendentes da esposa na vida passada "me convenceram que ele não poderia nunca ter ouvido a respeito". Ele já tinha visto um crocodilo e um tigre no zoológico.

**A atitude de Elisabeth Haich em relação às afirmações e comportamentos de Gedeon**

Elisabeth teve uma educação cristã convencional na Hungria, mas tinha a mente aberta para experiências hoje denominadas paranormais. Quando jovem, ela experimentou as "mesas girantes" e a escrita automática, ou psicografia. Ela mesma teve – antes de Gedeon falar sobre a vida passada – lembranças aparentes de duas vidas passadas. Uma ocorreu em um sonho e outra em um tipo de transe em que manteve os olhos abertos. Portanto, ela tinha total consciência da possibilidade de vidas passadas. No entanto, prestou atenção nas afirmações do filho. Ela escreveu [em Einweihung] que após a sua primeira exposição das lembranças, quando fez os dois desenhos: "peguei os desenhos e coloquei dentro do diário que mantinha desde o seu nascimento. Não perguntei mais nada. Não queria estimular fantasias e também não queria que ele se envolvesse mais profundamente com aquelas memórias".

Apesar de Elisabeth Haich ter aceito as declarações de Gedeon como tendo origem em uma vida passada, ela não conseguia se conformar que uma criança de uma família burguesa húngara da década de 1920 pensasse ter tido uma vida passada na África. Outros membros da família que souberam do que Gedeon dissera expressaram o mesmo espanto.

Mais tarde, Elisabeth teve mais visões, desta vez de uma vida passada no Egito Antigo. Ela acreditava que Gedeon fizera parte desta vida e que ela o

rejeitara. Então ele fugiu do Egito para tribos em outra parte da África, onde ele morou, morreu e renasceu negro. Ela acreditava que ele ainda se sentia atraído por ela, assim renasceu novamente como filho dela.

Esta interpretação permite que uma afirmação estranha, que Gedeon fizera à mãe seis meses antes de relatar as declarações de vidas passadas, seja passível de ser interpretada. Nessa época, Gedeon desenvolveu uma enfermidade séria com febre alta e inchaço de glândulas linfáticas do pescoço. O médico lhe deu uma injeção de "soro", após a qual ele teve delírios. Elisabeth ficou com ele dia e noite durante cinco dias, na maior parte do tempo segurando Gedeon nos braços. Certa vez, quando tentava trocar de posição, Gedeon se prendeu a ela e gritou: "Fique! Fique! Me abraça." Se você ficar e me abraçar apertado, vou perdoar tudo o que fez contra mim." Como Elisabeth tinha, do ponto de vista dela, sido uma mãe devotada e exemplar para Gedeon, ficou confusa com a observação de Gedeon. Ela quis saber o que tinha feito que precisasse de perdão. O menino respondeu que não sabia e repetiu que, se ela ficasse e o abraçasse, ele a perdoaria por tudo.

**Comentário.** As lembranças de Elisabeth sobre sua própria vida passada no Egito, e a tentativa de explicação da estranha afirmação de Gedeon sobre o perdão, quando ele – doente com febre – delirava, permanecem sem verificação, e de fato, não são passíveis de comprovação. A verdade pode estar na crença de Elisabeth. A afirmação de Gedeon sobre o perdão pode ter ficado na mente de Elisabeth, em níveis baixos de consciência, até que finalmente gerou uma fantasia que parecesse explicar a necessidade desse perdão. Não sei dizer agora qual interpretação seria preferível.

### A aparência física de Gedeon

A íris de Gedeon era azul e o cabelo, castanho-claro. O cabelo era liso e não parecia ser ondulado e curto, às vezes crespo, característico do povo africano. Os lábios não eram grossos como geralmente são os dos negros africanos. Ou seja, ele se parecia com um típico europeu.

### Desdobramentos posteriores do caso de Gedeon

Gedeon me disse, no encontro de 1972, que ele tinha sido extremamente baixo e magro durante a adolescência. Isto o levou, aos 16 ou 17 anos, a praticar hatha yoga (o tipo de ioga que enfatiza exercícios e posturas para promover a

saúde física). Seu professor foi S.R. Yesudian, que também ensinava ioga para a sua mãe e que, mais tarde, tornou-se seu sócio na escola de ioga. A prática de ioga ajudou muito Gedeon e por fim ele tomou o ensino de ioga como profissão.

Durante a 2ª Guerra Mundial, Gedeon se alistou na Força Aérea da Hungria, tornou-se piloto, seu avião foi abatido e ele foi ferido. No entanto, ele sobreviveu à guerra. Depois emigrou para o Canadá e durante um tempo administrou uma escola de ioga em Vancouver. Após alguns anos no Canadá, retornou à Europa em 1957 e se estabeleceu em Genebra, onde montou outra escola de ioga. Além da escola que abriu em Genebra, ele teve filiais em Basiléia e em Lausanne.

Gedeon tinha 51 anos quando o conheci em 1972. Ele acreditava ainda ter algumas lembranças da vida passada, mas as imagens não eram claras. Mencionei antes o seu persistente medo de mergulhar em águas estranhas, e isso o fez pensar que ele terminara a vida passada com afogamento. Quando chamei a atenção para o que ele dissera quando criança sobre caçar um tigre, ele fez uma tentativa de eliminar a incoerência sugerindo que ele poderia ter caído na água após ter atirado a lança no animal (ele não usou a palavra tigre ao falar comigo; falávamos francês, e ele usou a palavra fauve, que pode ser mais bem traduzida como "animal selvagem").

Apesar de sua extrema dedicação à ioga, Gedeon não se sentia atraído pelas religiões asiáticas, tampouco se sentia atraído pela Índia, mas tinha um forte senso de afinidade com a África, embora nunca tivesse estado naquele continente.

**Onde poderia ter acontecido a vida descrita por Gedeon?**

Com as informações disponíveis sobre as afirmações e desenhos de Gedeon não conseguimos localizar a vida descrita em determinada comunidade. As palmeiras e as poucas roupas ou ausência delas nos dizem que a vida se passou em alguma parte dos trópicos. Para esta discussão, eu me propus a estabelecer o modesto objetivo de não decidir, mas apenas considerar se os detalhes se ajustavam melhor a uma vida na África ou no sul da Ásia, talvez na Índia. Também gostaria de abordar a questão, se todos os detalhes estão de acordo tanto com a vida na África quanto na Índia.

Muitas características descritas ou desenhadas por Gedeon ocorrem dentre os povos tribais da África e do sul da Ásia: povo de pele escura (em algumas regiões), pouca ou nenhuma roupa; crocodilos na água; palmeiras; caça com lança e arcos e flechas; cabanas redondas com telhados cônicos e chaminés soltando fumaça; canoas feitas de troncos.

Permanecem ainda outros detalhes que podem ter um valor maior para a localização: os bumerangues e os chapéus naquele formato desenhado por Gedeon e os sinais com os tambores. Os bumerangues geralmente são associados aos australianos. Porém, eles também foram usados no sul da Índia e na África (Burton, 1987; Ruhe, 1982; Thomas, 1991). Os chapéus daquela forma desenhada por Gedeon são usados por algumas tribos rurais da África, feitos de junco. E possível que chapéus daquela forma sejam usados em outras partes da África e também em áreas da Índia. Com certeza, as cabanas redondas são encontradas em partes da África Ocidental.

O detalhe de enviar sinais por tambores soa africano para mim. O uso da palavra tigre por Gedeon me pareceu confuso no início, e duas vezes discuti o fato com Elisabeth Haich. A dúvida era: "Gedeon usou a palavra em sentido genérico, significando qualquer animal grande semelhante a um gato, ou ele quis identificar o tigre {Felis tigris), encontrado exclusivamente na Ásia? Elisabeth expressou duas opiniões a respeito. Em fevereiro de 1964, ela disse que Gedeon deve ter usado a palavra no sentido genérico; mas quando retomei o assunto durante a minha segunda entrevista com ela em maio de 1964, ela acreditava que ele quis identificar o tigre, que é encontrado na Ásia. Para ilustrar a afirmação, disse que ele tinha apontado uma ilustração com o tigre em um livro e também um tigre vivo do zoológico (em Budapeste), afirmando que eram os animais que o mataram na vida anterior da qual ele se lembrava. A segunda declaração de Elisabeth não determina necessariamente essa questão. Gedeon pode ter reconhecido a fotografia de um tigre, e o tigre no zoológico como semelhante ao animal que tirou a vida da pessoa lembrada. No entanto, longe de mim impingir esta opinião aos meus leitores.

Ao refletirmos sobre a questão do local da vida descrita por Gedeon, precisamos pesar a própria convicção dele de que tenha ocorrido na África, pela qual ele nutria uma forte atração. Posto isso, no entanto, devemos explicar seu interesse por ioga, que ele por fim acabou desenvolvendo como profissão. A ioga se origina da Índia e não tem conexão com a África. Seu interesse profundo em ioga pode ter se originado devido ao – e estimulado pelo – interesse de sua mãe.

Acredito que nenhum detalhe em especial e sequer as características reunidas nos permitam localizar a pretensa vida passada de Gedeon, além de dizer que estão de acordo com um estilo de vida de povos tribais na região tropical da África ou do sul da Ásia. Se decidirmos, como estou inclinado a fazer, que Gedeon usou erroneamente a palavra tigre, de modo genérico, mesmo ao apontar um no zoológico, então podemos decidir a favor de uma vida na África.

## Comentários

Os leitores terão percebido que não posso me decidir entre que região tropical se ajusta melhor às declarações e comportamento de Gedeon quando criança, mas estou convicto de uma coisa. Não podemos explicar seus desenhos na infância ou o seu comportamento incomum pelos genes ou pela influência de seu ambiente, seja individualmente ou em conjunto.

# EINAR JONSSON

Einar Jonsson não mencionou nomes próprios de pessoas ou lugares. No entanto, os informantes do caso acreditam que suas declarações se referiam a um jovem em especial, irmão de criação do pai de Einar. Meu estudo do caso me levou à mesma conclusão.

## Resumo do caso e sua investigação

Einar Jonsson nasceu em 25 de julho de 1969 em Reikjavik, Islândia. Seus pais eram Jon Nielsson e Helga Haraldsdottir.[47] Einar era filho único. O pai era carpinteiro e membro da Igreja Luterana.

Seus pais não moraram juntos nos primeiros anos de sua vida, Einar ficava com Helga, a mãe, que morava em Reikjavik junto com os pais dela. Helga trabalhava na época, e Einar era cuidado principalmente pela mãe dela e, mais tarde, passava o dia cm uma escolinha. Jon Nielsson parece ter visto Einar muito pouco durante estes primeiros anos e não foi informante sobre o que Einar disse sobre a vida passada.

Einar começou a falar quando tinha um ano e meio. Aos dois anos, começou a se referir a um homem que tinha morrido em um trator. Também fez alusão a ter tido uma outra mãe que tinha morrido. Aos poucos, ele fez outras afirmações sobre uma fazenda com vacas, ovelhas e um barco. Descreveu uma casa grande de fazenda com uma montanha diferente atrás dela. Mencionou um incêndio e um acidente de barco.

A família de Einar acreditava que suas afirmações se referiam à vida e

[47] Os nomes islandeses sempre incluem o nome do pai da pessoa, como um identificador, usando os sufixos *-sson* para homens e *-sdottir* para mulheres. As mulheres não mudam os nomes ao se casarem.

morte de um jovem chamado Harald Olafsson, que morrera em um acidente de trator, uma semana antes do nascimento de Einar.

Um correspondente em Reikjavik, Geir Vilhjálmasson, me informou sobre o caso em uma carta de 10 de março de 1973. Enviei a informação ao Dr. Erlendur Haraldsson que, em poucos meses, entrevistou Helga Haraldsdottir e me enviou um relatório sobre suas declarações em novembro de 1973. Quando Einar tinha quatro anos, começou a falar de uma vida passada (ele não respondeu quando Erlendur Haraldsson tentou falar com ele).

Em 1980, estive na Islândia, e em 16 de agosto fiz uma longa entrevista com os pais de Einar (o Dr. Haraldsson estava presente, mas não precisou ser intérprete).

Nos anos seguintes, ficou cada vez mais óbvio para mim que precisávamos entrevistar a avó paterna de Einar, Marta Sigurdsdottir, que também era mãe de Harald Olafsson, e em 1985 voltei à Islândia. Ela gentilmente veio de sua casa no campo para Reikjavik, onde nos encontramos em 11 de abril. Nessa ocasião, precisei do Dr. Haraldsson como intérprete. Einar e sua mãe estavam presentes durante esse encontro e contribuíram com mais informações. Naquela época, Einar já tinha quase 16 anos.

Várias afirmações de Einar se referiam à casa onde Harald morou e seus arredores. Não tinha verificado isso independentemente, e a única forma de fazê-lo demandava uma viagem até Laufas, que também envolvia o incômodo de solicitar ao Dr. Haraldsson o favor de me acompanhar; mas ele generosamente concordou em fazê-lo. Assim, em 23 de outubro de 1999, fomos de carro de Reikjavik para Laufas. Lá fizemos uma outra entrevista com Marta Sigurdsdottir e também conversamos com Olaf Petursson, o pai de Harald, que confirmou uma das declarações de Einar. Também inspecionando a casa, verificamos as informações sobre o local onde ele morara e arredores.

**Informações relevantes sobre a família paterna de Einar**

A avó paterna de Einar, Marta Sigurdsdottir foi casada duas vezes. Com o primeiro marido, Niels Larusson, ela teve um filho, Jon Nielsson (pai de Einar). Com o segundo, Olaf Petursson, teve quatro filhos, dos quais Harald Olafsson era o segundo. Este era uns oito anos mais novo que seu meio-irmão, Jon Nielsson.

Marta Sigurdsdottir e seu primeiro marido, Niels Larusson, moravam em Reikjavik até Jon Nielsson estar com uns cinco anos. Depois ela se mudou para um local chamado Laufas, localizado perto da cidade de Akureyri. Em Laufas, seu segundo marido, Olaf Petursson, tinha uma fazenda. Seus quatro

filhos mais novos nasceram na mesma área. Jon Nielsson permaneceu em Laufas até os 16-17 anos, quando retornou a Reikjavik, para seguir os estudos. Como Jon morou por 12 anos em Laufas, ele conhecia a área muito bem. Também, naturalmente conhecera Harald Olafsson bem, embora Harald fosse uns oito anos mais novo que ele. Ele deixou Laufas quando Harald tinha uns nove anos e foi o principal investigador das afirmações de Einar.

Em contraste com Jon Nielsson, Helga Haraldsdottir (sua esposa e mãe de Einar) nunca conheceu Harald Olafsson. Mais ainda, ela nunca tinha estado em Laufas até levar Einar para lá quando ele tinha cerca de cinco anos.

**A vida e a morte de Harald Olafsson**

Harald Olafsson nasceu em Akureyri em 22 de maio de 1955. Seus pais eram Olaf Petursson e Marta Sigurdsdottir. Eles já tinham um filho, e tiveram mais dois após o nascimento de Harald.

Soube apenas de um acontecimento incomum na vida de Harald até sua morte precoce aos 14 anos. Aparentemente sua infância foi a de um menino normal crescendo e trabalhando em uma fazenda da Islândia.

Quando Harald era pequeno – não soube a idade –, um dos tendões do seu tornozelo foi cortado acidentalmente e ele teve de levar pontos cirúrgicos. Depois disso, ficou mancando por um tempo, mas por fim o ferimento cicatrizou.

Ele deve ter aprendido a dirigir o trator bem jovem. Em 18 de julho de 1969, ele levou um dos tratores da família para a fazenda de um vizinho a fim de ajudá-lo a capinar o terreno. Ele já tinha terminado o trabalho e voltava para casa quando o trator saiu da estrada e virou. A morte foi instantânea. Um pedestre encontrou o corpo, que foi levado a Akureyri, onde se instaurou um inquérito sobre a causa do acidente. A família de Harald nunca soube quais eram as suspeitas médicas da causa de sua morte. Simplesmente concluíram que ele morrera devido aos sérios ferimentos na cabeça.

O Dr. Haraldsson me enviou uma cópia de uma breve notícia no jornal sobre o acidente em que Harald morreu. Apareceu no principal jornal da Islândia, Morgunbladid, e indicava a causa e a data da morte de Harald.

**Declarações feitas por Einar**

No quadro 1, fiz uma lista de todas as declarações de Einar lembradas por Helga Haraldsdottir. Ela disse que todas foram feitas antes de ele ter quatro anos. Em 1980, ela me disse que o Einar tinha se referido ao homem

que mancava (item 4 do Quadro 1) quando tinha uns sete anos de idade; no entanto, ela tinha mencionado esta afirmação sobre um homem que mancava ao Dr. Haraldsson em 1973, nessa época Einar tinha apenas quatro anos.

Einar nunca mencionou nenhum nome próprio de pessoas ou lugares. Provavelmente não gravamos alguns depoimentos feitos por Einar. O Dr. Haraldsson notou, em 1973, que de acordo com Helga Haraldsdottir, Einar "fala sobre os tios, tias e primos [de Harald]". Helga não mencionou afirmações sobre essas pessoas para mim em 1980 ou 1985; e eu, igualmente, falhei em não questioná-la a respeito.

Dentre as 16 declarações anotadas no Quadro 1, 13 correspondem a fatos sobre a vida e a morte de Harald Olafsson e três estão erradas.

Quando Einar tinha cinco anos, Helga o levou para Laufas, onde ele passou o verão. Perguntei-lhe se mostrara sinais de familiaridade com a fazenda e sua área. Ela disse que não, mas que ela tinha! Ela acredita que isto tenha ocorrido devido à exatidão da descrição de Einar da enorme casa da fazenda e da montanha de formato estranho atrás dela.

## O comportamento de Einar em relação à vida passada

**Circunstâncias e maneira de Einar falar sobre a vida passada.** Diferentemente da maioria dos sujeitos dos casos incluídos neste livro, Einar nunca alegou diretamente ter tido uma vida anterior. Falava como um observador vendo os acontecimentos que se passavam com uma outra pessoa.[48]

Isso não quer dizer que não estivesse confuso sobre a sua própria identidade e as identidades de seus pais. Ele rejeitava a mãe e durante certo tempo nem permitia que ela o tocasse. Pedia para ir à "outra mãe" e chorava por ter o pedido negado. Ao mesmo tempo, às vezes, dizia que sua "outra mãe" estava morta. Certa vez, quando a mãe o levava de casa para a escola, eles encontraram um amigo de Einar que lhe perguntou se Helga era a mãe dele. Einar respondeu: "Não. Ela não é minha mãe. Minha mãe morreu". Às vezes, ele dizia que sua avó materna – com quem ele e a mãe viviam – era a mãe dele; porém, esta confusão não era fixa, pois outras vezes ele afirmava que ela não era sua mãe.

Se a mãe de Einar perguntasse detalhes de alguma afirmação, ele nunca respondia. Por exemplo, ele não dizia qual era a cor dos cabelos da "outra mãe". Einar tendia a ser um pouco repetitivo. Helga Haraldsdottir disse ao

[48] Falar indiretamente sobre um falecido, em vez de alegar ter sido um, é raro entre crianças que parecem se lembrar de vidas passadas, mas estudei vários outros casos com esta característica. Ainda não publiquei relatórios desses casos.

Dr. Haraldsson que ele "freqüentemente fala do irmão mais velho" e "sempre menciona a enorme montanha no campo".

**A atitude de Einar em relação aos pais.** Já mencionei que a vontade de Einar ir para a "outra mãe" (embora ele dissesse que ela estava morta) incluía uma rejeição da própria mãe. Einar também rejeitava o pai, e em uma época em que os pais viviam separados, Einar não recebia a visita do pai com alegria quando este vinha vê-lo. Helga Haraldsdottir nunca ouviu Einar se referindo a dois pais, mas soube que ele dizia isto para os coleguinhas do maternal.

**As afirmações de Einar sobre os acontecimentos contemporâneos na fazenda em Laufas.** Einar freqüentemente se referia ao que acontecia na fazenda como se ele de alguma forma soubesse dessa atividade. Por exemplo, ele dizia algo como: "Agora a minha avó está assando um pão" ou "Meu avô está cortando a grama". Essas afirmações nunca foram confirmadas.[49]

**Outros comportamentos relevantes de Einar.** Ele não tinha fobia de tratores ou de outros veículos.

[49] Muitos outros sujeitos em estudo demonstraram indícios de comunicação paranormal com membros da família de personalidades anteriores. Os deste grupo incluem: Shamlinie Prema, Nirankar Bhatnagar, Gnanatilleka Baddewithana, Swarnlata Mishra e Sunita Khandelwal.

| Item | Informantes | Verificação | Comentários |
|---|---|---|---|
| 1. Um trator virou e um homem morreu. | Helga Haraldsdottir, mãe de Einar | Jon Nielsson, pai de Einar<br>Marta Sigurdsdottir, mãe de Harald Olafsson.<br>Morgunbladid de 22 de julho de 1969 | Afirmação correta sobre a morte de Harald Olafsson. Einar nunca declarou nada direto como: "Estava dirigindo um trator, ele virou, e eu morri". |
| 2. Ele tinha um irmão mais velho. | Helga Haraldsdottir | Marta Sigurdsdottir | Harald Olafsson tinha um irmão mais velho, Eirikur Olafsson. |
| 3. Ele tinha uma "outra mãe" que estava morta. | Helga Haraldsdottir | Não confirmada | Marta Sigurdsdottir ainda estava viva quando ele fez esta afirmação. Einar nunca se encontrou com ela; assim da perspectiva dele ela estava ausente. |
| 4. Havia um homem que mancava. | Helga Haraldsdottir | Marta Sigurdsdottir | O avô materno de Harald, Sigurd Stefansson, ficara com a filha e a sua família por seis meses durante o último ano de sua vida. Na época ele mancava. Morreu em 1958 ou 1959. Harald tinha apenas 3-4 anos nessa época. |
| 5. A casa da fazenda era grande. | Helga Haraldsdottir | Helga Haraldsdottir. Visitei a casa em 1999 | Durante minha visita em 1999, comparei a casa da fazenda com outras casas naquela área da Islândia. Não me parecia enorme, mas era definitivamente grande. |
| 6. Havia uma montanha atrás da casa. | Helga Haraldsdottir | Helga Haraldsdottir<br>Marta Sigurdsdottir<br>Vi (e fotografei) a casa e a montanha em 1999 | A montanha está diretamente atrás da casa. |

| | | | |
|---|---|---|---|
| 7. A montanha tinha uma forma incomum. | Helga Haraldsdottir | Helga Haraldsdottir<br>Marta Sigurdsdottir | Um lado da montanha era de fato um penhasco íngreme, não uma encosta. Este tipo de montanha não é incomum na Islândia. Existe até uma palavra em islandês – *nupur* – para denominá-la (Einar não usa essa palavra). |
| 8. Havia cavalos lá. | Helga Haraldsdottir | Marta Sigurdsdottir | Marta Sigurdsdottir disse terem um cavalo, não cavalos, durante a vida de Harald. |
| 9. Tinha um estábulo. | Helga Haraldsdottir | Jon Nielsson, pai de Einar | Havia várias construções na fazenda perto da sede em 1999, mas acredito que datavam após a época da morte de Harald. |
| 10. Havia um lugar para ovelhas. | Helga Haraldsdottir | Jon Nielsson<br>Marta Sigurdsdottir | Não há. |
| 11. Havia um curral. | Helga Haraldsdottir | Jon Nielsson | Não há. |
| 12. O local para as ovelhas e o curral tinha se incendiado. | Helga Haraldsdottir | Não confirmada | Jon Nielsson, Marta Sigurdsdottir e Olaf Petursson não se lembram desse incêndio. Houve um incêndio não nas construções externas, mas na casa, em 1969, ocorrido após a morte de Harald. |
| 13. Ele tinha esquis. | Helga Haraldsdottir | Não confirmada | Ninguém da família tinha esquis. |
| 14. Ele tinha uma bicicleta. | Helga Haraldsdottir | Marta Sigurdsdottir | Jon Nielsson não se lembra se Harald tinha bicicleta, mas ele saiu de Laufas quando Harald tinha 9 anos, e Harald pode ter ganhado a bicicleta depois. |

| | | | |
|---|---|---|---|
| 15. Havia um barco na fazenda. | Helga Haraldsdottir | Marta Sigurdsdottir<br>Jon Nielsson | O barco era usado principalmente para pescar. No outono era tirado da água e emborcado. |
| 16. O barco tinha se quebrado. | Helga Haraldsdottir | Jon Nielsson<br>Olaf Petursson | Jon Nielsson lembra que ele tinha se estragado "um pouco" durante a vida de Harald. Marta Sigurdsdottin não se lembra de nenhum incidente durante a vida de Harald. Olaf Petursson lembra que um barco fora arrancado da margem, levado por uma tempestade e se danificado. Ele mostrou ao Dr. Haraldsson e a mim uma fotografia do barco. Foi destruído durante a vida de Harald. |

## Os desdobramentos posteriores do caso de Einar

Quando eu me encontrei com Einar em 1985, ele tinha 15 anos de idade. Cursava, então, o nono ano escolar. Disse não se lembrar de nada da vida passada. Não tinha inclinação especial nem para a vida do campo nem para a da cidade. Queria aprender mais sobre computadores.

## Comentários

Minhas anotações e também a minha correspondência com o Dr. Haraldsson mencionam dúvidas sobre se poderíamos olhar o caso como solucionado. Por isso, quero dizer: será que as afirmações de Einar se referem à vida e à morte de Harald Olafsson e a ninguém mais? No momento, minha resposta a essa pergunta seria afirmativa com restrições. Os acidentes com trator são comuns em fazendas; os acidentes fatais são muito mais raros. Muitas afirmações de Einar sobre a fazenda se ajustariam a várias outras, talvez à maioria delas. No entanto, apenas as localizadas perto de água teriam barcos e não muitas teriam um homem que mancasse na casa. Da mesma forma, não são muitas as fazendas que teriam uma montanha de forma incomum bem atrás. Não podemos estipular uma estimativa de probabilidade a esse grupo de detalhes. Mas a maioria dos leitores vai concordar comigo que é bem improvável encontrá-los todos juntos em outras fazendas que não seja essa onde Harald Olafsson morou.

As referências de Einar a um homem que manca é bem incomum. Harald Olafsson tinha apenas 3-4 anos quando seu avô materno, o homem que mancava, veio passar um tempo na casa deles. Sua visita e sua morte, mais para o fim daquele ano, ocorreram dez anos antes da morte de Harald aos 14 anos. No entanto, nesse ponto, o caso também não é singular. Embora a maioria das lembranças do indivíduo se agrupe perto da época da morte da personalidade anterior, alguns poucos se lembravam de acontecimentos muito anteriores à vida passada.[50]

O caso também é incomum devido ao breve intervalo – sete dias – entre a morte da personalidade anterior e o nascimento do sujeito em estudo.[51]

[50] Swarnlata Mishra foi outro que se lembrou de um acontecimento ocorrido muito antes da morte de sua personalidade anterior.

[51] Outros casos com o intervalo de uma semana ou menos entre a morte da personalidade anterior e o nascimento do indivíduo são os de Cemil Fahrici e Izzar Shuhayyib.

## DITTA LARUSDOTTIR

Este caso é outro com informações escassas. No entanto, vale a pena ser relatado aqui como exemplo para os pais, de ligeiras indicações de vidas passadas fornecidas por algumas crianças.[52]

### Resumo do caso e sua investigação

Ditta Larusdottir nasceu em Reikjavik, Islândia, em 3 de janeiro de 1967. Seus pais eram Larus Johansson e Margret Olafsdottir. Ela era a terceira filha. Larus, carpinteiro, era o segundo marido de Margaret. Larus e Margret eram luteranos. Eles se separaram quando Ditta era bem pequena.

Quando a mãe de Ditta, Margret, estava grávida dela, a sua irmã mais nova [de Margret] sonhou com uma terceira irmã falecida, Kristin, no qual insinuava que ela renasceria como filha de Margret.

Uns 10-14 dias após o nascimento de Ditta, Margret notou uma marca de nascença protuberante na parte de trás da cabeça de Ditta.

Quando Ditta tinha uns dois anos e meio, fez duas afirmações que sugeriam lembranças da vida de Kristin. Com freqüência, os familiares notavam as semelhanças físicas entre Ditta e a tia Kristin.

O Dr. Erlendur Haraldsson me informou sobre este caso quando eu estava na Islândia em 1981. Em 5 de março de 1981, eu e ele fizemos uma longa entrevista em Reikjavik com Margret Olafsdottir. Também nos encontramos com Ditta, que tinha 14 anos na época. Examinei, desenhei e fotografei a sua marca de nascença.

Em 6 de março, o Dr. Haraldsson entrevistou o pai de Ditta, Larus Johansson, por telefone. Eu estava presente no escritório do Dr. Haraldsson na época e fiz anotações sobre a conversa. Os avós maternos de Ditta já tinham falecido antes de 1981, e Gudrun Olafsdottir, que sonhara com Kristin antes de Ditta nascer, morava no Paquistão. Assim, a mãe de Ditta forneceu a maior parte das informações obtidas por mim sobre o caso; porém o pai de Ditta e o relatório policial da morte de Kristin deram confirmação valiosa de alguns detalhes.

Em outubro de 1999, estive novamente na Islândia, mas não foi possível um outro encontro com Ditta e a família. O Dr. Haraldsson obteve uma cópia do relatório policial sobre o acidente no qual Kristin Olafsdottir morrera, que também foi traduzido por ele para mim. Este relatório detalhado inclui declarações de três pessoas, inclusive do marido de Kristin que testemunhou os acontecimentos pouco antes de ela morrer.

[52] Outras crianças desses casos que fizeram apenas duas ou três afirmações sobre uma vida passada incluem Henry Demmert III, Graham Le-Gros, Wilfred Robertson e Paavo Sorsa.

## A vida e a morte de Kristin Olafsdottir

Kristin era a terceira filha de uma família grande com 15 filhos. Nasceu em 10 de novembro de 1925. Seus pais eram Olaf Loftsson e Elinborg Sigurdsdottir. Mais tarde, tiveram outras crianças, todas mulheres, das quais Maria, Margret (mãe de Ditta) e Gudrun figuram no caso. Moravam em Reikjavik.

Quando Kristin tinha três anos de idade, caiu e bateu a parte de trás da cabeça. O ferimento sangrou e não havia médicos disponíveis; Olaf Loftsson estancou o sangramento e aplicou um curativo no corte. Depois, esqueceu-se do ferimento até que Margret lhe perguntou se Kristin tinha machucado a cabeça.

Antes de se casar aos 17 anos, Kristin freqüentava uma escola de teatro e atuava em peças no rádio. O marido, Einar Grimson, não aprovava seu trabalho, e ela não teve mais tempo para isso, após ter filhos. Na época de sua morte, ela tinha um filho de três anos e uma filha de cinco meses. Eles também moravam em Reikjavik.

No outono de 1947, Kristin e Einar compraram uma casa nova e o prédio ainda estava inacabado. Mesmo assim, eles mudaram para o novo local. A casa tinha um porão, onde estavam instalados o aquecimento central e uma máquina antiga de lavar roupa. Certa noite, Kristin lavou algumas roupas em uma panela com água fervente e foi usar o tambor da máquina de lavar. Ao tocar na máquina ela levou um choque, ela contou a Einar. Concordaram em não usar mais a máquina até um eletricista examinar. Com certeza, ela não estava bem instalada e provavelmente não tinha um fio terra. Depois, Einar foi visitar alguns vizinhos e Kristin permaneceu no porão. De repente, a irmã Soffia, que estava de visita, ouviu Kristin chamando. Quando Soffia foi até o porão, encontrou Kristin grudada na máquina de lavar, pelo braço direito. Ela chamou um vizinho para ajudá-la.

Ele veio rapidamente e desligou a eletricidade da casa. No entanto, nessa hora Kristin já estava morta. Ela faleceu em 6 de novembro de 1947, aos 22 anos. A irmã dela, Margret (mãe de Ditta), tinha cerca de 14 anos na época.

Kristin era uma pessoa boa e amável, a irmã predileta de Margret dentre as 14 que ela tinha.

## O sonho de Gudrun Olafsdottir sobre Kristin

Em 1966, quando Margret estava grávida de Ditta, sua irmã mais nova, Gudrun, teve o seguinte sonho:

Margret e seu marido tinham um bebê recém-nascido, e pediram a Gudrun para tomar conta dele enquanto saíam. Eles partiram e Gudrun ficou

sozinha com a menina na casa. Então, esta se sentou e começou a falar: “Você sabe que eu nasci novamente?” Gudrun respondeu: “Não, não sei de nada”. O bebê então disse: “Sim, já estive aí antes... Foi muito difícil nascer e fácil morrer”. Gudrun lhe pediu para contar como ela morrera, mas o bebê não quis tocar no assunto. Então, Gudrun lhe perguntou se ela parecia a mesma. O bebê respondeu: “Sim, mas agora sou mais morena, minha pele é mais escura e o cabelo também”. Então o bebê disse que tinha uma cicatriz. Gudrun perguntou se ela estava relacionada com a morte dela. O bebê respondeu: “Não. Eu tinha mais de 20 anos quando morri, mas ganhei a cicatriz quando era menininha. Vai sumir.” Então o bebê perguntou a Gudrun sobre Maria [uma das filhas da família, que tomara conta de Kristin quando bebê]. Gudrun, ao ouvir o nome de Maria, disse: “Nossa, você nos conhecia antes?” Nesse ponto, o bebê deitou-se novamente e disse: “Não quero mais falar sobre esse assunto”.

Como mencionei, não pude me encontrar com Gudrun, e o meu relato do sonho dela é indireto, por meio de Margret.

Gudrun acreditava que o bebê do sonho era Kristin, a única irmã da família que tinha morrido. Ela disse isso a Margret um ou dois dias após ter tido o sonho. Na época, Margret não deu muita atenção ao fato.

**Comentário.** O sonho de Gudrun ocorreu antes do nascimento de Ditta e, assim, ela não poderia saber com antecedência sobre essa marca de nascença. No entanto, eu não pude ter certeza se ela não sabia nada do ferimento na cabeça de Kristin, embora possa parecer improvável. Em 1981, o pai de Ditta, Larus sabia do corte na cabeça de Kristin, mas ele nunca conhecera Kristin. Além disso, Olaf Loftsson parece nunca ter falado do machucado na cabeça de Kristin até Margret lhe mostrar a marca de nascença de Ditta. Elinborg Jonsdottir (mãe de Margret e de Kristin) disse que as filhas, quando crianças, estavam sempre caindo e ela não se lembrava de ferimentos na cabeça de Kristin.

**Afirmações feitas por Ditta**

Quando Ditta tinha entre dois e dois anos e meio, Margret a levou ao banheiro. Ditta percebeu um anel no dedo de Margret. Seguiu-se esta conversa (conforme é lembrada por Margret em 1981):

DITTA: Quem te deu esse anel?

MARGRET: Meu primeiro marido [não o pai de Ditta].

DITTA: Eu também tive um marido.

MARGRET: Não. Você não tem marido.
DITTA: Tenho sim.
MARGRET: Meninas pequenas não têm maridos.
DITTA: Bem, eu tenho.
MARGRET: Tudo bem. Então, qual o nome dele?
DITTA: Einar.
MARGRET: Você tem filhos?
DITTA: Não, só tenho bonecas.

Ditta nunca mais fez referências à vida passada. Nunca falou dela com o pai. Nunca se autodenominou Kristin e nunca chamou atenção para a marca de nascença na cabeça.

**Comentário.** Einar e Kristin tinham dois filhos quando Kristin morreu. Como já mencionei, o mais velho tinha pouco mais de três anos, e a mais nova era um bebê de apenas cinco meses de idade. Margret acreditava que Ditta nunca tinha ouvido o nome de Einar; este se casou novamente e se "perdeu" da família de Margret.

**O comportamento de Ditta em relação à vida passada**

Quando Ditta teve idade para brincar de bonecas, chamou as bonecas de "Arnheidur". Nenhum membro da família tinha esse nome. No entanto, Kristin tinha uma amiga chamada "Arna" que tinha morrido em seguida. Margret não sabia se "Arna" era a abreviação de Arnheidur em relação a essa pessoa, como era de praxe.

Margret observou Ditta brincando de ser atriz quando ela tinha uns dois anos. Quando ela perguntou a Ditta o que gostaria de ser quando crescesse, Ditta respondeu que queria ser atriz. Mais tarde, mudou de idéia e disse que gostaria de ser professora, enfermeira ou médica.

**Outros comportamentos relevantes de Ditta**

Ditta não tinha medo de equipamentos elétricos. Ela aprendeu a ler antes que qualquer pessoa a ensinasse. Aos seis anos, lia muito melhor que outras crianças da mesma idade. A própria Ditta ficou surpresa ao ver que ela

conseguia ler sem ninguém ter-lhe ensinado e perguntou à mãe como ela teria conseguido. Margret respondeu que não sabia.

Margret achava que Ditta tinha um temperamento mais explosivo que o de Kristin.

**A atitude dos adultos em relação às lembranças de Ditta**

Como mencionei, os pais e avós de Ditta eram luteranos. De acordo com Margret, a irmã Gudrun (que sonhou com a Kristin antes do nascimento de Ditta) acreditava em reencarnação, mas ela (Margret) não. No entanto, Margret obviamente levou a nossa investigação a sério e demonstrou paciência e interesse durante a nossa longa entrevista com ela.

Margret disse que seus pais acreditavam em vida após a morte; e que ela achava provável que também acreditassem em reencarnação.

**A marca de nascença de Ditta**

A marca de nascença de Ditta estava localizada do lado direito da cabeça um pouco acima e atrás da orelha. Era uma área arredondada sem cabelos parecida com uma cicatriz com um centímetro de diâmetro.

**Outras semelhanças físicas entre Ditta e Kristin**

De acordo com Margret, seus pais acreditavam que Ditta se parecia muito com Kristin. Ela declarou que "eles sempre falavam sobre como a Ditta se parecia com a Kristin". Tanto uma quanto a outra tinha olhos azuis claros incomuns. Ditta tinha a pele mais morena e o cabelo era mais escuro que o de Kristin.

Ditta não tinha marca de nascença correspondente ao lugar do corpo, presumivelmente a mão direita, onde Kristin recebeu a corrente elétrica que a matou.

**Comentários**

O ceticismo de Margret sobre a reencarnação torna improvável, mas longe de ser impossível, que se lembrasse de forma equivocada da conversa com a Ditta, que forneceu a única afirmação direta sobre a vida passada

atribuída a Ditta por qualquer pessoa. Nossa confiança na correspondência entre a marca de nascença de Ditta e o machucado na parte de trás da cabeça Kristin se fiou completamente na lembrança de Margret sobre a memória do pai (como mencionei antes, a mãe de Margret não se lembrava de nenhum machucado em especial em Kristin).

Poderia haver uma explicação normal para a marca de nascença de Ditta? Considerei que poderia ser uma necrose por pressão de abrasão da cabeça durante a passagem de Ditta pelo canal cervical. Mas parece improvável, pois Ditta era a terceira criança de Margret. Seu trabalho de parto com Ditta durou apenas 3 horas e meia e foi normal. A necrose por pressão durante o nascimento ocorre geralmente durante os trabalhos de parto prolongados de primogênitos (Hodgman et al., 1971).

Supondo-se que a marca de nascença de Ditta se origine da cicatriz do antigo machucado na cabeça de Kristin, o caso é incomum, mas não é único. Em pelo menos três outros casos, os de Dorabeth Crosby, Jennifer Pollock e Lekh Pai Jatav, uma marca de nascença ou uma deficiência congênita do caso correspondia a um ferimento não fatal da personalidade anterior.

O intervalo — quase 19 anos — entre a morte de Kristin e o nascimento de Ditta é um dos casos mais distantes em tempo dentro da mesma família, que foram estudados pela Universidade de Virgínia.

## MARJA-LIISA KAARTINEN

### Resumo do caso e sua investigação

Marja-Liisa Kaartinen nasceu em 22 de maio de 1929 em Helsinque, Finlândia. O pai morreu quando ela tinha três anos, e eu nunca soube seu nome ou ocupação. A mãe, Salli Kaartinen, foi quase que a única informante do caso.

Marja-Liisa começou a falar quando tinha cerca de um ano. Quando tinha uns dois anos, começou a fazer afirmações e a demonstrar comportamento que convenceram a mãe que ela era a reencarnação de uma filha mais velha da família, Eeva-Maija, que morrera seis meses antes do nascimento de Marja-Liisa.

O Dr. Karl Müller de Zurique, Suíça, foi o meu informante do caso. Ele se encontrou com Salli Kaartinen em Helsinque em 1959, quando ela lhe narrou o caso da filha. Em seguida, ela lhe enviou um relato escrito do caso,

que me foi mostrado por ele. Fui para Helsinque no outono de 1963, e em 3 de setembro, fizemos uma longa entrevista com Salli. Ela não falava inglês, e a nlha Marja-Liisa foi nossa intérprete.[53]

A mãe manteve um registro escrito das declarações e do comportamento de Marja-Liisa, que foi consultado por ela quando a entrevistei. Mais tarde, pedi emprestadas as anotações ou então que fossem traduzidas. Concordou-se, mas o empréstimo foi sendo adiado até que no fim as anotações foram perdidas durante a mudança de Salli para uma nova residência.

Marja-Liisa tinha um irmão, Anti Kaartinen, sete anos mais velho que ela, e pensei que ele pudesse se lembrar de alguma coisa sobre as afirmações e o comportamento incomum de Marja-Liisa quando criança. Durante a minha visita a Helsinque em 1963, tive uma breve conversa telefônica com ele. Ele não se lembrava das afirmações e comportamentos de Marja-Liisa, embora se lembrasse de ter ouvido a mãe contando aos amigos sobre eles, mais tarde.

Posteriormente, eu me correspondi com a Salli sobre os detalhes do caso. Marja-Liisa traduziu e datilografou essas cartas para mim. Em 1978, estive em Helsinque novamente e me encontrei com Marja-Liisa, mas não com a mãe. Não me encontrei com ela desde então.

**A vida e a morte de Eeva-Maija**

Eeva-Maija Kaartinen nasceu em Oulu, Finlândia, em 17 de agosto de 1923. Era então a única de três de irmãos.

Eeva-Maija tinha alguns traços de personalidade pelos quais se distin-guia dos irmãos. Por exemplo, ela não gostava de comer e, às vezes, escondia a comida que lhe era dada. Ela gostava de peixe e de leite fresco, mas odiava carne e leite fermentado, que os outros membros da família apreciavam. Na verdade, ela se recusava a comer carne e leite fermentado.

Ela gostava de música e de dança, e aprendeu a dançar praticamente antes de andar, com os passos do charleston (uma dança popular na década de 1920).

Quando tinha pouco mais de cinco anos, Eeva-Maija ficou seriamente doente, com o diagnóstico de gripe, e morreu em 24 de novembro de 1928.

[53] Com certeza, não é conveniente ter apenas uma informante para o caso – ainda mais com o sujeito em estudo agindo como intérprete para a outra, e pude evitar essa situação em quase todos os casos. Após a minha primeira visita a Helsinque em 1963, tive a assistência de Rita Castrèn, que foi a minha intérprete em quase todas as minhas investigações seguintes na Finlândia, inclusive no meu encontro seguinte com Marja-Liisa em 1978. A grande semelhança entre o que soube do caso em 1963 e o que Salli Kaartinen tinha escrito antes para o Dr. Müller me assegurou que Marja-Liisa não tinha, como intérprete, distorcido o que a mãe afirmava, comparado ao que ela declarara anteriormente.

Durante a doença de Eeva-Maija, a mãe Salli prometeu-lhe comprar um carrinho de bebê de brinquedo.

Salli Kaartinen ficou desesperada pela dor de perder a sua única menina e queria muito poder ter Eeva-Maija de volta. Na época, ela já estava grávida de Marja-Liisa, que nasceu seis meses após a morte de Eeva-Maija.

**Declarações e reconhecimentos feitos por Marja-Liisa**

Durante o período em que Marja-Liisa se identificou mais fortemente com Eeva-Maija, várias vezes, pedia para ser chamada de Eeva-Maija. Quando tinha dois anos, ao se deparar com fotografias de Eeva-Maija, ela as levava para outras pessoas e dizia: "Sou eu".

Quando tinha dois anos e tinha dificuldade para comer, ela dizia para a mãe: "Por que você não diz para mim o que dizia a Eeva-Maija: "Coma, mastigue e engula?" De fato, Salli Kaartinen usava essas mesmas palavras quando incentivava Eeva-Maija a comer.

Quando Marja-Liisa tinha três anos, a família foi pela primeira vez desde seu nascimento para um chalé deles no campo em Sotkomo, usado durante o verão. Ao chegarem, Marja-Liisa percebeu que a criada da família não estava lá e disse: "Cadê a Helim?" Helim tinha deixado o emprego com a família um ano antes de Marja-Liisa nascer. Este incidente ocorreu antes de o pai de Marja-Liisá morrer, porque depois disso o chalé foi vendido. Estes detalhes mostram que Marja-Liisa não tinha mais que três anos nessa época.

No chalé de campo em Sotkomo mencionado acima, que a família visitou quando Marja-Liisa tinha por volta de três anos, a família tinha um baú no qual as crianças da família tinham guardado os brinquedos. Alguns pertenciam aos meninos, outros tinham sido de Eeva-Maija. Marja-Liisa foi espontaneamente para esse baú e pegou dele um dos brinquedos que pertenciam a Eeva-Maija. Foi especialmente interessante perceber que ela sabia dizer quais bolas pertenciam a Eeva-Maija dentre as bolas que eram dos meninos; sendo que todas as bolas estavam misturadas no baú. Um dos irmãos tinha uma boneca no baú, mas Marja-Liisa a ignorou e pegou uma boneca que pertenceu a Eeva-Maija. Salli Kaartinen me disse não estar presente quando o baú de brinquedos foi aberto por Marja-Liisa. Portanto, presumo que ela soube do incidente por meio do marido ou de um dos filhos, todos mais velhos que Marja-Liisa.

Quando Marja-Liisa tinha quatro anos, perguntou à mãe: "Onde é que nós estávamos quando o Peter Pan voou?" Salli acredita que esta observação se referia ao desenho animado baseado na história infantil de J.M. Barrie, Peter

Pan, que Eeva-Maija e a mãe tinham visto em 1928, mas que Marja-Liisa nunca vira (Peter Pan voa na história e voou no desenho animado).

Também aos quatro anos, Marja-Liisa pediu à mãe para dar o carrinho de bebê que ela tinha lhe prometido. Como mencionei antes, Salli prometera a Eeva-Maija quando ela estava com a doença – terminal como se viu – que ela lhe compraria um carrinho de bebê.

Não sei a idade de Marja-Liisa na época do incidente a seguir: Salli pediu à criada para buscar um casaco que pertencera a Eeva-Maija e que fora guardado no sótão da casa. Quando a criada desceu do sótão com o casaco, Marja-Liisa o viu, correu até a criada, buscou o casaco para vestir e disse: "Meu casaco, meu casaco." Salli estava na cozinha e Marja-Liisa, no quarto, quando Salli pediu à criada para trazer o casaco; ela tinha certeza de que Marja-Liisa não pôde ouvir o seu pedido à criada.

**O comportamento de Marja-Liisa em relação à vida passada**

**As circunstâncias e a maneira de Marja-Liisa falar sobre a vida passada.** Os incidentes já descritos mostram que Marja-Liisa, às vezes, falava espontaneamente sobre a vida passada e, outras vezes, quando alguma situação familiar a Eeva-Maija parecia estimular sua memória.

Marja-Liisa logo começou a falar de forma adulta sem passar por qualquer fase de tatibitate. Certa vez, quando ela tinha uns dois anos, a mãe lhe falou com um tipo de "linguagem de bebê", e Marja-Liisa retrucou, dizendo: "Por que você está falando assim comigo?"

**Os hábitos alimentares de Marja-Liisa.** Marja-Liisa tinha um pouco de dificuldade em se alimentar, embora não tanto quanto Eeva-Maija. Ela também escondia a comida para não comê-la. Como ela, Marja-Liisa gostava de peixe e de leite fresco, mas odiava e se recusava a comer carne e a tomar leite fermentado. Todos os membros da família, exceto as duas garotas, apreciavam carne e leite fermentado.

**A preferência de Marja-Liisa pelos brinquedos e roupas de Eeva-Maija.** Marja-Liisa preferia manusear os brinquedos velhos de Eeva-Maija aos brinquedos novos comprados para ela. Gostava de brincar especialmente com uma cama de brinquedo que pertencera a Eeva-Maija.

Ela também ficava contente em usar as roupas de Eeva-Maija. Parece ter reconhecido algumas roupas além do casaco já mencionado.

**A dança de Marja-Liisa.** Marja-Liisa gostava de música tanto quanto Eeva-Maija. Também aprendeu a dançar quase que antes de aprender a andar. Quando ela ainda tinha menos de quatro anos, sua mãe disse que lhe ensinaria algumas músicas e começou a tocar piano. Marja-Liisa falou que ia dançar, e imediatamente começou a dançar o charleston. Eeva-Maija tinha aprendido a dançar o charleston, mas Marja-Liisa não. Este incidente ocorreu antes de o pai de Marja-Liisa morrer (quando ela não tinha mais de 3 anos).

**A identificação de Marja-Liisa com Eeva-Maija.** Já mencionei que Marja-Liisa pedia para ser chamada de Eeva-Maija e, em geral, agia como se fosse Eeva-Maija renascida. Por exemplo, ela tinha um irmão, um ano mais velho que Eeva-Maija (acredito que esse irmão fosse Anti Kaartinen). Portanto ele era sete anos mais velho que Marja-Liisa. Ela o via como igual e esperava que eles brincassem.

Havia tempos em que Marja-Liisa se referia a Eeva-Maija como se fosse diferente. Às vezes, quando ela colocava as roupas de Eeva-Maija, ficava diante do espelho e dizia: "Agora eu quero falar com a Eeva-Maija".

Quanto tinha cinco anos (a idade de Eeva-Maija ao morrer), Marja-Liisa teve uma série de sonhos em que estava enterrada ou em que via cadáveres. Esses pesadelos desapareceram aos poucos, depois que a mãe a acalmou (não sei como).

Salli Kaartinen me disse que a personalidade de Marja-Liisa não parecia lembrar a de Eeva-Maija até ela completar dois anos. Para ela, parecia que em algum momento ocorreu uma mudança marcante em Marja-Liisa e ela se tornou muito mais parecida com Eeva-Maija que antes.

Por mais súbita que tenha sido a mudança em Marja-Liisa, para Salli significou o fim do luto da perda de Eeva-Maija. Ela escreveu (em uma carta de 26 de outubro de 1967): "Agora não sinto mais falta de Eeva-Maija, pois sei que a tenho de volta."

### Semelhanças físicas entre Marja-Liisa e Eeva-Maija

Eeva-Maija era loira e Marja-Liisa tinha cabelos castanhos. Fora isso, de acordo com Salli, as duas garotas "se pareciam muito quanto à aparência física". Marja-Liisa não era especialmente suscetível a infecções respiratórias.

### O desaparecimento das lembranças de Marja-Liisa

Salli Kaartinen disse que o comportamento de Marja-Liisa sugerindo o de Eeva-Maija começou a diminuir quando ela estava com uns sete anos de idade.

Em 1978, quando me encontrei com Marja-Liisa sozinha, ela disse não se lembrar de nada da vida de Eeva-Maija naquela época (estava com 49 anos). No entanto, ela se recordava claramente do incidente quando, por volta dos três anos, ela pegara os brinquedos de Eeva-Maija do baú em Sotkomo. Ainda se recordava do prazer que sentira ao pegar os brinquedos. Ela se lembrou de ter reconhecido uma boneca, um urso de pelúcia e um brinquedo de empurrar — o carrinho de bebê (os dois últimos brinquedos – o urso e o brinquedo de empurrar – não figuravam no relato de Salli sobre o reconhecimento de Marja-Liisa). Ela também se lembrou de ter reconhecido as roupas de Eeva-Maija e do prazer que isto provocou.

**Outras informações relevantes**

Salli Kaartinen acreditava na possibilidade de reencarnação. Marja-Liisa me disse que a sua mãe "era teosofista e tinha estudado religiões orientais". Salli me narrou pessoalmente (em 1963) três experiências tidas por ela, que lhe sugeriam possíveis vidas passadas. Duas foram de déjà vu e a terceira foi a certeza de já ter vivido na Escócia. Ela não tinha lembranças com imagens relacionadas a nenhuma dessas experiências.

Salli disse ter certeza que os membros da família não falaram de Eeva-Maija na presença de Marja-Liisa. Contou que a família evitava conversar sobre Eeva-Maija em um esforço para esquecê-la, provavelmente para aliviar a sua tristeza.

**Comentários**

Este caso relembra vários outros já descritos por mim: das gêmeas Pollock, o de Nadège Jegou e o de Alfonso Lopes. Em todos esses casos, a morte de uma criança afetou profundamente um pai ou mãe que esperava e, por vezes, ansiava que a criança renascesse na mesma família.

## TARU JÄRVI

O indivíduo estudado deste caso se lembrou da vida do segundo marido da mãe. Portanto, o caso tem a característica de mudança de sexo de Taru com o da personalidade anterior.

## Resumo do caso e suas investigações

Taru Järvi nasceu em Helsinque, Finlândia, em 27 de maio de 1976. Os pais eram Heikki Järvi e a esposa, Iris, sendo ela a única filha. Eram membros da Igreja Luterana.

Taru começou a falar por volta de um ano e, quando tinha um ano e meio, começou a rejeitar o próprio nome e dizia que deveria ser chamada de Jaska. Este era o apelido do segundo marido de Iris Järvi, Jaakko Vuorenlehto, que em 1973, fora atropelado por um ônibus. A partir daí, Taru fez várias declarações sobre a vida e morte de Jaakko e também demonstrou, de várias formas, que ela se considerava menino. Evidenciava um antagonismo bem óbvio contra o pai, e essa atitude em relação a ele gerou certo distanciamento entre o casal.

Rita Castrén me notificou sobre o caso em uma carta de 28 de agosto de 1979. Fui à Finlândia em março de 1981 e fiz uma longa entrevista com Iris Järvi em 8 de março. Também conversei um pouco com Taru, que tinha pouco menos que cinco anos na época. Rita Castrén foi minha intérprete; como já conhecia Iris havia 12 anos, ela também foi informante de algumas declarações de Taru sobre a vida passada. Entrevistei ainda uma outra informante de algumas declarações e comportamentos de Taru, Vappu Haanpaa, amiga e colega de trabalho de Iris Järvi. Mais tarde, em 1981, Rita Castrén me traduziu o relatório do Departamento de Polícia de Helsinque sobre o inquérito da morte de Jaakko Vuorenlehto.

Em correspondência durante 1997, Rita me enviou informações sobre os últimos desdobramentos do caso de Taru. Em setembro de 1999, estive novamente em Helsinque e fiz outra longa entrevista com Iris Järvi. Infelizmente, não consegui encontrar Taru novamente, pois ela estava morando fora de Helsinque, em Espoo. Fiquei igualmente desapontado por não poder me encontrar com o pai de Taru, Heikki Järvi. Não o vi na década de 1980 e esperava saber sua opinião sobre o comportamento anterior e a evolução de Taru. Infelizmente, com o passar dos anos, ele desenvolveu a doença de Parkinson. Iris disse que seria inadequado tentar entrevistá-lo naquelas condições.

## A vida e a morte de Jaakko Vuorenlehto

Jaakko Vuorenlehto nasceu em Helsinque em 15 de novembro de 1929. Soube pouco de sua vida quando jovem. Passou a infância ao lado de uma garota, Iris Sundström, que mais tarde se tornaria sua esposa. Iris nasceu em 18

de setembro de 1935, seis anos mais nova que Jaakko. Mais tarde, Iris me contou que quando ela tinha doze anos e Jaakko, 18, este disse sobre ela: “Um dia vou me casar com aquela garota.” (Iris soube disso mais tarde). Ela também se lembrou que mais ou menos na mesma época, ela mesma tinha dito, referindo-se à casa onde Jaakko morava: “Um dia vou morar naquela casa.” Embora eles se vissem a distância, Jaakko e Iris só se conheceram mais tarde.

Jaakko não foi o marido de Iris em seu primeiro casamento. Com o primeiro ela teve três filhas. Enquanto isso, Jaakko amadurecia e crescia. Terminou o ginásio, mas não teve mais educação formal. Depois de um período servindo as forças armadas, ele se empregou em um posto de gasolina. Mais tarde, se tornou gerente de uma loja de equipamentos. Ele e Iris se reencontraram, a amizade se transformou em amor, e assim em 1970, quando Iris tinha 35 e Jaakko, 41, ela se divorciou do primeiro marido e se casou com Jaakko.

A vida dos dois foi feliz. Jaakko tinha se tornado alcoólatra antes do casamento, e Íris o ajudou a beber menos. Jaakko queria ter filhos, porém isso não ocorreu devido à sua morte precoce.

Na noite de 13 de setembro de 1973, Jaakko estava em um ônibus em Helsinque. Quando chegou à sua parada, ele desceu. O motorista, ao sinal do cobrador, movimentou o ônibus na direção do próximo ponto. Quase que imediatamente, percebeu que o ônibus passara sobre alguma coisa e parou o veículo. O corpo inerte de Jaakko foi encontrado preso a uma das rodas traseiras; o tronco e as pernas ainda estavam sob a parte traseira do ônibus, e a cabeça e os ombros estavam fora do esquadro do ônibus. No relatório da polícia constou-se que: “Ao sair do ônibus, aparentemente o sr. Vuorenlehto tropeçou e caiu sob a roda traseira direita do ônibus, que passou sobre o seu tórax e pescoço e a parte esquerda da cabeça”. «

Um médico que compareceu ao local do acidente declarou Jaakko morto, e seu corpo foi levado ao Instituto Médico Legal, onde foi feita autópsia. De acordo com o relatório policial, “a morte foi provocada por uma fratura na base do crânio e por contusões internas”.

O acidente ocorreu pouco depois das 20h. Já estava escuro em Helsinque, mas a rua era bem iluminada. O nível de álcool no sangue de Jaakko não foi analisado, portanto não houve meio de saber se o álcool também contribuiu para a morte. Como e por que ele tropeçou, caindo sob a roda do ônibus, permanece um mistério. Ele tinha 44 anos ao morrer.

Jaakko era um homem alto. Iris disse que ele tinha 1,88 m e pesava 86 quilos. Portanto, era alto e magro. Seus movimentos eram lentos e desajeitados. Jaakko tivera cachorros quando rapaz. Gostava da natureza e das flores, da caça e pesca. Apreciava os cavalos, embora não tivesse nenhum.

Adorava dirigir e jogava hóquei no gelo. Ele ocupava parte do tempo livre com artesanato. Algumas de suas outras atividades eram geralmente associadas a mulheres. Por exemplo, ele gostava de brincar com bonecas, costurava toalhas de mesa e fazia crochê. Gostava de roupas femininas e, às vezes, comprava roupas para Iris. Esta achava que o jeito de ele se movimentar parecia um pouco feminino. No entanto, Jaakko nunca expressou desejo de mudar de sexo. Ele acreditava em reencarnação.

**Acontecimentos entre a morte de Jaakko e o nascimento de Taru**

Pouco mais de um ano após a morte de Jaakko, Iris desposou o terceiro marido, Heikki Järvi. Um ano mais tarde, ou seja, em setembro de 1975, Iris visitou o túmulo de Jaakko e, enquanto estava lá, ouviu a voz dele dizendo que ele renasceria como filha dela em 27 de maio, desta vez ele seria uma garota. Na época, Iris não estava grávida, nem esperava engravidar, por já estar com 40 anos. Entretanto, em outubro, ela se viu grávida e deu à luz Taru em 27 de maio de 1976.

**Comentário.** Embora Iris não acreditasse que engravidaria novamente, ela era receptiva à idéia de reencarnação. Ela fora educada dentro dos princípios da Igreja Luterana, mas rompeu quando tinha uns 25 anos. Mais tarde, quando se casou, retornou à Igreja. Começou a acreditar na reencarnação logo após desligar-se da Igreja.

**As declarações de Taru e um reconhecimento**

Taru fez poucas afirmações que expressassem diretamente lembranças da vida e da morte de Jaakko. Todas as declarações pelo que eu soube, ocorreram entre a idade de um ano e meio e cinco anos (como mencionei, ela não tinha sequer cinco anos de idade quando a conheci em março de 1981).

Sua primeira afirmação provavelmente ocorreu logo após começar a falar, quando tinha cerca de um ano de idade. Disse que fora atropelada por um ônibus. Quando estava com mais ou menos um ano e meio, ela rejeitou o nome Taru e disse: “Não sou Taru, meu nome é Jaska” (Jaska era o apelido de Jaakko).

Aos três anos e meio, ela disse a Iris: “Você não é minha mãe. Fui deixado embaixo de um veículo e morri. Você não sabe?” Alguns dias mais tarde, Rita Castrén perguntou a Taru: “Você era menina ou menino quando

morreu?" Taru respondeu: "Claro que era menino, um menino grande". Então Rita quis saber: "O veículo era grande ou pequeno?" Taru respondeu: "Era grande. Primeiro o estômago morreu, depois a cabeça". Em outra ocasião, Taru disse: "Fui levado ao hospital, mas já estava morto naquela hora".

Outra vez, Taru disse: "Não precisa ter medo da morte, porque eu morri muitas vezes"[54] (certa vez, Taru disse ter tido outra mãe chamada Senya na Alemanha).

Em várias ocasiões, Taru disse: "Eu era um homem grande." Certa vez, falou: "Por que eu sou tão pequena? Queria ser maior." Uma outra vez declarou: "Eu era um homem grande. Nunca fui um homem pequeno."[55]

Por vezes, Taru parecia perplexa pela situação na qual se encontrava. Certa ocasião, ela olhou para Iris de forma estranha e falou: "Por que eu tive de te escolher como minha mãe?"

O único reconhecimento de um objeto que pertencia a Jaakko por Taru ocorreu quando ela declarou que um carro grande de brinquedo (que fora de Jaakko) era dela; e ainda acrescentou: "Já brinquei com ele."
Ela não disse que a fotografia de Jaakko era dela, mas quis mantê-la ao lado da sua cama.

**O comportamento de Taru em relação à vida passada**

**As circunstâncias e a maneira de Taru falar sobre a vida passada.** Quando perguntei a Iris se Taru demonstrara alguma emoção estranha ao falar da vida passada, ela respondeu: "Ela parecia distante, como se fosse uma outra pessoa. E como se estivesse ausente."

**A fobia de Taru por veículos grandes.** Quanto Taru tinha acabado de completar um ano, demonstrou medo de ônibus, carros grandes e tratores. Aos cinco anos, quando a encontrei, a fobia persistia. Se estivesse caminhando com Iris, e um ônibus se aproximava, ela pedia a Iris para pegá-la no colo. Não reagia da mesma forma quando via veículos pequenos.

**As brincadeiras de Taru.** Taru brincava com bonecas, mas também gostava de jogos tipicamente preferidos pelos meninos. Por exemplo, ela se

[54] Outras crianças destes casos acalmaram os adultos quanto à morte. Exemplos ocorreram nos casos de Marta Lorenz e Ma Than Than Aye.

[55] Outras crianças comentaram e, às vezes, reclamaram do seu tamanho pequeno ou da diferença de sexo da vida lembrada. Exemplos ocorreram nos casos de Ramoo e Rajoo Sharma, Helmut Kraus, Muhittin Yilmaz e Dulcina Karasek.

divertia com soldadinhos de brinquedo, às vezes, usava capacete e carregava uma arma. Ela brincava de dirigir carro. Pediu para ganhar uma arma e um taco de hóquei. Ao brincar com as outras crianças, Taru nunca aceitava ficar com papel de menina, insistindo: "Sou menino."

**O tipo de roupas prediletas de Taru.** Taru tinha uma forte preferência por roupas de meninos. Neste ponto, ela diferia de suas meio-irmãs mais velhas, que sempre tiveram preferência por roupas femininas.

**As comidas prediletas de Taru.** Não soube de preferências por alimentos incomuns que Taru e Jaakko compartilhassem, a não ser uma possível exceção. Jaakko comia peixe, como o arenque do Báltico. Até os três anos, Taru comia arenque do Báltico, mas depois ela desenvolveu aversão por peixe.

**As atitudes de Taru em relação aos pais.** Às vezes, Taru chamava Iris pelo nome em vez de usar "mamãe". Ela era especialmente ligada a Iris.

Em contraste, Taru mostrava aversão pelo pai, Heikki. Ela nunca o chamava de "papai", apenas Heikki. Certa vez, referindo-se a Heikki, disse a Iris: "Ele pode ir embora, e nós vamos viver juntas sem ele." Outra vez, ela falou a Heikki: "Não precisamos de você. Você devia ir embora." Outra vez declarou: "Você é só uma visita aqui." Consciente de suas idas e vindas na casa; mesmo quando a conheci, ela ainda não entendia que o Heikki era um membro permanente da família. Às vezes, ela lhe dizia: "Heikki, você vem aqui hoje?"

**Semelhanças físicas entre Jaakko e Taru**

Iris acreditava que havia boas semelhanças entre os rostos e a pigmenta-ção de Jaakko e Taru. A mãe de Jaakko e também Rita Castrén (que conheceu Jaakko) concordam com essa opinião.

De acordo com Iris, Taru era lenta e desajeitada nos movimentos como Jaakko tinha sido.

Taru era relativamente alta para uma mulher; ela era mais alta que o pai. Como mencionei, Jaakko tinha sido um homem alto.

**Os desdobramentos posteriores no caso de Taru**

A aversão de Taru por Heikki é um fator significativo para a separação parcial de Iris e Heikki. A atitude dela com Heikki o magoava; ela era sua

única filha. Ele e Iris nunca se separaram formalmente, mas acharam que a vida seria mais harmônica se morassem em casas separadas durante as estações frias e, no verão, morassem juntos em uma casa de campo que possuíam.

Taru tinha pouco interesse na escola e parou de estudar aos 15 anos. Ela nunca teve treinamento para um trabalho especializado. No entanto, passou por treinamento para ser motorista de táxi e, em 1999, tinha essa profissão. Como Jaakko, ela gostava de cavalos e possuía e gerenciava um haras.

Em 1999, Taru tinha 23 anos. A mãe disse que ela "ainda era masculinizada". Como prova, Iris mencionou que Taru nunca usava qualquer tipo de maquiagem e quase sempre vestia calça comprida. Tinha apenas uma saia. Em 1998, ela se casou e usou saia no casamento. O marido era carpinteiro e decorador.

A fobia de Taru por veículos prosseguiu até ela atingir 19 anos, e depois desapareceu. Iris disse que Taru tinha uma ansiedade supersticiosa com o dia 13 todos os meses, o dia em que Jaakko tinha sido atropelado e morto.

Quando adulta, Taru se reconciliou com o pai. De fato, o seu relacionamento melhorou bastante; pois quando ele se tornou mais idoso e mais frágil, ela ajudou a tomar conta dele, como uma filha devotada deve fazer.

**Comentários**

Este é o terceiro caso que investiguei no qual uma criança alega ser a esposa ou esposo de um dos pais. Os outros casos são os de Ma Tin Tin Myint e Asha Rani. Nesses casos, a criança demonstrou um forte apego ao pai ou à mãe que era o esposo ou esposa e menor ligação, indiferença ou mesmo aversão em relação ao outro pai.

Como em todos os casos dentre a mesma família, este tem a fragilidade de o sujeito e a personalidade anterior serem membros da mesma família. Também se deve notar o problema da expectativa da mãe de que o marido falecido voltasse renascido como sua criança. Contra esse argumento, podemos ponderar sobre como seria raro uma mãe prejudicar o seu próprio casamento impondo a personalidade de um ex-marido na filha do casamento atual.

Valorizo muito as oportunidades que tive de saber dos rumos posteriores da vida de alguns sujeitos estudados que conheci quando crianças. Acho o caso de Taru especialmente instrutivo. Pelo seu carinho por cavalos e pela sua rejeição aos estudos, ela se parecia com Jaakko. Na juventude, ela aceitou seu sexo anatômico e se casou e, no entanto, manteve resquícios de masculinidade. Superou a aversão precoce contra o pai e se tornou carinhosa com

ele; o mesmo aconteceu com a fobia relacionada à morte acidental de Jaakko, porém ficava ansiosa com a data da morte dele, todos os meses.

## PAAVO SORSA

Este é um outro caso com poucos detalhes que incluí para ilustrar casos que estão classificados no fim da lista, devido ao número de declarações que o indivíduo fez ou ao comportamento relacionado demonstrado. Paavo Sorsa e a personalidade anterior eram meio-irmãos.

### Resumo do caso e sua investigação

Paavo Sorsa nasceu em Tampere, Finlândia, em 24 de junho de 1991. Seus pais eram Weikko Sorsa e a esposa, Sylvi. Veikko era mecânico, e Sylvi trabalhava como massagista em regime de meio período. Veikko e Sylvi tiveram uma filha, Leea; Sylvi já tinha dois outros filhos de casamentos anteriores. Desses o importante para este caso foi Kalevi Paasio, cujo pai (Risto Paasio) o matou quando ele tinha cerca de dois anos e meio.

Após a morte de Kalevi, Sylvi desejou que ele renascesse como seu filho. Depois que ela e Veikko se tornaram companheiros, mas antes de se casarem, ela teve um sonho vivido com Kalevi.

Quando Paavo nasceu, ele parecia ter uma semelhança física impressionante com Kalevi. Não tinha marca de nascença. Paavo começou a falar bem perto dos dois anos. Aos três anos fez várias declarações que sugeriam lembranças de vida de Kalevi, de quem ele nunca ouvira falar antes. Demonstrou comportamento incomum que também sugeria lembranças da vida e da morte de Kalevi.

Sylvi notificou Rita Castrén sobre este caso no fim de 1998, e Rita me informou sobre ele em seguida. Em 8 de março de 1999, Sylvi escreveu uma longa carta para Rita sobre as declarações de Paavo e comportamentos em questão. Rita a traduziu para o inglês e me enviou.

Em setembro de 1999, retornei à Finlândia, para estudar este caso e para saber da evolução dos outros casos finlandeses desta obra. Em 22 de setembro, Rita e eu viajamos de Helsinque até Tampere (de trem), e de lá fomos (de táxi) para o longínquo vilarejo de Mutala. Passamos quatro horas com Sylvi antes de retornarmos a Helsinque. Conhecemos e conversamos um pouco com Paavo e observamos um pouco os dois outros filhos de Sylvi. Não nos

encontramos com Veikko Sorsa, que trabalhava; e Sylvi permanece a única informante do caso.

**A vida e a morte de Kalevi Paasio**

Kalevi Paasio nasceu em Tampere em 11 de dezembro de 1987. Seus pais eram Sylvi e o seu então marido, Risto Paasio. Kalevi era filho único. Moravam no vilarejo de Ylõjãrvi, que fica a 25 quilômetros de Tampere. Risto era dado a gritos e à violência. Às vezes, durante as brigas com Sylvi, ele batia nela a ponto de ela ter dado queixa dele na polícia.

Kalevi testemunhava o abuso do pai contra a mãe. Ele mesmo temia o pai, o que parece ter atrasado sua fala. Ele só começou a falar em uma ocasião em que Risto ficou fora durante duas semanas. Ficou silencioso novamente assim que o pai retornou. Ele tinha mais de dois anos na época.

Por fim, Sylvi se separou de Risto, e o pai obteve alguns direitos de custódia sobre Kalevi, ficando com ele durante os fins de semana. Em um deles, Risto levou Kalevi com ele até a casa do pai dele perto de Kurikka, uma cidade a 130 quilômetros a noroeste de Tampere. Lá teve um acesso de raiva com Kalevi e o matou. Não houve testemunhas desse crime horroroso, porém Risto depois de preso, deu um depoimento circunstancial aproximado de como teria assassinado o filho. Primeiro tentou asfixiá-lo expondo-o à fumaça de monóxido de carbono do fogão à lenha. Depois tentou evitar que a criança respirasse fechando-lhe o nariz e a boca. No dia seguinte, novamente ele tentou asfixiar o garoto e finalmente bateu na cabeça dele contra uma placa de madeira quatro vezes. Ele fraturou a cabeça de Kalevi, e o menino morreu. Esta tragédia ocorreu em 11 de maio de 1990.

Risto foi preso e condenado à prisão. Mais tarde, enquanto estava preso, ele se matou.

**O sonho premonitório de Sylvi**

Poucos meses após a morte de Kalevi, mas antes de engravidar de Paavo, Sylvi teve um sonho vivido sobre Risto e Kalevi. No sonho, ela ouvia a campainha tocar. Ela foi até a porta, abriu e encontrou Risto e Kalevi ali. Risto desapareceu, mas Kalevi entrou e se sentou na beira da janela. Sylvi tentou tocá-lo e viu que a sua mão passava através dele.

O sonho foi tão vivido e realista que Sylvi não tinha certeza se estava

sonhando ou vendo pessoas desencarnadas. Ela nunca tivera uma experiência semelhante antes.

Nessa época, embora Sylvi e Veikko estivessem morando juntos, ela não tinha engravidado. Porém, ela queria ter um outro filho e, logo após o casamento com Veikko, ela teve Paavo, que nasceu 13 meses após a morte de Kalevi.

**Afirmações feitas por Paavo**

Como mencionei, Sylvi tinha morado com Risto no vilarejo de YlõJärvi. Com Veikko ela morava em um vilarejo diferente, Mutala, na região de Tampere. As casas eram muito diferentes.

Quando Paavo tinha três anos, durante o inverno, ele e Sylvi estavam fora enquanto Paavo brincava com o trenó. Quando retornaram à casa, Paavo se recusou a entrar. Disse que a casa não era dele e queria ir para a "sua própria casa". Sylvi tentou convencê-lo de que aquela era a casa dele, mas ele insistia que não. A discussão continuou até que Paavo finalmente se cansou, e Sylvi conseguiu levado para dentro, embora ainda protestasse que não era a casa dele.

Certa vez, Paavo achou uma fotografia de Sylvi que mostrava alguns sinais das surras de Risto. A polícia tinha fotografado como prova após a reclamação contra o abuso do marido. Quando Paavo viu a fotografia, explodiu em lágrimas é disse à mãe: "Ninguém vai poder te bater." Embora a fotografia obviamente mostrasse ferimentos no rosto de Sylvi, ela nunca mencionara a Paavo sobre a sua vida com Risto nem mostrara a fotografia para ele. Os ferimentos no rosto poderiam ter sido acidentais.

Quando Paavo viu fotografias de Kalevi, afirmou serem fotos dele mesmo. Ele não conseguiu entender que se tratava de fotografias de uma outra criança.

**O comportamento de Paavo em relação à vida passada**

Durante os primeiros anos, Paavo tinha constantes pesadelos. Ele gritava durante o sono e parecia estar lutando para se afastar de pessoas. Às vezes, quando dormia, a pele ao redor dos lábios ficava azul e branca. Ele nunca descreveu em palavras o conteúdo de seus pesadelos, que cessaram por volta de 1999.

Sylvi tinha um relacionamento harmônico com Veikko, era uma pessoa quieta e não dada a gritaria como Risto. Se, no entanto, ele erguesse a voz por causa de alguma excitação temporária, Paavo interferia imediatamente e dizia: "Ninguém grita com a mamãe."

**Outros comportamentos relevantes de Paavo**

Paavo era muito ligado à mãe e gostava de ficar com ela o máximo de tempo possível. Neste ponto, ele era diferente dos meio-irmãos. Rita Castrén e eu observamos o seu comportamento quando passamos quatro horas com Sylvi e Paavo em Mutala. As outras duas crianças estavam presentes parte do tempo.

Paavo apresentou deficiências motoras e cognitivas. Tinha dificuldade de aprendizado na escola e, com freqüência, se esquecia de fazer as tarefas de casa. Sylvi o auxiliava, e a escola também lhe deu aulas de reforço. Em setembro de 1999, ele estava na segunda série escolar. Embora tímido, ele se relacionava socialmente com os outros e nunca criava problemas na escola. Os administradores da escola propuseram a transferência dele para uma escola especial, para crianças que apresentam distúrbios, o que não era o caso de Paavo. Sylvi questionou essa transferência.

Diferentemente de Kalevi, o Paavo não teve dificuldade em aprender a falar. No entanto, demonstrou um pouco de falta de coordenação em atividades físicas como o desenho, a patinação, o esqui e em chutar uma bola.

Devido às limitações motoras e psicológicas de Paavo, ele foi submetido a testes psicológicos pela escola. Sylvi nunca recebeu nenhum relatório a respeito, e lhe disseram que Paavo não tinha disfasia.

**Comentário.** Minha observação em outros casos de correspondência entre ferimentos em personalidades anteriores e marcas ou deficiências de nascença no sujeito estudado me levaram a pensar neste caso que talvez Paavo tivesse algum problema neurológico correspondente aos ferimentos dos quais Kalevi viera a falecer (externamente ele não tinha nenhuma anormalidade visível). Isso me levou a sugerir a Sylvi que pedisse às autoridades médicas responsáveis da região para submeter Paavo a um exame neurológico detalhado, que poderia incluir um exame de ressonância magnética. Não sei se Sylvi seguiu a minha recomendação.

**Semelhanças físicas entre Kalevi e Paavo**

As semelhanças físicas entre os dois estimularam algumas pessoas a acreditar por engano que tinham o mesmo pai; não era o caso, embora compartilhassem da mesma mãe. Sylvi tinha cabelos castanhos e olhos azuis. Tanto Kalevi quanto Paavo tinham a mesma cor de olhos e cabelos. Os outros filhos de Sylvi, que conhecemos, tinham cabelos loiro-claros.

**A atitude de Sylvi em relação às afirmações e comportamentos de Paavo**

Sylvi acreditava em reencarnação, comum na Finlândia, onde uma pesquisa na década de 1990 mostrou que 34% de seus habitantes acreditam em reencarnação (Inglehart, Basanez e Moreno, 1998). Ela também trabalhava com medicina alternativa. Suas crenças a tornavam receptiva às poucas declarações de Paavo se referindo à vida de Kalevi; mas ela não deu mostras de enfeitar os poucos detalhes do caso para fazê-lo parecer mais evidente que é.

## SAMUEL HELANDER[56]

Este é outro caso no qual o indíviduo e a personalidade anterior pertenciam à mesma família. O sujeito estudado se lembrou da vida do irmão de criação da sua mãe. O caso é incomum dentre os casos europeus devido à abundância de detalhes: um sonho premonitório, declarações, reconhecimentos e memórias comportamentais.

**Resumo do caso e sua investigação**

Samuel Helander nasceu em Helsinque, Finlândia, em 15 de abril de 1976. Seus pais eram Pentti Helander e a esposa Marja. Samuel era o segundo filho. Sua irmã Sandra era dois anos e meio mais velha. Pentti era operário de construção e manejava um guindaste. Marja freqüentava a Igreja Luterana; não soube a afiliação religiosa dos outros familiares.

Dez meses antes do nascimento de Samuel, o irmão de criação de Marja, Pertti Häikiö, morreu repentinamente. Marja ficou grávida logo em seguida e pensou em abortar. Então, teve um sonho no qual Pertti apareceu para ela e disse: "Fique com a criança." Ela continuou com a gravidez.[57]

Samuel começou a falar com um ano e, quando estava com um ano e meio, começou a falar da vida de Pertti. Não fez muitas declarações e metade delas ocorreu quando uma pessoa, fotografia ou outro objeto estimulava as suas

[56] Já publiquei um resumo deste caso em um livro anterior (Stevenson, 1987/2001).

[57] Em dois outros casos, uma pessoa falecida, de cuja vida o sujeito em estudo se lembrava, comunicou à mãe do mesmo um desejo que ela não se submetesse a um aborto. No caso de Huriye Bugay, a comunicação surgiu em uma sessão mediúnica; no de Rajani Sukla, veio em um sonho.

lembranças. Continuou a se referir à vida de Pertti até a época de meu segundo encontro com a mãe dele, ocorrido em março de 1981, quando Samuel tinha cinco anos.

Soube inicialmente deste caso em setembro de 1978, por uma carta de Rita Castrén. Mais tarde no mesmo ano, fui para Helsinque e em 2 de dezembro fiz uma longa entrevista com a mãe de Samuel, Marja Helander. Conheci Samuel, mas ele não disse nada para mim, e não posso dizer que o entrevistei (na época, ele tinha apenas dois anos e meio). Em 1981, retornei a Helsinque e em 8 de março fiz outra entrevista com Marja Helander. Em 20 de março entrevistei a mãe de Marja (e de Pertti), Anneli Lagerqvist. Nas minhas entrevistas com Marja Helander, Rita Castrén foi minha intérprete; na de Anneli Lagerqvist, o intérprete foi RJ. Milton.

Obtive outras informações por meio de correspondência com Rita Castrén e de uma entrevista com Marja Helander conduzida por um jornalista finlandês, Oskar Reponen.

Em setembro de 1984, Rita Castrén me enviou informações sobre a evolução do caso até aquela época. Samuel tinha oito anos.

No outono de 1999, fui a Helsinque novamente e fiz longa entrevista com Marja Helander. Ela esclareceu alguns detalhes e me deu informações sobre o desenrolar do caso de Samuel. Na época, ele estava com 23 anos. Ele teve de cuidar do irmão mais novo, que estava doente, portanto não nos encontramos.

**A vida e a morte de Pertti Häikiö**

Perti Háikió nasceu em Helsinque em 3 de junho de 1957. Seus pais eram Pentti Häikiö e a esposa Anneli. Perti tinha duas irmãs mais velhas, Marja (Helander) e Pirjo, e a irmã mais nova, Anne, nasceu depois de Perti. Os pais se divorciaram em 1969 e Anneli se casou com Reiner Lagerqvist, mais tarde.

Pertti parece ter sofrido um número incrível de acidentes durante sua breve vida. Aos três anos, ele escorregou dos braços da mãe, caiu em uma banheira cheia de água e quase se afogou. Aos quatro, estava perto de uma construção quando um objeto pesado caiu sobre ele fraturando-lhe uma perna e machucando a outra. Devido ao acidente, ficou cinco meses em um hospital com gesso nas pernas. Pouco depois, aos cinco anos, um cachorro o mordeu e o machucou seriamente. Certa vez, não soube a idade, ele machucou as costas e teve de ser novamente internado no hospital. Quanto tinha 15 anos, caiu de um cais em Helsinque. A água estava um pouco congelada, e ele aterrissou no gelo, porém este cedeu sob o seu peso, e ele quase se afogou. Conseguiu tirar

algumas roupas e os sapatos. Saiu da água e voltou para casa com as roupas de baixo. Depois disso, desenvolveu uma fobia de ser mergulhado na água.

Dois ou três anos mais tarde, ele deixou a escola e se empregou em uma empresa que exigia exame médico dos empregados. Não soube dos resultados desses exames, mas Pertti logo deixou a empresa, possivelmente por não ter obtido bons resultados. Depois, ele foi visto bebendo muita água, após a sua morte suspeitou-se que ele tivesse desenvolvido diabetes mellitus. Nessa época, ele também bebia demais. Morreu repentinamente em 10 de junho de 1975 com apenas 18 anos de idade.

A mãe de Pertti e o padrasto tinham partido em um cruzeiro alguns dias antes de sua morte. Ele tinha ido até a estação para se despedirem. No dia de sua morte, a mãe, Anneli Lagerqvist, estava deitada na cama da cabine quando de repente viu diante dela a figura de seu pai falecido. A figura da aparição não falou nada, mas fez um sinal com a cabeça. Anneli começou a chorar e disse ao marido que a aparição significava que alguém da família morrera. Reiner Lagerqvist lhe disse que era besteira, mas ele já sabia que Pertti tinha falecido. Uma comunicação pelo rádio já fora enviada ao navio, mas Reiner não dissera nada a Anneli porque temia que ela tivesse uma reação forte devido à notícia e não havia médico no navio.

Pertti gostava de música, tinha e tocava violão. Era uma pessoa realmente muito carinhosa; muito ligado à mãe e à irmã mais velha, Marja. Embora fosse mais novo que Marja, tinha a postura de um irmão mais velho que a apoiava.

**Declarações e reconhecimentos feitos por Samuel**

A primeira afirmação de lembranças da vida de Pertti ocorreu quando ele tinha por volta de um ano e meio e lhe perguntaram o nome. Ele respondeu: "Peltti" (ele não conseguia pronunciar o "r" de Pertti). Às vezes, Samuel dizia que ele era "Pera", que fora o apelido de Pertti.[58] Nessa época, Samuel chamava a mãe de "Marja" e sua avó materna de (Anneli Lagerqvist) de "mãe". Ele disse a Marja que ela não era sua mãe. De forma semelhante, ele às vezes chamava Pentti Helander de "Pentti" e, às vezes, de "pai".[59]

[58] Exemplos de outros que pediram para ser chamados pelo nome da personalidade anterior ocorreram nos casos de Ismail Altinkiliç, Cemil Fahrici e Chaokhun Rajsuthajarn.

[59] Exemplos de outros casos entre a mesma família que pediram para se dirigirem aos familiares mais velhos – usando os nomes próprios em vez de nomes genéricos – aconteceram nos casos de Thiang San Kla, Maung Htay Win, Chaokhun Rajsuthajarn e Taru Järvi.

Quando tinha dois anos, Samuel viu uma fotografia de Pertti no hospital depois de fraturar a perna. Ele disse: “Sou eu, quando minhas pernas estavam doentes” (ele não disse “fraturadas”).

Quando Samuel tinha dois anos e meio, disse: “Agora Ludi veio para mim.” Fez a afirmação no dia em que a tia avó de Pertti, Lydia, faleceu. (“Ludi” era seu apelido.) Samuel sabia que Lydia estava doente e pode ter pensado que ela estivesse morrendo. No entanto, sua observação impressionou Marja, porque Lydia tinha comprado um túmulo para ela, pouco antes de Pertti morrer, e Pertti fora enterrado lá, assim como a própria Lydia, mais tarde.

Aos quatro anos, Samuel estava olhando um álbum de fotografias da família até que viu uma foto de Pertti, também tirada quando ele estava no hospital. Esta mostrava Pertti em um andador, depois que o gesso fora retirado das pernas. Samuel, conversando com Anneli, disse: “Mãe, olha eu na fotografia.” Depois, disse que as duas pernas estavam engessadas e que tinha ficado em um hospital. Ninguém tinha perguntado nada a Samuel sobre a fotografia; ele estava olhando o álbum sozinho e depois mostrou a foto para Anneli. Acredito, mas não tenho certeza, que esta fotografia era diferente da que Samuel reconheceu quando tinha dois anos.

Quando mostravam fotografias de Pertti a Samuel até a idade aproximada de dez anos, ele sempre dizia: “Sou eu.” Quando via fotos de Pertti com mais de dez anos, não dizia nada. Certa ocasião, quando olhava o álbum de fotografias, falou: “Eu me lembro quando o cachorro mordeu a minha perna.” Em outras ocasiões, ele também disse como o cachorro o tinha mordido e como tinha doído.

Em abril de 1979, quando Samuel mal tinha três anos, ele disse que tinha machucado as costas e fora levado ao hospital em uma ambulância.

Nesse mesmo mês, Samuel fez a sua afirmação mais detalhada. Ele se lembrou como muito tempo atrás ele tinha ido para uma “kiska” (sua maneira de pronunciar “kiosk — chalé”) com o pai. Eles usavam chapéus, o dele era azul, o do pai era de cor clara. Também compraram um violão. Um homem carregava um rifle. A casa perto do chalé pegara fogo e eles tiveram de ir embora. Tudo isso, Marja disse a Rita Castrén, correspondia a um acontecimento de 1974, cerca de um ano antes da morte de Pertti. Um amigo tinha organizado uma festa em uma casinha perto de um chalé ao lado da estrada de ferro. O sótão da casa pegou fogo e acabou com a festa (Marja não disse se Samuel estava certo sobre as cores dos chapéus).

Samuel nem sempre identificava Marja como irmã e Anneli como mãe. Certa vez, ao ver uma fotografia de Pentti Häikiö e Anneli, ele disse: “Aqui está o papai e a vovó também.” Marja tentou confundir Samuel dizendo que ele estava

errado na identificação, mas ele repetiu o que tinha dito. O ponto relevante da identificação é que Samuel nunca tinha visto o pai de Pertti, Pentti Häikiö.

Olhando para a foto de Pentti Häikiö, Samuel disse: "Este é meu pai." Marja e Anneli deram importância ao reconhecimento das fotografias de Pentti, porque o segundo marido de Anneli, Reiner Lagerqvist, tinha ciúmes de Pentti, e Anneli não mostrava as fotografias dele, que poderiam incomodar Reiner.

Pertti tinha e tocava violão. Após a sua morte, o instrumento foi colocado em uma caixa, que foi deixada no armário. Ninguém contara do violão para Samuel, mas ele o procurou, encontrou e disse que era dele.

Após a morte de Pertti, todas as suas roupas foram destruídas, exceto uma jaqueta de veludo cotelê, deixada em um armário. Um dia, Anneli e Marja abriram o armário e discutiram (diante de Samuel) sobre doar a jaqueta. Samuel, gritando, disse que era dele e que elas não podiam dá-la. Talvez seja possível – embora elas não digam isso – que Anneli e Marja tenham dito antes que a jaqueta pertencia a Pertti, não podemos acreditar que Samuel a tenha reconhecido. No entanto, podemos dar importância à sua insistência ruidosa de que a jaqueta era dele e deveria ser mantida. Este incidente ocorreu quando Samuel tinha três anos de idade.

Pertti tinha um relógio que estava quebrado e sem ponteiros. Depois da sua morte, Anneli o colocou em uma gaveta cheia de "bugigangas". Certo dia, Anneli abriu a gaveta enquanto Samuel estava com ela. Ele viu o relógio, apoderou-se dele e disse que lhe pertencia. Depois de ter tomado posse do relógio, ele o mantinha sob o travesseiro ou em uma gaveta abaixo da cama.[60]

Anneli levou Samuel com ela para visitar o cemitério onde Pertti estava enterrado. Olhando para o túmulo de Pertti, Samuel disse várias vezes: "E o meu túmulo." Em outra ocasião, quando Marja ia levando Samuel ao cemitério, disse: "Agora estamos indo para o meu túmulo."

**Afirmações de Samuel sobre acontecimentos após a morte de Pertti e antes de seu nascimento.** Samuel comentou o quanto a mãe de Pertti (a avó materna de Samuel, Anelli) chorara por ele (foi uma referência à tristeza de Anneli após a morte de Pertti).

Samuel também disse que ele fora levado a um lugar onde havia vários caixões, alguns abertos. Aconteceu com Pertti, cujo corpo foi levado para uma funerária depois de sua morte súbita.

[60] No caso de William George Jr., tlingit do Alasca, o sujeito em estudo reconheceu um relógio que pertencera à personalidade anterior e demonstrou possessividade pelo objeto, semelhante à atitude de Samuel em relação ao relógio de Pertti. Mais detalhes sobre o caso de William George Jr., ver Reencarnação: Vinte Casos, publicado pela Editora Vida e Consciência.

## O comportamento de Samuel em relação à vida passada

**Circunstâncias e maneira de Samuel falar sobre a vida passada.** Como mencionei antes, a maioria das afirmações de Samuel parece ter sido estimulada por alguma pessoa, fotografia ou outro objeto relacionado a Pertti. Entretanto, ele fez várias declarações que pareceram ser completas expressões espontâneas de suas lembranças; também podem ter recebido algum estímulo não observado por Marja ou Anneli.

Às vezes, ouviram Samuel conversando consigo mesmo, dizendo: "Ai, aquele pobre rapaz que morreu." Marja presumiu que, ao dizer isso, Samuel estava se lembrando da morte de Pertti.

**A fobia de água de Samuel.** Quando era jovem, Samuel tinha muito medo de tomar banho. Marja o descreveu como "tomado pelo pânico" quando era banhado. Ele tinha medo até de banho de chuveiro.

**As atitudes de Samuel em relação à mãe e à avó.** Já mencionei a tendência desde pequeno de Samuel chamar Marja pelo nome e de usar a palavra "mãe" para Anneli. Ele era especialmente apegado a Anneli. Certa ocasião, quando tinha uns dois anos e já tinha sido desmamado, ele se sentou no colo de Anneli e tentou mamar no peito dela, dizendo: "Mãe, me dá o peito."

**A postura e a maneira de andar de Samuel.** Pertti tinha o hábito de levantar-se com um pé diante do outro e, com freqüência, com a mão no quadril. Ele também caminhava com as mãos atrás das costas quando estava nervoso. Percebeu-se que Samuel tinha a mesma postura e a mesma forma de andar com as mãos nas costas. Marja não tinha esses hábitos.[61]

**Outros comportamentos de Samuel em relação à vida passada.** Pertti tinha um hábito carinhoso no Natal quando a família estava reunida, de dar a volta na sala, beijando cada uma das pessoas. No Natal de 1978, aos dois anos e meio, Samuel circulou pela sala onde os familiares estavam sentados, pegou cada um pelo braço e beijou-os no rosto. Parecia uma imitação perfeita do comportamento usual de Pertti no Natal.

Em geral, Samuel era uma pessoa extremamente carinhosa, como Pertti tinha sido.

[61] Em minha monografia sobre casos com marcas e deficiências de nascença (Stevenson, 1997), dediquei um capítulo a "Físico, posturas, gestos e outros movimentos involuntários relacionados a vidas passadas".

**Momentos de aparente telepatia de Samuel**

Certo dia, Anneli olhava uma fotografia dos túmulos da família e chorava. Nesse momento, Marja telefonou e relatou o que Samuel tinha acabado de lhe dizer: "A vovozinha está chorando. Diga a ela para não chorar" (nesta referência, Samuel nomeou Anneli como "vovozinha", e não como "mãe" ou "mamãe" como fazia de vez em quando).

Em várias ocasiões, Samuel estava fora brincando no pátio quando Marja decidia ir às compras, Samuel aparecia na casa de surpresa, aparentemente querendo acompanhá-la. Marja acreditava em uma conexão telepática que estimulava Samuel a vir para casa.

**Semelhanças físicas entre Samuel e Pertti**

Marja acreditava que o corpo e o sorriso de Samuel lembrava o de Pertti. Eu me esqueci de perguntar a Anneli se ela compartilhava da opinião de Marja. Entretanto, isso não tem muita importância, devido à possibilidade de um fator genético para a semelhança.

**Desdobramentos posteriores no caso de Samuel**

Em setembro de 1984, Rita Castrén se encontrou novamente com Marja Helander para saber da evolução no caso de Samuel. Ele estava com oito anos, na segunda série escolar. Marja pensava que ele ainda tivesse algumas lembranças da vida passada, mas elas tinham desaparecido.

Em 1999, Samuel estava com 23 anos. Ele freqüentou a escola até os 16 anos, mas não fez faculdade. Trabalhava para uma empresa de mudanças e gozava de boa saúde. Embora não fosse casado, decidiu sair da casa da mãe e morar sozinho (seu pai, Pentti Helander, cometeu suicídio em 1986).

Samuel ainda tinha medo de água e não nadava. Também demonstrava temor de morrer jovem, assim como Pertti. Marja disse que Samuel nunca falava sobre a vida passada. Ela percebeu que, quando ele vinha visitá-la e pensava que ninguém estava observando, ele ficava olhando para a fotografia de Pertti que ela mantinha na casa, por muito tempo.

**Comentários**

Acho importante mencionar novamente a fragilidade de alguns casos

dentro da mesma família, nos quais, com raras exceções, todas as afirmações do sujeito se referem a acontecimentos, objetos ou pessoas bem conhecidas dos familiares que são nossos informantes dos casos. A possibilidade de uma transmissão involuntária de informações se torna maior quando alguém da família, no caso a mãe de Samuel, espera que a personalidade anterior renasça. Entretanto, os casos deste tipo têm a vantagem de os informantes do comportamento do sujeito em estudo poderem julgar imediatamente sua relevância na vida da personalidade anterior.

Marja reconheceu ter a convicção de que Samuel era a reencarnação de Pertti a ponto de ela, às vezes, inconscientemente chamá-lo de Pertti (ele sempre respondia). Marja sabia que talvez isso não fosse adequado. Devemos creditar-lhe a consciência assumida sobre essa influência de sua certeza de que Pertti tinha voltado a ela como Samuel.

## TEUVO KOIVISTO

### Resumo do caso e sua investigação

Teuvo Koivisto nasceu em Helsinque, Finlândia, em 20 de agosto de 1971. Seus pais eram Jan Koivisto e a esposa, Lusa. Teuvo era o mais novo dentre os quatro filhos, todos meninos. Jan era homem de negócios. Descendia de finlandeses, porém seus antepassados tinham origem na Alemanha e na Hungria. Uma das bisavós de Lusa era da Polônia, e uma das tataravós era judia.

Os Koivisto pertenciam à Igreja Luterana. Aos 16 anos, Lusa teve a experiência de se lembrar de uma vida passada na França na época da Revolução Francesa. Não houve elementos passíveis de verificação dessa experiência, tampouco de outra lembrança mais vaga, de uma vida passada no Tibete. Essas experiências prepararam Lusa para dar atenção suficiente quando Teuvo falou de uma vida passada.

Durante a gravidez de Teuvo, Lusa teve dois sonhos, e pelo menos um deles poderíamos classificar como um sonho premonitório.

Teuvo nasceu saudável, mas logo demonstrou ter medo de escuro, assim os pais sempre deixavam uma luz onde quer que ele dormisse. Começou a falar quando tinha um ano e meio. Organizava sentenças aos dois anos, mas só falou com fluência após os três anos. Por volta dessa idade, ele surpreendeu a mãe ao descrever com detalhes sobre como era estar em um campo de concentração e ser morto com gás (Teuvo não usou a palavra campo de concentração, mas suas afirmações, com certeza, se referem a isso).

Por volta da época em que ele descreveu a experiência de estar em um campo de concentração, começou a ter surtos de falta de ar (possivelmente, ocorreram antes, e a mãe apenas notou quando ele tinha três anos).

Rita Castrén soube do caso no início de 1976, quando Teuvo estava com quatro anos e meio. Ela entrevistou Lusa em 2 de fevereiro de 1976 e me enviou as anotações da entrevista. Quase três anos mais tarde, entrevistei Lusa em 1Q de dezembro de 1978. As duas entrevistas foram feitas em Helsinque. Não me encontrei com Jan Koivisto; Lusa disse que Teuvo nunca falara com o pai sobre as suas lembranças.

No outono de 1999, visitei a Finlândia novamente. Nessa ocasião, não pude me encontrar com Lusa, mas Rita conversou com ela duas vezes ao telefone e obteve mais informações sobre a infância de Teuvo e a evolução do caso. Em 25 de setembro, conheci Teuvo em Helsinque e fiz uma longa entrevista com ele.

**Os sonhos de Lusa Koivisto durante a gravidez de Teuvo**

O primeiro sonho pode ter ocorrido quando Lusa estava semiadorme-cida, semidesperta. Parecia estar em pé, em uma fila de prisioneiros; a cena lhe sugeria algum lugar perto do Oriente Médio. Conforme a fila de prisioneiros se movimentava alguém disse a Lusa: "Abrigue-se embaixo da palha." Então, ela saiu da fila de prisioneiros e se viu com um homem que tinha uma cópia da Cabala. Havia homens atirando por lá, um deles disse: "O bebê que você espera é judeu, e eu salvarei a vida dele." Assim terminou a experiência.

O segundo sonho tem relevância menos óbvia para o nascimento de Teuvo. Lusa se viu em uma tenda forrada com veludo vermelho. Dentro, havia um "velho sábio" com um telescópio. Ele apontou para uma luz brilhante, que se tornava mais ampla. O velho disse que a luz era forte por causa da conjunção de três planetas. Apontou para a luz e disse: "Esta é a sua luz" (Lusa contou que soube que no dia do nascimento de Teuvo havia ocorrido uma conjunção de Marte e Vênus).

**Afirmações de Teuvo sobre a vida passada**

Nesta parte extraída das entrevistas de 1976 com Rita Castrén e comigo em 1978, os relatos de Lusa nas duas ocasiões não diferiram muito na parte essencial, embora cada um incluísse alguns detalhes não mencionados no outro.

Lusa se lembrou que Teuvo lhe dissera ter vivido antes. Depois se referiu

à "grande fornalha". Deu alguns detalhes sobre a fornalha. Mencionou como as pessoas eram empilhadas desordenadamente em camadas no forno. Alguns ficavam sobre os outros. Disse que ele fora levado ao "banheiro". Os objetos pessoais, como os óculos e os dentes de ouro, eram retirados das pessoas no banheiro. Depois, tiravam as roupas das pessoas e elas eram colocadas na fornalha. O gás saía de alguns locais nas paredes. Ele não conseguia respirar. Teuvo disse "saber" que seria colocado na fornalha, mas não disse se ele foi realmente colocado ali. Disse que foi até a mãe depois de ver os outros sendo encaminhados para lá. Teuvo também descreveu um "forno" com crianças dentro dele.

Depois de Teuvo ter feito essas declarações, ele acrescentou: "Então, eu vim para você. Fui dado para você. Você está feliz, mamãe, que eu tenha vindo para você?"

Algum tempo após Teuvo ter feito as primeiras declarações sobre a vida passada à mãe, ele disse: "Fiquei preso no arame farpado. Venha e me tire daqui". Ele parecia deprimido naquela época.

**O comportamento de Teuvo em relação à vida passada**

**As circunstâncias e a maneira de Teuvo falar sobre a vida passada.** Teuvo fez suas primeiras declarações sobre a vida passada, certa manhã, logo após acordar. Embora, na época, estivesse apenas começando a falar bem (por volta de três anos), ele surpreendeu a mãe pela extensão do vocabulário usado para descrever a experiência da qual parecia se lembrar. Mesmo assim, ele não tinha um vocabulário adequado para o que pretendia dizer, e usou as mãos para demonstrar o forno.

Lusa descreveu Teuvo como "extremamente assustado" e "aterrorizado" ao descrever as experiências lembradas. Ficou tão perturbado que depois ela tentou distraí-lo narrando um conto de fadas.

Em 1976, Lusa contou a Rita Castrén que Teuvo repetia suas primeiras declarações freqüentemente ao acordar de manhã. Afirmou que ele continuava a falar sobre as memórias por cerca de meio ano. Em 1978, Lusa se lembrava apenas das primeiras declarações quando ele tinha uns três anos.

**Teuvo e o medo de escuro.** Teuvo permaneceu com medo do escuro até os sete anos de idade. Depois disso, ela desapareceu.

**O comportamento esquivo de Teuvo.** Quando bem novo, com freqüência,

Teuvo se escondia nos cômodos. Às vezes, ele derrubava paredes que separavam os aposentos. Na casa em que a família morava na época, as paredes eram extremamente finas e uma criança mais velha conseguia quebrá-las.

**Outros comportamentos relevantes de Teuvo**

Às vezes, Teuvo brincava de soldado. Lusa acreditava que essa brincadeira imitava a de seu irmão mais velho, que tinha oito anos a mais que Teuvo.

Até os dois anos de idade, Teuvo não queria usar roupas, mesmo no tempo frio.

Diferentemente de David Llewelyn, Teuvo não demonstrou comportamento que pudéssemos considerar típico dos judeus.

**A dificuldade de respiração de Teuvo**

Na época em que Teuvo descreveu suas lembranças, ele desenvolveu dificuldade para respirar. Parecia não conseguir inspirar confortavelmente, e respirar era dolorido. A dificuldade respiratória ocorreu de forma irregular, chegando a ser de duas vezes por semana a um intervalo de três meses. Os ataques duravam 10-15 minutos.

Um médico consultado por Lusa disse que Teuvo não tinha asma. Este sintoma ainda permanecia em 1978 na época em que entrevistei Lusa. Exceto por essa dificuldade respiratória ocasional, Teuvo tinha excelente saúde.

**A possibilidade de Teuvo ter sabido dos campos de concentração por vias normais**

Lusa declarou com firmeza que Teuvo não poderia ter conseguido a informação sobre os campos de concentração de maneira natural. Raramente, ele tinha permissão para assistir a televisão e nunca via programas cujas cenas fossem violentas. Seus pais e irmãos mais velhos nunca discutiram essas questões sobre campos de concentração e câmaras de gás na presença de Teuvo. Na época em que Teuvo falou da vida passada, a família morava em casa própria. Eles tinham vizinhos, mas não se relacionavam socialmente com eles. Na época, Teuvo era tímido e nunca conversava com os vizinhos. Os avós não moravam com a família.

## A experiência da Finlândia com os alemães durante a 2ª Guerra Mundial

Durante a 2ª Guerra Mundial, a Finlândia se alinhou com a Alemanha na guerra contra a Rússia. Os líderes finlandeses esperavam que a vitória alemã permitisse aos finlandeses recuperar algum território cedido à Rússia ao fim da Guerra de Inverno entre a Finlândia e a Rússia em 1939-1940. Ao mesmo tempo, o governo finlandês limitou a sua colaboração com a Alemanha. Não participou do cerco alemão de Leningrado (Häikiö, 1992). Resistiu ainda às exigências alemãs para a devolução dos refugiados judeus da perseguição nazista. Mais tarde, os historiadores e os memorialistas não concordaram quanto ao número de judeus refugiados na Finlândia que foram enviados para os alemães (Lundin, 1957). Com certeza, não foram mais de 50, e podem ter sido bem poucos, talvez quatro; o número menor foi de pessoas que infringiram a lei finlandesa durante a presença deles na Finlândia. Rautkallio (1987) garantiu que nenhum refugiado judeu na Finlândia foi rendido aos alemães.

A Finlândia tem uma população pequena de judeus que eram cidadãos finlandeses, e não refugiados da Europa Central. Em 1941, Reinhard Heydrich, chefe-interino da Gestapo nazista, fez uma lista – que pode apenas ser estimativa – dos judeus em diversos países europeus. Nesse "censo" a Finlândia tinha apenas 2.300 judeus (Gilbert, 1986). Os alemães contavam com poucos soldados na Finlândia e quase certamente não transferiram judeus, além de um pequeno número de refugiados. O povo finlandês que não era judeu podia, por vários motivos, ser enviado para os campos de concentração. Um pequeno número de pessoas da Finlândia ainda foi encontrado com vida em Dachau, quando ela foi libertada em 30 de abril de 1945 (Smith, 1995).

## Ausência de conexões dos Koivisto com o povo judeu

Os Koivisto não tinham nenhuma ligação social com os judeus. Durante os anos de colaboração entre a Finlândia e a Alemanha (1940-44), a família de Lusa morava em um prédio de apartamentos no qual também havia alguns moradores judeus. Lusa não sabia se os alemães tinham retirado algum dos vizinhos judeus e enviado para campos de concentração (a partir das fontes citadas na parte anterior, isso parece bem improvável).

## Correspondências entre as declarações de Teuvo e as características dos campos de concentração alemães

Os detalhes mencionados por Teuvo, com certeza, correspondem aos de

campos de concentração: arames farpados, confisco de propriedades pessoais, exigência de os prisioneiros ficarem nus, a farsa dos alemães em afirmar que as câmaras de gás eram "banheiros" (até com avisos dizendo isso), morte por gás venenoso e queima dos cadáveres de vítimas em fornalhas (às vezes, fogueiras a céu aberto).

Também é verdade que os alemães retiravam os dentes de ouro dos prisioneiros mortos. Isso era feito após eles colocarem os prisioneiros sob o gás e antes de queimar os corpos em fornalhas ou fogueiras. Em Treblinka, as crianças, às vezes, eram atiradas ao fogo ainda vivas (Donat, 1979). Em Auschwitz, as crianças e as mulheres também eram atiradas vivas em fossos com fogo (Kraus e Kulka, 1966).

A menção de Teuvo à dificuldade que os prisioneiros tinham para respirar, quando estavam sendo envenenados por gás, tem confirmação do relato testemunho do Dr. Miklos Nyiszli (Nyiszli, 1960/1993). O Dr. Nyiszli, um médico judeu da Hungria, foi preso em abril de 1944 e enviado a Auschwitz. Lá, o infame Dr. Josef Mengele o selecionou para assisti-lo em seus experimentos médicos. Nyiszli tornou-se então membro do Sonderkonmmando do campo, que compreendia os prisioneiros instruídos e especializados que poderiam ser úteis ao Schutzstaffel (SS) que controlava os campos de concentração. A maioria dos membros do Sonderkommando também era morta (a fim de eliminar as provass dos crimes), mas Nyiszli sobreviveu e escreveu um relato minucioso sobre o procedimento dos alemães ao matar os prisioneiros nos campos de concentração. O gás usado para a morte em Auschwitz era uma preparação volátil de cianeto de hidrogênio (Zyklon-B), que matava dentro de cinco a 15 minutos. Os prisioneiros eram forçados para dentro de um aposento, onde recebiam a ordem de se despirem e deixarem todas as roupas (para uso posterior pelos alemães). Este aposento tinha sinais indicando serem banheiros. Depois eram amontoados em um segundo aposento, onde não havia cabides para roupas nem bancos, mas canos retos que se elevavam do chão, tendo furos nas laterais. Então, as portas eram fechadas e o material do gás era liberado dos recipientes e despejado nos canos para a sala abaixo; o gás escoava pelos furos dos canos e rapidamente começavam a envenenar as pessoas na câmara de morte. "O gás, inicialmente, inundava as camadas inferiores de ar, porém, se elevava vagarosamente em direção ao teto" (Nyiszli, 1993, p. 52). Depois que os prisioneiros estavam todos mortos, seus corpos eram retirados da câmara de morte, os dentes de ouro eram arrancados e, em seguida, enfiados nos crematórios cujas fornalhas enormes espalhavam a fumaça e o cheiro de carne queimada através das chaminés.

Nyizli inclui em seu relato detalhes gráficos de como os corpos dos prisioneiros mortos pelo gás eram empilhados uns sobre os outros. Outros autores

descreveram o empilhamento de cadáveres em outros campos de morticínio, como em Treblinka (Donat, 1979) e Dachau (Smith, 1995).

O arame farpado cercava os campos de concentração. O arame mais alto, na parte externa do campo, conduzia uma corrente mortal de eletricidade de alta voltagem que matava imediatamente qualquer um que o tocasse. Ninguém podia ser retirado desse arame farpado com vida; poderia ter acontecido se alguém se emaranhasse em arame farpado que não estivesse eletrificado. Em um campo enorme como Auschwitz, o arame farpado comum separava as diferentes partes do campo. Três livros sobre campos de concentração exibem o arame farpado nas suas capas (Donat, 1979; Gill, 1988; Smith, 1995); o arame farpado tornou-se símbolo do horror dos campos.

As crianças que chegavam aos campos de morte seguiam diretamente para as câmaras de gás ou para os fossos com fogo. Assim como os velhos, eram consideradas inaptas para o trabalho e, portanto, inúteis.

O comportamento esquivo de Teuvo pode corresponder às condições do gueto de Varsóvia antes da revolta dos judeus em 1943. A quebra das paredes figurava com destaque nos planos dos judeus para poderem se movimentar e levar suas posses e seus suprimentos de acordo com as circunstâncias, conforme a revolta se desenvolvia. Donat escreveu:

> Além de construir abrigos, as pessoas também abriam passagens entre os aposentos, os apartamentos, as escadarias, os porões e os sótãos, ligando assim as casas até que por fim podíamos nos mover por um bloco residencial inteiro sem sair sequer uma vez pelas ruas [p. 96].

**Comentário.** O relato de Teuvo (ou talvez a lembrança de Lusa de seu relato) condensou alguns dos acontecimentos no procedimento de matança dos prisioneiros. Seus objetos pessoais, como os óculos, eram tirados antes de eles serem submetidos ao gás; porém passavam pelo gás e só depois seus dentes de ouro eram retirados. Em geral, eles já estavam mortos ao serem colocados nas fornalhas; Os detalhes, embora um pouco confusos, são todos consideravelmente corretos.

Pelo que foi dito, não parece que a vida lembrada por Teuvo tenha acabado em Auschwitz ou no campo ao lado em Birkenau. Os alemães usavam métodos semelhantes na matança de prisioneiros em outros campos como em Treblinka e Sobibor (Gill, 1988). Os prisioneiros desses campos também eram mortos com gás, mas não com Zyklon. Eram envenenados com o monóxido de carbono das fumaças de escapamento de motores a gasolina. Em Dachau

usavam tanto o monóxido de carbono quanto o cianeto de hidrogênio para matar os prisioneiros (Smith, 1995).

**Os desdobramentos posteriores no caso de Teuvo**

Após completar alguns anos de ensino médio, Teuvo freqüentou uma escola de administração, onde se formou. Como vocação, ele escolheu a música e, em 1999, trabalhava como músico profissional e professor de música.

Contou que a dificuldade que tinha para respirar tinha cessado na época em começou a ir à escola, aos cinco anos.

Em 1997, Teuvo se casou e, em 1999, ele e a esposa tinham um filho de dois anos.

Na época em que conversei com ele em 25 de setembro de 1999, Teuvo não tinha mais lembranças visuais da vida passada. Ele se lembra de seu comportamento esquivo, que, segundo ele, persistiu pelo menos até uns 13 ou 14 anos. Também se recorda que, quando mais novo, ele sempre queria se sentir a salvo. Ficava insatisfeito com a casa onde morava, por não ter nenhum esconderijo.

Teuvo disse que sentia ansiedade quando via a bandeira (suástica) ou os uniformes nazistas. Às vezes, ele ficava paralisado de medo ao vê-los. Não sentia o mesmo temor ao ver as bandeiras da Grã-Bretanha ou da França.

Teuvo se interessava muito por religiões, mas não tinha atração especial pelo judaísmo. Acreditava na reencarnação, mas pensava que ela era incompatível com o cristianismo.

**Comentários**

As afirmações de Teuvo e de David Llewelyn descreviam características dos campos de concentração alemães; porém, cada um recordou detalhes diferentes. Eles podem ter se lembrado de vidas e mortes em campos diferentes. Ou características diferentes do mesmo campo podem ter impressionado as mentes de duas pessoas, cujas memórias David e Teuvo tiveram mais tarde.

## RELATÓRIOS DE CASOS: SONHOS REPETIDOS OU REAIS

### JENNY MCLEOD

Descrevi anteriormente neste livro as declarações de Jenny McLeod a respeito da vida de sua bisavó. Elas ocorreram quando Jenny ainda era muito nova, com menos de dois anos. Um pouco mais velha, mas ainda na infância, ela teve uma série de sonhos repetidos que descrevo e discuto a seguir.

**Os sonhos repetidos de Jenny sobre a batalha de Culloden**

Quando tinha entre sete e oito anos – o que seria de 1956 a 1957 -, Jenny começou a ter o mesmo sonho várias vezes. O sonho jamais variava de conteúdo, porém às vezes ela acordava antes de o sonho chegar até o fim. Ela não descreveu o sonho como real. A freqüência do sonho variava. Em alguns períodos ele ocorria dia sim dia não durante uma semana e então deixava de acontecer por meses. Ela continuou a ter esse sonho até completar 13 ou 14 anos. Quando a conheci em outubro de 1967, ela nem completara 18 anos e contou que não o tinha havia quatro anos.

A seguinte descrição do sonho se origina das anotações feitas a partir do relato de Jenny, em outubro de 1967, quando a conheci em Aberdeen. Para facilitar a leitura, adicionei algumas notas explicativas entre colchetes.

[Estava] deitada no campo; ao lado, [eu] podia ver o meu corpo. À minha direita havia um pottão, não era moderno, era feito de madeira. Estava quebrado. Várias pessoas, não mais do que quatro, vinham subindo o morro na minha direção. Usavam roupas de cor verde-oliva muito escuro. [Seus] bonés talvez fossem do mesmo material. Não dava para ver claramente. [Todos] usavam a mesma roupa. [Aqui Jenny explicou que ela não reconhecia o uniforme que os homens usavam]. Sentia que eles fariam alguma maldade. Eles chegaram até mim. Fingi estar ferida. Alguém ia enfiar a espada em mim, mas acabou não fazendo isso. Deixaram-me lá. Enquanto se aproximavam [de mim], pararam e feriram outras pessoas; pareciam ter espadas curtas e finas.

No sonho, eu era mais velha [que a idade que tinha ao começar a ter os sonhos]. Eu nem tinha sete anos [na época], mas parecia ter a mente de alguém de 14 anos. Parecia que meu corpo era maior, mas ainda não era um

corpo totalmente adulto. Eu usava um kilt vermelho[62], mas tinha cabelos curtos. Não tenho certeza se era uma garota ou um garoto. Outras quatro ou cinco pessoas foram mortas antes de eles chegarem até mim.

Esperei até eles partirem. Comecei a sentir frio e estava escurecendo. Estava aterrorizada de ficar sozinha. [Primeiro] movimentei minha cabeça e [depois] me levantei. Havia uma gritaria – as pessoas choravam. Tentei passar pelo portão. Ele não se mexeu. Tentei fechá-lo. Corri de cócoras. Cheguei até um paredão, que descobri ser a parte de trás de uma casa. Havia uma senhora idosa na casa. Pedi que me ajudasse, mas ela se negou a me ajudar a escapar. Então comecei a correr, chorando. Nessa parte do sonho eu normalmente acordava.

Durante uma discussão posterior, Jenny acrescentou mais alguns detalhes sobre o sonho. Disse que no sonho ela sentia que estava correndo e também se via correndo (como se estivesse vendo outra pessoa). Pensou que o kilt que ela (como o/a jovem do sonho) usava era dos Stuart[63]. Quando criança, ela mesma usara kilts. Ela tinha um dos Macpherson e outro dos Fraser. O kilt usado no sonho era mais curto que os outros que usara quando criança. Estava esfarrapado, rasgado e imundo.

Do cenário do sonho ela se lembrou que não havia árvores. A grama era amarelada e não verde. Tinha urze nos morros. "Havia uma grande colina, que parecia estar coberta de urze, com minúsculos pontinhos de grama."

Entre dez e 14 anos, Jenny teve outro sonho recorrente. Neste, ela estava em cima de uma casa em chamas e não tinha como escapar.[64] Corria de um lado para o outro, tentando fugir e acordava gritando. Quando era mais nova, Jenny era fascinada por fogo, mas sua mãe a proibia totalmente de brincar com fósforos. Jenny pensou que seu sonho com fogo poderia vir da severidade dá sua mãe em relação aos perigos do fogo.

Os sonhos de Jenny não incluíam qualquer referência direta a Culloden. Poderiam se referir a alguma outra batalha. Cheguei a lhe perguntar em uma carta quando e como ela relacionou seus sonhos à batalha de Culloden (em uma carta de 23 de janeiro de 1968), ela respondeu o seguinte:

[62] Os Cameron, os Macintosh e os Fraser, que tiveram importantes contingentes ao lado dos Stuart na Batalha de Culloden, usavam tartãs vermelhos (Noncreiffe e Hicks, 1967).

[63] Pelo menos um dos tartãs dos Stuart também é vermelho.

[64] Taylor (1965) escreveu: "Muitos feridos e fugitivos [após a batalha de Culloden] se esconderam em cabanas de turfa ou construções externas em várias partes do pântano e nas redondezas. Acredita-se que um desses locais tenha sido o celeiro fora da antiga casa Leanach. Mais de 30 homens, que devem ter conseguido romper as linhas hanoverianas durante a batalha foram encontrados lá decorridas 48 horas, na sexta-feira. Em vez de simplesmente fuzilar os sobreviventes, ordenou-se aos soldados que obstruíssem o celeiro e ateassem fogo. Os trinta sobreviventes, que incluíam oficiais e feridos, pereceram de forma cruel nas chamas." [p.45].

A primeira vez que me lembro de ter ouvido falar de Culloden, estava no 7º ano da escola e, na época, o professor só passou os dados históricos da batalha, ou seja, quem estava lutando contra quem e por quê. Talvez devido à proximidade com o campo de batalha, a minha imaginação infantil tenha se fixado como sendo Culloden. Além disso, acho que pode ter sido por causa do kilt, no meu sonho, que me induziu a pensar que deveria ser Culloden. Peço desculpas por não ter conseguido fornecer mais informações a este respeito, mas analisei a pergunta e, até agora, não fui capaz de encontrar a resposta.

**O conhecimento normal de Jenny sobre a batalha de Culloden e suas conseqüências**

A batalha de Culloden ocorreu perto de Inverness em 16 de abril de 1746. Foi o último bastião de uma pequena guarnição jacobita comandada pelo príncipe Charles Edward Stuart, o "jovem pretendente" ao trono da Grã-Bretanha, e Lorde George Murray. Eles foram completamente derrotados por um exército hanoveriano, comandado pelo duque de Cumberland.

Margaret McLeod (mãe de Jenny) contou que ela e o marido se interessavam por história, mas tinha certeza de não terem feito menção à batalha de Culloden na família antes de Jenny começar a descrever seus sonhos. Jenny contou ao reverendo W.H.S. Muir que soube da batalha pela primeira vez (por vias normais) quando tinha uns 11 ou 12 anos e estava no 1° ano. Na época, Jenny já "sabia" (por meio de seus sonhos recorrentes) que muitas pessoas foram mortas após a batalha, embora nem o texto histórico nem sua professora tenham mencionado tal fato.[65] Durante uma conversa comigo, alguns meses após ter encontrado o reverendo Muir, Jenny disse que ela não soubera (por vias naturais) do morticínio após a batalha até completar 14 ou 15 anos.

Jenny tampouco verificou outro detalhe de seu sonho até atingir a mesma idade – que os jovens teriam sido recrutados pelo exército jacobita.

[65] Em 1960-61, Jenny tinha 11 ou 12 anos. Naquela época os livros de história escocesa usados nas escolas primárias podem não ter mencionado as brutalidades cometidas pelo exército hanoveriano após a batalha de Culloden. Em 1895, o livro The Lyon in Mourning, de Forbes, já tinha sido publicado em três volumes. Era uma compilação de testemunhos e outros relatos da rebelião de 1745, da batalha de Culloden e de suas conseqüências. Entretanto, este trabalho não foi muito divulgado, exceto dentre os estudiosos da história escocesa. Provavelmente as atrocidades do exército hanoveriano após a batalha se tornariam mais conhecidas com a publicação de obras escritas para leitores genéricos, por Prebble (1961), Young e Adair (1964) e Taylor (1965), todas publicadas depois de Jenny começar a sonhar. Isto não nega, entretanto, que uma tradição oral das atrocidades, que não dependia de uma fonte escrita para sua transmissão, pudesse ter subsistido na região de Inverness.

A Sociedade Histórica Escocesa publicou o The Prisoners of the Forty-Five, que forneceu os nomes de 3.300 prisioneiros, inclusive de vários jovens e até crianças. Eu mesmo não examinei esse trabalho, mas o coronel I.C. Taylor me copiou a lista de 28 desses jovens prisioneiros. As idades variavam entre oito e 15 anos, mas a maioria tinha entre 13 e 14 (Seton e Arnot, 1928, citadas por Taylor em correspondência). Alguns foram perdoados, outros transferidos. Não perguntei a Jenny, e ela não mencionou se sabia do engajamento de jovens no exército jacobita. Com certeza, ela não se esforçou para estudar a batalha e, até o momento em que a conheci, não tinha sequer ido visitar o local da batalha.

Jenny não verificou outro detalhe em seu sonho, mesmo na época de nosso encontro em 1967, a cor do uniforme dos soldados que matavam os jaco-bitas feridos e fugitivos após a batalha. Jenny descreveu esses uniformes como sendo de cor "verde-oliva muito escuro". Embora a maioria dos highlanders escoceses apoiasse a causa dos Stuart, alguns eram contra: "Ao todo, havia na verdade mais escoceses em armas do lado do governo que do lado jacobita" (Mackie, 1930/1962 p. 248). Os Campbell forneceram um regimento de milícia que lutou ao lado dos hanoverianos. Além disso, no final da batalha, os Campbell ergueram um paredão no flanco direito do exército jacobita e os atacaram enquanto os outros se retiravam. Em uma carta endereçada a mim, de 5 de dezembro de 1967, o coronel I.C. Taylor escreveu: "Geralmente se assume que o antigo tartã dos Campbell ou, com mais certeza, do distrito Argyll, eram de tons sombrios, como, por exemplo, azul e verde escuro, e é óbvio que essas cores, ao desbotarem devido ao tempo, se transformariam em uma cor verde-oliva."

**Comentários**

Embora Jenny tivesse dito que não aprendera de modo natural os fatos sobre a matança dos jacobitas em fuga, após a batalha, até muito mais tarde da época em que começara a ter seus sonhos recorrentes, este detalhe – dos três mencionados acima – é o que ela teria a maior chance de ter descoberto normalmente. Conforme mencionei antes, a família de Jenny mudou-se de Kingussie para Tore quando ela estava com 5 anos de idade, e seus sonhos sobre a batalha começaram um ano depois. Tanto Culloden quanto Tore estão apenas a alguns quilômetros de Inverness, a maior cidade das Highlands escocesas. O exército jacobita estivera aquartelado em Inverness antes da batalha e, depois dela, os prisioneiros ficaram alojados lá. A matança dos refugiados jacobitas após a batalha deu ao duque de Cumberland o apelido de o "Açougueiro". Além da imediata derrota dos jacobitas e do tratamento

desumano a eles dispensado pelos vitoriosos hanoverianos, a supressão da rebelião jacobita levou a uma mudança completa no modo de vida das Highlands. Os moradores foram proibidos de vestirem o tartã, os chefes dos clãs se viram privados de seus direitos, novas estradas (adequadas para o uso militar) foram construídas e, em outros aspectos, as Highlands foram "pacificadas". A batalha e suas seqüelas foram temas de assuntos que, até mesmo dois séculos depois, ainda seriam discutidos no locai de tempos em tempos e, caso os pais de Jenny jamais tenham falado a respeito, suas duas irmãs mais velhas ou os outros adultos poderiam tê-la citado em sua presença.

Os outros dois detalhes, o de alistamento de jovens no exército jacobita e a cor verde-oliva escura dos uniformes do lado hanoveriano, teriam menor possibilidade de ter chegado aos ouvidos de Jenny de modo normal antes de ela ter tido os seus sonhos.

## THOMAS EVANS

### Resumo do caso e sua investigação

Thomas J. Evans nasceu em Cnucke Cilgerran, Cardiganshire, País de Gales, Reino Unido, em 9 de março de 1886, filho de John Evans e sua esposa, Emily. John trabalhava em uma pedreira. Tinha uma irmã mais velha e irmãos mais novos, mas nunca soube quantos eram meninos ou meninas. Quando adulto, trabalhou como mineiro. Não sei qual era a religião de seus pais, mas Thomas se interessou por espiritualidade e acabou considerando-a a sua religião.[66]

Quando criança, entre os quatro e cinco anos, Thomas teve o primeiro de uma série de sonhos reais em que ele se via sendo enforcado, rodeado por uma multidão enfurecida. Em 1963, quando o encontrei, ele já tivera cerca de 20 desses sonhos. Na época, ele estava com 77 anos de idade.

Em agosto de 1959, Thomas encontrou-se com o Dr. Karl Müller, que dava palestras na Inglaterra e no País de Gales. Ele mencionou seus sonhos ao Dr. Müller, que mais tarde lhe pediu um relato sobre os mesmos. Depois, o Dr.

[66] Um espiritualista acredita que, às vezes, é possível receber comunicações de pessoas já falecidas por meio de pessoas com dons especiais chamados médiuns; as comunicações podem ainda vir através de sonhos, ou pessoas falecidas podem ser vistas como aparições. Um espiritualista é um membro de uma irmandade que acredita que tal comunicação com personagens desencarnadas é algo comum e viável, e eles promovem sessões mediúnicas para facilitar essas comunicações.

Müller me passou cópias da primeira carta de Thomas, na qual ele descrevia os sonhos, e ainda correspondência a respeito de alguns detalhes.

Em 1962 comecei a me corresponder com Thomas. Ele respondeu minhas perguntas e concordou que eu o visitasse. Encontrei-o em sua casa perto de New Quay, País de Gales, em 8 de outubro de 1963. Infelizmente, sua irmã mais velha, que teria sido uma testemunha em potencial do que Thomas dissera sobre os sonhos quando era criança, morrera menos que um ano antes da minha visita.

Após o nosso encontro, Thomas e eu nos correspondemos mais uma vez. Ele faleceu em 4 de dezembro de 1965.

**Os sonhos de Thomas Evans**

Os sonhos em questão eram invariavelmente similares em todos os detalhes, embora diferissem em tempo de duração. Eram coloridos e pareciam muito realistas. Com uma exceção, que mencionarei mais tarde, Thomas parecia reviver nos sonhos acontecimentos ocorridos de fato. Ele enfatizou a nitidez e a claridade desses sonhos se comparados com os seus sonhos comuns.

Em seu primeiro sonho, Thomas pareceu reviver o final de uma vida em um enforcamento. Em alguns dos sonhos posteriores, viu os acontecimentos que precederam o enforcamento.

**O primeiro sonho de Thomas.** Thomas descreveu seu primeiro sonho em uma carta endereçada ao Dr. Karl Müller, datada 9 de novembro de 1959, da qual cito o seguinte:

O sonho ocorreu pela primeira vez quando eu tinha uns oito anos. Nele eu estava na beira de uma floresta, que parecia ser grande. Alguém colocou um laço corrediço ao redor de meu pescoço e me ergueu do solo. Fiquei lá, pendurado, com uma multidão rindo e zombando de mim. O sentimento que tive, de ser enforcado, foi o de estar defendendo alguma causa que não consigo relembrar...

O homem que me pôs o laço no pescoço era imenso; ele poderia ter sido um monge.

Em uma segunda carta ao Dr. Müller, de 25 de dezembro de 1959, Thomas escreveu:

Respondendo à sua pergunta: sim, o sonho tinha alguma conexão com religião. Havia algumas pessoas que pareciam monges na multidão ao meu

redor. Esta é a descrição mais precisa que posso dar, já que pode ser que eles não fossem monges.

**Um exemplo dos sonhos posteriores de Thomas.** Thomas não sonhou mais sobre o enforcamento entre 1944 a 4 de março de 1962. Então, ele teve outro sonho que incluía os acontecimentos que precederam o enforcamento. Descreveu o sonho em 4 de março de 1962 em uma carta de 24 de junho de 1962:

Eu estava ao ar livre falando a uma multidão quando várias dessas pessoas se voltaram contra mim e começaram a me maltratar. Depois eles me levaram a uma saia escura. Permaneci nela por um longo tempo e não conseguia distinguir entre o dia e a noite. Da sala fui levado ao meio de uma floresta, onde fui enforcado rodeado por uma multidão barulhenta.

**Variações dos sonhos.** Ao descrever seu último sonho, Thomas disse que o tivera nove vezes. Quando mencionei que ele vira a mesma cena 20 vezes, ele respondeu em uma carta de 21 de julho de 1962:

Disse ao Dr. Müller que eu tive esse sonho umas 20 vezes. Mas todos esses sonhos nunca foram completos. Deixe-me explicar melhor. Onze vezes, ao começar esse sonho, eu acordei tomado por um medo terrível. Apenas nove vezes eu sonhei por completo, e esta última vez, em 4 de março de 1962, vi mais cenas: a de uma multidão vindo em minha direção e eu dentro de uma sala escura. Esses nove sonhos se destacaram muito e foram bastante reais.

Durante nossa entrevista de 8 de agosto de 1963, Thomas mencionou que em duas ocasiões o sonho continuou após o enforcamento até o ponto em que, após sua morte, ele via seu corpo balançando, como se estivesse fora dele. Em todas as outras ocasiões o sonho cessava no momento do enforcamento, ou ele acordava assim que o sonho começava.

Os sonhos eram sempre absolutamente idênticos em seus detalhes; em diferentes ocasiões eles variavam em duração, mas nunca em características.

Thomas não conseguiu identificar quaisquer circunstâncias em sua vida que pudessem ter precipitado um sonho daqueles; observou que tendiam a ocorrer "por volta do mês de março", mas não conseguiu dar nenhuma explicação do porquê eles ocorrerem naquele mês.

Thomas estava convencido de que os sonhos eram lembranças de uma vida passada na qual ele fora profeta ou pensador independente, e que esses eventos tinham ocorrido na Áustria.

Na mesma entrevista, Thomas disse que se lembrava de ter visto em sonhos bispos e padres observando-o quando foi levado para a forca. Os sacerdotes tinham um tufo de cabelo no topo, sendo o resto da cabeça totalmente raspado. Usavam batinas de cor "chocolate claro".

**Uma visão em vigília repetindo os sonhos**

Em junho de 1963, Thomas lia um jornal quando sentiu sonolência, e o jornal lhe caiu das mãos. Ele teve seu sonho recorrente, mas desta vez como um observador dos acontecimentos e não – como parecia nos sonhos – revivendo-os.

Esta visão começou com a cena no calabouço e acabou com o enforcamento. Ele se viu com uma longa barba, usando roupas bem simples. A visão teve início com quatro soldados entrando no calabouço onde era mantido prisioneiro. Eles carregavam lanças e entraram em fila simples. Ele foi conduzido para fora, onde uma multidão aguardava a sua morte na forca. Ele sentiu que alguns da multidão eram seus simpatizantes, mas a maioria lhe era hostil e aprovava a condenação. Enquanto ele assistia à cena, não sentiu medo, manteve-se distante. Quando a visão acabou, sentiu alegria e viu as palavras "o último". Então a visão se desvaneceu. Ele acreditava que não teria o sonho novamente. Creio que ele tenha razão, pois em nossa correspondência posterior, antes de sua morte em 1968, ele jamais mencionou ter tido o sonho novamente.

**As atitudes de Thomas aparentemente relacionadas aos sonhos recorrentes**

Em uma carta de 14 de março de 1963, Thomas escreveu que "sempre sentira uma profunda antipatia por monges, padres e qualquer coisa relacionada à religião católica. Sou um espiritualista e não tenho nada contra outra fé religiosa".

Em uma carta de 21 de dezembro de 1962, escreveu: "Minha vida toda tive aversão pela pena de morte. Sinto dor quando ouço ou leio sobre uma execução. Este medo me acompanha desde a época em que percebi o significado de uma execução."

Durante o nosso encontro em agosto de 1963, contou-me que sentia uma forte simpatia por Giordano Bruno e que se sentiu "impelido" a ler um livro a seu respeito. Ao ler sobre a execução, Thomas sentiu por ele grande laço de compaixão.[67]

Thomas escreveu que gostava da Áustria embora jamais tivesse estado lá.

[67] Mencionei Giordano Bruno (1548-1600) na Parte I – Ele era um filósofo cujos ensinamentos tiveram maior atenção após a sua morte. Professava um tipo de panteísmo que incluía a idéia de outros mundos habitáveis e habitados. Seguidor de Copérnico, seu conceito de universo como sendo infinito ia além do de seu criador. Bruno também lecionou metempsicose, cujo termo (conforme expliquei na Parte I) se refere especialmente à crença na reencarnação de homens em seres humanos e ainda em animais. No final, Bruno foi traído e levado à Inquisição, aprisionado, torturado e finalmente julgado e condenado à morte. Ele não foi enforcado, mas foi queimado vivo em 17 de fevereiro de 1600 (Singer, 1950).

**Problema físico associado aos sonhos repetidos de Thomas**

Em 1962, eu tinha pouco interesse por marcas de nascença e deficiências congênitas possivelmente resultantes de uma vida passada. Entretanto, pedi para Thomas ver se tinha alguma marca na região do pescoço. Em uma carta de 24 de junho de 1962, ele respondeu:

Não tenho marca, mas tenho um caroço, do tamanho de um ovo pequeno, sob a pele, na nuca. O médico diz que é um tipo de cisto. Quando tive o sonho pela primeira vez, senti uma dor no caroço, que permaneceu durante uns dois ou três dias. Toda vez que tive este sonho, também senti dor no caroço, que persistiu durante uns dois a três dias.

Antes disso, Thomas escrevera ao Dr. Müller que acreditava ter tido o sonho pela primeira vez por volta dos oito anos. Esclareceu a contradição em uma carta de 21 de julho de 1962: Desde que falei com o Dr. Müller, minha irmã mais velha me contou que eu não poderia estar com cinco anos ao ter tido o sonho pela primeira vez. Minha irmã, que é quatro anos mais velha que eu, consegue lembrar da época melhor que eu mesmo... e quanto ao caroço na base da nuca, eu não sabia de sua existência até ter tido o primeiro sonho, quando senti dores terríveis durante dois ou três dias.

Na época de nosso encontro em agosto de 1963, Thomas descreveu melhor a dor associada ao primeiro sonho. De acordo com minhas anotações, "durante alguns dias após o sonho tive uma dor forte no pescoço. Contei à família que estava sufocando e que sentia algo apertando o pescoço. Na ocasião, não pensava nar cena do sonho como representando um enforcamento. Esta conclusão só surgiu com os sonhos posteriores" (por isso, deduzo que o primeiro sonho foi um daqueles nos quais ele acordou em seu início, embora tenha experimentado efeitos físicos intensos, conforme descreveu). Vou prosseguir com um outro trecho (editado para facilitar a leitura) de minhas anotações de agosto de 1963:

O caroço [cisto] na nuca, do lado direito da área occipital, era do tamanho de uma avelã comum, mas inchava até o tamanho de um ovo durante 2-3 dias após o sonho. Desde o último sonho [provavelmente em 4 de marco de 1962], o cisto foi diminuindo de tamanho gradualmente. Agora está do tamanho de uma ervilha. O cisto inchava após os sonhos e ficava dolorido. Jamais inchou a não ser depois de um sonho. A dor ficava circunscrita apenas na região do cisto.

Suponho que o cisto na nuca fosse congênito. Entretanto, não tenho provas suficientes. Em sua carta de 12 de dezembro de 1962, Thomas escreveu: "A primeira vez que soube do cisto foi quando senti a dor. Minha irmã soube de sua existência [apenas] na época. Assim, ela não sabe dizer se ele existia quando nasci."

**Comentários**

Relatei outros dois casos (Navalkishore Yadav e U Tint Aung) com mortes por enforcamento, os quais apresentaram uma marca de nascença e uma deficiência congênita aparentemente relacionadas com o enforcamento. Os dois casos continham características verificáveis, enquanto o de Thomas não. Dada a natureza vivida dos sonhos, a exata repetição de detalhes, a deficiência física associada[68] e a dor no pescoço, eu não acho surpreendente que Thomas acreditasse que seus sonhos vinham de uma vida passada vivida por ele.

Os detalhes do enforcamento e as roupas que apareciam nos sonhos de Thomas quase não dão margem a hipóteses sobre a época e o local dos acontecimentos dos sonhos se os interpretarmos como lembranças de acontecimentos reais. Podemos dizer apenas que devem ter ocorrido há mais de três séculos, caso eu esteja correto em acreditar que os hereges religiosos não foram enforcados em tempos mais recentes.

## WILLIAM HENS

William Hens nasceu em Londres em 6 de outubro de 1899. Seu pai era belga e a mãe, inglesa. Ela faleceu em 1907, quando William tinha oito anos. Assim ele (e três dos irmãos) foram morar com um tio em Bruxelas. Freqüentou uma escola em um convento e se converteu à religião católica. Em 1909, o pai tornou a se casar e assim pôde trazer os filhos para Londres novamente. O pai não era católico, e a madrasta não seguia nenhuma religião.

[68] Outros casos mostram a característica dos sintomas físicos ocorridos durante o ato de relembrar os acontecimentos da vida passada. Exemplos ocorreram nos casos de Marta Lorenz e Salem Andary. A história (1959/1976) reporta o caso de Karen (de Mianmar), cujo braço inchava e ficava dolorido nas ocasiões em que sua atenção era levada para as falhas congênitas evidentes, na pele de suas mãos. O indivíduo do caso, cujas afirmações permanecem sem confirmação, atribuía as deformidades aos ferimentos feitos por arame que fora utilizado (pelos ladrões) para amarrar a pessoa falecida cuja vida ele relembrava.

Não sei qual era a educação formal de William, mas acredito que não era extensa. Ele trabalhou a vida inteira como mecânico.

Continuou membro da Igreja Católica até os 26 anos, quando decidiu que não poderia mais aceitar seus ensinamentos e se desligou. Por volta de 1937, ele se interessou por espiritualidade e ficou tão convencido de seu valor — devido a algumas experiências pessoais — que poderia ser considerado um espiritualista. Por volta de 1940, um médium o aconselhou a estudar reencar-nação, "por ser verdade".

Em algum ponto da década de 1940 – ou mais tarde, ele não se lembrou do ano exato – William teve três sonhos que ele descreveu como reais e totalmente inesquecíveis (comparados com os seus sonhos normais). Todos ocorreram durante um período de aproximadamente um ano. Na época, ele não fez registro de nenhum deles e acho que isso só aconteceu pela primeira vez a partir de 1967. Naquele ano, ele descobriu meu interesse por experiências que sugerissem a reencarnação e me escreveu em 17 de janeiro de 1967, anexando o relato desses três sonhos.

Em seguida nos correspondemos para discutir as circunstâncias e os detalhes dos sonhos. William respondeu algumas de minhas perguntas nas cartas. Decidi me encontrar com ele e questionar mais coisas ainda. O encontro foi em Londres em 25 de fevereiro de 1970.

Abaixo, transcrevo o relato de William sobre os seus sonhos.

**Os três sonhos de William**

Os seguintes relatos foram extraídos da carta que William me escreveu em 17 de janeiro de 1967. Editei alguns pontos e adicionei algumas frases esclarecedoras entre colchetes para facilitar a leitura e o entendimento (sem, entretanto, ter mudado o sentido).

1. Eu me vi com um companheiro escalando um longo lance de degraus que levava até um prédio com grandes colunas que sustentavam uma espaçosa varanda. Eu usava uma túnica de algodão que chegava até as pernas e uma calça justa que era fechada com tiras cruzadas. Um cinto sustentava uma bainha com uma espada larga e achatada, do tipo romano. Enquanto subíamos ao topo, eu sabia que não deveríamos estar lá – senti como se fôssemos espiões.

Ao chegarmos à sacada, duas grandes portas de ferro se abriram, e vários soldados correram em nossa direção. Nós nos viramos e recuamos para baixo, descendo a toda velocidade. Havia um grupo de soldados subindo as

escadas ao nosso encontro. Desembainhei minha espada para combater, mas quando eles se confrontaram comigo, acordei. Acredito que a época do sonho seria por volta de 500 d.C.

2. O próximo sonho vivido, talvez com origem em reencarnação, se passou [na época aproximada] em 1500 d.C.

Neste sonho eu era o auxiliar de [um] carrasco. Usava jaqueta de couro, calça justa e cinto de corda. Tinha uns 17 anos.

A cena começou em um calabouço fechado com abóbadas baixas em arco, o carrasco estava em pé na lateral, nas sombras do local mal iluminado.

A cabeça do machado estava apoiada no chão, forrado de palha. Ao lado no piso inferior estavam duas senhoras, uma [das quais] estava extremamente aflita, enquanto a outra tentava consolá-la. As duas estavam vestidas de preto, assim como o carrasco, que usava uma máscara.

Enquanto eu estava lá em pé, meu sentimento de piedade foi tão grande, que me aproximei dela, coloquei meu braço sobre seu ombro e disse: "Venha, senhora. Isto tem de ser feito. Não vai doer." Dito isso, eu a pressionei a ficar de joelhos e coloquei sua cabeça sobre o bloco. Imediatamente, com um gesto rápido, me virei diante dela e agarrei seu cabelo bem embaixo da touca que ela usava e puxei com força a cabeça contra o bloco.

O carrasco se adiantou e ergueu o machado – este foi o final do sonho.

Neste sonho senti uma imensa piedade pela senhora, o sentimento me envolveu totalmente. Outro ponto que [me] impressionou foi o ato de segurar a cabeça para baixo, pelo cabelo. Jamais ouvira ou lera, ou vira alguma ilustração deste tipo de coisa, mas por que não? Não é difícil imaginar o trabalho que daria se alguém resolvesse levantar a cabeça do bloco no momento do golpe!

**Comentários sobre este sonho.** Laurence (1960) reproduziu uma antiga ilustração alemã, que mostrava a decapitação de uma mulher em Ratisbon, em 1782. Um ajudante segurava a cabeça da vítima sobre o bloco puxando o seu cabelo para a frente enquanto o carrasco se preparava para golpear o pescoço com o machado.

3. O sonho seguinte parecia ser por volta de 1800. A cena se iniciou comigo sendo levado a uma serralheria.

Sob uma lamparina a óleo, de latão, que pendia de uma viga, havia um banco com um homem preenchendo um bloco de aço de 7,5 cm por 12 cm (o torno que segurava o bloco de aço era do tipo que tem uma haste longa fincada

no chão). Ele usava um avental branco com peitilho, tinha suíças [e] ainda estava de chapéu [com] uma copa bastante alta. Ele parecia orgulhoso de seu trabalho, enquanto passava a mão pela superfície plana. Senti que eu era um jovem de uns vinte e poucos anos, prestes a começar em um emprego novo.

Na próxima cena me vi trabalhando em um vagão de trem – do tipo antigo, usado na época de George Stephenson. Este vagão estava sobre um poço de serviço com os trilhos passando pelas bordas e eu trabalhava no chão, não dentro do poço. As rodas eram as de padrão para vagão [com] raios forjados largos. Minha cabeça estava enfiada no meio da roda enquanto eu apertava algumas porcas quadradas; quando começou a se movimentar adiante, senti minha cabeça sendo esmagada contra a parte de trás do vagão – e o sonho terminou.

As sensações que experimentei neste sonho foram as mesmas de quando se começa um emprego novo. Também [senti] o terror de ter a cabeça esmagada.

**Informações adicionais sobre o sonho**

Na carta, da qual citei o relato de William sobre seu sonho, ele escreveu ainda:

Estes sonhos são tão reais e os detalhes tão vivos e, além disso, a retenção deles em minha mente, ao acordar, é tão completa que não preciso fazer qualquer esforço para relembrá-los, isso os coloca, no meu entendimento, em uma categoria diferente do que os sonhos normais.

Em nossa correspondência, William me contou que cada sonho ocorreu apenas uma vez, sem se repetirem.

**Outras informações adicionais relevantes para a interpretação dos sonhos**

William escreveu (em uma carta de 20 de fevereiro de 1967) que ele não teve medos inusitados que, se tivessem ocorrido na infância, pudessem ter derivado de uma vida passada (Stevenson, 1990). Especificamente ele não notou nenhum medo de machados, execuções ou trens. Em uma carta posterior (de 29 de março de 1967), ele escreveu não se sentir atraído por nenhum dos períodos históricos nos quais parecem ter ocorrido os acontecimentos de seus sonhos.

**Duas experiências que William teve acordado**

Ele teve outras experiências incomuns em, pelo menos, duas ele pareceu voltar no tempo. Ambas ocorreram enquanto ele estava acordado. Vou citar seu relato dos dois acontecimentos. Ele descreve a primeira experiência em uma carta de 20 de fevereiro de 1967.

Quando trabalhava durante a [2ª] Guerra na Handley Page, uma empresa que fabricava aeronaves, uma enorme folha de alumínio estava sendo virada quando o reflexo me ofuscou a vista e me senti tomado por um medo terrível. Em um piscar de olhos, me vi jogado para trás no tempo, no que parecia ser a época da Babilônia. O medo que senti devia-se a um paredão caindo sobre mim e outras pessoas. A cena foi tão real que pude ver as pessoas tomadas pelo pânico correndo em todas as direções. O paredão se parecia com ilustrações que vi dos Jardins Suspensos da Babilônia. Embora tudo isto tenha durado apenas um segundo, senti que estive lá. Foi real.

A segunda experiência de William ocorreu na década de 1960. Ele a descreveu em sua carta de 29 de março de 1967. Disse que ocorreu "alguns anos atrás":

Observei por clarividência a visão de uma garota judia muito bonita. Ela apareceu atrás de uma tela transparente que continha miosótis espalhados sobre a superfície. A emoção foi tão grande que mal consegui respirar.

Algumas semanas mais tarde, William compareceu a uma sessão com uma médium que lhe descreveu, com alguns detalhes, uma vida passada que ele teria vivido na Palestina no séc. I d.C. As afirmações da médium, embora interessantes, não continham detalhes verificáveis. Entretanto, ela descreveu uma mulher, que correspondia à mulher de sua recente visão. Sem ter contado à médium sobre a visão, William lhe perguntou se ele já vira aquela mulher. A médium respondeu: "Sim, você a viu, com seus cabelos negros, cercada por flores."

Em resposta à pergunta que lhe fiz, ele declarou em 23 de abril de 1967 que nada contara à médium sobre a visão que tivera. A médium mencionou os miosótis primeiro.

**Comentários**

Partindo do princípio que William narrou corretamente a seqüência de acontecimentos que ligam sua própria visão com a afirmação da médium a respeito

dos “miosótis” (das flores que não tenho motivo para duvidar), sua declaração parecia ser, no mínimo, um exemplo de telepatia entre médium e consulente.

## WINIFRED WYLIE

### Resumo do caso e sua investigação

Winifred Wylie nasceu em 30 de dezembro de 1902 no vilarejo de Fence Houses, condado de Durham, Inglaterra. Seus pais eram Joseph Graham e a esposa, Jane. Winifred era a segunda menina e a segunda filha do casal. Seu pai era gerente de uma loja. A família tinha uma posição financeira boa o suficiente para enviar as filhas para um internato quando Winifred tinha dez anos e sua irmã 12. Antes disso, tiveram aulas em casa, com uma governanta.

Na infância, Winifred teve várias experiências aparentemente paranormais, incluindo um sonho recorrente, a respeito de uma batalha, que ocorreu pela primeira vez quando ela tinha dez anos de idade. A partir daquela época, aconteceu uma vez por ano até 1972, quando finalmente cessou. Ao narrar o sonho para a mãe, esta lhe respondeu que parecia com algum acontecimento da batalha de Waterloo (ocorrida em 18 de junho de 1815).

Aos 23 anos, Winifred casou-se com o reverendo John Wylie, um clérigo da Igreja Anglicana.

Seu marido, que possuía certo conhecimento de história, também acreditava que o sonho recorrente correspondesse a um incidente durante a batalha de Waterloo. Assim, quando John se aposentou e teve tempo de viajar para fora do país, eles foram até o local da batalha e examinaram a construção onde, eles acreditavam, o evento do sonho tivesse se desenrolado. Tratava-se do castelo de Hougoumont.

No início de 1981, Winifred respondeu a uma pesquisa referente a experiências paranormais do The Times londrino. A pesquisa foi publicada em nome da K.I.B. Foundation, cuja secretária executiva, sabedora de meu interesse por experiências sugestivas de reencarnação, me encaminhou uma cópia das respostas da Winifred no levantamento.

Após a leitura do relato de Winifred sobre seu sonho recorrente, comecei a me corresponder com ela. Ela cooperou com a correspondência e, em 15 de abril de 1982, fui à sua casa em Pernith, Cumbria, onde a entrevistei durante bastante tempo. Em seguida, ela entrou em contato com a BBC e, em 7 de abril de 1983, foi entrevistada para uma série de programas de rádio da emissora referente à reencarnação. A entrevistadora da BBC foi June

Knox-Mawer, que antecipou a Winifred uma lista de perguntas; e suas respostas às perguntas incluíam um dos relatos do sonho recorrente que transcrevo abaixo. O relato não está datado, mas obviamente foi escrito no início de 1983. Em 16 de abril de 1983, meu colega, o Dr. Nicholas McClean-Rice visitou Penrith e entrevistou Winifred novamente. Em cada entrevista, ela também citou um relato de seu sonho recorrente. No final, portanto, a partir das entrevistas e das cartas, obtivemos seis relatos de seu sonho. Winifred faleceu em 31 de julho de 1985.

**O sonho recorrente**

O primeiro relato do sonho, enviado em resposta à pesquisa do The Times era extremamente curto. Eu o omiti e transcrevo a seguir os outros cinco relatos do sonho que obtive.

O relato abaixo me foi enviado por ela na carta de 30 de abril de 1981:

1. Eu era um dos três homens que tentavam fechar o portão de um pátio murado, para nos proteger do exército inimigo. O pátio era cercado por uma muralha de pedra e sobre o muro, debruçados, havia uma multidão de homens com aparência feroz, com tricórnios na cabeça e longos bigodes, atirando nos homens postados atrás de nós. No canto do pátio, à minha direita, havia um pequeno celeiro e à esquerda se encontravam as "cocheiras dos cavalos" – os estábulos, cujas portas se abriam em duas partes, para que os cavalos pudessem olhar para fora. Atrás, a distância, ficava a sede da fazenda. Meus dois companheiros e eu pelejávamos com todas as forças para fechar o portão. Tive uma sensação de alívio quando a barra caiu dentro do encaixe e o portão se trancou. Os homens derrubados pelos tiros da muralha eram carregados para as cocheiras pelos seus companheiros.

Variações sobre o relato do sonho. Nas entrevistas seguintes e durante a correspondência, Winifred forneceu detalhes adicionais sobre o sonho e, por vezes, algumas variações.

Em minha entrevista de abril de 1982, ela relatou:

2. No sonho, meu corpo está pressionando o portão. Uma voz grita: "Fechem o portão." Havia homens sobre uma muralha alta, levando tiros dos homens de dentro. Os feridos eram carregados para um estábulo de pedra... Os homens que atiravam tinham longos bigodes e chapéus com ângulos (com três pontas?), com uma ponta na frente. Havia o barulho do bombardeio.

Winifred escreveu o relato a seguir no início de 1983 (provavelmente em fevereiro), respondendo às perguntas enviadas por June Knox-Mawer, que desejava prepará-la para a entrevista planejada pelo programa de rádio da BBC.

3. Eu era um dentre a multidão de soldados, estava imediatamente atrás de alguns homens, que tentavam fechar um portão grande e rústico. Eu pressionava meu peso contra o portão para ajudar. Uma voz atrás de mim gritou: "Fechem o portão, fechem o portão!" Sobre uma muralha alta, que seguia a partir do portão para a direita, havia soldados de aparência estrangeira – tinham longos bigodes pendentes e chapéus pretos e atiravam para dentro do pátio. Os feridos eram recolhidos por alguns dos soldados atrás de mim e carregados para dentro das cocheiras, atrás de nós à esquerda.

A muralha seguia à direita do portão por alguns metros e se juntava com a outra muralha que tinha árvores visíveis ao lado. No canto formado entre as duas muralhas havia uma pequena casinha de pedra, que parecia estar em mau estado. Uma das telhas grossas de pedra estava fora de lugar.

O portão foi fechado com uma pesada tranca de madeira, que caiu em um encaixe no batente do portão. Quando a barra fez "ploft" no encaixe, eu acordei.

Em sua entrevista para o programa de rádio da BBC em 7 de abril de 1983, Winifred fez o seguinte relato oral do sonho. Ao falar pela rádio, possivelmente por estar um pouco nervosa, ela omitiu algumas palavras – ou elas se perderam na transcrição; eu as incluí, entre colchetes.

4. Estou no quintal de uma fazenda com uma muralha muito alta dos dois lados [do portão] e construções soltas, cocheiras para cavalos do outro lado, e eu sou um dentre um grupo de soldados, que foram [ordenados] para fechar o portão. Ouve-se uma voz atrás que diz "Fechem o portão, fechem o portão". E acho que cinco ou... cinco homens empurram esse portão. Na verdade, não chego a tocar o portão, mas empurro as costas do homem à frente, veja bem, para ajudá-lo e o portão é tosco, de madeira. Consigo senti-lo. Senti o final do portão e enfim... antes – isto vem antes, ah... sobre a muralha há soldados com bigodes compridos, alvejando os nossos soldados, eles atiram a esmo, e é uma muralha bem alta e, pelo jeito que atiram, parecia que se apoiavam com este [um] braço e atiravam com o outro. Estavam em pé sobre os ombros de outros homens. Não conseguiam passar a muralha e entrar, pois ela era muito alta.

[Usavam] chapéus pretos tricórnios e atiravam a esmo nos.... e é claro que os homens tombavam, por estarem feridos ou por estarem mortos, e eram carregados para as cocheiras dos cavalos por alguns dos companheiros de trás e isso continuou por algum tempo, os tiros e o som dos canhões a distância,

a alguma distância, do outro lado da muralha. E quando finalmente o portão, de certa forma, foi fechado, mas não estava trancado, foi bloqueado por aquela barra que caiu dentro – como se chama? do encaixe. E ao cair, produziu um ruído surdo e eu despertei.

Mais tarde, na entrevista para a BBC, ocorreu o seguinte diálogo:

JUNE KNOX-MAWER: Você viu os feridos sendo carregados?
WINIFRED: Sim, sim e colocados nas cocheiras.
JUNE: Quando você se refere a cocheiras, você quer dizer algo como os estábulos? Eram de pedra?
WINIFRED: Bem, a construção era de pedra, mas era dividida em compartimentos menores para acomodar um cavalo, e uma cocheira... Você não é do interior, é?
JUNE: Era, mas não agora...
WINIFRED: Tinha uma porta dupla, sabe? A parte superior se abre. Você abre a parte superior, e assim o cavalo pode colocar a cabeça para fora mas não consegue sair. Isto é uma cocheira.
JUNE: Ah, agora entendi.
WINIFRED: E quando as duas portas eram abertas, neste caso quando tanto a porta superior quanto a inferior estavam abertas, dava para ver que eram cocheiras, dava para ver que havia duas portas.
JUNE: E era para este lugar que eles levavam os...
WINIFRED: Eles levavam os feridos e os mortos. Isto mesmo.

Em 16 de abril de 1983, Winifred expôs o seguinte relato a Nicholas McClean-Rice.

5. Estou em pé com meu ombro pressionado o portão. Os homens tentam fechar a outra parte do portão[69], gritando: "Fechem o portão!" Eu consigo ver apenas uma parte do portão. Há uma muralha [de] cada lado do portão. Sobre a muralha há soldados com chapéus tricórnios. Eles atiram nos soldados dentro do pátio onde me encontro. Estou no pátio, mas bem rente ao muro.

[69] Por "outra parte" Winifred se referia à outra metade do portão, que era dividido em dois, que se fecharia (no centro) e encontraria a metade que ela empurrava. Diferentes relatos e, às vezes, as minhas próprias frases, se referem de várias formas a "portão" ou "portões". O castelo contava com um portão ao sul, que foi efetivamente fechado e que jamais qualquer soldado francês conseguiu cruzar. O portão norte, sobre o qual estamos nos referindo, era composto por dois painéis ou partes, que se encontravam no meio. As partes são, por vezes, denominadas portões e, em outras ocasiões, como partes do portão.

Há uma casinha em escombros no pátio, com árvores atrás. Do lado de fora, mais acima, vem o som de muitos tiros. Estamos tentando manter estes outros homens do lado de fora, empurrando o portão. Finalmente, o portão se fecha, a barra cai com um ruído e eu acordo. Sempre acordo neste momento.

**Comentário.** Durante uma conversa comigo em 15 de abril de 1982, Winifred disse que o sonho "era sempre exatamente o mesmo". Em sua entrevista para o programa de rádio da BBC, June perguntou a Winifred: "Era sempre o mesmo sonho?" Winifred respondeu: "Exatamente o mesmo." Para Nicholas McClean-Rice, Winifred disse que os sonhos eram "absolutamente idênticos". Vimos, entretanto, que suas descrições nem sempre eram exatamente as mesmas. Porém, elas permaneceram estáveis apesar das variações nos detalhes, que não eram tão conflitantes, exceto pela afirmação sobre a quantidade de homens envolvidos em tentar trancar o portão e se o soldado no qual ela se vira no sonho estava junto ao portão ou apenas atrás de outro homem junto ao portão.

**A qualidade e a associação emocional do sonho.** Em sua carta para mim, de 30 de abril de 1981, Winifred escreveu: "Foi um sonho extremamente real e aterrorizante... Senti um misto de fúria, satisfação e terror que, eu suponho, os homens sintam em uma batalha." Em resposta às questões colocadas por June (antes da entrevista da BBC) ela escreveu, referindo-se ao efeito do sonho sobre ela: "Gostei dele. Foi animado, divertido, aterrorizante e, acima de tudo, intrigante." Em sua entrevista com Nicholas McClean-Rice, em 16 de abril de 1983, explicou: "O que eu não consigo descrever é que ele [o sonho] foi tão real! Foi como se eu estivesse lá, não parecia um sonho!"

**Circunstâncias e freqüência de recorrência do sonho.** O sonho ocorreu pela primeira vez na primeira noite em que Winifred passou no internato ao qual fora enviada aos dez anos de idade. Embora sua irmã mais velha tivesse sido enviada para a mesma escola ao mesmo tempo, ficaram em um alojamento diferente; assim, Winifred estava longe de casa, entre pessoas estranhas pela primeira vez em sua vida. Durante a entrevista para a BBC, contou a June que a cama era fria e desconfortável. Acrescentou: "Tive de me arrastar em cima [da cama] e me senti muito triste, fiquei acordada durante horas. Então, adormeci e tive este sonho pela primeira vez." Ela acreditava que essas circunstâncias, de alguma forma, precipitaram a ocorrência do sonho.

Ela não identificou qualquer fator que parecesse ter estimulado as ocorrências posteriores do sonho. Aconteciam aproximadamente uma vez por ano.

As ocorrências posteriores do sonho não foram desagradáveis. Contou-me que, depois de acordar dos sonhos posteriores, se sentia "animada".

Os sonhos cessaram em 1972 ou 1973, após ter visitado o local da batalha de Waterloo (certa ocasião, ela dissera que os sonhos tinham cessado por volta de 1943, mas geralmente ela dizia que 1972 ou 73 era o ano da última ocorrência).

**A defesa de Hougomount durante a batalha de Waterloo**

Quando a batalha de Waterloo começou, no final da manhã de 18 de junho de 1815, o castelo de Hougomount estava quase na extremidade direita do exército misto (composto de soldados britânicos, holandeses e alemães) comandado pelo duque de Wellington. Pelo fato de o castelo, as edificações circunvizinhas e muralhas serem solidamente construídos de tijolos e pedras, proporcionavam um obstáculo substancial para a ala esquerda do exército francês que Napoleão comandava. Assim, ele iniciou a batalha com uma tentativa de tomar o castelo. Primeiro, os franceses tiveram sucesso ao empurrar os defensores do castelo, que ficaram circunscritos nas matas e no pomar ao redor. Isto lhe permitiu se aproximar até as muralhas do castelo, tentando forçar uma entrada pelo pátio e, desta forma, capturá-lo.

Os soldados aliados se retiraram para o castelo e fecharam os portões, o do norte e o do sul. Entretanto, o portão do norte permaneceu vulnerável. Ele era formado por dois painéis pesados de madeira que poderiam ser bem fechados com uma barra de madeira encaixada nas paredes das laterais do portão. Os franceses, liderados por um tenente extremamente alto que brandia um machado, conseguiram deslocar e abrir o portão. Um pequeno grupo de soldados franceses avançou de súbito para o pátio. O comandante britânico das forças de dentro da fortaleza, o tenente-coronel James Macdonnell, pressentindo o perigo, gritou aos outros oficiais para se juntarem a ele e correu para o portão. Alguns outros soldados se reuniram a eles[70] e, com o auxílio de todos, lentamente empurraram os painéis do portão, sobrepujando a força dos soldados franceses que tentavam abri-lo. Eles recolocaram a barra nos encaixes e então empilharam o material pesado do lado interno para obter uma barreira a mais contra os franceses que continuavam a tentar arrebentar o portão. Os 20 e poucos soldados franceses que entraram no pátio foram cercados e mortos (apenas o menino que tocava o tambor foi poupado). A guarnição do castelo foi então reforçada e durante o resto da batalha de Hougoumont permaneceu nas mãos dos britânicos.

[70] Paget e Saunders (1992) deram os nomes dos nove soldados britânicos, além do coronel Macdonnell, que empurraram as duas partes do portão de modo a fechá-lo.

Talvez haja mais material escrito a respeito da batalha de Waterloo que sobre qualquer outra batalha. Todos os relatos da batalha enfatizam a importância da defesa de Hougoumont para o resultado final, sendo que alguns lhe devotam grande parte ou um capítulo inteiro (Chalfont, 1979; Hamilton-Williams, 1993). Todas as narrativas mais sérias sobre esta fase da batalha preencheriam um livro inteiro (Paget e Saunders, 1992). Todos os relatos da luta ao redor e por Hougoumont enfatizam a importância crucial do fechamento do portão norte. O próprio duque de Weilington escreveria mais tarde: "O sucesso da batalha de Waterloo se deve ao fechamento dos portões de Hougoumont" (Macbride, 1911, p. 123).

A fama e o conhecimento amplamente divulgado sobre Hougoumont entre os ingleses exerceu obviamente um certo peso sobre a questão se o sonho de Winifred não teria se originado de uma informação adquirida por meios normais.

**A visita de Winifred a Hougoumont**

Por volta de 1972 (pode ter sido em 1973), Winifred e o marido visitaram o local da batalha, inclusive o castelo de Hougoumont. Este foi o seu relato feito a June Knox-Mawer, durante sua entrevista para a BBC em 7 de abril de 1983: ...entramos no pátio e minha primeira sensação foi de desapontamento, pois o portão era totalmente diferente, mas ele já fora modificado e tinha ficado ao relento por mais de 20 anos. Olhando em volta, não havia a casinha... a esposa do fazendeiro nos mostrava o local e eu comentei: "Este portão é novo." Ela respondeu: "Sim, senhora, o outro estava muito velho." Eu disse que deveria haver um pequeno estábulo por lá. Ela me lançou um olhar bastante estranho e respondeu: "A senhora já esteve aqui antes?" A construção existiu, mas estava caindo aos pedaços e então foi demolida.

Em relação a outro detalhe, Winfred disse em dois de seus relatos que as cocheiras ainda existiam lá no pátio. Em uma carta escrita a mim em 16 de junho de 1983 – que acabou sendo sua última – escreveu: "Senti que a minha visita a Hougoumont em 1972 não foi a visita a uma fazenda desconhecida em um país estrangeiro, mais parecia um retorno a algum lugar que conheci na minha juventude."

**Minha visita a Hougoumont**

Apesar de ter lido muito a respeito da batalha de Waterloo, pensei que poderia apreciar melhor o sonho de Winifred se visitasse o local. Assim

sendo, fui para lá em 11 de novembro de 1997. Andei ao redor dos três lados do castelo e também entrei no pátio. O castelo e muitas das construções foram irreparavelmente danificadas durante a batalha e não foram substituídas. Paget e Saunders (1992) forneceram os dois esboços mostrando a extensão das construções em 1815 e nos anos 1900. Não identifiquei nenhuma construção que, a meu ver, pudessem ser estábulos, ou seja, cocheiras com portas divididas ao meio para que a parte superior pudesse ser aberta enquanto a inferior permanecesse fechada. Uma construção onde estava o equipamento da fazenda parecia ser relativamente nova e pode ter substituído as construções que Winifred chamava de "cocheiras".

Pude ver que não havia construções pequenas, seja um estábulo ou para outros fins, junto à muralha norte. Esboços e diagramas da distribuição da área do castelo em 1815 mostram que na época existia uma construção onde Winifred disse existir um pequeno celeiro (Paget e Saunders, 1992; Hamilton-Williams, 1993). As ilustrações mostraram que, em 1997, não havia construções junto à muralha norte em nenhum dos lados do portão norte.

**As outras experiências aparentemente paranormais de Winifred**

Antes de descrever a explicação predileta de Winifred e a minha própria interpretação para o seu sonho recorrente, vou relatar resumidamente outras experiências pouco comuns experimentadas por ela.

Contou que, em sua tenra infância, teve uma experiência de flutuar com o corpo da parte de cima da escadaria até embaixo. Ela insistiu que não foi uma experiência extracorpórea; seu corpo inteiro parecia se mover sem esforço de sua parte. Pensou que aquilo fosse natural e nunca contou a ninguém a esse respeito.

Winifred era muito afeiçoada a seu avô paterno e achava que era provavelmente a sua neta predileta. Certo dia, em fevereiro de 1913, quando tinha pouco mais de dez anos, foi visitá-lo em casa, que ficava a uns três quilômetros de onde sua família morava. O avô, que tinha 67 anos, parecia estar saudável e de bom humor. Entretanto, naquela noite, de volta à sua casa e já na cama, a menina acordou e contou à irmã que o avô tinha acabado de morrer. Um pouco mais tarde, seu tio chegou à casa e ela o ouviu dizer que o avô acabara de falecer.

Quase aos vinte anos, durante um crise de enxaqueca, ela teve uma experiência na qual ela parecia estar acima de seu corpo na cama, olhando de cima para baixo, junto ao teto.

Em setembro de 1927, quando ela tinha 24 anos e estava casada, sua mãe lhe pediu que cuidasse da casa enquanto ela (a mãe) ia ajudar a outra

filha que tinha uma filhinha pequena e estava ocupada com a mudança da casa. Winifred concordou e foi para a casa da família. Quando estava quase chegando lá, começou a sentir uma intensa dor no abdômen. Sua mãe já tinha saído para ir à casa da outra filha. Winifred se sentiu tão doente que pensou estar morrendo. Começou a pensar na mãe e a desejar em silêncio que ela voltasse para casa.

Uma hora mais tarde, sua mãe retornou de carro. Ela tivera tanta certeza de que Winifred precisava dela que nem se dera ao trabalho de ligar para confirmar a sua impressão, virou o carro e voltou direto para casa e para a sua filha[71]. A mãe levou Winifred imediatamente ao médico, que afirmou que ela desenvolvera uma peritonite aguda; foi operada no dia seguinte e se recuperou.

A última experiência relatada ocorreu no início de 1983. Ela estava doente, com pneumonia, e o médico lhe havia prescrito um remédio, mas à noite Winifred estava "com um sentimento horrível, com vontade de chorar, extremamente infeliz". Ela então percebeu duas formas vagas, como que humanas, que não conseguiu reconhecer. Apesar disso, ela ouviu vozes. Uma delas disse: "Eu gostaria de poder lhe contar que estamos pensando nela."

A outra voz respondeu: "Olha, eu tenho certeza que ela sabe." Ela reconheceu a primeira voz como a de sua mãe e a segunda de seu marido (ambos falecidos).

**A explicação de Winifred para seu sonho recorrente**

Um tio afastado da mãe de Winifred, cujo sobrenome era Twitty, lutara na batalha de Waterloo. A mãe de Winifred não era descendente desse tio e sequer sabia o seu primeiro nome. O serviço de busca genealógica (Debrett Ancestry Service) descobriu que um certo Thomas Twitty constava da lista de Medalhas de Waterloo (Winifred permitiu que eu obtivesse cópias da correspondência relevante com Debrett). Thomas Twitty, entretanto, fazia parte do corpo de Guardas Granadeiros, que não estivera envolvida na defesa de Hougoumont (os Coldstream e os Third Guards estiveram). Além disso, o nome Twitty não constava da lista dos dez soldados (dos Coldstream e dos Third Guards) que empurraram o portão norte até fechá-lo (Paget e Sauders, 1992).

Assim mesmo, a interpretação da própria Winifred para seu sonho recorrente era que seu tio distante, que lutara em Waterloo, estava de alguma

[71] "Impressões telepáticas", como as chamo, e ações em resposta às impressões parecem ocorrer com freqüência, embora não tenhamos conhecimento específico de sua incidência (Prince, 1931; Stevenson, 1970a). Neste exemplo, Winifred era a emissora ou agente e a sua mãe, a perceptiva.

forma se comunicando com ela e lhe impondo as próprias memórias. Ela imaginava que o tio queria compartilhar sua experiência com um membro da família e escolheu Winifred por suas qualidades próprias de soldado para ser a receptora. Após a sua ida a Hougoumont, Winifred acredita que o tio desencarnado ficara satisfeito por ele ter comunicado adequadamente o que ele queria que fosse conhecido, e os sonhos cessaram. Winifred rejeitou a sugestão de que o sonho pudesse ter se originado de uma vida passada e me disse: "Não quero acreditar em reencarnação." Ela escreveu para June Knox-Mawer que ele (o Dr. Stevenson) "tomou o meu relato do sonho a sério e tentou me fazer concordar com a sugestão de reencarnação" (farei um comentário a esse respeito abaixo).

**Comentários**

Dado o fato de Winifred ter um tio que – segundo legado familiar – lutara em Waterloo, podemos esperar que Winifred teria sabido algo, mesmo que não muito, sobre Waterloo antes de seus sonhos terem se iniciado, aos dez anos. Ela nega; disse que sua mãe jamais falou sobre a batalha e que, na realidade, ela (Winifred) jamais ouvira falar dessa batalha antes de sua mãe ter sugerido que seu sonho poderia se referir a ela. Como possível fonte de informação a respeito da batalha, Winifred negou os ensinamentos de sua governanta que tivera em casa antes de ir para o internato aos dez anos; comentou que a governanta jamais ensinara história de modo consistente.

Preciso enfatizar que não houve registro algum escrito do sonho de Winifred até ela estar com quase 80 anos de idade. Parece-me possível que originalmente ela tivesse tido um sonho um pouco diferente do que nos narrou. Com certeza, mais tarde, ela leu bastante sobre Waterloo, e seu marido, que estudara história na Universidade de Cambridge, era um grande especialista nas campanhas de Wellington. Dois de seus livros, que eu consultei no preparo deste relatório, reproduzem uma conhecida pintura que mostra a cena do fechamento do portão em Hougoumont. A pintura é de Robert Gibb, artista escocês, e foi pintada na segunda metade do século XIX. A data exata da pintura é desconhecida e não é importante.

Ela está pendurada no Museu Scottish United Services, no castelo de Edimburgo.[72] Devido ao conhecimento adquirido sobre a batalha por Winifred, mais tarde, de modo natural, parece difícil excluir a possibilidade de que a lembrança de um sonho que ela tivera sobre a batalha, envolvendo uma fortaleza

[72] Esta e outras pinturas da batalha ao redor de Hougoumont foram feitas muito tempo após a batalha. Elas são um pouco romanceadas e não devemos considerá-las como prova.

com portões a serem fechados, fosse mudada nos relatos que ela nos forneceu na década de 1980. Com certeza, não posso refutar esta interpretação.

Entretanto, ainda permanecem obstáculos para a sua aceitação. Primeiro, exige a suposição que uma mulher inteligente – como eu a julguei – tenha enganado a si mesma contando primeiro que o sonho, em suas características principais, não mudara em nada desde a época em que tinha dez anos de idade e, segundo, que ela não sabia nada sobre a batalha de Waterloo antes de começar a ter os sonhos. Além disso, os detalhes do sonho contêm três itens – dois dos quais verificáveis – que não acredito que Winifred possa ter descoberto normalmente, que são os seguintes:

1. Os soldados franceses atirando de cima do muro contra os soldados britânicos que estavam dentro do pátio do castelo. O livro de Howarth sobre Waterloo reproduz uma foto da pintura da cena em Hougoumont onde se pode ver um soldado atirando do muro (Howarth, 1968). Winifred possuía uma cópia deste livro, porém ela só o leu após a sua publicação, em 1968.

Paget e Saunders (1992) descrevem como um soldado francês fica em pé sobre os ombros de um colega e mira, de cima do muro do pátio, no tenente-coronel Henry Wyndham, que era um dos oficiais ativos, na tentativa de fechar o portão. Um soldado britânico atirou e matou o francês antes que ele conseguisse mirar bem.

2. Pelo que eu saiba, as pequenas construções mencionadas por Winifred que se localizavam perto dos muros ao lado do portão norte não foram mencionadas ou mostradas nos textos sobre a batalha, até as publicações detalhadas da década de 1990 (Paget e Saunders, 1992; Hamilton-Williams, 1993). Pude constatar pessoalmente que essas construções, que se sabe terem existido antes, não estavam mais presentes em 1997 e provavelmente não existiam mais em 1972, como Winifred afirmou.

3. Finalmente, há o detalhe das "cocheiras", com as portas divididas ao meio, onde os feridos eram atendidos. Não encontrei esta descrição do lugar para onde os feridos eram levados. Paget e Saunders (1992) se referem aos feridos "nos estábulos", mas não entram em detalhes sobre as portas, como Winifred as descreveu. Ela disse ter mostrado essas portas, que ainda existiam em 1972, ao marido; eu não consegui confirmar este fato de maneira independente.

Winifred reclamou (para June, da BBC) que eu teria tentado lhe impor a interpretação da reencarnação. Eu nego ter tentado impingir essa

interpretação sobre ela ou sobre qualquer outra pessoa. Entretanto, cheguei a mencioná-la a Winifred como uma possível interpretação para os seus sonhos, que ela negou.

Ainda lhe fiz algumas perguntas que me pareceram relevantes, sobre a diferença de sexo entre o soldado que ela pensou ter sido no sonho e seu sexo nesta vida. Destes, o único item que parece se encaixar de algum modo com a reencarnação é a sua afirmação de que, mesmo sendo mulher, ela era extraordinariamente corajosa e sua bravura seria comparável à de um homem. Como exemplo desta qualidade, ela mencionou um episódio em que um bêbado de um vilarejo tentou arrombar sua casa. Ela, uma menina na época, tomou uma espingarda, abriu a porta e espantou o intruso, que fugiu apressado. Ao recontar este episódio, ela disse que "freqüentemente se comportava como um homem". Outro exemplo de coragem insólita descrita por ela foi quando certa vez viu um cão, andando sobre os trilhos, que não saía de lá embora um trem se aproximasse; ela correu até o cachorro e o tirou dos trilhos um pouco antes que o trem o atingisse.

## JOHN EAST

Raramente publiquei um relatório de alguém que eu não conhecesse. Este livro contém cinco exceções, e esta é uma delas. Assim mesmo, eu poderia dizer que quase cheguei a conhecer John East, pois durante o último ano de sua vida trocamos cartas com freqüência – muitas com várias páginas – a respeito de suas experiências. Ele respondeu às minhas perguntas solicitando detalhes sobre seus três sonhos vividos com muita atenção. Já tinha feito planos para encontrá-lo em 1962, quando soube de sua morte. Ele me disse em algumas cartas que andava doente, porém a sua morte foi para mim algo inesperado, pois a última carta que recebi fora escrita quatro dias antes de ele morrer e não mostrava que tivesse problemas de saúde.

### Resumo do caso e sua investigação

John East nasceu no Reino Unido em 4 de outubro de 1883. Sua família era abastada e ele teve a liberdade de buscar os próprios interesses. Após estudar em Eton, passou um ano em Oxford, mas achou a vida universitária enfadonha. Ele quis entrar no exército, mas foi rejeitado por causa da visão deficiente. Os três anos seguintes foram passados caçando animais de grande

porte em três continentes. Retornou à Inglaterra e, a partir de 1912 até 1927, com exceção de três anos de serviço militar no exército durante a 1ª Guerra Mundial viveu em uma grande propriedade do interior, cuidando das plantações e caçando quatro dias por semana. No outono, ele, com freqüência, perseguia os alces e caçava tetrazes na Escócia. Em 1927, aos 44 anos, decidiu abrir um negócio, porém nada deu certo e ele voltou à vida de fazendeiro-cavalheiro. Casou-se três vezes. Seu terceiro casamento foi especialmente feliz; sua esposa faleceu antes dele. Ele morreu em 1962, aos 79 anos.

Em 1927, John teve dois sonhos em noites sucessivas, que foram tão reais que ele decidiu anotá-los, o que foi feito no meio da noite (após o segundo sonho). Na manhã seguinte, ele fez um esboço da casa vista no segundo sonho. Em 1950, ele teve o terceiro sonho que se relacionava com os dois primeiros. Parecia que o cenário foi a casa vista no segundo sonho, em 1927.

Em 1954, uma revista ilustrada semanal inglesa publicou fotos e a planta de uma grande mansão no interior, Shredfield Hall, em Staffordshire, e John instantaneamente "reconheceu" a casa de seus sonhos.

Além das anotações feitas no meio da noite, John não fez qualquer registro escrito de seus sonhos até 1949. Em 1950, ele acrescentou ao seu relato informações adicionais após o seu terceiro sonho naquele ano. Ele fez mais acréscimos após ter visto as fotografias na publicação semanal. Finalmente, em um livro publicado em 1960, ele incluiu um relato dos sonhos e suas tentativas para confirmá-los (East, 1960a). Um amigo meu fez a resenha do livro no Journal of the Society for Psychological Research (Heywood, 1960). Pedi ao meu amigo que repassasse uma carta minha a John e assim começou a extensa correspondência que mantivemos até a sua morte, no início de 1962.

Durante nossa troca de correspondência, John me enviou suas anotações, feitas após o segundo de seus três sonhos, o rascunho do relato escrito sobre o seu sonho antes de sua publicação e alguma correspondência relevante. Fiz cópias de todos e os devolvi. Ele permitiu que eu publicasse o que quisesse, desde que ocultasse a identidade das pessoas envolvidas (o nome "John East" é um pseudônimo que ele adotou, mas ele usou seu nome verdadeiro na correspondência).

Antes da publicação deste livro, John fez algumas averiguações sobre o possível local e o período de ação de seus sonhos, que ele acreditava firmemente terem se originado de uma vida passada. Chegou à conclusão que se referiam à vida de um jovem oficial britânico que participara de uma guerra entre a Grã-Bretanha e Mianmar (ex-Birmânia), mais tarde conhecida com a 1ª Guerra Birmanesa, que se estendeu de março de 1824 até fevereiro de 1826. Após a morte de John, continuei as averiguações, visando obter mais confirmações. Vou protelar um relato sobre elas até descrever os sonhos. Por esta razão, passo inicialmente à transcrição dos rascunhos das anotações de John,

feitas imediatamente após o segundo sonho em 1927 e, em seguida, menciono o relato muito mais detalhado, que ele escreveu posteriormente.

**Rascunho das anotações feitas por John imediatamente após o seu segundo sonho**

O soldado branco de cavalaria junto com os oficiais aparentando serem da marinha, mas não totalmente.
Estudando muitos mapas e cartas geográficas.
Uma espécie de disciplina da marinha (Marinha Indiana?)
Muito quente e úmido, vivendo em uma barcaça em um rio.
Apenas uma enorme bagunça e uma antessala.
A terrível solidão e o horror. A doença.
A brincadeira de escorregar nas tábuas do deque.
A dança dentro do chalé na praia, cadeiras de bambu.
Garotas mestiças[73]. A garota morena com as camélias vermelhas?
Não! Você dança esta comigo, é claro. E a última vez.
O quê? Indo para casa?
Pensamentos sobre a casa.

Comentário. As anotações são obviamente fragmentadas e seu valor principal está em mostrar a importância que John dava aos sonhos. Ele afirmou que tivera os sonhos durante um período em que estava lendo um livro popular sobre profecias, An experiment with time, publicado pela primeira vez em março de 1927 (Dunne, 1927). A datação desses dois sonhos é fixada pelo papel timbrado usado por John para fazer estas anotações. Logo em seguida, ele se mudou de casa e imprimiu outras folhas de papel com o novo endereço.

**Relato detalhado dos sonhos de John**

O relato a seguir foi extraído do rascunho feito por John a partir de seus sonhos e anotado pela primeira vez em 1949. Ele o revisou mais tarde, aumentando-o após o terceiro sonho em 1950. Omito alguns comentários interpretativos feitos por John, para que os leitores possam estudar o relatório do sonho sem interrupções.

[73] John juntou a seguinte nota à transcrição das anotações feitas em maio de 1961: "Os birmaneses não são muito escuros, são de cor de café-claro. Eles podem parecer mestiços." Na época em que fez esta anotação, ele já sabia que os detalhes de seus sonhos correspondiam aos acontecimentos em Mianmar.

Buscando a clareza das explicações, chamaremos a pessoa que tem o sonho de A e o personagem principal do sonho, de B. Havia então duas consciências definidas, A e B; A parecia estar sempre observando B, pois aparentemente estava sempre um pouco atrás de B e um pouco à direita, tendo perfeita consciência do que se passava na mente de B, como se A fosse B, além de ser o observador.

O sonho começa com A, "o sonhador", tendo a consciência de que B subia pelo largo passadiço do navio, até o convés aberto. Não havia espelho nos degraus, assim B podia ver entre os degraus o que acontecia no convés inferior. Quando lá chegou, ele parecia estar à meia-nau, teve a sensação, que ele considerou bem-vinda, do frescor do ar marinho e da luz quase ofuscante após a semiescuridão, aliviando o efeito de ficar confinado durante dias em uma cabine de proporções muito pequenas, escura e malcheirosa; um sentimento de força rapidamente retornando, após dias de doença; de calma após a tormenta.

A, por meio de B, inicialmente tomou ciência de toda a brancura, uma expansão do deque branco, as altas amuradas com uma longa linha de brancura ao longo do topo que avista o mar azul, cobertas de branco, tudo revelado pelo movimento suave do navio. Acima, amontoavam-se camadas e camadas de lona branca em tamanha quantidade que quase encobriam o céu azul salpicado aqui e ali por nuvens brancas. A impressão que ficava era que o navio não pertencia à Marinha, e que os uniformes dos oficiais não eram uniformes navais, embora fossem de tipo semelhante...

A teve consciência e observou ainda a roupa de B, uma túnica de cor escarlate até a altura da cintura, com duas fileiras de botões dourados e caudas curtas atrás, com calças brancas. Os paramentos ou punhos eram amarelos. A notou que o tecido era de um material mais grosseiro e mais fino que o usado para o uniforme completo moderno; a superfície era mais áspera, não tão lisa. Ele observou o colarinho ou a gola alta e sentiu o desconforto do aperto em seu próprio pescoço.

Ao deixar o largo passadiço, viu-se diante de um oficial, vestido de forma igual, um jovem muito mais baixo que ele, com cabelo claro quase amarelo e uma promessa de costeletas e bigode, que lhe disse sorrindo: "Ah, então você já está bem, que bom tê-lo de volta."

A percebeu em B um sentimento de superioridade, de condescendência ao lidar com alguém de status social mais baixo, como se tivesse concordado, por algum tempo, em desempenhar um papel. Algo desta atitude da mente de B parecia estar presente o tempo todo. Embora isso fosse perfeitamente natural para B, infundia em A uma sensação peculiar de que B nem sempre, na verdade, se comportava com bom gosto.

Assim que B começou a falar, a cena foi se apagando, como se fosse uma vinheta com os lados se fechando sobre uma fotografia.

Então surgiu outra cena, que parecia se passar alguns dias mais tarde. Havia a impressão de uma grande cabine de teto baixo, com vista para a popa do navio, os oficiais mais velhos em pé ao redor de dois ou três outros, sentados à mesa, onde havia muitos mapas e cartas geográficas espalhadas. B, embora fosse jovem em idade, parecia deter um posto de categoria superior e era consultado assim como os outros... Uma das cartas mais observada se referia ao curso de um rio.

A cena seguinte começou imediatamente em seguida – uma sensação de intenso calor, opressão e umidade, de depressão e fadiga em relação às condições existentes. Era um cômodo grande, forrado de tábuas, e um pouco vazio, com teto baixo; através de suas portas e janelas podia se ver a plataforma estreita da popa do navio ou uma parte do convés e, além deste, uma extensão de água tremeluzindo à luz da noite através de nesgas de vegetação escura. Uma barcaça grande, quase que totalmente tomada pela cabine no convés, ancorou na margem estendida do rio, sufocante, pegajoso, tomado pelos mosquitos; uma sensação de exaustão, de atraso e de frustração. Dominando tudo, o calor. Uma cena de oficiais superiores tristes, na maioria enfraquecidos pela doença e apáticos com a sensação de terem sido esquecidos, o conhecimento de um grupo escasso de homens exaustos, de uma campanha terminada, aguardando a boa vontade de alguém para serem repatriados.

A sabia de tudo isto por meio do conhecimento instantâneo de tudo o que se passava na mente de B. Ele também tinha consciência da aparência de B, alto, de ombros largos, mais musculoso que a maioria, de cabelos escuros e agressivo por natureza.

B agora parecia ser o ator principal da cena, embora os oficiais superiores em idade ficassem à parte. Ele parecia ser o único que ainda permanecia repleto de energia, tentando superar a apatia dos colegas, incentivando-os a participar de um jogo novo, uma espécie de brincadeira. Embora o cômodo estivesse bastante cheio, abriram um pouco de espaço. Um deles pegou velocidade correndo até certo ponto e tentou deslizar pelo chão o mais longe possível, atravessando o piso, e a marca de chegada de cada homem era feita no chão com um giz. Com certeza, isto serviu para aumentar ainda mais o intolerável calor úmido, mas era uma brincadeira nova, um alívio para o tédio reinante já há algum tempo, enquanto a desculpa da aposta bastante pesada ajudava a retirar da mente o pensamento sempre presente: “Quando vão nos chamar de volta? Quando vamos partir para casa?” E sempre havia o calor e a umidade, os insetos, os colarinhos altos e apertados, a sensação de terem sido esquecidos, quase a desesperança.

A cena a seguir veio na noite seguinte. Um quarto em um grande chalé de praia, à beira d'água. De novo é noite, mas desta vez houve um jantar um pouco mais sofisticado que o usual, bastante vinho. Parece que havia cadeiras de bambu. O calor ainda estava presente e também o sentimento de ter sido esquecido. Nesta cena, havia duas ou três nativas presentes, baixas e de pele levemente morena, usando casacos curtos e saias justas; os oficiais mais velhos estavam um pouco indiferentes aos mais jovens barulhentos, e o mais barulhento deles era B. Em algum lugar havia uma banda. Uma das nativas se agarrava a B, convocando-o para dançar. Ela tinha flores vermelhas no cabelo e segurava seu braço esquerdo, pedindo em um inglês bastante precário: "Você não vai para casa, nunca me deixa, você fica." B, pensando em algo que não ficou claro para A, tentando se livrar da mulher, respondeu num tom irritado: "Não! Nunca vou te deixar, nunca vou embora. Ai, que chateação de mulher!"

Naquele momento, um oficial veio correndo pela porta com o rosto alvoroçado, balançando uma longa folha de papel e falando alto: "Finalmente, recebemos uma ordem! Vamos pra casa!" B, meio que se virando na direção dele, sentiu um ânimo repentino, uma sensação crescente de alegria e também de alívio por todo o corpo, e gritou: "O quê? Voltar para casa?"

Essas três palavras atingiram o "sonhador" como um grito, quase que como para acordá-lo, como um golpe mental que nunca poderia ser esquecido. Ao mesmo tempo, ele percebeu o pensamento rápido de B: "Meu Deus! O que foi que eu disse?" A, totalmente impotente, viu a mulher, que agora estava atrás de B, com um olhar de ódio e determinação no rosto, obviamente percebendo a importância das palavras de B, que se esforçava para se desvencilhar dela. Rapidamente ela retirou uma longa adaga da liga e, com toda a força, golpeou-a até o cabo no espaço do flanco esquerdo do pescoço de B, entre os ossos da clavícula e dá omoplata, cravando-a bem fundo.

Assim que ela golpeou, A teve a sensação de se tornar B total e completamente. Foi no seu próprio ombro que ele sentiu o golpe e uma dor aguda. Sentiu fraqueza nos joelhos, as pernas cederam sob ele, e as pessoas da sala pareceram se elevar em direção ao teto. Alguém tentou segurá-lo sob os braços, ele sentiu o queixo pender e tudo ficar envolto em névoa. Então, ouviu uma voz: "Segurem! Segurem! Não deixem ela fugir!" Agora não havia um observador, apenas uma consciência, desaparecendo vagarosamente. No momento dessa dissipação, caindo em si que ele agora nunca mais voltaria para casa, uma cena se ergueu diante de sua mente, como se ele a estivesse experimentando novamente. Ele estava sobre um enorme cavalo negro, em trajes de montaria, uma casaca preta típica e botas pretas bem engraxadas, cavalgando por um enorme parque plano, sob antigos carvalhos, através dos quais ele podia ver a casa da qual se aproximava.

Parecia ser uma casa branca, baixa e comprida com pouco mais que dois pisos. Ele se aproximou pelas árvores à direita da frente da casa e pôde ver duas janelas grandes em arco, erguendo-se na altura dos dois pisos em cada extremidade da fachada da casa. A frente da casa tinha um pórtico de colunas que dava adiante para um lance de alguns degraus baixos, que levavam para um caminho até o parque ao longe. De cada lado da varanda a casa se estendia com uma fachada comprida sem interrupção.

Satisfeito pela alegria de viver e pelo conhecimento de que poucos além dele conseguiriam manobrar o enorme cavalo, sua mente estava concentrada em sua missão para dizer a ela, que o aguardava dentro da casa branca, que ele finalmente faria algo com o seu tempo que valeria a pena. Ele tinha conseguido a sua patente e zarparia quase que imediatamente para a nova guerra. Ele estava convicto que ela teria orgulho do que ele fizera e que ela o aguardaria. Então, lentamente, consciente de que sua cabeça tinha pendido para frente enquanto alguém tentava erguê-lo, a vida se esvaiu dentro da escuridão e "o sonhador" despertou.

**Acrescentado em junho de 1950**

Em junho de 1950, houve um outro sonho, curto, quase instantâneo, mas tão claro e preciso em sua natureza quanto as cenas anteriores, com a mesma qualidade inesquecível. Sem dúvida, fora inspirado pelo fato de que não muito tempo atrás o relato acima fora reescrito a partir das anotações e que todo o fato tinha retornado vividamente à mente.

A, "o sonhador", teve ciência de um quarto grande, no qual um dos lados era amplamente tomado por enormes janelas em arco, muito largas, com bandos largos do tipo georgiano. Havia um papel de parede suave com um desenho pálido. A lareira ficava no centro da parede à direita quando se postava diante da janela, e havia uma pequena porta na mesma parede entre ela e a janela. A cama de dossel ficava no centro da parede diante da janela com a porta para o quarto no canto à esquerda. Havia um guarda-roupa ou uma cômoda de mogno ao centro, do lado esquerdo da parede. Parecia haver uma penteadeira no centro da janela com um pequeno suporte de bacia à sua direita.

Entre a lareira e a janela em arco estava B com os mesmos trajes de montaria escuros, sendo evidente que tinha acabado de chegar. A teve a sensação de estar aguardando a bagagem dele chegar pela charrete. B olhava ao redor da sala com intenso prazer e A, como antes, vivenciou seu pensamento. Que prazer estar aqui novamente, vai demorar para eu retornar. Ela estaria

embaixo esperando B porque era a casa dela, a casa branca e comprida dentro do parque e ele tinha vindo para se despedir.

Tudo aconteceu naquele piscar de olhos, a consciência do aposento, da mobília, da casa, do parque e do que se passava na mente de B. Um fato importante: atrás de B, na parede da lareira entre a janela em arco e a lareira, havia uma porta que A conhecia por meio da mente de B, que dava para uma saleta ou closet. Isso pareceu estranho a A, porque aquela parede deveria ser o fim da parede da casa, e não deveria haver espaço para um aposento lá.

Este sonho não foi mais que um piscar de olhos momentâneo, mas foi muito nítido, e sua ligação com os sonhos anteriores é bastante inconfundível. Neste sonho, A parecia estar em pé um pouco adiante da porta do quarto.

**Três comentários sobre os sonhos acrescentados por John East**

1. Uma questão me ocorreu desde que escrevi o texto acima. Sempre fiquei intrigado com o fato de que B, a personalidade real para quem esses eventos aconteceram e o mesmo que o reencarnado A, que vivenciou os sonhos, sendo tão jovem, estivesse presente no navio após a conferência dos oficiais de alta patente na cabine, imediatamente antes da atracação. Também há a impressão de sua autoridade nas cenas na barcaça e na noite final. Isso poderia ser amplamente atribuído por conta de B ter comprado a sua patente de oficial graduado, ou mesmo o comando de um regimento. Naquela época [primeira metade do século XIX] essas coisas aconteciam... Os regimentos eram normalmente comandados por homens bastante jovens com título e dinheiro.
2. Observa-se que o sonho final, o de B no quarto com a janela grande em arco, ocorreu em 1950 e foi imediatamente registrado no dia seguinte.
3. Todos os incidentes, todos os pensamentos, todas as sensações sempre permaneceram fixadas claramente na mente do sonhador desde essas duas noites. O sonho foi totalmente consistente e coerente do começo ao fim. Não há nada que não possa ter ocorrido exatamente como no sonho. A seqüência de acontecimentos foi perfeita.

**Comentário.** Em todos os sonhos, John East como A parece ter sido mais um espectador de B e de suas ações. Esta separação entre A e B fica especialmente clara no terceiro sonho quando B está em pé entre a lareira e a pequena porta perto da janela em arco que levava para a saleta ao lado. A estava do outro lado do quarto, perto da porta que dava para a sala do corredor. O aposento só tinha essas duas portas.

**As pesquisas de John East para a confirmação de detalhes dos sonhos**

Em algum momento entre os dois primeiros sonhos e o terceiro, John East perguntou a um amigo, especialista em uniformes do exército e em história militar, se houve alguma campanha militar em um clima muito quente e úmido, na qual os soldados usavam uniformes como os que ele viu nos sonhos, moravam em barcaças e esperaram muito tempo antes de serem enviados para casa. Seu amigo imediatamente sugeriu que todos esses detalhes se ajustavam à lã Guerra Birmanesa de 1824-26 (Doveton, 1852; Laurie, 1880; Trant, 1827).

As pesquisas de John East o levaram para outras fontes que confirmaram essa probabilidade e até a exatidão de detalhes de seus sonhos. Por exemplo, em seu relatório do primeiro sonho, ele declarou que teve a impressão de que "o navio [transporte de soldados] não pertencia à Marinha e que os uniformes dos oficiais não eram uniformes navais, mas de um tipo semelhante". De fato, os soldados que participaram da 1- Guerra Birmanesa foram transportados em navios da Companhia das Índias Orientais (Laurie, 1880). Seus oficiais usavam uniformes que, de certa forma, eram parecidos com os uniformes navais, embora não fossem exatamente iguais (Chatterton, 1914).

Ainda mais impressionante para John East foi o seu reconhecimento da casa, Shredfield Hall, em uma revista semanal ilustrada, para a qual B cavalgou no segundo sonho (após ter sido esfaqueado) e onde ele se viu em pé dentro de um quarto no terceiro sonho. A revista semanal ilustrada publicada na década de 1950 tinha várias fotografias mostrando Shredfield Hall e também um diagrama dos aposentos do piso inferior.[74] Shredfield Hall era uma casa branca comprida com um pórtico com colunas na frente. Perto de cada extremidade da casa havia uma janela abaulada em arco. A parte central da casa tinha três pisos, não dois como B parecia se lembrar. John East pensou que as árvores ao sul da casa das fotografias publicadas na revista semanal ilustrada não pareciam as mesmas pelas quais B ("o sonhador") cavalgou até chegar à casa. Ele consultou um livro descrevendo e ilustrando as localidades no campo de pessoas notáveis do início do século XIX (Neale, 1821). Uma vista de Shredfield Hall nesse livro mostra que o bosque na extremidade sul da casa, que figurava em fotografias da revista semanal, não estava presente em 1820; este detalhe correspondia à visão das árvores perto da casa enquanto B cavalgava em direção ao canto sudeste.

Para John East, a confirmação mais impressionante vem da planta dos

[74] O respeito à privacidade dos atuais donos de Shredfield Hall me obriga a não publicar quaisquer detalhes dos artigos na revista semanal que pudessem identificar a casa.

aposentos no piso inferior de Shredfield Hall, publicada na revista semanal, que mostra, na extremidade sul da casa, um aposento grande com uma janela em arco e uma porta perto da janela levando a uma saleta ao lado. A revista dizia que esta parte da casa tinha sido alterada na segunda metade do século XVIII a fim de propiciar quartos menores para os donos. O quarto com a janela grande em arco é marcadamente assimétrico por causa da divisão posterior aparente de transformar um quarto maior em dois menores. O aposento correspondente com uma janela em arco na extremidade norte da casa é exatamente do mesmo tamanho que os dois quartos menores da extremidade sul. John East acreditava que o quarto em que B estava em seu terceiro sonho era de formato tão incomum (por ter sido feito da divisão de um quarto maior), sendo portanto especial. Ele estava convencido de que Shredfield Hall era a casa que figurava no segundo sonho de 1927 e no sonho de 1950.

Os donos de Shredfield Hall figuram na lista de diretório de nobiliarquia das famílias britânicas. De uma dessas listas, o Burke's Peerage, Baronetage and Knightage (Townend, 1826/1963) e pela correspondência com o editor de Peerage, John soube que o dono de Shredfield Hall na década de 1820 tinha duas irmãs solteiras, Wilhelmina e Helen, que deviam morar com ele. Ele lançou a hipótese que essas irmãs, nascidas em 1807 e 1808, seriam jovens demais para o casamento em 1824. Portanto, imaginou que B se apaixonara por uma delas e tenha decidido preencher o tempo de espera até ela ficar com a idade apropriada, comprando uma patente no exército e partindo para a guerra na Birmânia [atual Mianmar]. As cenas de equitação até a casa e a espera no aposento estranho com a janela em arco ocorreram quando ele foi se despedir da garota pela qual ele estava apaixonado.

Durante sua correspondência comigo em 1960-62, John East expressou completa confiança de que os sonhos se originam de lembranças verdadeiras de uma vida passada. Entretanto, ele não solucionou o caso por não ter sabido de nenhum jovem cujos acontecimentos na vida correspondessem aos de B em seus sonhos.

**Pesquisas posteriores em relação à confirmação de detalhes dos sonhos**

Em minha correspondência com John East, fiz algumas perguntas sobre detalhes. Por exemplo, ele descrevera o aposento com a janela em arco onde B estava no terceiro sonho como sendo no segundo piso da casa. Ele se referiu à garota com a qual ele viera se encontrar como se ela estivesse esperando por

ele “embaixo”. Escrevi-lhe que a planta dos aposentos publicada na revista semanal mostrava a divisão dos aposentos do primeiro andar ou do piso térreo, não a do segundo piso. A minha indagação a respeito, John East respondeu que ele cometera um erro e deveria ter dito que B estava esperando no quarto com uma janela em arco no primeiro piso.

No segundo sonho, B tinha uma amante birmanesa que o matou quando ele se alegrou com a notícia de que retornaria à casa. No relato mais detalhado do segundo sonho, John East se lembrava de B aguardando as notícias sobre ordens para voltar para casa. Nas anotações escritas, imediatamente após o segundo sonho, a amante birmanesa se refere à próxima dança como sendo a “última”, sugerindo alguma intimação para a partida de B. John East explicou esta possível incongruência enfatizando que, com certeza, os oficiais e os soldados aguardavam serem enviados para casa brevemente e que seria razoável para eles – e para as suas amantes – pensar que qualquer dança pudesse ser “a última”.

Além de examinar as fotografias e o texto dos artigos sobre Shredfield Hall na revista semanal, confirmei a exatidão da descrição de John em relação aos uniformes usados pelo Exército Britânico no período da 1- Guerra Birmanesa. Também confirmei o que John descobrira sobre o uso de navios da Companhia das Índias Orientais para o transporte de soldados para o sul da Ásia e sobre os uniformes dos oficiais dos navios (Chatterton, 1914). Examinei a gravura de Shredfield Hall em Neale (1821) e notei alguma diferença nas árvores do lado sudeste da mansão entre o que Neale mostrava e as fotografias da década de 1950. (Não considerei a diferença significativa.)

**Esforços para identificar uma pessoa correspondente a B nos sonhos**

Shredfield Hall fica em Staffordshire, e é razoável supor que um homem como B cavalgando para visitar uma garota em Shredfield Hall morasse em Staffordshire e, ao se alistar no exército, provavelmente ficaria no Regimento de Staffordshire. Tive sorte de poder me oferecer para ajudar o finado Guy Lambert neste caso. Ele era ex-funcionário graduado do Departamento de Guerra do governo britânico, além de ser ex-presidente da Society for Psychical Research.

Ele pesquisou os registros dos regimentos britânicos buscando os que tinham debruns amarelos nos uniformes e descobriu que 31 (dentre quase cem) tinham esses ornamentos. Depois, ele pesquisou os que tinham “Ava”

(a antiga capital da Birmânia) dentre suas honras de batalha. Isto indicaria participação do regimento na Ia Guerra Birmanesa. Descobriu que dez regimentos foram autorizados a usar "Ava" nas honrarias de batalha. Entretanto, desse grupo apenas dois regimentos tinham tanto os debruns amarelos nos uniformes quanto "Ava" nas honrarias de batalha. Destes, um era o 382 Regimento de Staffordshire. De fato, o comandante do Exército Britânico durante a Ia Guerra Birmanesa, o major-general Sir Archibald Campbell era oficial do 38° Regimento.

Então, pareceu coerente pensar que B foi um oficial de baixa patente do 38e Regimento servindo na Birmânia durante a Ia Guerra Birmanesa. O próprio filho de Sir Archibald Campbell, o tenente John Campbell serviu como ajudante de ordens de seu pai durante a guerra. No entanto, ele sobreviveu à guerra e teve uma brilhante carreira militar; tendo sido morto na Guerra da Crimeia.

Em 1970, o Dr. Alan Gauld chamou a minha atenção para o History of the South Staffordshire Regiment (Vale, 1969). Comecei a me corresponder com o seu autor, o coronel W.L. Vale. Ele, por sua vez, se interessou pelo caso e pôde me dizer que, durante a 1ª Guerra Birmanesa, o 38º Regimento perdeu dois oficiais por ferimentos, um que faleceu dentro desse quadro, e nove outros que morreram por doenças. E compreensível que nenhum oficial tenha sido listado como "morto pela amante birmanesa". Qualquer oficial assassinado da forma em que B parece ter sido morto deve ter tido a morte atribuída à doença.

Não podemos ter certeza de que B morreu por ferimento a faca, embora eu ache bem provável. A área do pescoço na qual a birmanesa enfiou a faca tem inúmeros vasos grandes, e o ferimento de um deles – pelo menos na Birmânia em 1826 — teria sido fatal. Enquanto B perdia a consciência, ele teve uma lembrança espocando de volta ao momento em que ele cavalgava para dizer adeus à namorada em Shredfield Hall. Isto pode ser visto como um fragmento do "descortinar da vida" do tipo que ocorre em mais ou menos 13% dos casos de pessoas que chegam à beira da morte e se recuperam (Stevenson e Cook, 1995). Esse "descortinar da vida" também pode ocorrer com pessoas que morrem, portanto sua ocorrência no caso de John East não tem peso na decisão de saber se B sobreviveu ou não aos ferimentos.

Igualmente inútil nesse ponto é a ausência de marca de nascença em John East (em nossa troca de correspondência, ele me disse não ter marca de nascença no local do ferimento de B). Embora muitos sujeitos que alegam se lembrar de uma vida passada, terminada de forma violenta, tenham marcas de nascença correlatas, muitos outros não as apresentam (Stevenson, 1997).

**Será que a vida de B poderia ter ocorrido durante a 2ª Guerra Birmanesa?**

O relatório de John East sobre o segundo sonho enfatiza o tédio e a longa espera pela ordem de regresso ao lar após o término da guerra. A P Guerra Birmanesa terminou com o Tratado de Yandaboo em 24 de fevereiro de 1826. O coronel Vale soube pelos registros do Regimento de Staffordshire (38º) que ele foi transferido para a Índia no início de março, sendo que algumas unidades só partiram em abril. Seis semanas não parecem ser uma eternidade para esperar; mas podem ter sido insuportáveis para um homem louco para retornar à namorada.

Muitos detalhes dos sonhos podem corresponder igualmente às circunstâncias da 2ã Guerra Birmanesa (1852-53). Um outro Regimento de Stattfordshire (80º) participou dela. Os uniformes eram bem semelhantes (inclusive os colarinhos altos ou as golas em pé e os debruns amarelos), os soldados ainda eram transportados por navios da Companhia das Índias Orientais, e os oficiais ainda compravam as suas patentes. Nessa época a espera pela ordem de regresso ao lar foi marcadamente mais longa que teria sido na lã Guerra Birmanesa. Esta guerra durou de 5 de abril de 1852 até 20 de janeiro de 1853; o 389 Regimento, da primeira guerra, aguardou dez meses antes de ser enviado de volta à casa.

A 2ª Guerra Birmanesa não se encaixa tão bem quanto a 1ª em termos de uma garota solteira esperando B retornar da guerra. O dono de Shredfield Hall na época (1852) tinha uma filha solteira de 15 anos na época. Talvez ela não fosse jovem demais para se ligar a um jovem como B. Neste caso, não podemos decidir se a 1ª ou a 2ª Guerra Birmanesa corresponde melhor aos detalhes relevantes dos sonhos de B.

**Semelhanças entre as personalidades de B e de John East**

John East viu importantes semelhanças entre a personalidade de B (da forma em que é revelada no sonho) e a sua própria. Ele concluiu que B deve ter pertencido a uma das "famílias do condado". Era um exímio cavaleiro com certo interesse em questões militares, presumivelmente era rico o suficiente para comprar uma patente no exército. Antes de se alistar no exército, ele não tinha feito nada que "valesse a pena" na vida.

A breve autobiografia que John East escreveu para mim mostra que

quando jovem, na verdade, até chegar à meia-idade, ele viveu e apreciou a vida de um senhor do campo, que gostava de caçar e de pescar. Não tinha apego pela vida acadêmica e teria desenvolvido a carreira militar se o problema de visão não o tivesse excluído.

Deve-se acrescentar que alguns outros traços surgiram na personalidade de John, em seguida, e talvez devido aos seus dois primeiros sonhos. Ele se interessou profundamente por física quântica, leu e assimilou o livro Física e Filosofia de Heisenberg. Leu as obras de W.Y. Evans-Wentz, um dos mais relevantes estudiosos do budismo tibetano de sua época. Ele se correspondeu com Evans-Wentz, que escreveu o prefácio para o segundo livro que John East publicou antes de sua morte (East, 1960b).

**A interpretação dos sonhos de John East**

A abundância de detalhes nos seus sonhos sobre a lâ Guerra Birmanesa (como ele acredita ter sido) e a planta pouco comum de Shredfield Hall convenceram John que seus sonhos se originaram de memórias de uma vida passada em Staffordshire no primeiro quarto do século XIX. Em um dos relatos dos sonhos, ele escreveu: "A planta arquitetônica do quarto e da saleta ao lado é certamente assimétrica e original, e eu duvido que exista em qualquer outra casa." Como acontece com outras pessoas com sonhos vividos, seu realismo e a impossibilidade de eles serem erradicados da memória aumentou a sua convicção sobre a sua origem a partir dos acontecimentos que ele (como B) vivenciou.

**Comentários**

As conclusões de John East parecem razoáveis para mim. Não podemos excluir a possibilidade de que, devido à sua educação e ampla leitura, ele tenha adquirido algum conhecimento da Ia Guerra Birmanesa antes de ter tido os sonhos. Que ele tenha sabido detalhes sobre os uniformes usados pelos oficiais e pelos soldados dos navios já parece mais duvidoso. Menos questionável ainda seria o conhecimento normal da participação do regimento de Staffordshire nessa guerra em particular. Além disso, é bastante certo que ele nunca tenha visto uma planta dos aposentos de Shredfield Hall antes de sua publicação na década de 1950. Podemos dar um desconto nos detalhes individuais, mas não podemos prontamente descartar a soma de todos os detalhes juntos.

## TRAUDE VON HUTTEN

### Resumo do caso e sua investigação

Traude von Hutten nasceu em Dresden, Alemanha, em 7 de janeiro de 1905. Seu pai era pastor luterano. Traude era a filha caçula de uma família grande (não soube quantos irmãos ela tinha).

Aos cinco anos, ela teve um sonho no qual parecia estar vivendo em um castelo durante a Idade Média. Nele, ela vivenciou a morte dos dois pais em acidentes, e depois a perda do marido que não retornou de uma Cruzada. Ela teve exatamente o mesmo sonho quando tinha oito anos e novamente aos 13.

Aos 17 anos, ela foi convidada para um jantar, no qual se sentou diante de uma mulher que nunca vira antes. A mulher começou a olhar para ela fixamente durante um tempo e depois, de repente disse: "Você sabe que já viveu antes nesta Terra?" Antes que a Traude, assustada, pudesse responder, a mulher prosseguiu e disse que (Traude) tinha tido um sonho recorrente sobre uma vida passada. Então, passou a mencionar os detalhes dessa vida que correspondia com extraordinária exatidão ao sonho de Traude. Anteriormente ela nunca contemplara a idéia de reencarnação. Mais tarde, soube que aquela mulher era uma vidente séria e respeitada.

Quando adulta, Traude se casou e enviuvou duas vezes. Seu segundo marido morreu servindo o exército alemão no cerco de Leningrado durante a 2- Guerra Mundial. Após a guerra, ela morou inicialmente em Mannheim e depois em Munique. Trabalhou como intérprete para o Exército Americano na Alemanha até 1952, quando recebeu aposentadoria como viúva de guerra e parou de trabalhar. Durante esses anos, ela não teve mais nenhum sonho significativo e nenhuma sugestão de que os sonhos que tivera na infância fossem verificáveis.

Na infância, Traude sentiu muito interesse pela Idade Média. Embora mais tarde ela se lembrasse que a infância tinha sido feliz, ela preferia ficar sozinha, mais fantasiando que brincando. Gostava de subir no tronco tortuoso de uma nogueira no quintal da casa da família e de se sentar em um buraco da árvore. Ela disse fazer isso "diariamente". Lá, as imagens de ela ser uma mulher da Idade Média lhe apareciam como sonhos enquanto estava acordada (provavelmente, ela não fazia isso antes dos cinco anos de idade, época na qual, de acordo com uma lembrança posterior, ela tivera o "sonho do castelo" pela primeira vez).

Ela nunca visitara um castelo até os 15 anos, quando os pais a levaram para uma visita a castelos na Turíngia. Depois, com freqüência, ela visitou

outros castelos, porém nenhum deles evocou nela qualquer sentimento de familiaridade até que foi ao castelo de Trifels no Palatinado da Alemanha, agora no estado de Renânia-Palatinado.

Em 6 de março de 1956, ela visitou o castelo de Trifels com uma amiga, Clara Holzer, e imediatamente identificou-o como o castelo de seu sonho recorrente. Olhando para o castelo sobre um aclive íngreme, Traude explicou à Clara que era ali que os pais da vida passada tinham morrido acidentalmente. Assim que disse isso, do nada apareceu um senhor idoso que avisou Traude e Clara dos perigos do aclive íngreme e prosseguiu dizendo que um príncipe que teve o castelo como feudo do imperador morrera caindo desse penhasco acidentalmente, e o mesmo acontecera com a sua esposa. Isso pareceu confirmar os detalhes do sonho recorrente de Traude.

Em 1956, o jornal alemão Das Neue Blatt convidou os leitores para enviarem relatos de memórias de vidas passadas.[75] Traude enviou ao jornal um relato de seu sonho, e o Das Neue Blatt o publicou em 24 de maio de 1956. O relato do jornal não menciona a visita de Traude a Trifels, porque ele foi remetido antes de Traude ter passado por lá, e a sua publicação foi atrasada.

Em seguida, pelo menos mais uma publicação alemã imprimiu um relato do sonho de Traude, chamando a atenção do Dr. Heinrich Wendt.[76] Ele demonstrou interesse no sonho e sugeriu um príncipe medieval ao qual ele poderia se referir. Ele passou a informação de Traude para mim, e ela me enviou um relato de seu sonho em carta de 2 de janeiro de 1968. Durante os próximos dois anos, eu me correspondi com ela sobre os detalhes de seu sonho e possíveis circunstâncias relevantes de sua vida. Traude respondeu a todas as minhas perguntas cuidadosamente. Também me enviou uma declaração da amiga, Clara Holzer, que corroborava sua afirmação de ter teconhecido Trifels como o castelo de seu sonho.

Como Traude identificou Trifels como o castelo de seus sonhos, procurei e obtive a assistência do Dr. Günter Stein, diretor-assistente do Historisches Museum der Pfalz, que fica em Speyer am Rhein. Trifels fica a uns 35 quilômetros a sudoeste de Speyer, perto da pequena cidade de Annweiler. O Dr. Stein era o coautor do guia oficial de Trifels, e é improvável que alguém saiba mais sobre o castelo do que ele. Como o Dr. Wendt, ele ficou interessado no caso e se correspondeu comigo sobre a possibilidade de comprovação do fato.

Em 4 de março de 1970, conheci e entrevistei Traude na casa dela em

[75] Ruprecht Schulz também respondeu ao convite deste jornal. Que eu ssaiba, o caso dele e o de Traude Von Hutten foram os únicos relatórios publicados pelo jornal.

[76] Dr. Wendel, juiz aposentado, tinha considerável conhecimento sobre os fenômenos paranormais. Eu o visitei várias vezes em Mannheim, onde morava. Ele traduziu para o alemão o meu primeiro livro de casos de reencarnação.

Munique. Alguns dias mais tarde, em 9 de março, fomos para Speyer, onde encontramos o Dr. Stein em seu escritório no museu. O Dr. Stein e eu pedimos para Traude nos descrever o que ela se lembrava do castelo do sonho e eu fiz um desenho de acordo com as indicações dela. No dia seguinte, fomos todos até Trifels. Poucas semanas depois, em abril de 1970, o Dr. Stein me enviou um relatório detalhado sobre a nossa visita a Trifels e a sua opinião quanto à correspondência (que seria na época das Cruzadas) dos detalhes do sonho de Traude. Também em 10 de março, pude me encontrar com Clara Holzer, que morava na região de Trifels. Mais tarde, o Dr. Stein me emprestou e me deixou copiar páginas de um registro de documentos que mencionava Trifels.

Traude von Hutten faleceu em Bad Gastein em 8 de dezembro de 1970.

**O sonho de Traude von Hutten**

O sonho tem três partes, começa com uma cena de inconsolável solidão. Em seguida, há uma cena em que a pessoa que sonha explica a sua infelicidade ao relatar a morte acidental de seus pais. Na terceira parte, ela é uma mulher mais velha aguardando o regresso do marido de uma Cruzada; porém, ele não retorna com os companheiros, e ela fica sozinha novamente.

Traduzi um relato do sonho que Traude me enviou com a primeira carta dela, de 2 de janeiro de 1968. Separei as três partes do sonho.

Vejo a minha forma física e me sinto incorporada. Percebo como as dobras de meu longo vestido roçam os meus pés enquanto ando. Eu me ouço caminhando sobre as tábuas do piso de madeira do longo corredor, que estalam... A solidão me engolfa, a solidão inconsolável.

Os últimos raios pálidos do pôr de sol atravessam as janelas góticas. Vou até uma janela aberta e olho para fora. Os abetos escuros, que chegam quase à metade da altura das montanhas, os circundam densamente e criam um efeito sombrio, quase sinistro. Estendendo-se diante de mim até o horizonte, a terra é verde, exceto por alguns castelos pequenos. Olho fixamente para baixo. Sim, lá embaixo de onde estou, ocorreu o terrível fato que, de um só golpe, transformou todo o meu mundo. Em um único dia, perdi os dois pais em acidentes.

Aquele dia de outono permaneceu tão claro na minha memória como se tivesse sido ontem. Eu vi minha linda mãe esguia, repleta da alegria de viver. De forma elegante, ela subiu em cima de seu cavalo branco, virou-se sorrindo para mim, e com um gesto do chicote, galopou morro abaixo. Um pouco mais tarde, começa uma tempestade. Meu pai retorna da caçada mais cedo. Ao saber que a esposa ainda está fora, ele faz o cavalo virar e dispara

montanha abaixo. Ouço o som dos cascos do cavalo sobre as tábuas da ponte levadiça de madeira. Quando após algumas horas meus pais ainda não retornaram, envio os criados com tochas para uma busca na floresta. Por volta de meia-noite eles trazem meus pais para o castelo em padiolas improvisadas – os dois mortos. A chuva tinha danificado o caminho da montanha, o cavalo da minha mãe escorregou e rolou várias vezes pelo morro com a minha mãe abaixo dele. Os arbustos quebrados imediatamente mostraram a meu pai – que procurava a minha mãe – onde o acidente ocorrera; mas então, a mesma coisa aconteceu com ele.

Sinto a tristeza de estar sozinha neste castelo imenso. Olho para as únicas pessoas ao meu redor, dois velhos criados. Sinto medo. Tenho uma certeza atormentadora sobre o que aconteceu com o meu marido, que se alistou em uma Cruzada, e agora já se passa um longo tempo. Todos os dias eu subo nas ameias do castelo para buscar um sinal de seu regresso. No entanto, todos os dias que passam diminuem minhas esperanças. Um belo dia de junho, percebo uma nuvem de poeira a distância que vem se aproximando cada vez mais. Então consigo ver o reflexo do sol em armaduras. Solto um grito de alegria: "Eles estão voltando! Estão voltando!" Caio em lágrimas, e elas descem pelo meu rosto, que se tornara magro. Eu me vejo correndo escada abaixo, segurando um lenço e desço correndo a montanha. Depois, estou em pé, sem fôlego, dentre os aldeões. Meus olhos estão fixos na cavalgada que se aproxima cada vez mais. Com as bandeiras agitando, as armaduras brilhando, os visores entreabertos chegam os cavaleiros, recebidos com alegria pela multidão. Logo um deles desce do cavalo e abraça a esposa, depois a mãe. Eu me ouço dizendo baixinho: "Meu amor deve ser o próximo." Como que tomada por um encanto olho para cada um dos cavaleiros. De repente, um deles deixa o grupo e vira o cavalo na minha direção. Fico pronta para estender os meus braços. Então percebo que este homem tem olhos cinza claros. Penso: "Não, não pode ser o meu marido. Meu marido tem olhos azuis." Silenciosamente olho para aqueles olhos estranhos e fico séria novamente. Então, de repente, eu encaro a verdade: "Meu marido não está com o grupo. Ele não vai voltar nunca. Está morto." As pessoas ao meu redor parecem estar envoltas em névoa. O brilho do sol se foi. Começo a me sentir fraca, como se aos poucos a vida estivesse sendo sugada de meu corpo. O sonho termina.

**As circunstâncias e as características do sonho**

Traude descreveu o sonho como sendo real. Para ela, a experiência do

sonho teve o efeito de revivê-lo, bem diferente dos seus sonhos comuns. Cada repetição posterior do sonho foi idêntica em todos os detalhes com a primeira ocorrência. Ela não sabia de nenhuma circunstância que tenha agido como estímulo para este sonho em particular. As ocorrências foram espontâneas. Mais tarde na vida, ela às vezes desejou repetir o mesmo sonho, mas isso não aconteceu.

Ao ter o sonho pela primeira vez, aos cinco anos, ela acordou chorando. A mãe veio até ela, e então Traude lhe disse que ela não era a sua "mãe verdadeira". Desta e da segunda vez, ela descreveu o sonho para a mãe; mas ela não falou da terceira ocorrência aos 13 anos.

Diferentemente das memórias dos sonhos comuns de Traude, esta sobre o castelo não diminuiu com o passar do tempo.

**Comentário.** O relatório de Traude sobre o seu sonho difere em estilo dos relatos da maioria dos sonhos em que a pessoa que sonha descreve um reviver da vida passada. Começa com uma descrição da profunda depressão à qual os acontecimentos narrados mais tarde induziram. Nas segunda e terceira partes do sonho, Traude variou os tempos verbais; às vezes, usou o presente, outras vezes o passado. Além dessas características, o relato continha um detalhe incongruente: o pai da pessoa que sonhou reconhece onde a esposa morreu quando o cavalo escorregou. Ele também morreu logo após a esposa, e ninguém poderia saber como ele reconheceu o local da morte da esposa.

Todos os relatos sobre um sonho tentam traduzir as imagens, em geral, pictóricas, em palavras. Quase que inevitavelmente, ocorrem condensações, omissões e distorções. Talvez o sonho de Traude contenha mais dessas modificações que a maioria dos relatos sobre sonhos.

### Detalhes acrescentados posteriormente por Traude

Em nossa correspondência e quando nos encontramos em Munique e Speyer, Traude acrescentou alguns detalhes no relato de seu sonho. Mencionou que a mãe cavalgou com uma sela lateral que usava um chapéu comprido com a forma cônica na cabeça. Seu próprio cabelo, na segunda parte do sonho, estava preso em dois rabos laterais; na terceira parte do sonho, quando ela parecia ser adulta, o cabelo estava preso em cima da cabeça. Nessa parte do sonho, ela se viu com um corpo físico maior que o corpo de criança que tinha então.

A sua descrição da planta de Trifels, da qual eu fiz um esboço incluía outros detalhes, como a localização da entrada principal do castelo e o andar onde ficava o grande salão.

## Comprovação da primeira visita de Traude a Trifels

Em novembro de 1957, Clara Holzer escreveu uma breve declaração na qual confirmava o relatório de Traude sobre como ela reconhecera Trifels e disse ter morado lá anteriormente. Cito esta parte de sua declaração:

No início da estrada subindo a montanha [para o castelo] Traude me disse espontaneamente: "Sei de tudo isso. Já morei aqui antes." Quando chegamos em cima, diante do castelo, Traude apontou para uma área plana à esquerda e disse: "Antes aqui eram os aposentos dos criados e lá adiante ficava o alojamento dos cavalariços e mais para lá, havia uma ponte levadiça." Bem nessa hora, surgiu o zelador do lugar, que veio em nossa direção. Como tinha entreouvido o que Traude dizia, ele observou: "Você já sabe tudo, não é preciso que eu lhe mostre o lugar." Conforme entramos no interior do castelo, Traude falou: "A escadaria está à direita; antes ficava à esquerda." O zelador confirmou a informação. Quando atingimos o piso superior, Traude contou que anteriormente havia um salão maior lá, o fato também foi confirmado pelo zelador.

A declaração de Clara Holzer não fez referência ao ancião que descrevera como um príncipe e sua esposa tinham sido mortos em um acidente em Trifels. Quando a encontrei em 1970, já se passavam quase 14 anos desde que ela e a Traude tinham visitado a cidade. Clara tinha ficado seriamente doente desde então. Declarou que isso tinha prejudicado a sua memória. Ela não se lembrava de nada sobre o ancião e a sua narrativa.

## Tentativas malsucedidas para confirmar os sonhos

Nos séculos XII a XIV, Trifels fora um castelo importante durante o Sacro Império Romano (Sprater e Stein, 1971). Como uma Kaiserburg (fortaleza imperial) deteve importância militar. As insígnias imperiais eram mantidas lá, bem como vários prisioneiros políticos das intermitentes guerras. Um desses prisioneiros, o rei Ricardo I da Inglaterra, ficou hospedado lá em 1193, e foi o mais famoso. Com o declínio do Império Alemão medieval, Trifels perdeu a sua importância. Apesar de algumas tentativas de reparos e mesmo de restauração, a estrutura do castelo se deteriorou e finalmente ele foi abandonado no século XVII. Após isso, o povo da área circundante pilhou seus materiais de construção. No século XIX, um novo interesse do povo alemão pela história de seu país incluiu a pesquisa de locais importantes anteriormente como Trifels. O governo da Baviera, em cujo território se encontrava o castelo, parou de usá-lo como pedreira. Em 1938, o governo alemão (dos nazistas) iniciou um programa de restauração, que prosseguiu, com algumas

interrupções, até 1954. No entanto, essa restauração não foi a reconstrução do castelo como teria sido durante a Idade Média. Por isso, o Dr. Stein me escreveu, na carta de 13 de janeiro de 1970, o seguinte:

Se a sua correspondente [ou seja, Traude] visitou Trifels após 1954, ela provavelmente deve ter ficado impressionada com a nova parte reconstruída do castelo; infelizmente esta não corresponde, de forma alguma, à estrutura anterior da construção. Pelo contrário, foi baseado nas idéias projetadas pelo arquiteto, o professor Esterer.

Apesar desta dificuldade, o Dr. Stein levou o sonho da Traude a sério o suficiente para ouvir a descrição dela do castelo e visitá-lo conosco. Com isso, ficou claro que Traude estava claramente equivocada em relação a pelo menos um ponto. Ela colocou a entrada principal no lado norte do castelo, porém ela ficava na parte nordeste. O lado norte dava para uma encosta íngreme, quase que um precipício, totalmente inadequado para qualquer estrada de acesso para o castelo. As escadas para a parte principal do castelo foram "reconstruídas" do lado oeste. Elas não poderiam estar naquele lado também, mas ninguém sabe onde estavam localizadas antes (o zelador que assegurou Traude estar certa sobre a localização da escada não poderia ter certeza de sua localização anterior). No entanto, em outros aspectos a descrição de Traude parecia estar correta. Na opinião do Sr. Stein, a maioria dos detalhes de Traude sobre a construção estava possivelmente correta, mas não poderia ser provada. Em abril de 1970, ele escreveu no seu relatório:

Devo dizer que não posso identificar definitivamente Trifels como o local do sonho [da Traude], embora muita coisa apoie essa interpretação e não haja muita coisa contra ela.

A inconclusão da comparação entre a descrição de Traude de como ela parecia relembrar de Trifels no seu sonho e a melhor informação que temos sobre como a construção era anteriormente não termina com a dificuldade em identificar Trifels como o local do sonho. A importância de Trifels durante a ascensão do Império Germânico medieval resultou em registros bastante amplos de seus proprietários ou mantenedores (além de seus prisioneiros), naquela época. Estes não mostram, em nenhum momento, qualquer mantenedor do castelo que tenha morrido acidentalmente, com ou sem esposa morta ao mesmo tempo.

O Dr. Stein nunca ouvira qualquer história ou lenda sobre o proprietário de um castelo com a morte acidental conforme sugeria o sonho de Traude. Sem confiar em seu próprio conhecimento, o Dr. Stein consultou Viktor Carl, um

folclorista que conduzira pesquisas sobre as lendas da região; ele nunca ouvira nenhum episódio correspondente à segunda parte do sonho de Traude.

O sonho de Traude poderia se referir não a um mantenedor do castelo de Trifels, porém a qualquer outro castelão da região, ou, nessa questão, a uma região diferente na Alemanha. O detalhe de ir à Cruzada impõe um espaço temporal que compreende as datas das primeiras cinco Cruzadas (das quais a Alemanha participou), ou seja, de 1096 a 1229. Uma outra objeção vem do fato da herança do castelo por uma filha, segundo o sonho de Traude. Durante a Idade Média, os castelos eram basicamente de total importância militar; uma mulher sozinha não poderia se tornar mantenedora de um castelo. O Dr. Stein me garantiu não existirem registros de tais ocorrências na Alemanha durante os séculos XII e XIII.

Tanto o Dr. Wendt quanto o Dr. Stein propuseram a candidatura de Marquard von Annweiler, um destacado nobre do século XII. Ele era um associado próximo ao imperador Henrique VI, que o indicou para ser governador de Ancona (Itália) e duque de Ravena. Seu nome ocorre em uma lista de documentos que menciona Trifels (Biundo, 1940). Com certeza, ele esteve em Trifels, mas em nenhum lugar ele é identificado como sendo "de Trifels". Além disso, embora tenha participado da Terceira Cruzada, ele retornou a salvo e morreu mais tarde na Sicília.

O Dr. Stein sugeriu um outro possível candidato a marido da personalidade do sonho: Ludwig IV, landgrave da Turíngia. Seu castelo em Wartburg não fica longe de Dresden, onde Traude cresceu, e ela o visitou em passeios por castelos com os pais, aos 15 anos de idade. Ludwig partiu na Sexta Cruzada e não retornou; morreu a caminho, em Otranto na Itália, em 11 de setembro de 1227. A esposa não teve de esperar muito – cerca de dois meses — para saber de sua morte. Além disso, Ludwig herdou seus domínios de seu pai, e não pela esposa Elisabeth, uma princesa da Hungria, mais tarde canonizada como Santa Elisabeth (Ancelet-Hustache, 1963; Lemmer, 1981).

Não acredito que possamos identificar um nobre medieval alemão que satisfaça os critérios mencionados por mim: herança de um grande castelo pela filha que tinha um marido que partiu em uma Cruzada e não retornou. Se pudermos fazer isto, um outro detalhe permanece incongruente. Os chapéus compridos e cônicos eram usados pelas mulheres no fim do século XV, não antes; freqüentemente esses chapéus estão associados de modo anacrônico com o início da Idade Média. Uma charge em The New Yorker (11 de julho de 1970) representa uma mulher vestida com roupas medievais usando esse tipo de chapéu, discutindo com o marido que usa uma armadura pesada, pronto para partir em uma Cruzada.

**Comentários**

Este caso não está solucionado, e não acredito que será. Considero-o uma outra lição importante para a verificação apesar das declarações de um sujeito em estudo.

Podemos nos perguntar sobre a origem do sonho, ou talvez, eu devesse dizer, do relato sobre o sonho, para mim e para as outras pessoas que o levaram a sério. Em determinado ponto, acreditei que Traude pudesse ter perpetrado uma fraude. No entanto, isto significaria que ela teria perdido a chance de ter uma grande carreira como atriz; ela não deu indicações a não ser de completa sinceridade durante a nossa troca de correspondência e durante o tempo que passamos juntos, uns dois dias ao todo.

Uma explicação mais plausível supõe que Traude tenha se equivocado quanto à idade que tinha ao ter tido o "sonho do castelo" pela primeira vez. Se ela teve inicialmente o sonho não aos cinco anos, mas mais tarde, vamos dizer, aos oito anos, ela pode muito bem ter absorvido o suficiente de história alemã – com abundante menção aos castelos – para os ingredientes principais do seu sonho. Nessa época, ela subia em nogueiras e preferia brincar sozinha sobre a Idade Média a brincar com as outras crianças.

Em 11 de março de 1970, quando estávamos nos despedindo, ela me contou que na noite anterior, dormindo no hotel de Mannheim, ela sonhara com "todas as pessoas de Trifels" (usando roupas medievais) que tinham vindo até ela e assegurado que a entrada anterior ao castelo realmente ficava no lado norte. Este sonho desfazia a prova que tínhamos visto no dia anterior: que a encosta em penhasco do lado norte tornava a entrada por lá quase implausível, se não impossível.

O caso possui outras peculiaridades. Por exemplo, como poderemos entender o episódio de um velho que aparece do nada, na hora conveniente, e diz poder confirmar o sonho de Traude? Ele pode ter sido imaginado por Traude mais tarde; a impossibilidade de Clara Holzer se lembrar dele sugere isso. Ele também pode ter sido um cidadão simpático que, ao ouvir a conversa de Traude com Clara, solicitamente forneceu a comprovação.

Também precisamos entender a correspondência entre os detalhes do sonho de Traude e os mencionados pela mulher que ela encontrou em uma recepção quando tinha 17 anos – até então uma completa estranha para ela. Não tenho outro motivo para acreditar que Traude tenha imaginado essa mulher, embora não possa excluir essa possibilidade; outra, é que a mulher tinha, como Traude soube mais tarde, dons extraordinários de telepatia e "lera" o sonho na mente de Traude.

Ainda é preciso considerar a explicação de que o sonho de Traude contivesse alguns ingredientes de memórias de uma vida passada que os processos mentais inconscientes tinham elaborado no que ela se lembrava e relatou muitos anos mais tarde. Não posso deixar este caso sem levantar a questão de por que uma criança nova deveria estar preocupada com a Idade Média na Alemanha conforme Traude disse que estava. Afinal de contas, há muitas outras épocas e lugares nos quais a criança poderia basear as suas fantasias. Uma vida real anterior pode ter influenciado na escolha do país e no período para a elaboração de fantasias.

## LUIGI GIOBERTI

Luigi Gioberti teve um sonho repetido acompanhado de uma forte emoção. Mais tarde, ele teve sonhos e imagens quando acordado que ele acreditava serem memórias de uma vida passada. Nenhum dos sonhos ou imagens quando acordado puderam ser solucionados, e um estava errado.

### Resumo do caso e sua investigação

Luigi Gioberti nasceu em Veneza em 12 de outubro de 1958. Era o terceiro filho com duas irmãs mais velhas, portanto o único garoto de seus pais, Andréa Gioberti e Monica. Andréa era oficial da Força Aérea italiana, lutou na 1? Guerra Mundial e morreu em 1977, aos 60 anos. Formalmente, a família era católica, no entanto, Monica acreditava em reencarnação. A mãe dela tinha certa reputação de prever mortes. Na década de 1970, a família morava em Florença.

Soube de pouca coisa notável sobre a primeira infância de Luigi, exceto uma doença descrita pela mãe como enterocolite. De acordo com ela, Luigi quase morreu durante essa doença. Aos dois anos de idade, ele foi vacinado contra poliomielite. Logo após, descobriu-se que tinha problemas na vista e, a partir dos três anos, começou a usar óculos.

Nesses anos, ele disse que queria ser aviador como o pai. Tinha muito interesse em aviões e fazia desenhos deles. A mãe disse que ele fora uma criança introspectiva, mais sério que as outras crianças de sua idade. Os professores da escola também confirmaram que ele tinha comportamento mais

maduro que as crianças da mesma faixa etária. Ele nunca expressou nenhuma lembrança da vida passada no início da infância.

Quando ele tinha uns 11 anos, teve um pesadelo de estar em um avião militar que foi abatido e caiu. O sonho se repetiu talvez umas doze vezes, em um período de alguns meses. Ele também teve alguns outros sonhos incomuns e também imagens enquanto estava desperto, que juntos forneciam uma narrativa coerente de acontecimentos que precederam o abate de um avião. Ele acreditava ter sido um piloto militar britânico abatido por baterias antiaéreas alemãs durante a batalha de Monte Cassino em 1943-44. Ele achava que seu nome teria sido John Graham.

As experiências de Luigi chamaram a atenção de uma amiga minha, Zoe Alacevich, que também morava em Florença. Ela e o marido eram italianos, e o nome do marido Slavonic se originava de ancestrais da Dalmácia. Zoe era espiritualista e como a maioria dos espiritualistas europeus acreditava em reencarnação. Ela me enviou um resumo do caso em uma carta de 15 de janeiro de 1978. O caso parecia potencialmente importante porque o sujeito em estudo incluía nas declarações o nome próprio de um aviador sobre o qual ele sonhara. Escrevi para Luigi e pedi que ele me enviasse um relato completo de seu sonho e das experiências correlatas. Ele me respondeu com uma enorme carta de 16 de março de 1978 (escreveu em inglês, mostrando um conhecimento completamente adequado do idioma). A seguir, houve mais troca de correspondência entre nós. Mais tarde no mesmo ano, pude ir até Florença e, em 3 de dezembro, fiz uma longa entrevista com Luigi e a mãe. Nessa ocasião, Luigi não falou muito (por timidez, talvez) em inglês. A mãe falou em italiano, que Zoe Alacevich (em cujo apartamento nos encontramos) traduziu para o francês para mim.

Na época da minha entrevista com Luigi e a mãe, ele estava com 19 anos e era estudante de física em uma faculdade perto de Florença. Sua visão prejudicada atrapalhou o seu desejo de se tornar aviador.

Em 1979, me correspondi mais um pouco com Luigi, principalmente em uma tentativa minha de distinguir elementos das imagens de Luigi que tivessem ocorrido para ele em sonhos, daqueles que ele experimentara em estado de vigília.

Como Luigi fornecera o nome e o sobrenome do aviador militar britânico, pensei que fosse possível verificar esses detalhes a partir dos registros do Ministério de Defesa britânico. Assim escrevi para o ministério, mas seu pessoal não pôde me confirmar que a pessoa correspondente às declarações de Luigi tivesse existido. Achei que deveria comunicar o resultado negativo a Luigi, e foi o que fiz. Após isso, recebi cartas gentis dele, mas não nos comunicamos desde 1979.

**O sonho original e recorrente de Luigi**

Esse é o primeiro relato do sonho que Luigi me descreveu na sua carta de 16 de março de 1978:

Eu estava pilotando um avião acidentado que por fim caiu na terra. Antes de eu conseguir sair da cabine do piloto, o tanque principal do avião explodiu, e o combustível em chamas atingiu o meu rosto... Eu acordei assustado e fiquei bastante aborrecido.

O sonho se repetiu nove ou dez vezes nos três meses seguintes. Luigi tinha por volta de 11 anos na época. Depois disso, ele não sonhou mais até outubro ou novembro de 1978. Não soube por que ele ocorreu naquela época após um intervalo tão grande.

**Características qualitativas do sonho original.** Para Luigi o sonho foi uma experiência vivida ou, como ele colocou mais tarde sobre o sonho, revivida. Na carta de 25 de março de 1979, ele escreveu: "Eu observava a cena através dos olhos do piloto. Não o via como um observadot externo." Na mesma carta, escreveu que, após a queda do avião, "senti o calor e o cheiro do combustível, algo parecido com querosene e gasolina. Não via apenas. Senti tudo que deveria sentir e talvez esta tenha sido a parte mais desagradável de tudo... Eu me sinto inquieto [agora] ao relembrar essas coisas".

**Imagens suplementares experimentadas por Luigi após o sonho inicial**

Na sua carta de 16 de março de 1978, Luigi, após descrever o que denominei de sonho original, prossegue:

Mais tarde, vim a "ver" imagens da vida deste piloto; era como se eu visse um filme no qual o ator principal era aquele jovem inglês... Era como uma interferência no rádio durante uma tempestade magnética. Enquanto eu pensava em algo completamente diferente desta história [a queda do avião] repentinamente passou-se uma seqüência em minha mente e não pude pensar em mais nada. Além disso, não segui a ordem dos fatos conforme você as lê. Eu me lembro de episódios desconexos e tive de trabalhar muito para reunir todas as partes em uma história. Este fenômeno vem diminuindo há um ano,

talvez porque o meu estudo me ocupa muito mais que nos tempos passados... Devo observar ainda que a maior parte do que você leu foi lembrada quando eu estava totalmente acordado.

A frase "que você leu", ocorrida em dois lugares na carta, se refere ao material indicado pelas reticências, de imagens que ocorreram a Luigi após ele ter sonhado. Enquanto escrevia, reuniu-as na história que se segue da qual omiti alguns dos detalhes menos importantes.

Ele era escocês e se chamava John Graham, nascido em Glasgow por volta de 1920. Quando cresceu, tornou-se aviador. Casou-se com uma escocesa chamada Ann Irvine (ou Irving), garçonete de um bar perto da base aérea dele. Eles se mudaram para Londres onde moraram perto da estação Victoria e tiveram um filho. Como piloto de combate, ele participou da Batalha da Inglaterra (de agosto a outubro de 1940). Seu avião era um Spitfire com as letras YLZ na fuselagem. Ann e o filho foram mortos quando uma bomba alemã caiu e destruiu o prédio onde moravam e onde esperavam estar a salvo. O fato o enfureceu tanto que após uma batalha aérea contra aviões alemães ele deliberadamente bombardeou um navio (provavelmente alemão) que resgatava pessoas na água [talvez no Canal da Mancha]. Ele foi julgado por uma corte marcial por essa má conduta, porém foi absolvido devido à sua coragem anterior durante a guerra. Foi enviado em campanha contra os alemães na Itália. Na batalha ao redor de Monte Cassino na Itália em 1943-44, ele estava em um avião Spitfire com a missão de destruir as armas antiaéreas alemãs. Seu avião foi atingido por um morteiro de uma arma antiaérea alemã e ele caiu. Durante a queda, ele conseguiu se comunicar por rádio com o oficial em comando.

Como no seu sonho original, as experiências das imagens posteriores incluíram emoções fortes. Ele escreveu (7 de junho de 1978): "Quando vejo os episódios, não sou um observador neutro... se vejo uma ação perigosa ou uma luta especial, percebo que as batidas do meu coração se aceleram, meus punhos se cerram e os músculos das minhas costas ficam tensos."

Luigi se referiu na sua carta de 25 de março de 1979 ter tido mais que um sonho, embora o primeiro sonho (da queda do avião) tenha sido de longe, o mais significativo.

Acredito que a maioria das imagens posteriores veio até ele, conforme ele próprio escreveu, quando estava acordado. No entanto, duas ocorreram durante sonhos. Ele disse que as imagens de como a sua esposa e filho foram mortos quando uma bomba alemã foi atirada no prédio onde moravam ocorreram em um sonho. Ele também sonhou sobre combates aéreos com aviões alemães e notou que os detalhes variavam em cada sonho.

## Fontes de informações disponíveis a Luigi e consultadas por ele

A ocupação do pai de Luigi, um aviador militar, que serviu na Força Aérea italiana durante toda a 2ª Guerra Mundial, forneceu-lhe uma fonte de informação normal abundante sobre a guerra e sobre alguns de seus acontecimentos mais relevantes, como a Batalha da Inglaterra e a batalha ao redor do Monte Cassino. Não estou sugerindo aos meus leitores para pensarem que esses assuntos nunca eram mencionados na presença de Luigi quando este era criança. A família também deveria ter alguns livros sobre a guerra e talvez lembranças sobre ela.

Além dessas fontes, Luigi admitiu que tentara verificar certos detalhes de seus sonhos e imagens em vigília. Não soube quando ele iniciou essas tentativas de comprovação. Com certeza, ele ficou bem ativo nos anos anteriores à nossa troca de correspondência. Em 1977, ele acreditava que sabia (sem o conhecimento consciente de uma fonte) as cores do clã escocês Graham e fez um desenho colorido a respeito. Depois verificou a correção do desenho em um livro que ele descreveu como uma "enciclopédia".[77]

Em junho de 1978, Luigi comprou uma revista italiana Storia delia Aviazione, n. 67, dedicada, em grande parte, aos aviões militares da Ir Guerra Mundial. Fornecia informações detalhadas sobre o avião britânico Spitfire, que Luigi acreditava que ele – como o piloto John Graham – pilotara e com o qual sofrerá uma queda.

Até certo ponto, Luigi tinha consciência – embora eu não ache que fosse tão total – da probabilidade de o conhecimento normal contaminar seus relatórios de seus sonhos e imagens em vigília. Na carta de 25 de março de 1978, ele escreveu: "Tentei separar o que senti do que pensei mais tarde como interpretação do sonho" (referente ao seu relato do sonho original).

## Confirmações de Monica Gioberti

Monica Gioberti se lembrou que Luigi mencionara os sonhos logo após tê-los. Ela disse que ele tinha dez ou 11 anos naquela época. Ela se lembra especialmente da forte emoção que ele demonstrou ao narrar o sonho no qual parecia ter caído com o avião.

[77] Comparado ao exemplo do tartã de Graham dado em Moncreiffe e Hicks (1967), as cores do desenho de Luigi e do publicado na "enciclopédia" – predominantemente verde e azul com preto e branco – soam corretas, mas os desenhos estão errados em ambos.

Monica também se lembrou de Luigi ter lhe dito como, na vida passada, ele tivera uma esposa e filho, e que os dois tinham sido mortos em Londres "pelos alemães". Ela se lembrou de sua narração de como ele tinha atirado contra o pessoal do resgate de um barco, que tentava salvar alemães feridos na água, na vida passada.

Quando Luigi tinha 11 anos, ele e a mãe passaram perto de Cassino, e Luigi observou: "Foi neste lugar que eu morri."

**Verificação independente dos detalhes das experiências de Luigi**

No verão de 1978, escrevi ao escritório (em Gloucester, Inglaterra) do Ministério de Defesa solicitando registros de oficiais da Força Aérea Real e perguntei se eles poderiam verificar a existência de John Graham. Mencionei alguns detalhes dos sonhos e das imagens em vigília de Luigi. Foi feita uma busca nos registros que não encontrou nenhuma prova de John Graham. Parece que a busca teria sido superficial, e assim Emily Kelly (minha assistente de pesquisa) pediu uma verificação mais detalhada. Acrescentou a informação que John Graham que nos interessava fora abatido na Itália perto de Monte Cassino e poderia estar enterrado lá. Foi feita uma segunda investigação, incluindo outros postos além de oficiais. Nosso correspondente do Ministério de Defesa também perguntou sobre John Graham na Comissão de Cemitérios de Guerra da Commonwealth. Nenhuma dessas pesquisas posteriores revelou nada sobre o paradeiro de John Graham.

**Comentários**

Freqüentemente, não é possível comprovar que uma personalidade previamente mencionada possa não ter existido, mas acho que foi o que fiz neste caso. Não houve piloto na Força Aérea Real na 1? Guerra Mundial chamado John Graham.

Não posso deixar de concluir que grande parte das imagens de Luigi sobre John Graham veio de fontes normais e de fantasias. Porém, talvez o sonho original tenha uma outra fonte, até de uma vida passada. Sem a confirmação podemos apenas lançar a hipótese dessa origem; no entanto, parece legítimo considerar esta possibilidade. Se a rejeitarmos, permanece uma questão: por que um garoto de 10 anos, de repente, começaria a ter uma série de pesadelos sobre ser um piloto de um caça aéreo atingido durante uma batalha?

## RELATÓRIOS DE CASOS: DIVERSOS

### RUPRECHT SCHULZ

Este caso tem duas características incomuns. Inicialmente, a correspondência da qual cito trechos fornece um registro escrito das lembranças de Ruprecht Schulz feito antes de ele ter tentado comprová-lo. Em segundo lugar, ele nasceu por volta de cinco semanas antes de a personalidade passada ter morrido.

**Resumo do caso e sua investigação**

Ruprecht Schulz nasceu em Berlim, Alemanha, em 19 de outubro de 1887. Seu pai era católico, mas a mãe pertencia à Igreja Protestante. Porém, eles devem ter sido receptivos à idéia de reencarnação. Quando ele tinha dez anos, Rosa, a irmã mais velha, morreu. Poucos meses mais tarde, sua mãe deu à luz gêmeos que não eram idênticos. Uma das gêmeas parecia tanto com a irmã mais velha falecida – em físico e em temperamento – que eles deram-lhe o nome Rosa.[78]

Ruprecht não tinha muito interesse na educação formal; e aos 18 anos, largou a escola e decidiu montar um negócio sozinho; aos 20 anos já contava com mais de 20 empregados. Mais tarde, ele disse que foi a primeira pessoa a fornecer o serviço de aluguel de lavanderia; o seu negócio foi bem-sucedido especialmente com as mães de bebês que viram com bons olhos o envio de fraldas limpas. Por fim, a sua empresa chegou a 200 empregados. Ele e a esposa possuíam seis propriedades, além de uma vila e tinham um motorista particular. Em suma, eram bem ricos. Ruprecht também era membro ativo dentro das questões da comunidade. Tornou-se membro do Conselho da Câmara de Comércio e representante do conselho municipal de seu distrito em Berlim.

Em 1939, começou a 2ª Guerra Mundial. Durante a guerra, os Aliados bombardearam Berlim e arruinaram ou destruíram muitas de suas propriedades. Após a guerra, a divisão de Berlim nos setores leste e oeste o afetou ainda mais. Suas propriedades remanescentes foram saqueadas. Antes da guerra, Ruprecht

[78] Este é um exemplo de crença persistente dentre alguns europeus de que uma criança falecida (ou outro membro) de uma família pode renascer dentro dela (Bergunder, 1994). O caso de Alessandrina Samonà (Parte II deste livro) fornece outro exemplo desta crença e alguma prova sobre ela.

adorava Berlim, mas depois ele veio a desgostar do isolamento. Aos 68 anos, ele se aposentou e se mudou com a esposa para Frankfurt, onde morreu em 1967, com quase 80 anos.

Durante a infância, Ruprecht tinha o hábito de fazer um gesto com a mão como se fosse atirar em sua cabeça, quando lhe chamavam a atenção. Mais tarde, vou abordar essa questão novamente.

O sucesso de seus empreendimentos comerciais lhe permitiu viajar muito durante as duas guerras mundiais. Ele esteve na Itália e na Turquia, onde teve sensações de déjà vu, acompanhadas de lembranças vagas, difíceis de serem verificadas de vidas passadas, em algumas cidades que ele explorou.

As lembranças mais claras não surgiram para ele até o início da década de 1940, quando ele já tinha mais de 50 anos. Na essência do sonho, ele era um empresário que trabalhava com navios; ele se via dentro de um escuro prédio de escritórios olhando em livros de contabilidade que tirava de um velho cofre; ele descobria estar arruinado financeiramente e se matava. As lembranças pareciam incluir alguns detalhes comprováveis. Ele anotou alguns em um diário. Também ditou um relato deles para a secretária, Ingrid Wollensach, que o incentivou, até o estimulou a tentar comprová-los. Embora ele pensasse que isso seria possível, a guerra e suas seqüelas tornaram essa comprovação impossível até a década de 1950.

Finalmente, em maio e junho de 1952, ele usou o tempo livre de umas férias para iniciar a investigação. Acreditando que a vida passada da qual ele parecia se lembrar se passara em uma pequena cidade portuária do norte da Alemanha, escreveu aos funcionários municipais de seis cidades sobre essa descrição. Para começar, ele excluiu Hamburgo, Bremen e Kiel por serem grandes demais, deixando como possibilidades mais de meia dúzia de outros locais, pequenas cidades portuárias como Lubeck, Emden, Flensburgo, Bremerhaven, Wilhelmshaven, Rostock e Wismar. Destes, ele achou que Wilhelmshaven fosse provavelmente o local correto; escreveu a todas, e para garantir escreveu também para Bremen, Hamburgo e Kiel. Fingindo pesquisar a história da família na busca de um ancestral, quis obter informações sobre um homem que vivera e morrera na década de 1880, sobre o qual ele forneceu as principais particularidades que figuravam em sua memória. Todas as cidades, exceto uma, lhe responderam negativamente quanto às indagações. Ele recebeu uma carta (de 24 de julho de 1952) de Wilhelmshaven que mencionou brevemente a vida e o suicídio (em 1880) de um corretor marítimo e comerciante de madeiras que poderia ter sido a pessoa que Ruprecht Schulz buscava.

A primeira carta de Wilhelmshaven forneceu o sobrenome da suposta personalidade anterior como sendo Kohl. Imediatamente Rupert soube que o nome Kohl não estava muito correto e em uma carta posterior (de 11 de

setembro de 1952) veio de Wilhelmshaven a correção do nome para Kohler. Nesse comunicado do município, também havia o nome e o endereço do filho ainda vivo de Helmut Kohler, Ludwig Kohler.

Ao receber o nome e endereço de Ludwig Kohler, Ruprecht lhe escreveu em 17 de setembro de 1952. Depois de se desculpar por se intrometer na vida familiar de um estranho, ele descreveu as suas lembranças e pediu para Ludwig verificar se elas batiam com acontecimentos da vida e da morte de seu pai. Felizmente, Ludwig respondeu cordialmente e, em uma carta (de 21 de setembro de 1952), ele reconheceu que as lembranças de Ruprecht correspondiam aos acontecimentos que levaram à morte de seu pai. Este homem, Helmut Kohler, tinha sido comerciante de madeiras, agente de despachos de navios e operador de serraria. Ele importava madeira, que processava na serraria e vendia. Em 1887, apostou erroneamente na ascensão do preço da madeira e perdeu uma enorme quantidade de dinheiro. Então ele conspirou com o seu contador para falsificar os registros, mas o contador entrou em pânico e fugiu com o dinheiro disponível em caixa. Depois disto, Helmut perdeu o controle e se matou com um tiro.

Ruprecht Schulz e Ludwig Kohler trocaram várias outras cartas no outono de 1952; só se encontraram em outubro de 1956, quando Ruprecht foi até Wilhelmshaven pela primeira vez na sua vida. Antes, em 1956, o caso "Bridey Murphy" (Bernstein, 1956/1965) recebeu enorme publicidade na Alemanha (além de outros lugares). Como já mencionei no relatório do caso de Traude von Hutten, um jornal alemão, Das Neue Blatt, convidou os leitores a enviarem relatos pessoais de lembranças de vidas passadas. Recebeu centenas de candidatos, mas os editores julgaram apenas os casos de Traude von Hutten e de Ruprecht Schulz dignos de publicação e só decidiram publicar o relato de Ruprecht após terem enviado um repórter para entrevistá-lo em Frankfurt, e outro para entrevistar Ludwig em Wilhelmshaven.

A reportagem do Das Neue Blatt chamou a atenção de Hans Bender, o diretor do Institut für Grenzgebiete der Psychologie und Psychohygiene de Friburgo. Em agosto de 1960, ele conheceu e entrevistou Ruprecht. Pegou emprestado vários documentos como cartas e anotações que Rupert tinha guardado e tirou cópias. Ele as passou para mim, e eu também tirei cópias de alguns dos documentos mais importantes. Em 1960, o Dr. Müller entrevistou Rupert e também fez cópias de documentos importantes; ele me informou sobre o caso em 1962, deixando para mim algumas dessas cópias de documentos.

Fui até Frankfurt em 2 de maio de 1964 e fiz uma longa entrevista com Ruprecht e sua esposa, Emma. Depois disso troquei correspondência com ele até a sua morte.

Mais tarde, em 8 de dezembro de 1970, eu me encontrei com Emma Schulz

novamente em Bonn, para onde se mudara para ficar perto da filha, que eu também entrevistei rapidamente. Emma me deixou examinar alguns dos documentos originais que mantinha para que eu pudesse compará-los com as minhas cópias. Ela também me forneceu o endereço da família Kohler em Wilhelmshaven.

Enquanto isso, Ludwig Kohler morreu, mas na esperança de obter informações relevantes eu escrevi para o seu filho, Ernst Kohler. Ele me respondeu com gentileza e depois de mais troca de correspondência, marquei de me encontrar com ele e com a sua irmã mais velha, Gertrud. Este encontro aconteceu em 15 de outubro de 1971, na casa de Gertrud e do marido, que se encontrava em Emden. Gertrud nascera em 1910 e Ernst em 1915. Como era de se esperar, eles pouco puderam cooperar em relação a novas informações sobre o caso. Algumas afirmações não batiam com outras anteriores fornecidas pelo pai, porém descreverei essas diferenças posteriormente.

As datas da morte de Helmut Kohler e do nascimento de Ruprecht Schulz têm significado especial neste caso, que é o que chamamos de "datas anômalas". Para saber se eu estava correto a respeito das datas, eu me correspondi com os registros municipais de Wilhelmshaven e de Berlim. Ruprecht nasceu naquela parte de Berlim que, na década de 1970, era denominada Berlim Oriental. Pedi ajuda aos funcionários de Berlim Ocidental, e eles gentilmente passaram a questão para os funcionários de Berlim Oriental. Finalmente, obtiveram para mim uma cópia da certidão de nascimento de Ruprecht Schulz.

Duas outras questões que contribuíram merecem ser mencionadas aqui. O primeiro é uma troca de cartas entre o Dr. Müller e Ingrid Wollensach, que, como mencionei antes, fora secretária de Ruprech Schulz durante a década de 1940, quando ele recuperou as suas memórias (o diário dele se perdeu durante o bombardeio de Berlim na época da guerra). A segunda, um documento de 1º de agosto de 1952, é um relato das memórias que Ruprecht Schulz elaborou após ele ter começado a escrever para as cidades portuárias e ter recebido uma resposta inicial de Wilhelmshaven, embora ainda não tivesse iniciado a correspondência com Ludwig Kohler.

**As circunstâncias da recuperação das lembranças de Ruprecht Schulz**

Ruprecht Schulz deu a seguinte declaração (gravada em fita) para o Dr. Bender em agosto de 1960:

As memórias começaram a surgir para mim na época dos ataques de bombardeios em Berlim, durante a guerra [2ª Guerra Mundial; Ruprecht

menciona em outro lugar como sendo os anos de 1942-3]. Tínhamos 700 alarmes de sirenes; nem todos eram seguidos de ataques aéreos, embora muitos fossem. Ficávamos alertas todas as noites [para tocar o alarme em caso de incêndio]. Embora fosse proibido, eu mantinha um diário. O turno de alerta era feito em rodízio e como eu estava acostumado a trabalhar aos sábados no meu próprio negócio, eu pegava o turno da noite de sábado até a manhã de segunda. Meu escritório ficava em Breitenstrasse, do outro lado do velho palácio de Berlim. A casa fora construída na época da Guerra dos Trinta Anos e estava registrada como monumento histórico. Eu podia ficar deitado em um sofá, mas tinha de permanecer totalmente vestido e ficar alerta. Nesses momentos [do meu turno] eu costumava colocar em ordem o serviço que se acumulara durante a semana... Como mencionei, o prédio era em estilo romântico; e o cofre era muito velho e, por motivos de segurança, não ficava em um lugar aberto, mas meio escondido em um tipo de corredor, mal-iluminado. Eu costumava ir até o cofre e retirar [e examinar] os livros de contabilidade. Foi assim que tudo começou. A idéia surgiu quando os livros de contabilidade mostraram como iam os negócios. Então toda a vez em que ia ao cofre e tirava os livros de contabilidade eu pensava: "Você já esteve nessa situação antes. Então qual teria sido essa situação [anterior]? O sentimento foi ficando mais forte e então – não em um transe ou estado de sono – como algo quase visível aos olhos, pude me observar como eu naquela época. Usava um colarinho alto e roupas formais; tinha voltado de uma cerimônia em um dia especial. Meu negócio estava falido; um empregado tinha sumido com o dinheiro – desfalcou a empresa e fugira com o dinheiro. Então fiquei sentado com os livros de contabilidade e pude ver que não havia mais futuro. Tudo terminara. Depois fiquei sozinho em uma sala e enfiei uma bala na cabeça, na têmpora direita. Podem chamar essas imagens de clarividência, mas para mim elas são lembranças.

Em outra declaração (de 8 de junho de 1960), Ruprecht enfatizou as semelhanças entre sua situação em 1942-3 e as da vida passada. Ele escreveu:

O cenário da vida passada era semelhante àquele pelo qual eu passava na época. O cofre estava em um local parecido, e os livros de contabilidade também eram semelhantes.

Em 2 de maio de 1964, fiz as seguintes anotações durante a minha reunião em Frankfurt com Ruprecht e Emma Schulz:

Quando RS começou a ter essas lembranças, elas eram vagas e

nebulosas; mas nas semanas que se seguiram, tornaram-se cada vez mais claras. Ele nunca as tinha a não ser quando estava no escritório durante o seu turno aos domingos. Estava completamente acordado nessas vezes. Ele experimentou novamente as emoções da situação lembrada e viu as lembranças como uma imagem interior, não como uma visão projetada.

**Provas de declarações escritas de Ruprecht Schulz feitas antes da comprovação**

Como mencionei antes, Ruprecht usou o tempo livre de suas férias na primavera de 1952, para escrever cartas solicitando informações de cidades portuárias do norte da Alemanha. O primeiro registro escrito que temos de suas lembranças ocorreu nessas cartas nas quais fingia estar buscando detalhes de um ancestral cujo nome ele não sabia. A carta para o município de Wilhelmshaven (de 30 de maio de 1952) tinha o seguinte teor:

Na esperança de completar a história de minha família, estou tentando saber mais sobre um ancestral, ou talvez um parente distante... Ele teria falecido entre 1870, talvez um pouco antes de 1885. Morou em uma cidade portuária da Alemanha e estava ligado a embarques, fretes de navio, ou algo semelhante. Tinha cerca de 40 anos de idade. Ao retornar de alguma comemoração, ele se matou com um tiro devido a dificuldades financeiras.

A primeira resposta de Wilhelmshaven dizia que o homem que Ruprecht tentava localizar poderia ter sido um corretor marítimo e comerciante de madeira chamado Kohl (sic) que se matara em 1890.

Ruprecht respondeu a Wilhelmshaven e pediu mais detalhes sobre o comerciante de madeira Kohl. Antes de receber uma resposta, ele escreveu um relato de suas memórias, em 1º de agosto de 1952. Como este contém poucos detalhes adicionais aos que já mencionei anteriormente, não vou citá-lo aqui. No entanto, forneceu mais detalhes sobre a roupa formal: um fraque e o colarinho branco e duro que o homem, que ele acreditava ser ele mesmo, usava ao se matar. Também mencionou que ele pensava que a vida passada tinha se passado em uma pequena cidade portuária, não em uma grande (pela data de suas declarações, podemos notar que ele já sabia que um corretor marítimo de Wilhelmshaven tinha se matado no fim do século XIX).

A próxima carta do município de Wilhelmshaven (de 11 de setembro de 1952) fornecia o nome completo do madeireiro: Helmut Kohler. Também mencionava o nome e o endereço do filho, ainda vivo, de Helmut – Ludwig.

Ruprecht imediatamente escreveu a Ludwig Kohler. Sua carta de 17 de setembro de 1952 incluía o seguinte:

Desde que eu era muito novo, tinha a distinta impressão, com vários detalhes, de que fui [em uma vida passada] de certo modo ligado à construção de navios ou a uma agência de embarques de navios e que eu tinha acabado com a minha vida com um tiro. Estava no auge da minha vida. Quanto ao local [desta vida], sabia que ela se passara em uma antiga cidade portuária de tamanho pequeno ou médio; me pareceu, mais tarde e mais claramente, que essa cidade era Wilhelshaven. Além disso, o homem [que eu era] parecia estar em uma casa bem antiga. Nela havia uma saleta com um baú ou um tipo de cofre ou arquivo com documentos importantes e provavelmente também com um pouco de dinheiro vivo. A pessoa [que eu era] usava roupas escuras no estilo daquela época, como se tivesse vindo de alguma reunião importante ou de um evento especialmente relevante. Quanto à data desses acontecimentos – o suicídio da pessoa [que eu era] – me pareceu ter sido por volta de 1885.

Em 1960, o Dr. Müller escreveu à ex-secretária de Ruprecht Schulz, Ingrid Wollensach, que ainda morava em Berlim. Recebeu duas cartas dela, de 24 e 30 de setembro de 1960. A primeira carta de Ingrid incluía o seguinte:

"...Fico contente em lhe dizer que eu ainda me lembro da experiência mencionada em sua carta. Eu recordo que o Sr. Shultz disse que os acontecimentos [de suas memórias] ocorreram em uma pequena cidade portuária, Wilhelmshaven.[79] Com certeza, não era uma grande cidade portuária como Hamburgo.

Também me lembro da idéia de férias, porque conversamos sobre as roupas necessárias para aquela ocasião."

Como percebi que, em sua declaração de 1º de agosto de 1952, o Sr. Schulz dissera que na vida passada ele estava sozinho no escritório, gostaria de mencionar que o Sr. Schulz tem o hábito de trabalhar sozinho no escritório – após todos os outros terem ido para casa – inclusive aos domingos e feriados.

A segunda carta incluía o seguinte:

Em referência à sua carta sobre as lembranças do Sr. Ruprecht Schulz, refleti sobre o caso novamente. Aqui estão mais algumas informações do que me lembro.

[79] Dr. Müller, em sua carta de investigação, tinha perguntado a Ingrid Wollensach se Ruprecht Schulz mencionara o porto de Wilhelmshaven pelo nome.

Havia uma referência a estar preocupado com um negócio que envolvia madeira. A pessoa [das lembranças], em um dia de algum feriado especial, estava sozinha no escritório, examinou os livros de contabilidade e descobriu que um empregado indigno de sua confiança o enganara. Assim ele se viu em estado de falência. Se eu me lembro corretamente, um revólver, que era guardado na escrivaninha, foi a arma usada no suicídio.

Pode-se muito bem perguntar por que me é possível lembrar desses detalhes após tantos anos. O Sr. Schulz não apenas contou, como também ditou tudo para mim, para que eu datilografasse o que ele dizia. Neste caso, ele já tinha falado comigo sobre o assunto anteriormente, e também discutimos a questão juntos, mais tarde.

**A verificação das declarações de Ruprecht Schulz**

A primeira resposta do município de Wilhelmshaven à carta de Ruprecht Schulz veio em 24 de julho de 1952. Sugeria que o homem que Ruprecht buscava poderia ser "o corretor marítimo e o comerciante de madeira Kohl, que cometera suicídio em 1890".

A segunda carta de Wilhemshaven era de 11 de setembro de 1952 e forneceu informações mais específicas e corretas. Dava o nome completo de Helmut Kohler, descrevendo-o como comerciante de madeira e operador de serraria, disse que ele se suicidara com um tiro aos 54 anos em 23 de dezembro de 1887 (esta data também estava incorreta). Esta era a carta que fornecia o nome e o endereço do filho de Helmut Kohler, Ludwig, em Wilhelmshaven.

Com essa informação, Ruprecht escreveu a Ludwig Kohler em 17 de setembro de 1952. Já mencionei antes trechos relevantes dessa carta. Ludwig respondeu imediatamente a carta de Ruprecht em 21 de setembro. Após ter declarado inicialmente que ele achava doloroso compartilhar detalhes de sua vida familiar, explicou que sabia que a questão era importante para Ruprecht e que, portanto, ele se daria ao trabalho de responder as suas indagações. Também explicou que era apenas uma criança na época dos acontecimentos aos quais Ruprecht se referia (Ludwig Kohler nasceu em 1875, portanto tinha 12 anos quando o pai se matou). Sua carta prossegue:

Meu pai, Helmut Kohler, tinha negócios importantes em Wilhelmshaven que incluíam o comércio de madeira e uma serraria. Nossa residência ficava em Friedrichstrasse 25, bem ao lado ficava um prédio térreo que era usado para os escritórios. Esta construção dava para o norte, tinha apenas janelas pequenas, portanto estava sempre escura. Em um canto de uma das salas havia um cofre

antigo, que você mencionou. Dentro havia dinheiro, livros de contabilidade e também uma caixa fechada com documentos importantes. Meu pai geralmente trabalhava com roupas escuras e onde quer que fosse usava uma cartola.

Ele importava madeira por navio de Danzig, Konigsberg e Memel, mas especialmente da Noruega, Suécia, Finlândia, Rússia e dos Estados Unidos. Em 1888,[80] ele acreditou (erroneamente) que os impostos alfandegários aumentariam e importou uma quantidade enorme de madeira. Infelizmente, foi uma especulação equivocada porque o preço da madeira caiu muito mais que o aumento de impostos alfandegários. A partir daí, ele passou a ter dificuldades para honrar as faturas. A fim de superar a crise, ele combinou com o contador, que tinha sido "seu braço direito" e no qual confiava cegamente, de falsificar os registros de suas transações com moeda estrangeira. Os dois acreditavam que eles se desembaraçariam das dificuldades assim que a taxa de câmbio caísse, o que acabou não acontecendo. O contador ficou com medo de ser preso, fugiu para os Estados Unidos levando consigo uma parte considerável dos fundos disponíveis da empresa. Meu pai entrou em pânico completo e se matou no Dia da Prece e do Arrependimento.[81] A empresa foi declarada falida, embora isto não fosse necessário, de fato. Embora o prédio, a serraria e a madeira da empresa tivessem de ser vendidas em leilão, todos os credores foram pagos.

Na carta de Ruprecht Schulz de 26 de setembro de 1952, na qual ele agradecia a Ludwig Kohler pela resposta de 21 de setembro, perguntou a Ludwig se o pai tinha dado um tiro "na têmpora direita ou no coração". Na resposta de 30 de setembro, Ludwig escreveu que sabia apenas que o pai tinha atirado na cabeça.

O quadro 2 fornece um resumo de todos os itens comprovados para os quais temos provas de que Ruprecht Schulz realmente escreveu ou ditou para a secretária antes de eles serem verificados.

**A visita de Ruprecht aos Kohler em Wilhelmshaven**

Em outubro de 1956, Ruprecht e Emma Schulz foram até Wilhelmshaven onde se encontraram com Ludwig Kohler. A cidade tinha sido muito danificada pelos bombardeios durante a então recente guerra. Ruprecht acreditou reconhecer a Prefeitura e um antigo arco. Percebeu que podia reconhecer fotos dos filhos de Helmut Kohler tiradas junto com um enorme grupo de alunos de uma escola, mas não reconheceu as filhas. Não temos comprovação de nenhum dos reconhecimentos que Ruprecht acreditou ter feito.

[80] Ludwig Kohler passou um ano ausente, no ano da morte do pai.

[81] Na Alemanha, este feriado se chama Buss- und Bettag, o dia do arrependimento e da prece. Sempre cai em uma quarta-feira de novembro. Em 1887, caiu no dia 16 de novembro.

## O desconhecimento de Ruprecht Schulz em relação à cidade de Wilhelmshaven

Na sua carta de 17 de setembro de 1952, Ruprecht mencionou:

Nunca estive em Wilhelmshaven. Não tenho nem nunca tive parentes ou ligação com ela. Apesar do meu interesse em ir até lá, nunca fui, por conta dos meus negócios, e também pelas dificuldades de viajar durante a época de Hitler e depois.

O "interesse" que Ruprecht tinha em ir para Wilhelmshaven se originava apenas da convicção que havia vivido e morrido lá; não tinha nenhum outro interesse na cidade, que fica 370 km a noroeste de Berlim, em uma enseada do Mar do Norte.

## Mais informações biográficas sobre Helmut Kohler

Durante as minhas entrevistas e pela leitura dos documentos aos quais tive acesso, soube de poucos detalhes sobre a vida de Helmut Kohler além dos já mencionados nas cartas citadas que Ludwig escreveu a Ruprecht.

Helmut Kohler nasceu em Wilhelmshaven em 7 de janeiro de 1834. Casou-se com uma prima e tiveram três filhos, dois meninos e uma garota. Ludwig, o segundo filho, também nasceu em Wilhelmshaven a 9 de maio de 1875.

Em 1887, a cidade tinha apenas um jornal, o Wilhelmshaven Zeitung. Em 24 de novembro de 1887, ele divulgou uma breve notícia sobre a morte de Helmut Kohler descrevendo-a como "repentina e inesperada", porém sem detalhar a causa da morte.

Após retornar de sua primeira (e acredito única) visita a Wilhelmshaven, Ruprecht Schulz escreveu um relato do que ele descobrira durante a visita. Ele soube, por Ludwig Kohler, "que no dia de Buss –und Bettag, toda a família tinha ido à igreja. Depois se reuniram em casa para o almoço. De repente, Helmut Kohler se levantou, foi até o escritório e se matou. Isso ocorreu entre 2 e 3 da tarde".

| Item | Registros | Verificação | Comentários |
|---|---|---|---|
| 1. Seu negócio era relacionado a navios. | Carta de R. Schulz para L. Kohler de 17 de setembro de 1952.<br>Carta de 30 de maio de 1952 de R. Schulz para o Escritório Municipal de Wilhelmshaven. | Carta do Escritório Municipal de Wilhelmshaven de 24 de julho de 1952.<br>Carta de L. Kohler para R. Schulz de 21 de setembro de 1952. | Não há. |
| 2. Seu negócio tinha algo a ver com madeira. | Carta de I. Wollensach para K. Müller em 30 de setembro de 1960. | Carta de L. Kohler para R. Schulz de 21 de setembro de 1952. | Não há. |
| 3. Ele morava em uma cidade portuária pequena ou de tamanho médio, mais provavelmente em Wilhelmshaven. | Carta de R. Schulz para L. Kohler de 17 de setembro de 1952.<br>Carta de I. Wollensach para K Müller de 24 de setembro de 1960. | Carta de L. Kohler para R. Schulz de 21 de setembro de 1952. | R. Schulz já sabia por uma carta de Wilhelmshaven de 24 de julho de 1952 que um homem chamado Kohl (sic) morou em Wilhelmshaven tinha um comércio de madeira e cometera suicídio. A carta de R. Schulz de 30 de maio de 1952 ao escritório municipal de Whilhelmshaven se referia a uma cidade portuária sem mencionar o tamanho. |
| 4. Ele tinha uma casa antiga. | Carta de R. Schulz para L. Kohler de 17 de setembro de 1952. | Veja comentários. | Ernst Kohler me disse que a casa em si era de construção moderna (em 1887), mas era rodeada de prédios mais antigos. O prédio menor ligado à casa, que funcionava como escritório e onde ficava o cofre, deve ter sido de construção mais antiga, pois Ludwig Kohler disse que as janelas eram pequenas e era escuro. |

| | | | |
|---|---|---|---|
| 5. Ele tinha um cofre antigo. | Anotações de R. Schulz de 1º de agosto de 1952. | Carta de L. Kohler para R. Schulz de 21 de setembro de 1952. | Não há. |
| 6. Ele mantinha documentos, livros de contabilidade e dinheiro no cofre. | Carta de R. Schulz para L. Kohler de 17 de setembro de 1952. | Carta de L. Kohler para R. Schulz de 21 de setembro de 1952. | Não há. |
| 7. O cofre era mantido em uma saleta bem escura. | Carta de R. Schulz para L. Kohler de 17 de setembro de 1952. | Carta de L. Kohler para R. Schulz de 21 de setembro de 1952. | O cofre era mantido em um canto de uma sala escura. |
| 8. Ele tinha ido até o cofre, retirado os livros de contabilidade e ao examiná-los descobriu estar falido. | Anotações de R. Schulz de 1º de agosto de 1952. | Não confirmado especificamente, mas pode ser deduzido pela carta de L. Kohler para R. Schulz de 21 de setembro de 1952. | A primeira carta de R. Schulz ao Prefeitura de Wilhelmshaven mencionava apenas "dificuldades financeiras". |
| 9. Ele foi traído por um funcionário de confiança, que o forçou à falência. | Carta de I. Wollensach para K. Müller de 24 de setembro de 1960. | Carta de L. Kohler para R. Schulz de 21 de setembro de 1952. | Não há. |
| 10. Ele deu um tiro na têmpora direita. | Anotações de R. Schulz de 1º de agosto de 1952. | Parcialmente correto; carta de L. Kohler para R. Schulz de 30 de setembro de 1952. | Ludwig Kohler sabia apenas que seu pai atirara na cabeça, não em que parte da cabeça. |

| | | | |
|---|---|---|---|
| 11. No dia em que atirou, ele participara de uma cerimônia importante. | Carta de R. Schulz para L. Kohler de 17 de setembro de 1952.<br>Carta de 30 de maio de 1952 de R. Schulz para o Escritório Municipal de Wilhelmshaven.<br>Carta de I. Wollensach para K.Müller de 30 de maio de 1960. | Carta de L. Kohler para R. Schulz de 21 de setembro de 1952. | Era o Dia do "Arrependimento e da Prece", feriado alemão. |
| 12. Quando ele deu o tiro, ainda usava as roupas para a ocasião formal de que participara. Vestia um fraque e um colarinho alto e engomado. | Anotações dc R. Schulz de 1º de agosto de 1952. | Provável, mas não pôde ser verificado de forma independente; veja comentários. | Em uma fotografia (que tenho) de Helmut Kohler, ele é visto usando um colarinho branco duro e um fraque preto. Ruprecht Schulz disse que Ludwig confirmara o fato com ele quando se encontraram em Wilhelmshaven. |
| 13. Usava roupa escura. | Carta de R. Schulz para L. Kohler de 17 de setembro de 1952. | Carta de L. Kohler para R. Schulz de 21 de setembro de 1952. | Não há. |
| 14. O suicídio ocorreu por volta de 1885. | Carta de R. Schulz para L. Kohler de 17 de setembro de 1952. | H. Kohler morreu em 23 de novembro de 1887. Viveu ainda uma semana após o tiro. | Em sua carta datada de 30 de maio de 1952 ao município de Wilhelmshaven, R. Schulz forneceu várias datas entre 1870 e 1885. Na época da carta a L. Kohler em 17 de setembro, ele soube por Wilhelmshaven que o ano da morte era 1887. |
| 15. Estava no auge da vida, talvez com uns 40 anos. | Carta de R. Schulz para L. Kohler de 17 de setembro de 1952.<br>Anotações de R. Schulz de 1º de agosto de 1952. | Veja comentários. | A certidão de óbito de Helmut Kohler mencionava que ele tinha 53 anos ao morrer. |

**Testemunho diferente dos netos de Helmut Kohler**

Os netos de Helmut Kohler, Gertrud Kohler Schmidt e Ernst Kohler, nasceram respectivamente em 1910 e 1915. Eles discordaram das declarações do pai em sua correspondência com Ruprecht Schulz em dois pontos.

Primeiro, disseram que a casa na qual acontecera a morte de Helmut Kohler não era antiga, mas moderna, embora rodeada de prédios velhos. Entretanto, acho que o prédio menor, ligado ao prédio e usado como escritório, onde Helmut mantinha o cofre, deve ter sido velho, porque Ludwig o descreveu como tendo janelas pequenas e estar sempre escuro.

Em segundo lugar, esses informantes negaram mais tarde que seu avô tivesse se envolvido em falsificação de registros. Gertrud Kohler Schmidt disse que o suicídio do avô tinha sido um escândalo na família, e ela apenas soube da morte do avô pela tia quando tinha cerca de 20 anos. Isso teria sido mais de 40 anos após a morte do avô.

**Comentário.** Ludwig Kohler não tinha a necessidade de inventar uma história sobre a desonestidade do avô se isso não fosse verdade. Acredito, portanto, que sua irmã (tia de Gertrud) escondeu dela o fato vergonhoso da desonestidade do avô.

**As datas de nascimento e da morte**

Ruprecht Schulz disse ter nascido em Berlim em 19 de outubro de 1887, e eu obtive uma cópia de sua certidão de nascimento.

Também obtive uma cópia da certidão de óbito de Helmut Kohler, que morreu em Wilhelmshaven em 23 de novembro de 1887. Confirmei a exatidão da data por meio da cópia do aviso de morte publicado no Wilhelmshaven Zeitung de 24 de novembro de 1887, que dizia da morte ocorrida "repentina e inesperadamente ontem".

Helmut sobreviveu uma semana após o tiro. Em 1887, o feriado ocorreu em 16 de novembro, uma quarta-feira.

O intervalo entre o nascimento de Ruprecht Schulz e a morte de Helmut Kohler foi, portanto, de cinco semanas.[82]

[82] Os outros casos com datas anômalas incluem: Jasbir Singh, Chaokhun Rajsuthajarn, Smriti Kana Kunda, Sudhir Rastogi, Sumitra Singh e Manju Bhargava.

## Informações sobre o comportamento de Ruprecht Schulz

**O comportamento de Ruprecht Schulz em relação à vida passada.** Ruprecht Schulz se lembrou que quando criança, toda vez em que se sentia deprimido ou que alguém ralhava com ele, moldava a mão na forma de um revólver com o indicador estendido. Punha o dedo na têmpora e dizia "vou me matar". Fazia isso com tanta freqüência que a sua mãe ficou zangada e assustada. Ela considerava um mau agouro para uma desgraça futura e o proibiu de continuar com o hábito.

Desde a juventude, os revólveres fascinavam Ruprecht. Ele tinha muito mais interesse neles que em outras armas. Ele descobriu que pegar em um revólver de verdade era-lhe desagradável.

Ruprecht também descreveu ter tido desde cedo interesse por navios e navegação; colecionava modelos e gravuras de navios. Seu interesse podia não ter tido nenhum estímulo óbvio a partir das atividades em Berlim, uma cidade longe do mar, cortada apenas por um rio pequeno.

Ruprecht escreveu (em uma carta para mim de 26 de maio de 1964) que ele era extremamente cauteloso com as questões financeiras e evitava qualquer envolvimento que parecia levar ao risco de perda. Dentre seus parentes e círculo de amigos era conhecido como "consciente na segurança". Ele atribuía esse traço ao desastre financeiro da vida passada quando arriscou e fez projeções erradas.

## A atitude de Ruprecht Schulz em relação ao suicídio

Em relação ao suicídio da vida passada, Ruprecht nem lamentou nem o aprovou. Entretanto, ele acreditava que em algumas circunstâncias da vida, o suicídio oferece uma solução racional. Ele mencionou as condições espantosas da Alemanha durante a 2ª Guerra Mundial como, por vezes, propícias a um suicídio. Seria um meio de escapar de uma situação intolerável.

## As atitudes dos adultos em relação ao caso

Ruprecht Schulz entendeu e concordou com o pedido de Ludwig Kohler, declarando antes na troca de correspondência que os detalhes dos negócios da família Kohler não deveriam ser expostos ao público. Assim, Ludwig ficou zangado quando Ruprecht, respondendo ao apelo de Das Neue Blatt, escreveu ao jornal narrando sua experiência. O jornal publicou o nome

de Kohler sob um pseudônimo (não o que eu adotei), mas isso não adiantou para abrandar a insatisfação de Ludwig. Ruprecht também ficou um pouco irritado com a tendência da mídia de fazer sensacional ismo de sua experiência. Além do Das Neue Blatt, pelo menos outro jornal e uma revista ilustrada nacional publicaram relatos sobre o caso.

O próprio Ruprecht não tentou explorar as suas experiências. Respondeu a correspondentes que leram sobre o caso em Das Neue Blatt, ou que souberam dele de outra maneira; deu uma ou duas palestras; e cooperou com investigadores sérios como o professor Hans Bender, o Dr. Karl Müller e eu. Que eu saiba, ele não obteve ganhos financeiros e recebeu apenas a atenção pública efêmera pela publicação do seu caso na mídia.

**A fórmula de Ruprecht Schulz para lembrar a vida passada**

Em uma carta para o Dr. Müller de 24 de junho de 1959, Ruprecht destacou um tipo de fórmula para se lembrar de uma vida passada. Ele escreveu que precisava da coordenação de três elementos, a seguir:

a) a pessoa deveria ser especialmente sensível, de certa forma, como um sismógrafo; mas também não poderia ser perturbada facilmente, tal qual "um feixe de nervos".

b) na vida passada deve haver algum acontecimento incomum que tenha deixado um efeito profundo no "eu interior",

c) a pessoa tem de encontrar na vida presente algum local, objetos ou acontecimentos que liberem a memória da vida passada.

**Comentários**

Diferentemente de muitos casos mais consistentes da Ásia, este apresenta a falha de eu não conseguir reunir grande número de informantes que pudessem confirmar suas declarações. Ruprecht permanece quase que totalmente o único informante das declarações antes de elas serem confirmadas. No entanto, não temos motivo para duvidar da autenticidade da troca de cartas entre ele e Ludwig Kohler que levou à confirmação de suas declarações. A carta de Ruprecht de 17 de setembro de 1952 propicia um registro tão bom quanto possamos desejar de um relato de declarações essenciais.

Podemos afirmar que confirmamos o caso quando o sujeito em estudo não mencionou nenhum nome pessoal e tampouco o nome de uma cidade

portuária com certeza?[83] Ao responder esta questão devemos reconhecer que muitas declarações de Ruprecht poderiam se aplicar a vários homens de negócios de cidades portuárias no norte da Alemanha. Porém, quantos poderiam se aplicar conjuntamente a qualquer outra pessoa que não Helmut Kohler? Não há dúvida de que outros comerciantes alemães com dificuldades financeiras poderiam ter se matado em desespero diante da ruína financeira. Porém, quantos moravam em pequenas cidades portuárias do norte e cometeram suicídio em um dia especial de cerimônia religiosa? Quantos mantinham documentos em um cofre de estilo antigo que ficava em um canto de uma saleta escura? Não podemos excluir a possibilidade da morte de alguma outra pessoa ser semelhante à de Helmut Kohler, mas a probabilidade de encontrar essa pessoa me parece ser extremamente remota.

Igualmente remota parece ser a possibilidade de Ruprecht Schulz ter tido qualquer conhecimento dos negócios que culminaram com o suicídio de Helmut Kohler, que morava em uma cidade portuária (Wilhelmshaven) a 370 quilômetros de Berlim, onde Ruprecht Schulz morou durante toda a vida até se mudar para Frankfurt.

Por esses vários motivos considero este caso um dos mais fortes que já investiguei.

## EDWARD RYALL

Em 1974, Edward Ryall publicou um livro com um longo relato do que ele acreditava ser as lembranças de uma vida passada do século XVII na Inglaterra (Ryall, 1974). Eu o incentivei a escrever o livro e contribuí com uma longa introdução e com o apêndice de confirmações de alguns dos detalhes incluídos em seu relato.

A publicação do livro de Ryall normalmente o teria classificado como inadequado para a inclusão do caso na presente obra. Dois motivos justificam abrir uma exceção. Inicialmente, expandi as minhas próprias investigações sobre o caso e tive o benefício de consultas com especialistas sobre a história do condado de Somerset, na Inglaterra, onde Edward Ryall acreditava ter vivido antes. Em segundo lugar, por meio dessas consultas, vim a modificar a minha própria apreciação do caso e devo aos meus leitores o conhecimento desse fato.

[83] O caso de Indika Guneratne incluiu igualmente poucos nomes próprios: os de uma cidade e de um criado. Ele não declarou nenhum nome de familiares, porém forneceu vários outros detalhes para garantir a minha crença de que eles correspondiam à vida de uma pessoa em particular que morou na cidade mencionada por ele.

**Resumo do caso e sua investigação**

Edward Ryall nasceu em Sheoburyness, Essex, Inglaterra, em 21 de junho de 1902. Seus pais eram George Ryall e a esposa Annie. Annie morreu quando Edward tinha três anos e até seu pai casar-se novamente, três anos depois, foi criado pela avó materna. George Ryall era operário. Edward freqüentou a escola primária e secundária locais. Obteve o certificado final da escola secundária de Cambridge. Após isso, exceto pelo serviço militar durante a 2~ Guerra Mundial, trabalhou em vários empregos, especialmente em escritórios. Ele se casou aos 22 anos em 1924.

Edward escreveu que, quando ainda era bem criança, teve consciência de imagens na sua mente: cenas e também palavras incomuns – que pareciam se originar de outra época e local; ele parecia ter vivido antes. Às vezes, deixava escapar alguma coisa sobre essa aparente lembrança. Ele se recorda que às vezes usava palavras desconhecidas em Essex, como "rhine" para a vala de drenagem (em Essex, esse tipo de vala seria chamado de "dyke"). Sua avó estranhava esse uso e também achava esquisito que ele dissesse não ter "vovó". Porém, ele não fez nenhuma tentativa de dar um relato sistemático de suas lembranças para ninguém mais, tampouco ninguém o solicitou a fazê-lo. Isso não surpreende, como demonstra um incidente ocorrido em 1910, quando ele tinha uns oito anos. Seu pai o levou para o jardim de casa e mostrou o cometa Halley, que brilhava no céu no seu recente aparecimento após mais de 75 anos. Edward, sem pensar, disse ao pai que ele já o vira antes e que o mostrara para "seus" filhos. O pai ralhou com ele por fazer uma observação tão absurda e chamou a sua atenção para as terríveis conseqüências – ele mencionou a internação em um hospício – se continuasse a falar tamanha bobagem. Edward foi um aluno exemplar e não voltou a comentar as lembranças da vida passada por muitos anos. Mesmo a sua esposa não soube de nada a respeito até 1970. A repressão de George Ryall em relação às declarações do filho o impediu de eles terem uma possível confirmação de pessoas mais velhas que Edward Ryall ou mesmo de seus contemporâneos, até que ele publicou o relato aos 68 anos.

No entanto, a repressão do pai ao impedir que Edward contasse sobre as lembranças não as suprimiu, ou o impediu de recuperar outras. Ele as manteve em uma mente notavelmente afiada e só as passou no papel com quase 70 anos, em 1970. Mais tarde, ele contou que as suas primeiras lembranças da vida passada ocorreram quando era criança e que elas se desenvolveram com mais detalhes durante a adolescência. No entanto, permaneceram sem um local até 1962. Nessa época, ele e a esposa fizeram uma viagem de ônibus até Devon e passearam por várias partes de Somerset sem parar ali. Em Somerset, de repente, ele percebeu que a vida passada tinha acontecido

naquele condado.[84] Em 1970, ele leu um apelo do Daily Express (de Londres) para os seus leitores enviarem relatos de lembranças de vidas passadas. Decidiu romper o silêncio e enviou ao jornal um resumo de seu próprio caso. O jornal publicou um artigo sobre suas alegações em 4 de maio de 1970. Os amigos da Inglaterra me enviaram recortes dele. Fiquei positivamente impressionado e comecei a me corresponder com Edward. Em seguida, eu me encontrei com ele várias vezes em sua residência em Hadleigh, Essex. Eu o incentivei a fornecer o máximo de detalhes que pudesse ainda se lembrar sobre a vida passada. Mais tarde, sugeri que escrevesse um livro sobre as suas experiências, e quando isso aconteceu, eu o ajudei a encontrar uma editora e fiz a introdução do livro, que ele denominou Second Time Round. Enquanto isso, comecei a verificar a existência das pessoas que figuravam na sua narrativa e a conferir a correção dos vários detalhes inclusos na obra. A verificação e as fontes que utilizei formaram um Apêndice do Second Time Round.

Continuei a investigar o caso após a morte de Edward Ryall. Pouco antes, soube que as buscas de registros em paróquias para encontrar quaisquer indícios sobre a existência de quase duas dúzias de pessoas que Edward Ryall mencionou como membros da família de John Fletcher e de seu círculo de amigos tinham dado em nada. Ele faleceu antes que eu pudesse discutir essa falha com ele. Ele morreu em sua casa em 4 de fevereiro de 1978.

Em seguida, fornecerei um breve resumo dos principais acontecimentos narrados em Second Time Round.

**Os principais acontecimentos narrados no Second Time Round**

Edward Ryall escreveu que ele se lembrava da vida de um proprietário de uma pequena fazenda chamado John Fletcher, que nasceu em 1645 e morreu em 1685. John Fletcher viveu e morreu em Somerset do outro lado de Essex na Inglaterra, onde Edward nasceu e viveu (Edmund Halley observou o cometa que, mais tarde, recebeu o seu nome, na sua passagem no globo terrestre em 1682, ou seja, dentro do período indicado da vida de John Fletcher). Edward escreveu que se lembrava de inúmeros acontecimentos de períodos diversos da

[84] Talvez ele tivesse tido anteriomente alguma sensação de que as imagens de sua mente se originavam de Somerset. Seu filho Raymond me contou em 1980 que, aos 17 anos, ele fizera um passeio de bicicleta que o levara por Somerset. Ao voltar para casa, seu pai lhe perguntou se ele estivera em Weston Zoyland (ele tinha passado por lá). Edward Ryall justificou a sua curiosidade dizendo que ele conhecia alguém de Weston Zoyland. Raymond e a mãe, que confirmou o relato de Raymond, concluíram que Edward estava se referindo a alguém que ele conhecera durante o serviço militar.

vida de Fletcher. Uma lista desses acontecimentos inclui o seguinte: a morte do pai de John Fletcher, Martin Fletcher, após ter sido atacado por um touro; o caso de amor entre John Fletcher e Melanie Poulett, oriunda de uma família de renome de Somerset; uma viagem a Mendips com o amigo chegado de John Fletcher, Jeremy Bragg, que terminou quando John acidentalmente caiu em um buraco no chão e aterrissou em um poço de uma mina de chumbo; a corte e o casamento de John Fletcher; a compra de um cavalo extremamente rápido de um capitão de navio espanhol em Axmouth; o resgate de Joseph Alleine, um padre expulso da igreja, por policiais que o buscavam; relações adúlteras por parte de John Fletcher e Jeremy Bragg, sancionadas pelos costumes de Somerset na época; e finalmente, o papel desempenhado por John Fletcher como guia do exército rebelde do duque de Monmouth durante a sua marcha noturna para surpreender os soldados do rei James II acampados perto de Weston Zoyland (Edward Ryall localizou a casa e a fazenda de John Fletcher nos limites de Weston Zoyland). A narrativa destes e de outros acontecimentos ocupa apenas uma parte – talvez a porção menor – do livro de Edward Ryall. Ele devota grande parte da obra em descrições bem detalhadas da rotina de um fazendeiro e de seus amigos na Somerset do século XVII.

**Os três tipos de informações fornecidas por Edward Rayall**

Para o propósito de análise em relação à prova de processos paranormais, podemos dividir adequadamente essas aparentes lembranças em três grupos. O primeiro grupo consiste em acontecimentos ligados a pessoas que figuram de forma destacada na história da segunda metade do século XVII na Inglaterra. Em especial, Edward Ryall se lembrou com considerável detalhe dos acontecimentos da rebelião do duque de Monmouth contra o rei James II. Monmouth, filho ilegítimo de Charles II, questionou o direito de seu tio ao trono da Inglaterra. Após uma série de infortúnios e enganos a rebelião de Monmouth fracassou e foi finalmente contida na batalha de Sedgemoor na qual John Fletcher perdeu a vida. O relato de John Fletcher sobre os acontecimentos está exato na essência, pelo tanto que pudemos averiguar comparando-o com as fontes contemporâneas. O detalhe mais importante e evidente é a alegação de que John agiu, pelo menos durante parte do caminho, como guia por entre as charnecas quando o duque de Monmouth tentou um ataque surpresa noturno contra os soldados do rei enviados para suprimir a rebelião. A maioria das fontes contemporâneas (e mais tarde escritores) declarou ou supõe que o exército de Monmouth foi guiado por um homem chamado Godfrey. No entanto, Godfrey é uma figura um tanto esquiva; e é concebível

que os oficiais de Monmouth tenham tido outros guias auxiliares; mas até aí não podemos afirmar que o John Fletcher de Edward Ryall seja um deles.

Este primeiro grupo de lembranças não tem nada de interesse para os estudiosos de fenômenos paranormais. Todos os acontecimentos e as pessoas relativas a eles são bem conhecidos de leitores em geral ou então as informações a respeito são fáceis de serem obtidas e podem ser consideradas parte do repertório de informações de um inglês até com pouco estudo.

Edward nega ter lido qualquer coisa sobre o duque de Monmouth e sua rebelião, além de um breve resumo em um livro escolar. Entretanto, ele foi uma pessoa com vários interesses e tinha uma memória privilegiada invejável. Dessa forma, podemos concluir que ele pode ter obtido, de forma natural, todas as informações exatas sobre os principais acontecimentos conhecidos por historiadores, que estão incluídos na sua obra.

Um segundo tipo de informação das lembranças se refere aos fatos acontecidos com pessoas não mencionadas na história – até os mais específicos – do período em questão. Edward mencionou os nomes de cerca de 20 pessoas que eram membros do círculo familiar e de amizade de John Fletcher. Não há grande chance de a maioria dessas pessoas ser conhecida fora de seu condado, ou até mesmo além dos limites de suas paróquias. Dentro das paróquias a que pertenciam, conforme Edward Ryall descreve, eram pessoas de relativa importância local, cujas existências deveriam estar gravadas nos registros locais. Seus nomes deveriam constar de certidões de nascimento, batismos, casamentos e falecimentos. Com a ajuda de correspondentes na Inglaterra, pedi para examinarem inúmeros registros de paróquias e condados buscando vestígios de várias pessoas mencionadas por Edward. As pesquisas falharam completamente em encontrar algo relativo a John Fletcher c a todos os membros de sua família e também a Jeremy Fuller, com cuja filha, Cecily, John teria se casado, de acordo com Edward Ryall. Nada foi encontrado sobre Jeremy Bragg e sua esposa Catherine. Confirmamos os nomes e alguns detalhes fornecidos por Edward sobre os priores de diversas paróquias e sobre Andrew Newman, o ferreiro. No entanto, algumas informações sobre essas pessoas foram impressas e, em princípio, estão disponíveis para um pesquisador sério.

O fracasso das buscas iniciais pelos registros me surpreendeu tanto que ordenei uma nova pesquisa sobre os registros das doze pessoas importantes mencionadas no Second Time Round, que também falhou.

Por que não encontramos provas de John Fletcher e das outras pessoas que Edward mencionou como figurantes da vida doméstica e social de John Fletcher? Para mim, há várias explicações possíveis para esta falha. Primeiro, os registros do fim do século XVII na Inglaterra têm muitas imperfeições. Durante

os tumultos políticos da época, inúmeros clérigos foram expulsos de suas paróquias e os que permaneceram, com freqüência, deram atenção a assuntos que lhes pareciam mais urgentes que a manutenção de registros. Além dessas brechas nos registros, alguns se perderam em incêndios, por umidade, ou foram armazenados em locais indevidos. A caligrafia à mão dos registros sobreviventes, na melhor das hipóteses, é difícil de ler, e às vezes ilegível (pude constatar isso com os meus próprios olhos, ao examinar os registros em uma igreja de Weston Zoyland). Não estamos necessariamente atribuindo todos os desapontamentos a registros equivocados ou inexistentes.

O terceiro tipo de informação que figura nas lembranças de Edward Ryall são as referentes à vida em Somerset no fim do século XVII. O Second Time Round contém muitas alusões à alimentação, vestuário, objetos de casa, costumes, festivais, moedas, jornais, remédios e a outros aspectos da vida daquela época. Além do que o Edward incluiu na sua obra, que eu posso descrever de forma razoável, como inúmeros detalhes sobre essas questões, o autor também tinha um fundo de reserva de informações que foram passadas por correspondência a mim e a outras pessoas, mas que nunca usou no seu livro. Este material suplementar, em geral, se refere a detalhes tão ínfimos quanto os vários mencionados em Second Time Round e também são na essência bastante exatos. Pessoas comuns com boa educação poderiam saber ou concluir alguns desses detalhes. Outros, entretanto, requereram muito trabalho – pelo menos para mim – para serem confirmados. Os leitores, seja em resenhas do livro, ou em correspondência comigo, questionaram alguns deles. Isto, de alguma forma, acabou me levando a verificar as conclusões por muitas vezes.

**Omissões e enganos nas declarações de Edward Ryall**

Alguns leitores do Second Time Round acharam o seu estilo de "inglês antigo" um pouco artificial, e eu concordo com essa crítica. Ele tem a forma de um romance histórico. No entanto, acredito que os erros de Edward Ryall sobre os fatos são mais relevantes que a maneira de apresentá-los.

Ele usou várias palavras de forma anacrônica. Por exemplo, a palavra *lugger* (descrevendo um pequeno navio a vela) só foi usada a partir do século XVIII. A palavra *stiff*, como adjetivo para bebidas alcoólicas fortes só começou a ser usada após o século XIX. A palavra *goodies* para carne adocicada é anacrônica para o século XVII, sendo usada a partir do século XVIII; a frase *of that ilk* (querendo dizer do mesmo nome ou lugar) é apropriada apenas para a Escócia. Edward citou uma oração em italiano moderno como se fosse

latim. Ele descreveu um local de uma fazenda perto de Lyme Regis em Dorset que, segundo escreveu, pertencia ao irmão de John Fletcher, Matthew; mas os registros mostram que, no período de John Fletcher, a fazenda da locali-dade dada pertencia a uma família chamada Jones. Edward descreveu um navio espanhol como tendo aportado em Axmouth (na costa de Dorset) no qual John Fletcher teria embarcado a fim de buscar cascalho para Bridgwater; porém uma liminar contra violação tinha fechado o porto de Axmouth na época de John Fletcher. Além disso, o cascalho também estava disponível em lugares mais próximos de Bridgewater que Axmouth. Os Poulett de Hinton St. George são uma família renomada de Somerset, mas sua genealogia não indica nenhuma filha chamada Melanie que, segundo Edward Ryall, era filha do segundo barão de Poulett. Edward escreveu que como a promiscuidade de Melanie tinha desgraçado a família, o pai dela a enviara para os parentes em Basing (Hampshire) e retirou o nome dos registros familiares; os Poulett tinham um outro ramo em Basing, mas a sua residência de lá tinha se tornado uma fortaleza dos partidários do rei durante a guerra civil da década de 1640, que as forças de Cromwell finalmente destruíram. Edward descreveu corretamente o rev. Thomas Holt como o vigário de Weston Zoyland durante a época de John Fletcher, porém escreveu como se ele tivesse permanecido vigário a vida toda de Fletcher; contudo foi levado ao Parlamento na década de 1640 e apenas retornou ao seu lar em Weston Zoyland em 1660.

Os erros que mencionei parecem sérios, mas devemos pesá-los à luz de um número maior de detalhes, com freqüência, os objetos e costumes obscuros sobre os quais nenhum crítico questionou a exatidão de Edward Ryall ou sobre os quais os críticos estavam enganados e Edward, correto. Exemplos do segundo grupo ocorreram no uso de Ryall das palavras *leman* (amante), *shaker* (uma pessoa cujo ardor religioso era percebido pelos movimentos corporais) e *vastly* (significando enormemente).[85] A alegação de Edward Ryall que a fazenda de John Fletcher estava localizada no limite oeste de Weston Zoyland estimulou um crítico a refutar que a terra na localidade indicada não era cercada no período de John Fletcher. O Dr. Robert Dunning, editor da Victoria History of Somerset, me disse (quando o conheci em Taunton em 19 de setembro de 1988) que uma fazenda murada pode muito bem ter existido no século XVII no local indicado por Edward como sendo a fazenda de John Fletcher.

O Second Time Round contém descrições abundantes e, com freqüência, detalhadas das práticas sexuais em Somerset no fim do século XVII.

[85] Usei o Oxford English Dictionary para determinar a ocorrência de palavras e frases comuns à Inglaterra do século XVII.

Alguns críticos questionaram a descrição de Edward de "troca consensual de esposas" em Somerset, mas Quaife (1979) confirmou a existência da prática.

Para mostrar a diversidade das referências de Edward a lugares e objetos de seu tempo e localidade, mencionarei: a localização correta de três moinhos de vento na região de Weston Zoyland; o grau de mestre obtido pelo segundo Lord Poulett; um relógio de gravidade feito por Hubrecht (ou Habrecht); uma moeda dos partidários do rei cunhada no castelo de Pontefract em 1649, após a execução do rei Charles I; um verso de um poema (ligeiramente mal citado) de Phineas Fletcher, que diziam ser parente de John; as luzes do norte (aurora boreal) visíveis na noite anterior à batalha de Sedgemoor; e as ferraduras com buracos de fechadura. Não pudemos verificar esses pontos, pois não existem em fontes publicadas; eu os listei apenas para mostrar que, se Edward os tirou de outras fontes, ele deve ter lido muito mais que admitia. Acho que também seja importante observar que ele não teve de extrair os fatos de sua memória aos poucos para usar o seu conhecimento extensivo de Somerset do século XVII. Ele respondeu várias perguntas dos entrevistadores (da mídia, por exemplo) com rapidez, além de precisão.

Edward disse que antes do surgimento de suas lembranças ele nunca fizera nenhuma pesquisa sobre a história social de Somerset no fim do século XVII. Uma vez que ele cresceu em Essex, distante de Somerset, ele não teria absorvido informação profunda sobre esse condado por meio dos mais velhos e dos colegas da infância. Para esclarecer, Essex e Somerset são dois condados da Inglaterra, e eles tinham tanto em comum no século XVII quanto têm hoje em dia. Também tinham e têm diferenças importantes com as quais Edward Ryall parece ter tido familiaridade, tanto quanto esperaríamos um fazendeiro de Somerset ou um historiador social ter. Ou não? Consultei quatro especialistas sobre a história social de Somerset e Dorset sobre a exatidão dos detalhes de Second Time Round. Foram eles: Peter Earle, autor histórico sobre a rebelião de Monmouth (Earle, 1977), WMcDonald Wigfield, autor e editor de dois livros sobre a rebelião de Monmouth (Wigfield 1980, 1985), Robert Dunning, um dos editores de Victoria History of Somerset (1974) e autor de um livro sobre a mesma rebelião (Dunning, 1984) e John Fowles, ex-curador do museu em Lyme Regis, Dorset. Dois dos especialistas condenaram o Second Time Round por grave falta de exatidão, um deles julgando-o como farsa. Em contraste, dois outros endossaram o livro, um assegurando que "acho que há menos erros neste livro que em qualquer outro que li sobre Monmouth e sua rebelião".[86]

[86] Não identifiquei os autores destas opiniões divergentes. Soube de um durante uma entrevista e de outros por correspondência. Obtive permissão para fazer a citação de apenas um dos historiadores que consultei.

**Informações relevantes sobre a personalidade de Edward Ryall**

Durante os meus encontros com Edward Ryall, em Hadleigh, sua esposa Winifred estava em casa, permaneceu discreta. Eu a visitei duas vezes após a morte de Edward Ryall, em 1980 e 1981, e ela me passou informações relevantes sobre o marido, da maneira como o percebia, especialmente durante seus últimos anos juntos.

Apesar de Edward ter sentido uma forte emoção durante a viagem que fizeram por Somerset em 1962, ela não soube sobre sua possível lembrança de uma vida passada até 1970, quando o jornal londrino Daily Express publicou o primeiro relato de suas memórias. Ela mesma não acreditava em reencarnação e não tinha nenhum interesse no assunto. Prestou pouca atenção aos escritos do marido.

Winifred Ryall disse que Edward possuía poucos livros e me mostrou os que estavam na casa; ela não tinha se desfeito de nenhum desde a morte do marido. No entanto, ele lia muito e freqüentemente retirava livros da biblioteca de Hadleigh. Pegava um, dois ou três de cada vez. Algumas vezes pedia que ela os devolvesse antes de terminar a leitura. Ele não retirou mais livros durante o período em que estava escrevendo Second Time Round (1971-74). Também não tinha feito viagens longas sem a companhia dela (o que elimina a possibilidade de ele ter usado em segredo a British Library ou a biblioteca da Universidade de Cambridge). Perguntei sobre a possibilidade de Edward ter usado o serviço de empréstimo entre bibliotecas na biblioteca pública de Hadleigh, mas não consegui descobrir se este serviço foi ou não usado por ele. Antes de 1974, ele nunca tinha ido a Somerset sem ela. Ela nunca o viu fazendo anotações enquanto estavam em Somerset, apesar de ter feito algumas no retorno de uma das viagens.

Winifred disse que, depois que se aposentou, às vezes, o comportamento do marido mudava. Ele começou a sentir que outros familiares e pessoas de fora "estavam contra ele". Ela achou isso sem fundamento porque ele desfrutava da afeição de seus filhos. Apesar disso, ele ficava mal-humorado e saía de casa por algumas horas. Depois voltava mais animado.

Winifred não achava que o livro do marido fosse uma fraude, mas não podia negar (ou afirmar) que ele contivesse ingredientes de sua imaginação.

Em 1981, também conheci a filha de Ryall, Iris Driver. Ela confirmou o que a mãe dissera sobre o afastamento de seu pai da família, após a aposentadoria. Ele costumava "ficar sentado e pensando"; algumas pessoas sugeriram que ele sofria de "dupla personalidade". Ela não acreditava que Second Time Round fosse uma fraude.

Além das entrevistas mencionadas, eu me correspondi com um amigo

de Edward Ryall e com o seu supervisor do último emprego. Ambos confirmaram sua reputação de homem honesto, mas pouco puderam dizer sobre possíveis fontes normais para os detalhes de Second Time Round.

**Comentários**

Na introdução que escrevi para o Second Time Round expus diversas interpretações para as possíveis lembranças de Edward Ryall, inclusive a fraude e a amnésia da fonte (criptomnésia) (Stevenson, 1983). Naquele momento, consideradas as diversas interpretações possíveis que me ocorreram, insisti em dizer que eu acreditava que a reencarnação seria a melhor explicação para o caso de Edward Ryall (Stevenson 1974c). Porém, me reservei o direito de alterar esta opinião sobre o caso e é o que tenho feito desde então.

Não posso mais acreditar que todas as possíveis lembranças de Edward Ryall se originem de uma vida passada, já que alguns detalhes estão visivelmente incorretos. Além disso, a busca de confirmação da existência das pessoas sem importância histórica (aquelas pertencentes ao segundo grupo de informações, descrito anteriormente) prosseguiu após a morte de Edward e, como mencionei, foi em vão. Se tivéssemos descoberto vestígios de, pelo menos, uma dessas pessoas, eu teria admitido nossa falha em encontrar o registro dos outros, que certamente existiriam. Essas falhas podem justificar a incapacidade de confirmar os nomes dados por Edward aos familiares e amigos de John Fletcher. Não gosto de tapar o sol com a peneira, e precisamos considerar outras possibilidades.

Uma delas é que Edward não se lembrou dos nomes ou até os inventou segundo a sua imaginação. Os sobrenomes que usou eram bastante comuns durante o século XVII na parte de Somerset de John Fletcher, e se Edward se lembrava deles, mas não conseguiu captar corretamente os primeiros nomes, pode ter atribuído os primeiros nomes erroneamente. Isto explicaria a impossibilidade de confirmar a existência de pessoas com aqueles nomes. Ele pode ter acrescentado os nomes que lhe ocorreram sem perceber que estavam errados ou pode ter imaginado nomes que achou apropriados para preencher as lacunas, das quais era consciente. Considero esta explicação pouco satisfatória, porque supõe que John Fletcher teria fixado melhor na memória os nomes das pessoas mais conhecidas publicamente que os nomes de membros de sua família e do círculo de amigos. Isto é aceitável? Se eu sobreviver à morte, será mais provável que eu me lembre do nome do presidente Jimmy Carter, por exemplo, e esqueça os nomes de minhas esposas? E se esquecer seus nomes ou o meu próprio, é mais provável que eu diga “não me lembro” ou que introduza (com a melhor das

intenções) um nome falso que pareça correto? Sem dúvida, as respostas variam de acordo com a pessoa em questão e com a pessoa que pergunta.

Entretanto, vou apresentar o meu veredicto atual sobre o caso. Ainda acredito que Edward não mentiu ao dizer que não lera quase nada sobre a Somerset do século XVII e que nunca fizera – pelo que se lembrava – nenhuma pesquisa sobre esse período histórico. Isto me leva a acreditar que ele tinha algum conhecimento paranormal da Somerset do século XVII, que teria se originado de uma vida daquela época, naquele lugar. Nos últimos anos ele ficou intensamente absorvido por suas presumidas memórias. Ele pensava nelas quase todo o tempo e parece tê-las cultivado de uma forma bastante solitária (sua convicção sobre a veracidade de suas memórias o levou a "reconhecer" uma jovem, que entrou para sua família por casamento, como a reencarnação de Cecily Fletcher). Aquilo que pode finalmente ter surgido como o conteúdo de Second Time Round pode ter sido um romance histórico — originário em parte por fontes normais, das quais ele não se lembrava mais, em parte por derivação paranormal e correta, e em parte imaginada e incorreta. Sugeri anteriormente que podemos considerar uma interpretação deste tipo para os escassos resultados da regressão hipnótica para pretensas vidas passadas (Stevenson, 1987/2001).[87] Edward Ryall pode ter entrado em um estado relacionado ao de algumas pessoas hipnotizadas e de alguns meditadorcs. Nesse estado as lembranças verdadeiras e as outras imagens podem se associar livremente e permanecerem indiscriminadas.

Também podemos explicar os elementos paranormais deste caso pelo conceito de regressão de memória, ou retrocognição. O passado continua a existir em algum lugar? Se assim for, será que algumas vezes os seres humanos podem interpretá-lo e nos falar a respeito? Parece que alguns conseguem. Algumas pessoas fizeram relatos críveis de vislumbres, podemos dizer de visões, sobre acontecimentos passados (Ellwood, 1971; Spears, 1967). Certas investigações experimentais também revelaram a capacidade de interpretar o passado (Geley, 1927; Osty, 1923). Porém, não acredito que a regressão de memória se aplique ao caso de Edward Ryall para explicar os elementos paranormais assim como as lembranças de uma vida passada. As regressões de memória que

[87] Apesar do procedimento de regressão hipnótica ter algum valor terapêutico a melhora na condição do paciente não confirma a técnica (Stevenson, 1994). A maioria das "personalidades anteriores" evocadas durante a regressão hipnótica é fantasia sem valor como prova para qualquer processo paranormal. Experimentos demonstraram que sugestões explícitas ou mais sutis podem facilmente influenciar as características da "personalidade anterior" evocada (Baker, 1982; Spanos et al., 1991; Spanos, 1996). Outros experimentos rastrearam o conteúdo e até pequenos detalhes da "personalidade anterior" em fontes impressas ou orais disponíveis para o sujeito estudado (Björkhem, 1961; Harris, 1986; Kampman, 1973, 1976; Kampman e Hirvenoja, 1978; Venn, 1986; Wilson, 1981; Zolik, 1958, 1962).

conheço são visões breves, por exemplo, de uma batalha ou se desenvolvem durante a clarividência. Se acreditarmos em Edward Ryall, como eu acredito, ele teve algumas lembranças aparentes com menos de oito anos de idade, e depois as incrementou de várias maneiras até a publicação de seu livro, aos 72 anos, em 1974.

## PETER AVERY

As pesquisas demonstram que a maioria das pessoas teve em algum momento a experiência de familiaridade inesperada com um lugar ou acontecimento. Por exemplo, dentre 182 estudantes da Universidade de Aberdeen, 115 (63%) relataram esse tipo de experiência (McKellar, 1957).[88] Psicólogos e psiquiatras propuseram diversas interpretações para essas experiências, comu-mente chamadas de déjà vu (Hermann, 1960; Neppe, 1983). Os detalhes das experiências classificadas sob o termo déjà vu variam nos diferentes relatórios e parece pouco provável que qualquer interpretação única possa explicar tudo.

Sno e Linszen (1990) resumiram diversas explicações psicológicas e neurológicas para este tipo de experiência, sugeridas por diferentes autores. Eles incluíram em sua lista a lembrança alegada de uma vida passada. Por outro lado, algumas pessoas sensatas apresentaram esta interpretação para a sua própria experiência de déjà vu. Charles Dickens, por exemplo, (1877) escreveu sobre uma experiência que teve na Itália:

Ao pôr do sol, caminhando sozinho enquanto os cavalos descansavam, cheguei até um lugar com uma vista que, por uma daquelas operações mentais singulares que todos conhecemos, parecia perfeitamente familiar para mim, que ainda hoje consigo ver claramente. Não havia muita coisa. Sob a luminosidade vermelha, havia uma sombria lâmina d'água, ondulada apenas pela brisa da tarde e margeada por algumas árvores. Em primeiro plano (de uma vista de Ferrara) estava um grupo de jovens camponesas silenciosas inclinadas sobre o parapeito de uma pequena ponte, olhando ora para o céu, ora para a água. A distância, um vale profundo; a sombra da noite chegava projetando-se sobre tudo. Se eu tivesse sido assassinado ali em alguma vida passada, parece-me que não poderia ter me lembrado do lugar com mais detalhes nem com um frio mais pronunciado do

[88] Palmer (1979) encontrou uma incidência ainda maior (76%) de relatos desta experiência em uma pesquisa com estudantes e habitantes de uma cidade universitária dos Estados Unidos. Neppe (1983) e Sno Linszen (1990) resumiram os resultados de diversas outras pesquisas nas quais relataram 25% ou mais de incidência desta experiência.

sangue; e a memória real adquirida naquele momento está tão fortalecida pela lembrança imaginária, que acredito ser muito difícil esquecê-la [p. 37].

O escritor e estadista John Buchan descreveu em sua autobiografia (Buchan, 1940) mais de uma experiência de *déjà vu* interpretadas por ele como lembranças de vidas passadas. Ele escreveu:

Eu me encontro em um cenário que não posso ter visitado antes e que mesmo assim me é perfeitamente familiar. Sei que é o palco de uma ação da qual já participei e da qual estou prestes a tomar parte novamente [p. 122].

Nenhuma das pessoas destas experiências que acabei de citar forneceu qualquer indício de lembranças específicas de uma vida passada; sequer alegou ter tido tais memórias. Algumas pessoas que tiveram essas lembranças, inclusive as confirmadas, algumas vezes demonstraram familiaridade com lugares onde acreditavam ter morado na vida passada. Elas fizeram comentários sobre mudanças nas edificações ou agiram como se os prédios estivessem do mesmo jeito que estavam durante a vida da qual diziam se lembrar.[89]

**Resumo do caso e sua investigação**

Peter Avery nasceu em 15 de maio de 1923, em Derby, Inglaterra. Depois de completar os estudos secundários, entrou para a Universidade de Liverpool. Interrompeu os estudos para servir na marinha mercante e no exército durante a 2-Guerra Mundial, retomando os estudos, após a guerra, na Escola de Estudos Orientais e Africanos da Universidade de Londres.

Formou-se lá em 1949. Aprendeu árabe e persa e graças a este conhecimento foi indicado como professor sênior na Anglo-Iranian Oil Company. Seu primeiro trabalho foi em Abada, no sudoeste do Irã. Teve sua primeira experiência de *déjà vu* enquanto trabalhava lá. Em 1951, com a nacionalização da indústria do petróleo pelo governo do Irã, Peter Avery mudou-se para Bagdá, onde ensinou inglês, primeiro na Faculdade Militar do Iraque e depois na Faculdade de Artes e Ciências de Bagdá. Em 1952 publicou (com John Heath-Stubbs) traduções do poeta persa Hafiz. Em 1955, retornou ao Irã, onde foi contratado por uma empresa de engenharia civil, que se dedicava à construção de estradas.

[89] Os indivíduos deste grupo, que tiveram possíveis lembranças de uma vida passada que foi confirmada, e que demonstraram familiaridade com os lugares onde acreditavam ter vivido anteriormente, incluem: Swarnlata Mishra, Prakash Varshnay, Parmod Sharma, Rabih Elawar, Chaokhun Rajsuthajarn e Savitri Devi Pathak.

Em 1958, foi nomeado conferencista sobre Estudos Persas pela Universidade de Cambridge. Permaneceu até 1990, quando se aposentou, mas continuou com o seu trabalho de pesquisador e escritor como membro do King's College de Cambridge. Merecidamente reconhecido como autoridade acadêmica da língua persa, Peter Avery é mais conhecido pelos leitores em geral por suas traduções de poetas persas clássicos, como Hafiz e Ornar Kahyyam. Ele também escreveu extensivamente sobre a história do Irã, desde sua origem até os tempos atuais.

Encontrei Peter Avery, pela primeira vez, em setembro de 1992, na casa de um amigo em Cambridge, onde estava hospedado. Ele narrou duas experiências de *dèjá vu*, que teve muitos anos antes, no Irã e no Paquistão. Mais tarde, pedi que ele descrevesse as experiências por escrito e posso citar dois relatos enviados por carta em 14 de janeiro de 1993. Em suas declarações ele descreve a segunda e mais tocante experiência, antes da primeira:

1. Meu companheiro em Isfahan no inverno de 1949-50 era o Sr. John Evans, gerente de treinamento da Anglo-Iranian Oil Company. Após a minha graduação em árabe e persa, fui ao Irã como oficial de treinamento. Depois de cerca de seis meses, obtive a permissão de ir de Abada para Isfahan[90] como gerente (de treinamento), em uma visita do escritório de Londres. Nunca tinha saído de Abada e dos campos de petróleo do sul desde a minha chegada, portanto, não conhecia o Irã central; a minha escolha como cicerone do Sr. Evans nesta viagem para Teerã e Isfahan foi, além de minha capacidade de falar a língua persa, devido à minha ansiedade – vista com simpatia por meus superiores – de sair da área da indústria petroleira e conhecer alguma coisa do país que era objeto de meus estudos.

Chegamos a Isfahan ao anoitecer. No café da manhã do dia seguinte, falei ao Sr. Evans sobre o roteiro que faríamos do hotel até Maidan-i Shah e ao bazar. Ele expressou surpresa pelo meu conhecimento tão preciso de uma forma que achei natural demais para precisar de explicação. Partimos e tudo saiu conforme eu tinha previsto. Nossa última visita daquela manhã, no caminho de volta para o hotel, foi a uma mesquita com o domo azul situada no jardim de Madrasseh Madar-i Shah Sultan Husain, a escola da mãe do xá

[90] Isfahan (algumas vezes denominada Esfahan) fica no Irã central, mais ou menos a meio caminho entre Abadã e Teerã. Fica às margens do rio Zayandeh. Conquistada sucessivamente pelos árabes, turcos e mongóis, foi recuperada pelos persas e atingiu seu apogeu de importância política e cultural sob a dinastia Safavid (1502-1736). O xá Abbas I (o Grande) (1587-1629) tornou-a capital da Pérsia em 1598. Sua conquista em 1722 pelos afegãos iniciou seu declínio. A capital da Pérsia foi transferida para Teerã no final do século XVIII. Sob o xá Abbas I, Isfahan foi embelezada por magníficos palácios, jardins e avenidas (Lockhart, 1960).

sultão Hussein, [que foi] o xá Safavid, morto após a invasão afegã em 1722.[91] Eu devia estar cansado depois de uma manhã de passeios e explorar Isfahan pela primeira vez foi, com certeza, uma experiência emocionante. Como a maioria das pessoas, eu já sabia da beleza da cidade, mas certamente fiquei sem palavras diante de tudo que vi. Raramente consulto o guia de um lugar antes de visitá-lo, e Isfahan não foi exceção (na verdade, eu nunca tinha lido um guia sobre Isfahan); mas o choque aconteceu apenas em Madrasseh, e assim que entramos em seus jardins no pátio.

Comecei a soluçar de forma incontrolável com uma impressão avassaladora de que, de alguma maneira, finalmente tinha chegado em casa. Eu me sentei na beirada de um tanque. O Sr. Evans se afastou com muito tato. Ele me disse depois que parecia ser o melhor a fazer até eu conseguir secar as minhas lágrimas e me juntar a ele. Comentamos pouco sobre o episódio que me deixou sem graça, diante de um dos meus patrões, apesar de o Sr. Evans não ter mostrado sinal de desaprovação e ter sido bem compreensivo. Este foi o ponto alto de uma manhã na qual senti o tempo todo uma estranha familiaridade com uma cidade que nunca visitara antes e de cuja geografia não tivera nenhum conhecimento consciente anterior.

2. Acho que a minha primeira e, até hoje, única outra experiência do que uma tia minha costumava chamar de "o espírito do lugar", porém, de forma muito pessoal (em geral, as pessoas têm consciência dele, mas de uma forma mais impessoal), foi em 1944, em Lahore[92], novamente em uma primeira visita a uma cidade antiga. Eu era oficial da Marinha Real Indiana, estava com 21 a 22 anos... Um oficial indiano, meu colega, cujo pai era um famoso estudioso do Oriente, (o falecido) Khan Bahadur Muhammad Shafi, diretor da Escola de Estudos Orientais de Punjab, me convidou para ir até lá e me hospedar com o seu pai, porque sabia do meu já crescente interesse pela literatura e história islâmicas. O pai dele foi incrível e me mostrou maravilhosos manuscritos persas com miniaturas; livros que tinha adquirido após a queda de Amanullah do Afeganistão, ocasião em que, segundo ele me contou, os tesouros da Biblioteca Real em Cabul passaram para o norte da Índia por Khyber.

Certa manhã, bem cedo, antes do calor se tornar muito intenso, viajamos em tongas – carroças puxadas por cavalos, nas quais o passageiro se senta de costas para o condutor – para o esplêndido Shalimar Bagh, um jardim

[91] A virtuosa mãe do xá Hussein construiu esta escola (Madrasa) e uma hospedaria anexa para caravanas entre 1706/7 e 1714/15 (Lockhart, 1958).

[92] Hoje, Lahore é a capital da província de Punjab, no Paquistão. Ela alcançou grande importância durante o império Mongol na Índia e sob o reinado dos Sikhs. Os britânicos a conquistaram em 1849.

projetado pelos imperadores mongóis para ser o local de parada durante sua viagem anual de Caxemira para Dhéli;[93] situada nos arredores de Lahore. Mais tarde, li um artigo de Khan Bahadur sobre os jardins em uma revista cultural, mas na manhã de nossa visita eu não tinha tais informações. O objetivo da visita era que ele me explicasse a história, mas quando nós deixamos a carroça e entramos por uma passagem no muro, falei que aquela não tinha sido sempre a entrada: costumava ser na parede na outra ponta do muro. Ele concordou. Lá dentro, perguntei se era permitido caminhar sozinho, e ele concordou, dizendo: "Parece que você já conhece o lugar." Quando me encontrei com ele mais tarde, comentei que o pavilhão no centro não fazia parte do jardim. "Não mesmo, ele disse. Tinha sido uma shami-ana, uma casa de verão, sobre a tumba de um imperador na outra extremidade de Lahore com vista para o rio Ravi. Ranjit Singh, o governante sikh trouxera o pavilhão para o jardim. O lorde Curzon, quando foi vice-rei, percebeu que ele estava no local errado e instruiu o Departamento de Antigüidades para devolvê-lo ao lugar apropriado, porém isto não foi feito".

Apesar de não ficar tão tocado pela minha sensação de déjà vu quanto em Isfahan, nos Jardins de Shalimar, em Lahore, eu certamente tive uma impressão semelhante, de ter estado ali anteriormente: de conhecer o lugar intimamente; como se eu tivesse retornado para o meu lar, para um lugar onde já estive "em casa", mas este sentimento em Madrasseh, em Isfahan, foi mais profundo que em Lahore, que ficou restrito ao jardim e não se estendia por todo ambiente.

Em 1992-3, quando Peter Avery descreveu suas experiências para mim, não existia a possibilidade de uma confirmação de sua declaração de que teria conhecimentos, não obtidos normalmente, sobre Isfahan e Lahore. Mais tarde, encontrei com ele várias vezes em outras visitas a Cambridge. Ele reiterou que nunca tinha lido guias ou outras obras que pudessem ter dado as informações que tinha sobre Isfahan e Lahore, na sua primeira visita a essas cidades.

As declarações de Peter Avery mostram que ele preferia apontar vidas passadas como a origem do conhecimento incomum que acreditava ter. Contudo, ele não demonstrou nenhum entusiasmo por esta interpretação. Como alternativa, ele considerou possível algum tipo de memória herdada. Um de seus ancestrais diretos foi um famoso pirata no século XVII, que saqueava navios mercantes no oceano Indico. Suas façanhas incluem a captura de um navio que transportava uma princesa mongol a caminho de Meca. Certa vez, o pai de Peter Avery manifestou o pensamento de que o grande interesse do filho pelo Oriente islâmico deveria ter se originado de um filho

[93] Estes jardins foram projetados em 1637 por ordem do imerador mongol Shah Jehan.

que o Capitão Avery teve com sua princesa cativa; mas não existe prova de tal descendência. A menção desta possibilidade por Peter Avery demonstrou a sua capacidade de considerar interpretações alternativas de suas experiências.

## HENRIETTE ROOS

Henriette Roos nunca teve quaisquer memórias com imagens de uma vida passada. Incluí o caso no livro porque uma pequena série de experiências sugere que em uma vida passada ela foi Rosario (ou Rosarito) Weiss, filha de Leocadia Weiss, amante e amiga fiel do pintor espanhol Francisco Goya (17464828).

### Resumo do caso e sua investigação

Henriette Roos nasceu em Amsterdã, na Holanda, em 1903. Não me informou o nome de seus pais. Seu pai era negociante de diamantes, de recursos moderados.

Desde cedo, Henriette demonstrou talentos superiores para a pintura e para a música. Aos 22 anos, casou-se com um pianista húngaro chamado Weisz. Quando tinha cerca de 30 anos, divorciou-se e continuou a usar o sobrenome Weisz, que parecia atraí-la especialmente.

Enquanto isso, ela optou pela carreira de pintora em detrimento da música. Ganhou uma bolsa de estudos, que lhe permitiu estudar em Paris, para onde foi em 1934, quando tinha 31 anos. Certa noite, em Paris, talvez dois anos após a sua chegada na cidade, sentiu um impulso, quase uma ordem de se levantar e pintar durante a noite. E foi o que fez. Foi até o cavalete no escuro, pintou por um tempo e, então, voltou para a cama. De manhã descobriu que tinha pintado o rosto de uma linda moça.

Ela mostrou o retrato para uma amiga próxima e contou como o tinha pintado durante a noite. A amiga sugeriu que levassem o quadro para uma clarividente em quem ela confiava. Henriette concordou com hesitação. Na sessão com a vidente, Henriette colocou o retrato sobre a mesa onde estavam dispostos outros objetos psicométricos[94] trazidos por outros participantes da sessão. A clarividente pegou o quadro e falou que um nome – Goya – estava

[94] Muitos clarividentes e médiuns acreditam que tocar e segurar um objeto que pertenceu a uma pessoa falecida facilita o contato com esta pessoa depois de sua morte. Osty (1923) descreveu exemplos do uso de objetos psicométricos pelos médiuns franceses.

sendo soletrado para ela. Depois, parece que Goya se comunicou e disse que era grato a Henriette por tê-lo abrigado na casa dela no sul da França, quando foi obrigado a deixar a Espanha.

Apesar de sua formação artística, Henriette sabia muito pouco sobre a vida pessoal de Goya e o que a clarividente disse não fazia nenhum senido para ela. Contudo, no mesmo dia, ela foi convidada para ir à casa de um músico que tinha uma biografia de Goya. Henriette tomou o livro emprestado e começou a ler assim que chegou em casa. Ficou espantada ao saber que uma mulher chamada Leocadia Weiss (e sua filha Rosario) tinham abrigado Goya em Bordeaux, quando ele se exilou da Espanha, no final de sua vida.

Henriette nunca tornou pública sua experiência até 1958. Neste ano, um amigo aconselhou-a a escrever um relato completo e enviá-lo para a American Society for Psychical Research. Foi o que ela fez, e a editora na época, Laura Dale, enviou o relato para mim (vou falar dele mais adiante).

Iniciei uma correspondência com Henriette sobre os detalhes da experiência e, com sua permissão, incluí um breve relato do caso no meu primeiro estudo sobre casos de reencarnação (Stevenson, 1960). Em 1960, conheci Henriette em Nova York, onde ela estava morando. Depois me encontrei com ela em várias ocasiões em que estive em Nova York. Tenho anotações de sete encontros entre 1961 e 1976. Depois do último ano nos encontramos raramente, mas continuamos a trocar cartões de Natal e informações novas até sua morte em Nova York em maio de 1992.

A experiência de Henriette ocorrera mais de 20 anos antes de ela escrever o seu relato e de eu tomar conhecimento. Por volta de 1958, não era mais possível confirmar quaisquer declarações sobre suas experiências. Porém, ainda existia a oportunidade de investigar dois aspectos do caso: primeiro, se Henriette Roos teria tido quaisquer experiências semelhantes nas quais ela tivesse a impressão de pintar como se em um transe, sob uma influência externa; e segundo, se a clarividente estivesse certa, qual das duas mulheres que viveram com Goya em Bordeaux – Leocadia Weiss ou sua filha, Rosarito – teria reencarnado como Henriette Roos.

Antes de me reportar a estas questões, darei mais informações sobre a vida de Henriette Roos antes de sua singular experiência em Paris; e depois, apresentarei o relato da experiência, escrito por ela em 1958.

**Os primeiros anos de Henriette Roos**

Henriette Roos demonstrou uma aptidão incomum para a pintura mesmo antes de ter aulas. Aos cinco anos, ela desenhou um retrato de seu pai

com giz de cera. Aos 12, ela fez uma pintura a óleo de dois pássaros (eu o vi no estúdio dela e teria julgado ser um trabalho de um artista mais velho ou, pelo menos, bem mais experiente). Aos 16, ela passou a se interessar pela pintura em miniatura e teria prosseguido se não tivesse ficado com medo de prejudicar a visão com esse tipo de trabalho. Aos 18, ela pintou um retrato de sua mãe.

Henriette era uma criança quieta e preferia ficar em casa pintando e lendo. Sua mãe a estimulava para a vida social, mas ela resistia. Queria estudar arte, mas seus pais consideravam esta vocação imprópria para uma jovem respeitável em Amsterdã e não a incentivaram.

Como já mencionei, aos 22 anos, ela se casou com um pianista húngaro, Franz Weisz.[95] Mais tarde, ela pensou que o nome do marido a teria atraído mais que suas qualidades pessoais. Contudo, o casamento a libertou do controle dos pais, de modo que aos 24 anos ela começou a estudar pintura na Academia Real Holandesa de Arte. Em torno dos 30 anos, divorciou-se de Weisz e logo depois foi para a França, um país ao qual ela rapidamente se afeiçoou. Apesar de ter tido certa dificuldade em aprender francês na infância, uma vez na França, aprendeu de ouvido e passou a falar fluentemente em pouco tempo. Morou na França, primeiramente em Paris, e depois na Riviera, durante 20 anos, sustentando-se com a pintura. Apesar de ser uma pintora original e habilidosa, gostava de copiar pintores famosos e, por um tempo, foi copista oficial no Louvre.

Por volta de 1954, Henriette emigrou para os Estados Unidos, onde viveu até morrer.

**Experiências incomuns de Henriette Roos como artista em Paris**

Apesar da repetição de algumas coisas já mencionadas, achei melhor apresentar a seguir o relato de Henriette Roos, escrito em 10 de janeiro de 1958, sobre suas experiências:

Os estudos na Academia Real de Amsterdã me renderam um Prêmio Real (um presente pessoal da rainha Beatrix) por três anos sucessivos, que usei para trabalhar em Paris. Os recursos eram poucos, e fiquei hospedada em um pequeno quarto de hotel. Eu tinha uma amiga francesa, de quem gostava muito. A única coisa que me incomodava era sua crença, sua convicção no ocultismo, que eu achava exagerada. Eu não acreditava em nada daquelas

[95] Weisz é uma variante húngara do nome Weiss, que é encontrado na Alemanha e na França. Muitas biografias de Goya e artigos sobre ele mencionam o nome Weiss, mas outras usam Weis.

coisas! Fiquei casada durante alguns anos com um grande pianista húngaro chamado... Weisz. Este casamento fracassou e nos divorciamos. Era eu que não o amava da maneira que gostaria... mas, por estranho que pareça, ainda quis continuar a ser chamada de Sra. Weisz durante anos. Minha mãe costumava dizer: "Por que você ainda carrega este sobrenome? Assim que você se divorcia, você volta a usar o nome de solteira" (na Holanda é assim). E a minha resposta era sempre a mesma: "Não sei, é um sentimento estranho. Não consigo explicar, de algum modo este nome combina comigo. Eu me sinto unida a ele, me sinto mais eu do que com meu próprio sobrenome, Roos. Todas as vezes em que uso Roos, tenho a impressão de estar falando de outra pessoa." Então, decidi ser a Sra... Weisz-Roos.

Esta introdução foi necessária e é da maior importância em relação ao que se segue.

Tudo aconteceu antes da guerra.[96] Certa noite, no meu quarto de hotel em Paris, depois de um dia trabalhando em um retrato, eu me senti infeliz – doente – com terríveis dores de cabeça, palpitações, sem fôlego – e fui para a cama às 21 horas, tentando me recuperar com um bom sono. De repente, escutei (não acho que tenha realmente escutado com os meus ouvidos – mas vinha de algum lugar na minha testa, entre os olhos) uma voz dizendo: "Não seja preguiçosa, levante-se e vá trabalhar." No começo não prestei atenção e me virei para o outro lado, tentando adormecer... até que as mesmas palavras foram ditas uma segunda vez. Comecei a ficar curiosa, mas ainda permaneci na cama e tentei desesperadamente dormir – mas ouvi uma terceira vez – e agora bem nítida e forte: "Não seja tão preguiçosa, levante-se e vá trabalhar". Dessa vez, levantei, já que não conseguia dormir mesmo, e me perguntei: "Será que estou ficando louca? Que diabos, como é que vou trabalhar durante a noite?" Mas, apesar de tudo, peguei o meu cavalete, quis colocá-lo sob a pequena lâmpada elétrica (típica de todos os hotéis baratos de Paris), mas uma força surgiu de dentro de mim e levei tudo para um canto escuro do quarto, longe da iluminação, de maneira que eu não conseguia enxergar nada. Minha paleta, ainda repleta de tintas, estava sobre a mesa, além de uma tela pequena, que peguei e, mal sabendo o que estava fazendo, comecei a pintar em um ritmo frenético, durante 45 minutos, quando de repente senti meu braço direito muito pesado. Larguei os pincéis. Percebendo que me sentia bem, sem qualquer dor de cabeça, livre de todos os meus desconfortos, voltei para a cama e caí no sono quase que imediatamente. Na manhã seguinte, quando acordei de um sono pesado, às seis da manhã, de repente, eu me lembrei... teria sido

[96] Ela se refere à 2ª Guerra Mundial. Mais tarde. Henriette Roos localizou a experiência em 1936.

um sonho?... ou eu realmente tinha pintado alguma coisa?... Pulei da cama e lá estava ele. Um pequeno e lindo retrato de uma jovem... o olhar distante, fixo em alguma coisa irreal, invisível. Tremi. O que era aquilo? Como explicar este fenômeno?

Decidi ir até a minha amiga, que morava a uma quadra da minha casa. Mal pude esperar até as nove horas. Após relatar o que tinha acontecido, é claro que ela quis vir imediatamente até a minha casa. Quando viu o quadro quase caiu em prantos, dizendo: "Henriette querida, é maravilhoso, é sensacional! Você sabe o que vamos fazer? Vamos levá-lo a um encontro sobre pesquisa paranormal. Todas as quintas-feiras à tarde, eles têm uma clarividente muito dotada, e você vai levar a sua tela". "Ah, não!", eu disse, "que bobagem, eu não acredito nisso!" Mas ela insistiu tanto que finalmente desisti e pensei, vamos nos divertir.

Então nós fomos. Não é preciso dizer que ninguém ali me conhecia! Uma sala lotada, no centro da qual estava sentada uma mulher idosa, extremamente simples e de aparência frágil. Perto dela havia uma mesinha, sobre a qual qualquer pessoa podia colocar um objeto do qual quisesse saber alguma coisa. Então, deixei minha pintura junto com pelo menos uma dúzia de outros objetos que já estavam lá, e me sentei em um lugar escondido. Ainda chegaram outras pessoas. Eu estava conversando com minha amiga, o local ainda não estava em silêncio... mas a senhora já tinha apanhado minha pintura – e entrou em transe. Seu rosto se ergueu – os olhos fechados – muito pálida – os lábios tremiam – lentamente – ela começou...

E eis o que ela disse: "Vejo letras douradas muito grandes – um nome está sendo soletrado para mim. G-O-Y-A... agora, ele está falando comigo. Ele diz que foi um grande pirítor espanhol. Teve de fugir de seu país, de seus inimigos, e foi você que o abrigou em sua casa em uma grande cidade do sul da França – até o final da vida dele.

Ele ainda é tão grato por isso que quer guiá-la – porém, ele não está satisfeito, você resiste muito, está muito presa à sua formação acadêmica[97] – você nunca relaxa e o deixa guiar, você dificulta muito – por isso, ele a fez pintar no escuro, para que não pudesse ver o que está fazendo. Ele diz: "Você consegue bons resultados com recursos simples. Suas cores são quentes etc, etc."

Bom, a mulher deve ter falado desse jeito durante pelo menos 15 minutos – primeiro, eu olhei fixamente para ela perplexa – mas quando finalmente

[97] Essa atitude de oposição à rigidez da formação acadêmica na pintura era típica de Goya. Hull (1987) escreveu: "Goya tentava libertar os jovens artistas das fórmulas restritivas do ensino nas academias, queria incentivá-los a descobrir a natureza divina em todas suas manifestações. Este apelo pela liberdade artística foi declarado em um relato que ele fez para a Academia (Real) [de San Fernando] em 14 de outubro de 1792 [Goya, 1981, pp. 310-312]. E ele sentia cada palavra que fora dita" [p. 77].

eu e minha amiga saímos – eu já estava bem mais tranqüila. É claro que ela estava extremamente agitada. Certa de seu triunfo, ela disse: "Bem, o que me diz agora?" Mas a minha resposta foi: "Não sei – tudo é muito estranho. Está certo que acredito em telepatia – e acho que esta seja a explicação. Eu sei que sou a artista – eu sei que pintei no escuro – eu sei que tenho formação acadêmica – eu sei que utilizo recursos simples – e você também – ela deve ter lido nossos pensamentos. Só uma coisa me confunde... essa história de Goya. Não sei nada da vida dele" (acontece que naquela época eu nunca tinha lido nada sobre ele, nem minha amiga, que era uma mulher de negócios). Bem, assim terminou o dia. Eu ainda estava muito incrédula.

Porém, naquela mesma noite, fui convidada para ir à casa de uma famosa musicista francesa, e assim que entrei na sala, uma estante chamou a minha atenção. E qual era o título do livro que vi primeiro? La vie de Goya (A vida de Goya). Contei à anfitriã o que tinha acontecido comigo naquela tarde e que gostaria muito de ler o livro. Ela me deixou levá-lo, e assim que entrei no meu quarto, abri o livro em uma página qualquer, e o que eu vi me deixou atordoada, eu não conseguia acreditar no que estava vendo!

O que eu vi era meu próprio nome: Weisz.

Weisz – escrito do mesmo jeito – junto ao nome de Leocadia.[98] Leocadia Weisz era a amiga de Goya em Bordeaux (a grande cidade no sul da França, sobre a qual a mulher [a clarividente] falara), aquela que abrigou Goya em sua casa até a morte.

Finalmente eu tinha a explicação para meu desejo de manter o nome. Era porque eu já tinha tido o nome antes! Isto me convenceu. Foi como se alguém tivesse dito: então você ainda não quer acreditar – veja, aqui está a prova.

**O desapego de Henriette Roos pelo nome "Weisz"**

Depois de suas experiências extraordinárias em Paris, em 1936, Henriette Roos percebeu que seu forte apego ao nome "Weisz" cessou quase que imediatamente. Desde então, ela não teve nenhuma dificuldade em desistir do nome e passou a assinar seus quadros apenas com "Roos", em vez de "Weisz-Roos", como vinha fazendo desde o casamento, incluindo os três anos entre o divórcio e as experiências de Paris.

[98] A primeira vez em que encontrei Henriette, ela lembrava do título (em francês) do livro que tinha emprestado e lido. Ela La Vie de Goya. Ela não conseguiu se lembrar do nome do autor. Porém, em 1966, ela tinha certeza tratar-se da biografia com este título, escrita por Eugenio d'Ors (1928). Na tradução francesa deste trabalho, o sobrenome de Leocadia e Rosario aparece grafado como Weiss.

**As experiências posteriores de Henriette Roos de pintar com muita rapidez**

Após a primeira experiência de pintar com rapidez em Paris e, naquela ocasião, no escuro, Henriette teve outras quatro experiências parecidas, nas quais pintou com uma velocidade, facilidade e aptidão fora do comum.

A mais notável dessas experiências aconteceu em 1953, quando Henriette morava em Nice e ganhava a vida precariamente, pintando retratos. Ela tinha recebido uma encomenda para pintar um homem idoso e rico, que não queria ter seu retrato pintado, mas que concordara com relutância com o pedido de sua filha. Quando Henriette foi à sua casa, uma grande mansão na Riviera, ela não encontrou apenas o modelo relutante, mas toda sua família, com as crianças e animais de estimação, todos reunidos na sala onde ela iria pintar. Eles ficaram em volta dela e o ambiente tornou-se opressivo. Além disso, ela tinha trabalhado muito e estava cansada e esgotada. Achou que seria impossível pintar o retrato sob aquelas circunstâncias. Arrumou o cavalete e as tintas, mas sentiu-se dominada pelo desespero e cansaço. Neste momento, ela fez uma forte súplica mental para Goya ajudá-la. Quase que imediatamente ela se sentiu capaz de pintar e, em breve espaço de tempo, tinha colocado na tela uma imagem surpreendente do modelo. A família ficou encantada.com o que ela tinha feito em alguns minutos, e a atitude do modelo se transformou, de modo que depois disto ele passou a colaborar totalmente. O quadro se tornou um de seus mais bem-sucedidos. Este retrato não foi pintado no escuro.

Henriette teve uma segunda experiência (também na França), na qual parecia pintar automaticamente, como se estivesse em um tipo de semitranse. Em 1960, época em que conversamos sobre isso, ela tinha esquecido os detalhes das circunstâncias do acontecimento. Tinha lembrança de que havia novamente algum tipo de pressão incomum para que ela pintasse um retrato sob condições de alguma forma semelhantes às do episódio de Nice, em 1953. Esse retrato era de uma menina pequena e bem magra.

A terceira ocasião deste tipo aconteceu em 1960, quando Henriette (então vivendo nos Estados Unidos) recebeu a encomenda de um retrato que deveria ser pintado a partir de fotografias. Ela se atrasou para iniciar o trabalho e depois, de repente, começou e terminou muito rapidamente. Henriette narrou a experiência para mim durante uma entrevista e também em uma carta de 30 de janeiro de 1961, de onde tiro a seguinte descrição:

Tentei pintar este retrato várias vezes. No momento que pensava em começar, alguma coisa me impedia, e todas as vezes eu deixava os pincéis de

lado antes mesmo de começar os primeiros traços. Desta vez, eu nem mesmo estava pensando em trabalhar – e de repente (foi uma questão de segundos!) eu estava diante do cavalete e fiz o retrato em um dia e meio. Tudo a minha volta desapareceu. O mundo todo ao meu redor poderia mudar. Até me esqueci de comer. Às vezes, quando o telefone tocou, respondi que não podia falar. Era o mesmo impulso furioso que tive quando fiz... "o rosto da menina". [Neste ponto Henriette se refere ao retrato pintado em Paris, por volta de 1936]. E uma outra sensação estranha é que agora que fiz o retrato, fico me perguntando continuamente como foi que eu o fiz!

No final desta carta, Henriette comentou sobre o sucesso do retrato que ela e outras pessoas consideram ser um de seus melhores. Na mesma carta ela também respondeu à minha pergunta se naquela ocasião ela tentara invocar a ajuda de Goya por uma súplica consciente. Ela respondeu: "Não pedi a assistência de Goya desta vez porque não era uma situação impossível como aquela de Nice."

A quarta ocasião aconteceu em 1965. Henriette recebeu novamente a encomenda de um retrato, muito importante, uma vez que seu sucesso poderia levar a outras encomendas. Porém, não havia a sensação de pressão desesperada que caracterizou a situação de Nice, em 1953. Vou citar novamente sua própria descrição da experiência em uma carta de 28 de janeiro de 1966:

A verdade é que eu, diferentemente de meus procedimentos habituais em pinturas a partir de fotografias, comecei imediatamente, sentindo um impulso tremendo em fazê-lo. Geralmente, fico com uma foto por uma semana, sentindo a pessoa até onde for possível, estudando-a diariamente, antes de iniciar alguma coisa na tela. Desta vez, parecia que eu já sabia. Também conhecia a estrutura óssea da pessoa que iria retratar e o que ela costumava usar. Na verdade, quando seu genro me avisou que ela nunca usava a cor preta (como a foto sugeria), mas azul, eu já tinha terminado; no retrato usei azul. Normalmente, tenho medo de mostrar os retratos para a família, sem saber qual será a reação... afinal, eles a conheciam bem. Desta vez, nada de medo! Eu simplesmente sabia, era ela, perfeita! E de fato, tudo veio muito facilmente, tão rápido, sem nenhum esforço. Tudo parecia tão misterioso... O impulso foi estranho. Pintar retratos a partir de fotos, geralmente não é muito estimulante.

Henriette Roos pintou este retrato em 2 dias, portanto, muito rapidamente.

As quatro ocasiões mencionadas acima e a primeira em Paris, em 1936, aconteceram ao longo de 30 anos e foram experiências excepcionais para Henriette Roos. Ela não alegou estar regularmente sob a influência de Goya no seu trabalho do dia a dia. Por outro lado, não fez nenhuma declaração

dogmática sobre a influência de Goya, nem mesmo nestas cinco ocasiões especiais. Apenas insistiu no fato de elas terem certas características em comum e de contrastarem com a sua experiência de pintar habitual. Nessas ocasiões, em especial, ela geralmente estava cansada ou, por algum motivo, hesitante em pintar. Então, repentinamente, ela "se percebia", por assim dizer, capaz de pintar com mais velocidade, habilidade, facilidade e segurança do que comu-mente acontecia. Nesses momentos, ela nunca teve consciência de alguma "presença", ou seja, qualquer sensação de características de uma outra personalidade. Durante esses episódios, ela pintou no escuro apenas na primeira ocasião (em Paris).

**Comentário.** Goya sempre pintava com muita rapidez (Hull, 1987), um fato digno de nota relacionado à velocidade extraordinária de Henriette Roos no momento em que ela acreditou ter tido assistência do Goya desencarnado.

**O conhecimento de Henriette Roos sobre Goya antes de 1936**

Henriette conhecia pouco sobre Goya como artista; tinha certeza de não saber nada sobre sua vida pessoal, muito menos que ele teria se exilado em Bordeaux. Durante seus estudos na Academia Real de Arte em Amsterdã, não assistiu a nenhuma aula de história da arte.

**A identificação da personalidade anterior mais provável**

Como Henriette tomou conhecimento, Goya tinha morado em Bordeaux com Leocadia Weiss. Parece natural assumir que se este caso se explica bem pela reencarnação ou possessão temporária, então Leocadia Weiss seria a personalidade anterior de Henriette. Mas será? A própria Henriette levantou dúvidas sobre este ponto durante um de nossos encontros, em 1966. Ela adquiriu uma cópia de La Vie de Goya, de d'Ors (1928), a biografia que tinha lido em Paris, em 1936. Leu novamente as passagens relacionadas a Leocadia Weiss. Não havia menção de que Leocadia fosse pintora, mas ela tinha uma filha, Rosario, freqüentemente chamada de Rosarito, que pintava. Henriette sugeriu que talvez a vida anterior em questão pudesse ter sido a de Rosarito, não de Leocadia.

Esta sugestão me estimulou a examinar as informações sobre as vidas de Leocadia e Rosarito, na tentativa de descobrir se Rosarito teria outras características em comum com Henriette, além de sua aptidão para a pintura.

Então, estudei outras biografias de Goya e alguns artigos descrevendo seus últimos anos na França. Com as informações obtidas, conversei com Henriette (durante uma entrevista em 1968) sobre seus interesses, preferências, aversões e outros aspectos relevantes de sua vida. Formulei minhas perguntas de forma que ela não pudesse perceber quais seriam as respostas esperadas. De qualquer forma, eu não tinha certeza das expectativas sobre as respostas. Henriette Roos já estava familiarizada com alguns fatos da vida de Goya (e das vidas das Weiss), por ter lido a biografia escrita por d'Ors, embora negasse ter lido qualquer outra.

A seguir, vou apresentar uma biografia breve de Leocadia Weiss e sua filha, Rosario.[99] Depois, resumirei as correspondências relevantes entre suas vidas e a de Henriette.

**Leocadia Weiss.** Depois da restituição do trono da Espanha para o rei de Bourbon, Fernando VII, em 1814, Goya sentiu-se desconfortável em Madri. Ele tinha sido perdoado por seu flerte com o regime francês durante a usurpação de Joseph Bonaparte e tinha sido novamente indicado para ser o pintor da corte. Porém, o regime tirânico do rei Fernando o discriminava. Em 1819, ele comprou e se mudou para uma casa de campo em uma localidade fora de Madri. Leocadia Weiss foi para lá como parente de Goya, meio amante, meio governanta (provavelmente, prima em segundo grau). Leocadia Zorilla, seu nome de solteira, nasceu em 1790 e era 40 anos mais nova que Goya. Ela fora casada com um alemão, Isidro Weiss, com quem teve dois filhos, Guillermo e Maria Del Rosario, cujo apelido era Rosarito. Entre 1814, ano do nascimento da filha, e 1819, Isidro Weiss abandonou Leocadia, e ela continuou a usar seu sobrenome.

Goya e Leocadia viveram juntos perto de Madri até 1824. Nessa época Goya se sentia tão indisposto com o governo da Espanha, que resolveu deixar o país. Ele solicitou permissão para viajar para a França por motivos de saúde. Depois se mudou para Bordeaux, e lá Leocadia novamente o abrigou; Rosario também estava lá. Goya retornou à Espanha em duas ocasiões, por breves períodos, depois de 1824, mas viveu efetivamente em exílio na França (principalmente em Bordeaux), até sua morte, em 1828.

Leocadia tinha muito interesse na política liberal e parece ter feito algum esforço para despertar o interesse de Goya pelo assunto (ele tinha a

[99] Como fonte de informações secundárias sobre Leocadia e Rosarito Weiss, usei livros e artigos de Baticle (1986), Hull (1987), Lafond (1907), Sánchez Cantón (1951) e Stokes (1914). Fauqué e Etcheverria (1982) forneceram uma compilação valiosa de informações sobre a vida de Goya em Bordeaux. As fontes primárias que examinei são cartas do próprio Goya (Goya, 1981), do poeta liberal Leandro Fernandez de Moratín [ele também exilado em Bordeaux] (Moratín, 1929) e de Leocadia Weiss (Bordona, 1924). A obra já mencionada de d'Ors (1928) não é sempre precisa e foi escrita em um estilo quase ficcional de narrativa, totalmente sem referências.

tendência de considerar os políticos de todas as facções como igualmente indignos de seu interesse e aprovação). Ela era uma pessoa de temperamento forte, e os contemporâneos testemunharam suas brigas acaloradas (seguidas de pazes) com Goya. Ela era uma pessoa inquieta e sociável, que adorava sair de casa e caminhar pela cidade. Apreciava circos e feiras, em especial, e sempre arrastava o velho e surdo Goya para essas diversões em Bordeaux. Ela não pintava e parece não ter tido muito interesse por arte, mas ninguém duvidava de sua devoção por Goya.

Em Bordeaux, Goya continuou a pintar e desenhar. Além disso, continuou recebendo o salário de Pintor da Corte, assegurado por Fernando VII, até o fim da sua vida. Portanto, enquanto Goya viveu, ele, Leocadia e Rosario desfrutaram de condições confortáveis.

Na primavera de 1828, Goya, nascido em 30 de março de 1746, tinha 82 anos. Em 2 de abril, ele sofreu um derrame e ficou acamado. Parece que se deu conta de não ter preparado nenhuma reserva para Leocadia e Rosario, e de alguma forma, ele gesticulou ou murmurou seu desejo de fazer um testamento em benefício das duas. Sua enteada, que estava presente, disse-lhe que já existia um testamento (era verdade; em 1811, ele fizera um testamento que beneficiava amplamente seu filho Javier, mas que não dizia nada sobre Leocadia, que ainda não tinha entrado em sua vida).

Em conseqüência, Goya não fez um novo testamento e quando faleceu em 16 de abril de 1828, Leocadia e Rosario ficaram pobres. Leocadia pediu ajuda aos amigos e finalmente ao Ministério do Interior da França. Elas voltaram a Madri, onde Rosario teve algum sucesso como artista.

Leocadia Weiss morreu em 1856. Na época, ela tinha 70 anos.

**Rosario Weiss.** Rosario Weiss nasceu em 1814, provavelmente em Madri. Seu pai foi embora pouco tempo depois de seu nascimento, e ela tinha apenas cinco anos em 1819, quando sua mãe e Goya passaram a morar juntos. Desde então e até a morte de Goya, morou quase todo o tempo com ele, primeiro na Espanha e depois em Bordeaux.

Todas as testemunhas contemporâneas confirmaram a ligação afetuosa de Goya com Rosario e sua afeição a ele. Um biógrafo sugere que Leocadia Weiss tinha um "domínio especial" sobre Goya, com a sua filha alegre e atraente (d'Ors, 1928). Algumas vezes, Goya se referia a ela como sua "filha", mas devemos considerar isto como uma indicação da proximidade entre eles e não de paternidade.

Quando os três chegaram a Bordeaux, Rosario estava com dez anos. Ela já tinha demonstrado uma aptidão precoce para a arte e queria se tornar pintora. Goya procurou incentivá-la de todas as maneiras possíveis. Passou

muito tempo ensinando Rosario, mas não era mais um professor eficiente. Conseguiu que ela estudasse com outros artistas em Bordeaux. Ele escreveu e falou entusiasticamente com os outros sobre os talentos dela. Em uma carta, Goya escreveu: "Esta criança incrível quer fazer miniaturas, e eu também quero; ela é talvez o maior fenômeno no mundo por fazer o que faz na sua idade" (Lafond, 1907, p. 124). Ele queria enviá-la para estudar em Paris, contudo, este plano não se concretizou.[100]

Como mencionei, Goya tinha intenção de beneficiar Rosario (e Leocadia) em um testamento revisado, mas nunca o fez. Depois que Rosario e sua mãe voltaram a Madri, ela se estabeleceu como uma fidedigna copista de quadros no Museu do Prado. Tornou-se também litógrafa. Em 1840, foi indicada para ser professora de desenho da rainha Isabela II, filha de Fernando VII. Pouco tempo depois, ficou presa em um motim a caminho do palácio, e o terrível pânico desta experiência provocou-lhe febre alta, e sua morte em 31 de julho de 1840, aos 26 anos (Lafond, 1907).[101]

Rosario tinha muito carinho pelos animais, se julgarmos pelos inúmeros desenhos de animais, com certeza, feitos para ela por Goya, quando era criança. Porém, como sugere seu gosto pelo circo, Leocadia Weiss também gostava de animais. Parece que Rosario era uma criança carinhosa, sem a amargura e as tempestades emocionais de sua mãe. Seu brilho e alegria contribuíram para iluminar o exílio de Goya.

Além de sua aptidão como artista, Rosario tinha interesse por música e começou a aprender a tocar piano quando criança. Depois da morte de Goya, quando Leocadia teve de se desfazer do piano, pois precisava de dinheiro, Rosario ficou muito triste (Bordona, 1924).

**Características relevantes da vida e da personalidade de Henriette Roos.** Já descrevi a aptidão artística precoce de Henriette, seu interesse por miniaturas e sua destreza como copista. Agora colocarei algumas características de sua personalidade, que vamos comparar com as de Leocadia e de Rosario Weiss.

Henriette era tão dotada para a música quanto para a pintura. Ela se tornou uma pianista competente e poderia, caso desejasse, ter se tornado profissional.

Henriette me contou que durante toda vida gostou de animais. Porém,

[100] Dois biógrafos de Goya lançaram a hipótese de que Rosario foi modelo de um dos últimos quadros de Goya, A moça do leite de Bordeaux, pintado em 1827 (Baticle, 1986; d'Ors, 1928). Rosario tinha 13 anos em 1827.

[101] Bordona (1924) declarou que Rosário faleceu em 1843, três anos depois da data sugerida por Lafond. Hull (1987) e Stoker (1914) aceitaram a data de 1840.

não tinha nenhum interesse por política. Preferia levar uma vida calma e tinha pouca atração por eventos sociais. Sempre que possível, evitava multidões de todos tipos, como as que encontramos no metrô, em concertos, teatros, circos e outros locais públicos. Apesar de apreciar música, disse que não assistiria a um concerto no grande Lewisohn Stadium, em Nova York, nem se lhe oferecessem mil dólares; e certa vez, ela saiu de uma ópera no final do primeiro ato, porque se sentiu muito desconfortável com a multidão de espectadores. Quando ia ao cinema, prestava muita atenção na localização das saídas. A palavra fobia não parece ser forte para descrever sua aversão por multidões.

Quando era criança, Henriette era retraída e um pouco tímida. Mais tarde, aprendeu a expressar impulsos assertivos e agressivos com mais facilidade. Quando Henriette não tinha nenhum interesse ou atração especial pela Espanha, nunca tentou aprender o espanhol. Da mesma forma, não se interessou pela França quando jovem. Apesar disso, apegou-se muito ao país, ao viver lá na idade adulta.

Na pintura, Henriette tentava se inspirar no estilo dos mestres dos séculos XVII e XVIII. Ela não se interessava pelos impressionistas e, da mesma forma, evitava a precisão "fotográfica" de alguns retratistas. Tinha orgulho de se recusar a bajular os modelos, tentando pintar suas características da forma como ela as percebia, e não como eles gostariam de ser representados (neste ponto, ela se assemelhava a Goya, que ficou famoso pela integridade de seus retratos). Porém, ela estava igualmente disposta a retratar as qualidades favoráveis quando as discernia.

No quadro 3, enumerei diversas experiências e traços de personalidade das três pessoas que identifiquei a partir das informações disponíveis. Indiquei com um asterisco os itens descritos no livro de d'Ors sobre a vida de Goya, que Henriette já tinha lido na época em que a interroguei sobre suas características e experiências. Seu conhecimento de alguns detalhes da vida de Rosario e Leocadia pode ter influenciado suas respostas.

**Comentário.** Esta última possibilidade pode enfraquecer, mas não acredito que anula a prova preponderante de correspondências entre Rosario e Henriette em comparação com Leocadia e Henriette. Creio que Henriette era indiferente, pelo menos conscientemente, à possibilidade de ser a reencarnação de Leocadia ou de Rosario.

Quadro 3. Resumo das experiências e características de Leocadia Weiss, Rosario Weiss e Henriette Roos

| **Experiência ou Característica** | **Leocadia Weiss** | **Rosario Weiss** | **Henriette Roos** |
|---|---|---|---|
| Aptidão precoce para pintura* | Não era pintora | Sim | Sim |
| Interesse e aptidão para fazer cópias | Não era pintora | Sim | Sim |
| Interesse em pintar miniaturas* | Não era pintora | Sim | Sim |
| Amor pelos animais | Sim | Sim | Sim |
| Pianista | Sem informação | Sim | Sim |
| Mal-humorada* | Sim | Não | Não |
| Medo de multidão | Não | Desconhecido, mas morreu depois de crise de pânico em meio à multidão | Sim |
| Interesse em política* | Sim | Sem informação | Não |
| Gostava de circo, feiras, corridas de cavalo etc* | Sim | Sem informação | Não, com exceção de números com animais em circos |
| Gostava de atividades sociais ou externas | Sim | Sem informação | Sim |

## DOIS CASOS MAIS ANTIGOS E SEMELHANTES

Um ponto fraco importante deste caso é sua completa dependência na memória não verificável de Henriette Roos. A firmeza nas respostas das descrições de suas experiências durante os 30 anos em que a conheci, de alguma maneira atenua este ponto fraco sem eliminá-lo.

Se aceitarmos a reencarnação como a melhor explicação para este caso, ele se torna um dos poucos em que temos a prova do transporte de uma aptidão: a pintura – de uma vida para outra; e tanto Rosario Weiss quanto Henriette demonstraram esta habilidade quando ainda eram crianças.

Conheço apenas dois outros casos nos quais os artistas alegaram pintar sob a influência de uma personalidade desencarnada: Frederic Thompson e Augustin Lesage.

O caso de Frederic Thompson foi cuidadosamente estudado por J. H. Hyslop, que publicou um relatório completo (1909) e uma síntese (1919) sobre o caso. O indivíduo era americano, um especialista em gravação, com pouco ou nenhum interesse em pintura e tampouco sem nenhum treinamento. Mesmo assim, em 1905, de repente, ele começou a sentir um forte impulso para pintar. Ele tinha a impressão de que estes impulsos vinham de Robert Swain Gifford, um artista com certo destaque. Thompson conhecera Gifford superficialmente, mas não sabia que ele falecera uns seis meses antes do início de seus impulsos para pintar.

Sob a influência dos "impulsos de Gifford", Thompson começou a pintar com uma destreza notável, fato que o surpreendeu e também as outras pessoas. Fez alguns desenhos e pinturas exclusivamente a partir da imaginação de cenas rurais. Os impulsos também o levaram a regiões distantes da Nova Inglaterra, onde pintou várias cenas, que, como descobriu depois, Gifford gostava de pintar. As pinturas destas cenas feitas por Thompson possuem uma íntima semelhança com as de Gifford, embora ele negue qualquer conhecimento anterior delas ou qualquer possibilidade de tê-las adquirido. Depois de um longo estudo, Hyslop concluiu que o caso oferecia provas mínimas de comunicação paranormal de algum lugar para Thompson, e que esta comunicação do falecido Gifford era uma explicação para os fatos tão plausível quanto qualquer outra.

Nenhum julgamento justo deste caso pode ser feito sem um estudo dos abundantes registros de Hyslop. Aqui, eu quis apenas chamar a atenção para a forma de algumas das experiências de Thompson. Às vezes, ele tinha alucinações auditivas, mas no início experimentou apenas impressões simples e impulsos. Em um relato autobiográfico, Thompson escreveu:

... enquanto estava desenhando, lembro de ter a impressão de ser o pró' prio Sr. Gifford e de dizer para mim mesmo antes de começar que o Sr. Gifford queria desenhar, apesar de não saber naquela época que ele tinha morrido no começo do ano [Hyslop, 1909, p.32].

As descrições dos impulsos de Thompson para pintar lembram bastante os relatos de alguns casos de impressões telepáticas (Stevenson, 1970a). Eles geralmente descrevem o que significa uma compulsão de se dirigir para alguma pessoa ou lugar, pressentindo que alguma coisa triste está acontecendo. As experiências de Thompson diferem destas porque ele as atribuía a um indivíduo morto, embora, como afirmou, quando elas começaram ele não sabia que Gifford estava morto. A compulsão de Thompson para pintar também prosseguiu durante vários anos, ao contrário da duração bem menor dos impulsos para agir encontrados nos casos de impressões telepáticas com agentes vivos.

Augustin Lesage era um mineiro francês, que, de repente (em 1911) aos 35 anos, começou a pintar, uma atividade na qual ele não tivera nenhum interesse até então, e para a qual tampouco tinha preparo (Bondon, 1947; Dubuffet, 1965; Osty, 1928). Ele pintava a óleo, geralmente em telas muito grandes. No começo, pintava apenas desenhos de um tipo estranho com muitos detalhes pequenos e sem pessoas ou objetos identificáveis. Mais tarde, introduziu pessoas, animais e objetos em suas obras que, ao mesmo tempo, sugeriam temas e estilo egípcios ou orientais. Apesar de as pinturas de Lesage sugerirem motivos orientais, na verdade não eram representações verdadeiras de qualquer estilo de arte identificável, oriental ou ocidental. Algumas de suas pinturas mais recentes incluíam símbolos de hieróglifos egípcios. Muitas eram reproduzidas exatamente como símbolos individuais, porém não estavam organizadas de forma a produzir um significado, ficando evidente que foram reproduzidas sem a compreensão de resquícios de memória na mente de Lesage. Apesar de receber atenção positiva dos críticos de arte franceses durante o período de 1920 a 1940, a pintura de Lesage pode ser considerada apenas um exemplo de arte simples ou primitiva. Eu as menciono apenas porque Lesage alegou ser um pintor médium e acreditava que suas pinturas eram influenciadas por pessoas desencarnadas. Porém, seu caso, diferentemente dos de Frederic Thompson e Henriette Roos, não sugere processos paranormais.

## Comentários

Em relatos de outros casos, sempre chamei a atenção para alguma emoção demonstrada pelo indivíduo estudado, que fosse adequada às

circunstâncias, especialmente o tipo de morte da pessoa falecida de cuja vida ele relembra. As emoções mais comuns deste tipo são de vingança (dirigida à pessoa responsabilizada pela morte na vida passada) e medo, como fobias de objetos ou local da morte (Stevenson, 1990). Este caso – de Henriette Roos – inclui a prova de uma fobia que talvez possa ser atribuída à vida passada.

Talvez seja mais relevante ainda que o caso fornecesse a prova da persistência de uma emoção diferente: a gratidão. Se a melhor interpretação do caso for que Henriette Roos era a reencarnação de Rosario Weiss, ele também demonstra a prova da gratidão de Goya (mesmo morto), que persistiu por mais de um século (ele morreu em 1828, e a experiência de Henriette em Paris aconteceu por volta de 1936). Como vimos, Goya foi grato a Leocadia e Rosario Weiss durante sua vida, e próximo de sua morte quis beneficiá-las em seu novo testamento, sem sucesso. Portanto, ele provavelmente morreu com um sentimento de gratidão e também de dívida não cumprida.

# Parte IV

**Discussão Geral**

Nenhum leitor deste livro nega que ocorrem casos indicativos de reencarnação na Europa. Gostaria de conhecer a incidência destes casos, mas não é possível. Podemos supor que os pais ocultem alguns casos, pois baseados em suas crenças religiosas tradicionais, acreditam que uma vida passada seja impossível. Assim, eles crêem que quando uma criança fala sobre uma vida passada deve estar mentindo ou expressando fantasias absurdas. Ou então, a própria criança pode omiti-los, porque os pais não lhe deram nenhum respaldo para colocá-los e, portanto, compreender as visões de acontecimentos de uma vida passada. Os casos de Giuseppe Costa e George Neidhart ilustram a perplexidade de crianças pequenas que tiveram essas visões. Outros casos estão perdidos para a pesquisa, porque as pessoas envolvidas não conhecem pesquisadores de confiança e muito menos sabem onde eles estão. Dentre os 32 casos investigados neste livro, apenas sete chegaram a meu conhecimento diretamente pela pessoa ou por um de seus pais.

As três causas que acabei de mencionar: a omissão dos pais, a repressão pelo próprio indivíduo e a ignorância da existência de pesquisadores interessados têm relação com os casos relatados; porém, não revelam nada sobre sua real incidência. Não acredito que a falta de relatos possa explicar a escassez de casos conhecidos.

Na Parte I, citei estudos da década de 1990, mostrando que em diversos países europeus mais de 25% dos pesquisados acreditavam em reencarnação. Os pais deste grupo provavelmente prestam atenção nas crianças que tentam falar sobre uma vida passada. Quanto aos outros 75% dos pais, podemos observar que medidas repressivas são freqüentemente aplicadas na Índia, mas aparentemente não afetaram o desejo da criança de descrever as memórias de uma vida anterior (Stevenson e Chadha, 1990).

Assim sendo, concluo que a verdadeira incidência de casos na Europa

é baixa e provavelmente menor que na Índia e em alguns outros países. Se eu estiver certo sobre isso, não tenho explicação para a diferença da incidência entre a Europa e, digamos, a Índia. Em um livro anterior, levantei a hipótese de que a diferença deve ter origem em diferenças culturais mais profundas e ainda pouco compreendidas entre as duas regiões (Stevenson, 1987/2001).

Deixando de lado este problema indecifrável no momento, volto às semelhanças e diferenças entre características de casos europeus e de outros países. Há quase vinte anos, meus colegas e eu examinamos as características principais de 856 casos de seis países diferentes: Birmânia (atual Mianmar), Índia, Líbano, Sri Lanka, Tailândia e Estados Unidos (a série não incluiu nenhum caso europeu). Descobrimos que quatro características ocorreram nos casos de todas as seis culturas: a idade precoce (geralmente entre 2 e 4 anos) da primeira fala do sujeito em estudo sobre uma vida passada; a idade um pouco maior (geralmente entre 5 e 7 anos), na qual o indivíduo parou de falar espontaneamente sobre uma vida passada; a alta incidência de morte violenta na vida anterior; e a menção freqüente do tipo de morte nas declarações das crianças (Cook et ai, 1983). Estas características ocorreram com tanta regularidade em casos de culturas diferentes, que muitas vezes me referi a elas como "características universais". A incidência de outras características varia muito em diferentes culturas. Os exemplos dessas variações culturais quanto à incidência ocorrem em casos de uma alegada mudança de sexo de uma vida para outra, e nos casos em que o sujeito em estudo e a personalidade anterior pertencem à mesma família. Porém, o termo "características universais" demonstra confiança excessiva de minha parte, porque apenas examinamos os casos de poucos países. Precisaríamos estudar casos de outras culturas. Com os casos europeus disponíveis, apesar de poucos, podemos ter a oportunidade de fazer essas comparações.

O quadro 4 fornece informações sobre 22 casos de crianças européias comparados com 668 casos da Índia, Líbano, Estados Unidos (exceto o Alasca) e Canadá.[102] Faltam algumas informações para cada característica dos casos, mas temos o suficiente para estabelecermos comparações válidas.

[102] Estes países foram selecionados porque todos os dados de seus casos em nossos arquivos foram codificados e estão disponíveis para as comparações.

Quadro 4. Comparação de quatro características de casos europeus e de quatro casos de outros países (Índia, Líbano, Estados Unidos e Canadá)

| | Outros países N=668 | Europa N=22 |
|---|---|---|
| Idade Média da primeira fala (em meses) | 36,4 (n 571) | 35,9 (n 21) |
| Idade Média do término da fala espontânea (em meses) | 85,6 (n 222)** | 97,1 (n 15) |
| Menção do tipo de morte pelo sujeito em estudo (porcentagem) | 76,2 (n 581) | 84,6 (n 13) |
| Morte violenta na vida passada (porcentagem) | 68,8 (n 545) | 73,7 (n 19) |

Nota: Os números indicados em "n" mostram os casos que incluem dados confiáveis de cada característica.
**Outros 105 ainda falavam de vidas passadas na época da última entrevista.

Ao estudar os números do quadro 4, os leitores certamente concordarão que os casos europeus apresentam claramente as quatro características que comumente encontramos nos das outras culturas.

Algumas vezes, os casos europeus também apresentam diversas outras características freqüentemente observadas nos casos de outras culturas. Cinco crianças tinham fobias correspondentes a acontecimentos da alegada vida passada. Seis apresentaram trejeitos incomuns que correspondiam às afirmações da criança. Em quatro casos a criança falou sobre uma vida anterior como sendo do sexo oposto; duas eram homens e duas mulheres. Em cinco casos, um sonho e, em um deles, uma comunicação auditiva, pareciam prenunciar o nascimento do sujeito em estudo. Em seis casos, os informantes relataram que o indivíduo demonstrou alguma aptidão não aprendida ou outro conhecimento inesperado. Três tinham anormalidades congênitas que podem ter se originado da vida a que se referiam. Em suma, os casos europeus parecem ser do mesmo tipo genérico de outras culturas que eu e meus colegas estudamos.

A seguir, deveremos considerar até onde os casos europeus demonstram a prova de algum processo paranormal. Se basearmos a nossa avaliação apenas nas declarações das crianças, não poderemos evitar o desapontamento. Dentre

22 casos, sete não foram solucionados; e entre os 15 casos restantes, todos, menos três (Gladys Deacon, Wolfgang Neurath e Helmut Kraus) são dentro da mesma família. Nesses casos não podemos ter a desejável certeza de que o sujeito em estudo não recebeu nenhuma comunicação normal de informações relativas ao membro da família falecido. Isto também poderia ser dito do caso de Wolfgang Neurath, no qual as duas famílias implicadas eram vizinhos próximos. Nunca recebi uma confirmação independente para o caso de Gladys Deacon, impressionante sob outros aspectos. Fora isso, temos Helmut Kraus, o único caso resolvido e confirmado (entre os casos iniciados na infância precoce), no qual as famílias envolvidas não tinham nenhuma relação entre si. A este talvez possamos adicionar o caso de Ruprecht Schulz, que teve um leve início no início da infância.

Além da mencionada fragilidade das provas, precisamos lembrar que os informantes adultos podem não lembrar corretamente ou interpretar mal o que a criança disse. Os pais de uma criança falecida ficam especialmente vulneráveis a cometer esses erros. Em sete casos podemos reconhecer a possível influência de um desejo pelo retorno de um membro da família falecido. Porém, em contraste com esses casos podemos contar com sete outros nos quais as declarações das crianças surpreenderam e desconcertaram seus pais. Não vejo razão para pensar que eles tivessem incentivado essas declarações, muito menos, provocado.

Não conseguiríamos evitar o desapontamento sobre os casos europeus, se considerássemos favoráveis à interpretação de um processo paranormal apenas àquelas declarações que foram verificadas e nas quais a criança não poderia ter recebido as informações sobre a pessoa falecida de maneira natural. Porém, não fomos tão limitados. A nossa avaliação dos casos deve incluir os comportamentos das crianças que são estranhos para a sua família e que combinam com o que ela diz sobre uma vida passada. Se contarmos com as fobias, afeições, aptidões e outros conhecimentos não aprendidos, 16 das 22 crianças apresentaram este comportamento estranho. Dando continuidade a estas investigações, cheguei a pensar que esse comportamento estranho que aparece na maioria dessas crianças deve valer tanto na avaliação de paranormalidade quanto às suas declarações e quaisquer marcas de nascença ou deformidades congênitas que ela exibir. Em alguns casos europeus, por exemplo, nos de Carl Edon, David Llewelyn, Taru Järvi, Gedeon Haich e Teuvo Koivisto, o comportamento estranho da criança era mais notável que suas declarações. Algumas vezes, ele era totalmente alheio às expectativas e aos valores da família da criança. Acredito que não podemos explicar esse comportamento nem pela genética nem pela influência da família.

De modo geral, os casos europeus como um todo são mais frágeis no

indício de processo paranormal que os mais convincentes encontrados na Ásia, especialmente na Índia e no Sri Lanka. Tucker (2000) desenvolveu o Strenght of Case Scale (SOCS), algo como Escala de Força do Caso em Estudo, que atribui e nega pontos de acordo com as várias características do caso que contribuem para o julgamento do processo paranormal. Ele examinou 799 casos, de seis países diferentes (três quartos dos casos originários da Índia, Turquia e Estados Unidos). A pontuação varia entre -3 (baixa) e 49 (alta). A média geral foi de 10,4 e a mediana 8. A pontuação média dos casos europeus (22 casos de crianças mais o de Ruprecht Schulz) foi de apenas 6,4 e a mediana, 5. Apenas 5 dentre os 23 casos europeus tiveram uma pontuação superior a 10 (a mediana dos casos de outros países). O caso de Ruprecht Schulz recebeu a pontuação 23, excepcional para um caso europeu.

Antes de concluir, comentarei os casos com sonhos repetidos e reais. Enquanto dormimos, os sonhos nos fornecem imagens vividas involuntárias; eles raramente têm conteúdo verbal. Muitas vezes, as tentativas que fazemos de descrever as cenas do sonho em palavras não conseguem fornecer total exatidão. Portanto, não devemos ficar surpresos quando os relatos do "sonhador" de um sonho recorrente variam de uma narração para outra.

Também devemos dar pouca importância aos adjetivos que o narrador dos sonhos usa, tais como "vivido" e "real". Certa vez, conduzi uma análise informal de 12 sonhos, considerados pré-cognitivos (Stevenson, 1970b). Em 45% dos casos, a pessoa que teve os sonhos utilizou as palavras "vivido" e "real" ao descrevê-los. Contudo, estas palavras podem fornecer indicações de um processo paranormal, mas não a sua confirmação, que só é possível quando o sonho inclui informações confirmadas de coisas que a pessoa normalmente não teria conhecimento. Poucos sonhos claros ou reais atendem a este requisito. Dos sete sonhos que incluí neste trabalho, dois – o de Traude von Hutten e o de Luigi Gioberti – comprovaram ter quase nenhum valor depois de profundamente investigados. O sonho de dois outros – Thomas Evans e William Hens – não eram passíveis de verificação. Porém, os três casos restantes me convenceram que seus sonhos incluíam algum processo paranormal. São os sonhos de Jenny McLeod, Winifred Wylie e John East. Eles devem ter se lembrado de uma vida passada durante seus sonhos. Pelo menos 13 casos na Ásia tiveram as lembranças de uma vida passada confirmadas quando estavam acordados e também sonhos e pesadelos que incluíam alguns dos conteúdos das lembranças em estado de vigília.[103] Portanto, podemos acreditar que algumas pessoas podem ter sonhos sobre vidas passadas sem ter quaisquer lembranças enquanto acordadas.

[103] Forneci a lista parcial desses casos em outro material (Stevenson, 1997, pp. 1386-87).

Usei repetidamente o termo “processo paranormal” e agora devo dizer que tipo de processo eu privilegio para os casos que sugerem reencarnação. Uma alternativa para a reencarnação é a percepção clarividente de informações disponíveis das pessoas vivas. Isto supõe poderes de percepção paranormal que as crianças destes casos não demonstram em nenhum contexto, além de suas declarações e comportamento estranho sugerindo uma vida passada. Isto também não vale para a amnésia quase universal das lembranças aparentes, que surge mais tarde na infância. A percepção paranormal também não explica a personificação de outra pessoa no comportamento da criança.

Uma segunda interpretação paranormal possível é a “obsessão” do indivíduo por uma pessoa que morreu e que pode influenciar pessoas vivas a partir de um mundo de desencarnados. Estou convencida que os casos mais bem interpretados como exemplos de obsessão ocorrem ocasionalmente. Escolho esta interpretação para a pintura de Henriette Roos. Outros exemplos aconteceram nos casos de Jasbir Singh e Sumitra Singh. Porém, estes casos têm diferenças marcantes em suas características de casos de crianças pequenas que parecem se lembrar de vidas passadas. O conceito de obssessão não explica a amnésia no fim da infância, que aparece quase que invariavelmente nos casos de crianças que afirmam se lembrar de uma vida anterior. Também não explica as anomalias congênitas correspondentes a ferimentos ou outras marcas da vida passada (de fato, este trabalho apresenta poucos casos deste tipo).

Os casos europeus de crianças que parecem se lembrar claramente de uma vida passada não apresentam forte prova de reencarnação. Entretanto, concluo dizendo que para algumas delas a reencarnação é a melhor interpretação, ainda que não seja a única.

# Apêndice

**Lista de relatos de casos mencionados neste livro**

Os casos estão listados em ordem alfabética (por letra, não por palavra) dos nomes próprios dos indivíduos estudados. Os honoríficos que algumas vezes foram usados no texto, especialmente com os nomes birmaneses, não foram colocados nesta lista, com exceção de algumas situações em que foi adicionado entre parênteses para ajudar a identificar o sujeito estuado de um caso.

As seguintes abreviações foram utilizadas para os meus trabalhos publicados:

**R e B** = Reincarnation and Biology: A Contribution to the Etiology of Birthmarks and Birth Defects. Dois volumes. Westport, CT: Praeger, 1997.

**Sinopse** = *Where Reincarnation and Biology Intersect* (este livro pequeno tem relatos breves de muitos casos descritos com mais detalhes em **R e B**) Westport, CT: Praeger, 1997.

**Vinte Casos = Reencarnação: Vinte casos** – 2ª ed. revisada e aumentada. São Paulo: Editora Vida e Consciência, 2010.

**CORT (seguido do algarismo do respectivo volume) =** Cases of the Reincarnaáan Type, Volumes 1-4- Charlottesville: University Press Virgínia, 1975-83.

**CLVP = Crianças que se lembram de vidas passadas** – Children Who Remember Previous Lives. (Este livro fornece informações sobre alguns casos, mas não tem relatos detalhados de casos), ed: Editora Vida e Consciência, no prelo.

Para os números de página dos relatos de caso consulte os índices dos livros.

| | |
|---|---|
| Asha Rani | Não publicado em detalhes |
| Bajrang Bahadur (B. B.) Saxena | **R e B; Sinopse** |
| Bir Sahai | **R e B; Sinopse** |
| Bongkuch Promsin | **CORT 4** |
| Cemil Fahrici | **R e B; Sinopse** |
| Chanai Choomalaiwong | **R e B; Sinopse** |
| Chaokhun Rajsuthajarn: veja Rajsuthajarn (Ven. Chaokhun) | |
| Dolon Champa Mitra | **CORT 1** |
| Dorabeth Crosby | **R e B** |
| Dulcina Karasek | **R e B; Sinopse** |
| Erkan Kiliç | **CORT 3** |
| Gnanatilleka Baddewithana | **Vinte Casos** |
| Henry Demmert II | **R e B; Sinopse** |
| Htay Win (Maung) | **R e B; Sinopse** |
| Htwe Win (Ma) | **R e B; Sinopse** |
| Htwe Yin (Ma) | **R e B** |
| Huriye Bugay | **R e B** |
| Indika e Kakshappa Ishwara | **R e B; Sinopse** |
| Indika Guneratne | **CORT 2** |
| Ismail Altinkiliç | **CORT 3** |
| Izzat Shuhayyib | Não publicado em detalhes |
| Jasbir Singh | **Vinte Casos** |
| Kumkum Verma | **CORT 1** |
| Lalitha Abeyawardena | **CORT 2** |
| Lekh Pai Jatav | **R e B; Sinopse** |
| Mallika Aroumougam | **Vinte Casos** |
| Manju Bhargava | Não publicado em detalhes |
| Marta Lorenz | **Vinte Casos** |
| Mary Magruder | **CLVP** |
| Mounzer Haïdar | **CORT 3** |
| Muhittin Yilmaz | **R e B; Sinopse** |
| Myint Myint Zaw (Ma) | **R e B; Sinopse** |
| Myint Thein (Ma) | **R e B; Sinopse** |
| Nasir Toksõz | **CORT 3** |
| Navalkishore Yadav | **R e B** |
| Nirankar Bhatnagar | **R e B; Sinopse** |
| Norman Despers | **Vinte Casos** |
| Par (Ma) | **R e B** |
| Parmod Sharma | **Vinte Casos** |

| | |
|---|---|
| Prakash Varshnay | **Vinte Casos** |
| Rabih Elawar | **CORT 3** |
| Rajani Sukla | **R e B** |
| Rajsuthajarn (Ven. Chaokhun) | **CORT 4** |
| Ramoo e Rajoo Sharma | **CORT 1** |
| Rani Saxena | **CLVP** (não publicado em detalhes) |
| Ravi Shankar Gupta | **Vinte Casos** |
| Salem Andary | **CORT 3** |
| Sanjeev Sharma | **R e B** |
| Savitri Devi Pathak | **R e B; Sinopse** |
| Semih Tutusmus | **R e B; Sinopse** |
| Shamlinie Prema | **CORT 2** |
| Smriti Kana Kunda | Não publicado em detalhes |
| Sudhir Rastogi | Não publicado em detalhes |
| Sujith Lakmal Jayaratne | **CORT 2** |
| Suleyman Andary | **CORT 3** |
| Sumitra Singh | **Stevenson, Pasricha e MacClean-Rice, 1989** |
| Sunita Khandelwal | **R e B; Sinopse** |
| Suzanne Ghanem | Não publicado em detalhes |
| Swarnlata Mishra | **Vinte Casos** |
| Than Than Aye (Ma) | Não publicado em detalhes |
| Thiang San Kla | **R e B; Sinopse** |
| Tint Aung (U) | **R e B** |
| Tin Tin Myint (Ma) | **CORT 4** |
| TinYee (Ma) | **R e B** |
| William George Jr. | **Vinte Casos** |
| Zaw Win Aunt (U) | **R e B; Sinopse** |

# Bibliografia

Almeder, R. 1992. Death and personal survival: The evidence for life after death. Lanham, MD: Rowman e Littleíield.

_____. 1997. A critique of arguments offered against reincarnation. Journal of Scientific Exploration 11: 499-526.

Ancelet-Hustache, J. 1963. God tried by fire: St. Elizabeth of Hungary. Traduzido por P. J. Oligny e V. O'Donnell. Chicago: Franciscan Herald Press.

Archbold, R. 1994- Hindenburg: An illustrated history. Nova York: Warner/Madison Press.

Arnold, E. 1911. The light of Asia. Londres: Kegan Paul, Trench, Trübner & Co. Ltd. (Primeira publicação em 1879)

Baker, R. A. 1982. The effect of suggestion on past-lives regression. American Journal of Clinical Hypnosis 25: 71-76.

Barkers, D.R. e Pasricha, S. 1979. Reincarnation cases in Fatehabad: A systematic survey in North Índia. Journal of Asian and African Studies 14: 231-40.

Baticle, J. 1986. Goya d'or et de sang. Paris: Gallimard.

Battista, F. 1911. Un caso di reincarnazione? Ultra 5: 585-86.

Bergunder, M. 1994. Wiedergeburt der Ahnen: Eine religionse-thnographische und religionsphänomenologische Untersuchung zur Reinkarnationsvorstellung. Münster: Lit Verlag.

Bernstein, M. 1965. The search for Bridey Murphy. Nova York: Doubleday. (Primeira publicação em 1956)

Bible. Authorized King James Version. Nova York: Thomas Nelson. (Primeira publicação em 1611)

Bigg, C. 1913. The Christian Platonists of Alexandria. Oxford: Clarendon Press.

Biundo, G. 1940. Regesten der Reichsfeste Trifels. Kaiserslauten: Saarpfälzisches Instituí für Landes-und Volkforschung.

Björkhem, J. 1961. Hypnosis and personality change. Em Knut

Lundmark and man's march into space: A memorial volume, editado por M. Johnson. Gotenburgo: Várld och Vetande.

Bochinger, C. 1996. Reinkarnationsidee und "New Age." Em Die Idee der Reinkarnation in Ost und West, editado por R Schmidt-Leukel, págs. 115-30. Munique: Eugen Diedericks Verlag.

Bondon, G. 1947. Augustin Lesage, le peintre mineur: Sa vie et sa mission. Ans: Imprimerie Masset. (Folheto, impressão independente)

Bordona, J.D. 1924. Los últimos momentos de Goya. Revista de la Biblioteca, Archivo y Museo 1: 397-400.

Bozzano, E. 1940. Indagini sulle manifestazioni supernormali. Serie VI. Citta delia Pieve Tipografia Dante. (Reimpresso sob o título "Reminiscenze di una vita anteriore" em Luce e Ombra 94: 314-27, 1994)

Brazzini, P. 1952. Dopo la Morte si Rinasce? Milão: Fratelli Bocca Editori.

Broad, C.D. 1962. Lectures on psychical research. Londres: Routledge & Kegan Paul.

Browning, R. 1971. Justinian and Theodora. Londres: Weidenfeld and Nicolson.

Buchan, J. 1940. Memory hold-the-door. Londres: Hodder and Stoughton.

Burkert, W. 1972. Lore and science in ancient Pythagoreanism. Cambridge, MA: Harvard University Press.

Burton, R.F. 1987. The book of the sword. Nova York: Dover Publications. (Primeira publicação em 1884)

Butterworth, G.W. 1973. Introduction. Em On first principies de Orígenes. Gloucester, MA: Peter Smith.

Caesar, Julius. 1917. The Gallic war. Traduzido por H.J. Edwards. Londres: William Heinemann.

Carbonelli, G. 1912. Gli Ultimi Giorni dei Conte Rosso e i Processi per la sua Morte. Pavi Pinerolo.

Catéchisme de l'eglise Catholique. 1992. Paris: Mame-Librairie Editrice Vaticane. (Edição inglesa. Catechism of the Catholic Church. 2ª ed. Washington, DC: United States Catholic Conference, 1997)

Chalfont, Lord. ed. 1979. Waterloo: Battle of three armies. Londres: Sidgwick and Jackson.

Chatterton, E.K. 1914- The old East Indiamen. Londres: T. Werner Lauri.

Cognasso, F. 1926. II Conte Verde. Turim: G. B. Paravia.

_____. 1931. II Conte Rosso. Turim: G. B. Paravia.

Cook, E.; Pasricha, S.; Samararatne, G.; Maung, W. e Stevenson, I. 1983. A review and analysis of "unsolved" cases of the reincarnation type: II. Comparisons of features of solved and unsolved cases. Journal of the American Society for Psychical Research 77: 115-35.

Cook, E.W.; Greyson, B. e Stevenson, I. 1998. Do any near-death experiences provide evidence for the survival of human personality after death? Relevant features and illustrative case reports. Journal of Scientific Exploration 12: 377-406.

Corson, E.F. 1934. Naevus flammeus nuchae; its occurrence and abnormalities. American Journal of the Medical Sciences 187: 121-24.

Costa, G. 1923. Di là dalla vita. Turim: S. Lattes.

Cox, E. L. 1967. The Green Count of Savoy: Amadeus VI and Transalpine Savoy in the fourteenth century. Princeton: Princeton University Press.

Crehan, J. 1978. Reincarnation. Londres: Catholic Truth Society.

Daniélou, J. 1955. Origen. Traduzido por Walter Mitchell. Nova York: Sheed and Ward.

Davidson, H.R.E. 1964. Gods and myths of Northern Europe. Harmondsworth, Middlesex: Penguin.

Davie, G. 1990. Believing without belonging: Is this the future of religion in Britain? Social Compass 37: 455-69.

Delanne, G. 1924. Documents pour servir a l'étude de la reincarnation. Paris: Editions de la B.P.S.

Delarrey, M. 1955. Une reincarnation annoncée et verifiée. Revue métapsychique 1(2): 41-44

Dickens, C. 1877. Pictures from Italy, Sketches by Boz, and American Notes. Nova York: Harper and Brothers.

Diogenes Laertius. 1925. Lives of eminent philosophers. Vol. 2. Traduzido por R.D. Hicks. Cambridge, MA: Harvard University Press. (Primeira publicação em c. 250.)

Dodds, E.R. 1951. The Greeks and the irrational. Berkeley: University of Califórnia Press.

Donat, A. 1963. The Holocaust kingdom. Washington, DC: Holocaust Library.

_____. ed. 1979. The death camp Treblinka: A documentary. Nova York: Holocaust Library.

d'Ors, E. 1928. La vie de Goya. Traduzido por Mareei Carayon. Paris: Gallimard.

Doveton, F.B. 1852. Reminiscences of the Burmese War in 1824-5-6. Londres: Allen.

Dubuffet, J. ed. 1965. Publications de la Compagnie de Part brut. Fascicule 3. Le Mineur Lesage. Paris: Compagnie de l'art brut.

Ducasse, C.J. 1961. A critical examination of the belief in a life after death. Springfield, IL: Charles C Thomas.

Dunne, J.W 1927. An experiment with time. Londres: Faber and Faber.

Dunning, R.W. ed. 1974. A history of the County of Somerset. Vol 3. Publicado para o Institute of Historical Research. Oxford: Oxford University Press.

_____. 1984. The Monmouth rebellion: A complete guide to the rebellion and bloody Assizes. Wimborne: Dovecote Press.

Earle P. 1977. Monmouth's rebels: The road to Sedgemoor 1685. Londres: Weidenfeld and Nicolson.

East, J.N. 1960a. Eternal quest. Londres: The Psychic Press.

_____. 1960b. Man the immortal. Londres: The Psychic Press.

Eliade, M. 1982. A history of religious ideas. Volume 2. From Gautama Buddha to the triumph of Christianity. Traduzido por W.R. Trask. Chicago: University of Chicago Press.

Ellwood, G.F. 1971. Psychic visits to the past. Nova York: New American Library.

Evans-Wentz, WY. 1911. The fairy-faith in Celtic countries. Nova York: Oxford University Press.

Fauqué, J. e Etcheverria, R.V. 1982. Goya y Burdeos. Zaragoza: Ediciones Oroel.

Flournoy, T. 1899. Des Indes à la planète Mars. Ètude sur un cas de somnambulisme avec glossolalie. Paris: Lib. Fischbacher, 4ª ed. (Nova edição americana com introdução e capítulo de conclusão por C.T.K. Chari. New Hyde Park, NY: University Books, Inc., 1963.)

Forbes, R. 1975. The Lyon in Mourning or a collection of speeches letters journals etc. relative to the affairs of Prince Charles Edward Stuart. 3 vols. Editado por Henry Paton. Edinburgo: Scottish Academic Press. (Primeira publicação em 1895.)

Frankl, V.E. 1947. Ein Psycholog erlebt das Konzentrationslager. 2ª ed. Viena: Verlag für Jugehd und Volk.

Fraser, J. 1905. Chronicles of the Frasers (The Wardlaw manuscript). Edinburgo: Scottish History Society.

Freeman, J. 1996. Job: The story of a Holocaust survivor. Westport, CT: Praeger.

Gallup Opinion index. 1969. Special report on religion. Princeton, NJ: American Institute of Public Opinion.

Geley, G. 1927. Clairvoyance and materialisation. Traduzido por S. de Barth. Nova York: George H. Doran Company.

George, M.I. 1996. Aquinas on reincarnation. The Thomist 60: 33-52.

Gilbert, M. 1986. The Holocaust: A history of the Jews of Europe during the Second World War. Nova York: Holt, Reinhart, and Winston.

Gill, A. 1988. The journey back from Hell: An oral history. Conversations with concentration camp survivors. Nova York: William Morrow.

Goya, F. de. 1981. Diplomatorio. Editado por A. G. Lopez. Zaragoza: Librería General.

Grant, J. 1939. Winged pharaoh. Londres: Methuen.

Hackl, N. 1950. Die Geschichte der Burgruine Weissenstein bei Regen. Regen: Verlag Waldvereinsektion Regen.

Haich, E. 1960. Einweihung. Thielle: Verlag Eduard Fankhauser. (Edição inglesa: Initiation. Londres: George Allen and Unwin, 1965.)

Häikiö, W. 1992. A brief history of modern Finland. Lahti: University of Helsinki.

Hamilton-Williams, D. 1993. Waterloo: New perspectives. Londres: Arms and Armour Press.

Harding, S.; Phillips, D. e Fogarty, M. 1986. Contrasting values in Western Europe. Londres: Macmillan.

Harris, M. 1986. Investigating the unexplained. Buffalo, NY: Prometheus Books

Hawkes, J. 1981. A quest of love. Nova York: George Braziller.

Head, J. e Cranston, S.L. eds. 1977. Reincarnation: The Phoenix fire mystery. Nova York: Crown Publishers.

Hermann, T. 1960. Das *déjà vu* Erlebnis. Psyche 9: 60-76.

Heywood, R. 1960. Resenha de Eternal quest por J. N. East. Journal of the Society for Psychical Research 40: 370-71.

Hodgman, J.E.; Freeman, R.I. e Levan, N.E. 1971. Neonatal dermato-logy. Medicai Clinics of North America 18: 725-33.

Hodgson, F. C. 1910. Venice in the thirteenth and fourteenth centuries. Londres: George Allen

Hornsby-Smith, M.P. e Lee, R.M. 1979. Roman Catholic opinion: A study of Roman Catholics in England and Wales in the 1970s. Guildford: University de Surrey.

Howarth, D. 1968. Waterloo: Day of battle. Nova York: Atheneum.

Hull, A.H. 1987. Goya: Man among kings. Nova York: Hamilton Press.

Huxley, TH. 1905. Evolution and ethics and other essays. Nova York: D. Appleton.

Hyslop, I.H. 1909. A case of veridical hallucinations. Proceedings of the American Society for Psychical Research. 3: 1-469.

_____. 1919. Contact with the other world. Nova York: The Century Co. Iamblichus. 1965. Life of Pythagoras. Traduzido por Thomas Taylor. Londres: John M. Watkins (Primeira publicação em c. 310.)

Inge, WR. 1941. The philosophy of Plotinus. 3ª ed. 2 vol. Londres: Longmans, Green and Co.

Inglehart, R.; Basafiez, M. e Moreno, A. 1998. Human values and beliefs: A cross-cultural sourcebook. Ann Arbor: University of Michigan Press.

Johnson, P. 1976. A history of Christianity. Harmondsworth, Middlesex: Penguin.

Kampman, R. 1973. Hypnotically induced multiple personality: An experimental study. Acta Universitatis Ouluensis, series D, Medica n. 6. Psychiatrica n. 3, pp. 7-116.

1975. The dynamic relation of the secondary personality induced by hypnosis to the present personality. Psychiatria Fennica (1975): 169-72.

1976. Hypnotically induced multiple personality: An experimental study. International Journal of Clinical and Experimental Hypnosis 24: 215-27.

e Hirvenoja, R. 1978. Dynamic relation of the secondary personality induced by hypnosis to the present personality. Em Hypnosis at its bicentennial, editado por F. H. Franks e H.S. Zamansky. Nova York: Plenum Press.

Kaspar, W. 1990. Reincarnation et christianisme. La documentation catholique. Número 2005, 6 de maio de 1990, 453-55.

Keltie, J.S., ed. 1875. A history of the Scottish highlands, highland clans and highland regiments. Edinburgo: A. Fullerton.

Ker, W.P. 1904. The dark ages. Nova York: Charles Scribner's Sons.

Kraus, O. e Kulka, E. 1966. The death factory: Document on Auschwitz. Oxford: Pergamon Press.

Krüger, M. 1996. Ichgeburt: Origenes und die Entstehung der christli-chen Idee der Wiederverkörperung in der Denkbewegung von Pythagoras his Lessing. Hildesheim: Georg Olms Verlag.

Lafond, P. 1907. Les dernières années de Goya en France. Gazette des beaux arts. 1: 114-31 e 241-57.

Lambert, Y. 1994. La religion: Un paysage en profonde évolution. Em Les valeurs des français, editado por H. Riffault. Paris: Presses Universitaires de France.

Lancelin, C. c. 1922. La vie posthume. Paris: Henri Durville. Laurence, J. 1960. A history of capital punishment. Nova York: The Citadel Press.

Laurie, W.F.B. 1880. Our Burmese wars and relations with Burma, being an abstract of military and political operations, 1824-25-26 and 1852-53. Londres: W.H. Alien.

Leasor, J. 1957. The millionth chance: The story of the R 101. Nova York: Reynal and Company

Lemmer, M., trad. e ed. 1981. Das Leben der heiligen Elisabeth. Viena: Verlag Styria.

Lengyel, O. 1947. Five chimneys: The story of Auschwitz. Chicago: Ziff-Davis.

Le Roy Ladurie, E. 1975. Montaillou, village occitan de 1294 a 1324.

Paris: Éditions Gallimard (edição americana: Montaillou: The promised land of error. Traduzido por Barbara Bray. Nova York: George Braziller, 1978)

Lockhart, L. 1958. The fall of the Safavi dynasty and the Afghan occupation of Persia. Cambridge: Cambridge University Press.

_____. 1960. Persian cities. Londres: Luzac and Company.

Lund, D.H. 1985. Death and consciousness. Jefferson NC: McFarland and Company.

Lundin, CL. 1957. Finland in the Second World War. Bloomington: Indiana University Press

Macbride, M. ed. 1911. With Napoleon at Waterloo. Londres: G. Bell and Sons.

Macdonald, A. 1934. The old Lords of Lovat and Beaufort. Inverness: The Northern Counties Newspaper and Printing and Publishing Company.

MacGregor, G. 1978. Reincarnation in Christianity. Wheaton, IL: The Theosophical Publishing House.

McKellar, P. 1957. Imagination and thinking. Nova York: Basic Books.

Mackenzie, A. 1896. A history of the Frasers of Lovat. Inverness: A. and W. Mackenzie.

Mackie, R.L. 1962. A short history of Scotland. Edinburgo: Oliver and Boyd. (Primeira publicação em 1930.)

McTaggart, J.M.E. 1906. Some dogmas of religion. Londres: Edward Arnold.

Madaule, J. 1961. Le drame albigeois et le destin français. Paris: Bernard Grasset.

Mass-Observation. 1947. Puzzled people: A study in popular attitudes to religion, ethics, progress and politics in a London Borough. Londres: Victor Gollancz.

Mead, G.R.S. ed. 1921. Pistis Sophia: A gnostic miscellany. 2ª ed. Londres: John M. Watkins

Mesquita, D.M.B. de. 1941. Giangaleazzo Visconti. Cambridge: Cambridge University Press

Moncreiffe, I. e Hicks, D. 1967. The highland clans. Londres: Barrie and Rockliff.

Monumenta Boica. 1765. Munique: Edidit Academia Scientiarum Maximilianea. (Citado por G. Oswald em uma carta para G. Neidhart de 28 de junho de 1956.)

Mooney, M.M. 1972. The Hindenburg. Nova York: Dodd, Mead.

Moratín, L.F. de. 1929. Epistolario de Leandro Fernandez de Moratín. Madri: Compania Ibero-Americano de Publicaciones.

Murphy, F.-X. e Sherwood, P. 1973. Histoire des Conciles Oecuméniques: Constantinople II e Constantinople III. Paris: Editions de 1'Orante.

Neale, J.P. 1821. Views of the seats of noblemen and gentlemen in England, Wales, Scotland and Ireland. Londres: Sherwood, Neely and Jones. Vol. iv.

Neidhart, G. 1957. Werden Wir Wiedergeboren? Munique: Gesellschaft für religiõse und geistige Erneurung.

Neppe, V. 1983. The psychology of *déjà vu*: Have I been here before? Joanesburgo: Witwatersrand University Press.

Norwich, JJ. 1982. A history of Venice. Nova York: Alfred A. Knopf.

Nyiszli, M. 1993. Auschwitz: A doctors eyewitness account. Traduzido por T. Kremer e R. Seaver. Nova York: Arcade Publishing. (Primeira publicação em 1960.)

Orígenes. 1973. On first principies. Traduzido por G.W. Butterworth. Gloucester, MA: Peter Smith

Orne, MT. 1951. The mechanisms of hypnotic age regression: An experimental study. Journal of Abnormal and Social Psychology 46: 213-25.

Osty, E. 1923. La connaissance supra-normale: Etude expérimentale. Paris: Félix Alcan. (Edição inglesa: Supernormal faculties in man. Traduzido por S. de Brath. Londres: Methuen an Company, 1923)

_____. 1928. Augustin Lesage. Peintre sans avoir appris. Revue métapsychique, Jan-fev 1-35.

Oswald, G. 1952. Die Geschichte der Stadt Regen. Regen: Verlag Wilhelm Dirmaier.

Paget, J. e Saunders, D. 1992. Hougoumont: The key to victory at Waterloo. Londres: Leo Cooper.

Palmer, J. 1979. A community mail survey of psychic experiences. Journal of the American Society for Psychical Research 73: 221-51.

Paterson, R.WK. 1995. Philosophy and the belief in a life after death. Londres: Macmillan

Philostratus. 1912. The life of Apollonius of Tyana. Traduzido por F.D. Conybeare. Londres: William Heinemann.

Platão. 1935. The Republic. Traduzido por A. D. Lindsay. Londres: I. M. Dent.

_____ 1936. Five Dialogues. Traduzido por P. B. Shelley, F. Sydenham, H. Cary e J. Wright. Londres: J. M. Dent.

Plotino. 1909. Selected works of Plotinus. Traduzido por T. Taylor. Londres: George Bell and Sons.

Prat, F 1907. Origène: Le théologian et 1'exégète. Paris: Librairie Bloud.

Prebble, J. 1961. Culloden. Londres: Secker and Warburg.

Prince, WF. 1931. Human experiences: Being a report on the results of a questionnaire and a discussion of them. Bulletin of the Boston Society for Ruhe, B. 1982. Boomerang. Washington, DC: Minner Press.

Runciman, S. 1965. The fali of Constantinople 1453. Cambridge: Cambridge University Press

_____. 1969. The medieval Manichee: A study of the Christian dualist heresy. Cambridge: Cambridge University Press.

Ryall, E.W. 1974. Second time round. Jersey: Neville Spearman. (Edição Americana publicada em 1974 sob o título de Born Twice. Nova York: Harper and Row.)

Samonà, C. 1911. Un caso di rincarnazione? Filosofia della scienza 3: 1-3.

_____. 1913a. Un caso di rincarnazione? Filosofia delia scienza 5: 30-33.

_____. 1913b. Ancora delia critica dei Dottor Fugairon. Filosofia della scienza 4: 230-33.

_____. 1914. Una breva risposta al professor Morselli dei Dottor Carmelo Samona. Filosofia della Scienza 6: 163-64.

Sánchez Cantón, F.J. 1951. Vida y obras de Goya. Madrid: Editorial Peninsular.

Savoia, M.J. di. 1956. Amedeo VI e Amedeo VII di Savoia. Milão: Arnoldo Monadori Editore.

Scheffczyk, L. 1985. Der Reinkarnationsgedanke in der altchristlichen Literatur. Munique: Verlag der Bayerischen Akademie der Wissenschaften.

Schönborn, C. 1990. La réponse chrétienne au défi de la reincarnation. La documentation cathologue. Número 2005, 6 de maio de 1990, 456-58.

Schopenhauer, A. 1891. Parerga und Paralipomena. Em Arthur Schopenhauers sàmmtliche Werke. Vol. 2. Leipzig: F. U. Brockhaus. (Primeira publicação em 1851.)

Secrest, M. 1986. Salvador Dali. Nova York: E. P. Dutton.

Segai, N. 1999. Entwined lives: Twins and what they tell us about human behavior. Nova York: Dutton.

Seton, B.G., e Arnot, J.G. 1928. The prisoners of the 'Forty-Five'. Edinburgo: Scottish History Society. (Citado por I.C. Taylor em carta de 5 de dezembro de 1967.)

Singer, D.W. 1950. Giordano Bruno: His life and thought. Nova York: Henry Schuman.

Smith, M.J. 1995. Dachau: The harrowing of Hell. Albany, NY: State University of New York Press.

Sno, H.N. e Linszen, D.H. 1990. The déjà vu experience: Remembrance of things past? American Journal of Psychiatry 147: 1587-95.

Spanos, N. 1996. Multiple identities and false memories: A sociocognitive perspective. Washington: American Psychological Association.

Spanos, N.P.; Menary, E.; Gabora, N.J.; DuBreuil, S. O, e Dewhirst, B. 1991. Secondary identity enactments during hypnotic past-life regression: A

sociocognitive perspective. Journal of Personality and Social Psychology 61: 308-20.

Spears, E. 1967. The picnic basket. Londres: Secker and Warburg.

Sprater, F. e Stein, G. 1971. Der Trifels. Speyer am Rhein: Verlag des historischen Museums der Pfalz.

Stanley, M.P. 1989. Christianisme et reincarnation: Vers la réconcilia-tion. Saint-Martin-le-Vinoux: L'or du Temps.

_____. 1998. Reincarnation: La nouvelle affaire Galilee.? Paris: Éditions Lanore.

Stevens, J.E. ed. 1986. Coke's first 100 years. Shepherdsville, KY: Keller International Publishing Corporation.

Stevenson, I. 1960. The evidence for survival from claimed memories of former incarnations. Journal of the American Society for Psychical Research 54: 51-71 e 95-117.

_____. 1970a. Telepathic impressions: A review and report of thirty-five new cases. Charlottesville: University Press of Virginia. (Também publicado como Volume 29 em Proceedings of the American Society for Psychical Research.)

_____. 1970b. Precognition of disasters. Journal of the American Society for Psychical Research 64: 187-210.

_____. 1974a. Some questions related to cases of the reincarnation type. Journal of the American Society for Psychical Research 68: 395-416.

_____. 1974b. Xenoglossy: A review and report of a case. Charlottesville: University Press of Virginia. (Também publicado como Volume 31 em Proceedings of the American Society for Psychical Research.)

_____. 1974c. Introdução de Second Time Round por E.W. Ryall. Jersey: Neville Spearman.

_____. 1983. Cryptomnesia and parapsychology. Journal of the Society for Psychical Research 52: 1-30.

_____. 1984. Unlearned language: New studies in xenoglossy. Charlottesville: University Press of Virginia.

_____. 1990. Phobias in children who claim to remember previous lives. Journal of Scientific Exploration 4: 243-54.

_____. 1992. A new look at maternal impressions: An analysis of 50 published cases and reports of two recent examples. Journal of Scientific Exploration 6: 353-73.

_____. 1994. A case of the psychotherapist's fallacy: Hypnotic regression to "previous lives". American Journal of Clinical Hypnosis 36: 188-93.

_____. 1997. Reincarnation and biology: A contribution to the etiology of birthmarks and birth defects. 2 vols. Westport, CT: Praeger.

_____. 2001. Children who remember previous lives: A question of

reincarnation. ed. rev. Jefferson, NC: McFarland & Company, Inc. (Primeira publicação em 1987; Charlottesville: University Press of Virginia.)

_____, e Chadha, N.K. 1990. Can children be stopped from speaking about previous lives? Some further analyses of features in cases of the reincarnation type. Journal of the Society for Psychical Research 56: 82-90.

_____, e Cook, E.W. 1995. Involuntary memories during severe physical illness or injury. Journal of Nervous and Mental Disease 183: 452-58.

_____, e Keil, J. 2000. The stability of assessments of paranormal connections in reincarnation-type cases. Journal of Scientific Exploration 14(3): 365-82.

_____, Pasricha, S. e McClean-Rice, N. 1989. A case of the possession type in India with evidence of paranormal knowledge. Journal of Scientific Exploration 3: 81-101.

Stokes, H. 1914- Francisco Goya. Nova York: G. P. PutnanVs Sons.

Story, F. 1975. Rebirth as doctrine and experience. Kandy, Sri Lanka: Buddhist Publication Society. (Primeira publicação em 1959.)

Taylor, I.C. 1965. Culloden: A guidebook to the battlefield with the story of the battle, the events leading to it and the aftermath. Edinburgo: The National Trust for Scotland.

Tertuliano. Apologetical Works. 1950. Traduzido por E. A. Quain. Nova York: Fathers of the Church.

Tomás de Aquino (São). 1984. Questions on the soul. Traduzido por J.R. Robb. Milwaukee, WI: Marquette University Press. (Primeira publicação c. 1269.)

Thomas, J. 1991. The boomerangs of a pharaoh. Paris: Publicação independente.

Toland, J. 1972. The great dirigibles: Their triumphs and disasters. Nova York: Dover Publications.

Townend, P. 1963. Burke's peerage, baronetage, and knightage. 103- ed. Londres: Burkes Peerage Limited. (Primeira publicação em 1826.)

Trant, TA. 1827. Two years in Ava from May 1824 to May 1826. Londres: John Murray.

Tucker, J.B. 2000. A scale to measure the strength of children's claims of previous lives: Methodology and initial findings. Journal of Scientific Exploration 14: 571-81.

United States Government Printing Office. 1945. Handbook on German military forces. War Department Technical Manual TM-E 30-451 15 de março de 1945.

Vaccarone, L. 1893. I Challant e loro Questioni per la Successione ai Feudi dal XII al XIX Secolo. Turim: F. Casanova Editore.

Vale, W.L. 1969. History of the South Staffordshire Regiment. Aldershot: Gale and Polden.

Venn, J. 1986. Hypnosis and the reincarnation hypothesis: A criticai review and intensive east study. Journal of the American Society for Psychical Research 80: 409-25.

Von Müller, F. 1924. Das Land der Abtei im alten Fürstentum Passau. Landshut: Sonderabdruck aus den Verhandlungen des historischen Vereins für Niederbayern.

Wallis, R.T. 1972. Neoplatonism. Londres: Duckworth.

Walter, T. e Waterhouse, H. 1999. A very private belief: Reincarnation in contemporary England. Sociology of Religion 60: 187-97.

Waterhouse, H. 1999. Reincarnation belief in Britain: New age orien-tation or mainstream option? Journal of Contemporary Religion 14: 97-109.

Watters, P. 1978. Coca-Cola: An illustrated history. Garden City, NY: Doubleday and Company.

Wells, G.L. e Murray, D.M. 1984. Eyewitness confidence. Em Eyewitness testimony, editado por G.L. Wells e E.F. Loftus. Cambridge: Cambridge University Press.

Wigfield, W.M. 1980. The Monmouth rebellion: A social history. Bradford-on-Avon: Moonraker Press.

_____. (Compilador). 1985. The Monmouth rebels 1685. Gloucester: Alan Sutton.

Wilson, I. 1981. Mind out of time? Londres: Victor Gollancz.

Young, P. e Adair, J. 1964. Hastings to Culloden. Londres: G. Bell and Sons.

Zolik, E.S. 1958. An experimental investigation of the psychodynamic implications of the hypnotic “previous existence” fantasy. Journal of Clinical Psychology 14: 179-83. (Também relatos de casos ainda não publicados apresentados no encontro da American Psychological Association, 1958.)

_____. 1962. “Reincarnation” phenomena in hypnotic states. International Journal of Parapsychology 4(3): 66-78.

IAN STEVENSON

# CASOS EUROPEUS

de reencarnação

Muitos povos acreditam que, após a morte, uma pessoa pode retornar em outra vida; os ocidentais, tradicionalmente, rejeitam tal idéia. Recentemente, pesquisas feitas na Europa indicaram aumento no número de europeus que acreditam na reencarnação, bem como aumento nos casos ligados ao tema.

Este livro estuda casos científicos de reencarnação, na Europa, e divide-se em três partes.

A primeira discorre sobre a crença da reencarnação entre os europeus. A segunda estuda oito casos do início do século XX, investigados de maneira independente, que foram minuciosamente relatados, sendo que alguns até foram publicados pelos familiares. A última parte apresenta 32 casos da metade do século XX, investigados pelo próprio autor.

A maioria dos casos envolvem tanto crianças que apresentavam comportamentos fora do comum, como também adultos que tiveram experiências com sonhos repetidos ou reais, atribuídos a vidas passadas.

Neste livro, o professor Ian Stevenson também compara os casos europeus de reencarnação com casos de outros países e culturas.